



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Marcelo Alves de Resende

**A amarelinha é de quem? Narrativas
midiáticas para o “dessequestro” da camisa
da seleção brasileira de futebol**

Rio de Janeiro

2024

Marcelo Alves de Resende

**A amarelinha é de quem? Narrativas
midiáticas para o “dessequestro” da camisa
da seleção brasileira de futebol**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leda Maria da Costa

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

R433 Resende, Marcelo Alves de.
 A amarelinha é de quem? Narrativas midiáticas para o “dessequestro” da
 camisa da seleção brasileira de futebol / Marcelo Alves de Resende. – 2024.
 171 f.

 Orientadora: Leda Maria da Costa.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Faculdade de Comunicação Social.

 1. Comunicação – Teses. 2. Futebol – Aspectos políticos – Teses. 3.
 Direita e esquerda (Ciência política) – Brasil – Teses. I. Costa, Leda Maria da. II.
 Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.
 III. Título.

br
CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Marcelo Alves de Resende

**A amarelinha é de quem? Narrativas
midiáticas para o “dessequestro” da camisa
da seleção brasileira de futebol**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Leda Maria da Costa (Orientadora)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof. Dr. Ronaldo Helal

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof. Dr. Filipe Mostaro

Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Livia Gonçalves Magalhães

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Inês Gonçalves Alves, o melhor livro que pude ler em vida.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao mestrado era algo inimaginável na minha cabeça até mesmo quando já estava na graduação de jornalismo, na Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Chegar à faculdade e concluir a graduação já foram feitos gigantescos para um filho do Jacarezinho, favela da zona norte do Rio de Janeiro. Não é pelo lado meritocrático, mas por ter consciência de todos os problemas que nós favelados enfrentamos diariamente para sobreviver. Inclusive, fugindo da “bala perdida” a mando do Estado. Se pensarmos na minha família, então, foi algo sem precedentes. Como contei nos agradecimentos da monografia para a conclusão da graduação, fui o primeiro a ter oportunidade de cursar uma universidade, num raio de 40 familiares diretos entre irmãos, tios, primos e sobrinhos etc. O que é muito problemático. Por que apenas um no meio de tantas pessoas? Precisamos repensar o ensino no Brasil que, por mais que tenha obtido avanços nos governos do PT com a democratização do acesso ao ensino superior, ainda temos muito o que desenvolver também em outras áreas, como emprego, renda e tudo aquilo que possa deixar uma família favelada confortável para um filho seu chegar a uma universidade. Ninguém consegue estudar de barriga vazia. Com fome e tantas outras carências, ninguém consegue pensar além de resolver esses problemas de maneira mais imediata.

Eu cheguei e vou batalhar para que mais possam chegar. Quero lutar por um mundo mais junto não apenas pela possibilidade de ascender socialmente por meio dos estudos, mais para pensarmos o Brasil diretamente pelo conhecimento na tentativa de torná-lo um país mais democrático. Nesse sentido, agradeço imensamente à Uerj por proporcionar a mim e a minha família irem atrás desse objetivo. Desde que subi os andares da universidade pela primeira vez em 2012, quatro sobrinhos meus já estão na Uerj: uma na graduação (Isabel Alves) e outros no colégio de aplicação (Duda, Geovanna e Samuel). Por meio dessa oportunidade, vislumbramos mudar a realidade de nossa família rumo a sonhos mais altos que foram negados a quem veio antes de nós. Eu que sempre estudei em escola pública, reforço que somente por uma educação pública de qualidade seremos capazes de modificar as estruturas de um país para um caminho justo para todos. No que depender de mim, tudo que foi depositado em mim para chegar à faculdade pela minha mãe Inês Alves, o melhor livro que já li em vida, isso será só o começo.

Dedico este trabalho, sobretudo, a Mateus Botelho da Silva, meu amor maior que de tudo fez para me permitir escrever essas mais de 150 páginas no meu intuito de terminar o mestrado e seguir o caminho da academia. A parceria dele me permitiu, inclusive, ser

aprovado para o doutorado, na mesma Uerj, em meio à rotina cansativa. O Mateus, aliás, é outro a estar na Uerj, construindo o seu sonho de também mudar a sua realidade por meio da educação. Realidade essa que espero compartilhar até o fim da vida.

Por fim, agradeço imensamente à Leda Maria Costa, pesquisadora do mais alto nível que aceitou o desafio de ser minha orientadora desde a graduação. Obrigado, Leda, por acreditar em mim e por sempre me passar confiança diante das dificuldades. Num momento de desespero, pensei em trancar o mestrado, mas Leda me fez declinar da ideia me passando a tranquilidade necessária para terminar o curso. Felizmente, segui seus conselhos. Essa parceria, que virou amizade, está apenas no início.

É tudo nosso, e nada deles!
Djonga

RESUMO

RESENDE, Marcelo Alves de. *A amarelinha é de quem? Narrativas midiáticas para o “dessequestro” da camisa da seleção brasileira de futebol*. 2024. 171 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Na última década, o Brasil viveu momentos políticos conturbados que, juntos, colocaram a política nacional sob o comando da extrema-direita. O bolsonarismo, em meio ao seu processo de ascensão, sequestrou os símbolos nacionais, especialmente a camisa amarela da seleção brasileira de futebol masculino, o que fez parte da população rejeitar a Canarinho, momento definido por Simoni Guedes e Marcio Almeida (2019) como o segundo sequestro. Esta dissertação propõe-se a analisar a narrativa empreendida pelos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* durante a cobertura da Copa do Mundo de 2022 para verificar se houve uma tentativa de dissociar os símbolos nacionais da extrema-direita, o que entendo como “dessequestro”. Quais foram os sentidos atribuídos pela imprensa e por demais atores, como personalidades e empresas? O que eles entendem como “dessequestro”? Para isso, faremos um resgate histórico da extrema-direita, dos significados de política para embasar a discussão principal deste trabalho: a tentativa de “dessequestro” da camisa da seleção para devolvê-la ao povo brasileiro.

Palavras-chave: Sequestro. Dessequestro. Seleção brasileira. Futebol. Política. Jornalismo. Comunicação social. História.

ABSTRACT

RESENDE, Marcelo Alves de. *Whose hopscotch belongs to? Narratives media to “dispossess” the shirt of the Brazilian football team*. 2024. 171 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

In the last decade, Brazil has experienced turbulent political moments that, together, have placed national politics under the command of the extreme right. Bolsonarism, in the midst of its rise process, hijacked national symbols, especially the yellow shirt of the Brazilian men's football team, which made part of the population reject Canarinho, a moment defined by Simoni Guedes and Marcio Almeida (2019) as the second kidnapping. This dissertation aims to analyze the narrative undertaken by the newspapers O Globo and Folha de S.Paulo during the coverage of the 2022 World Cup to verify whether there was an attempt to dissociate national symbols from the extreme right, which I understand as “dispossess”. What were the meanings attributed by the press and other actors, such as personalities and companies? What do they understand as “dispossess”? To do this, we will make a historical review of the extreme right, of the meanings of politics to support the main discussion of this work: the attempt to kidnap the national team's shirt to return it to the Brazilian people.

Keywords: Kidnapping. Brazilian Team. Soccer. Policy. Journalism; Social Communication. History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bandeira do Brasil Império	83
Figura 2 – Movimento "Cansei" em 2007	85
Figura 3 – Aécio Neves usa símbolos nacionais em campanha de 2014 - 19.08.2014.....	85
Figura 4 – “É pra Copa” em bandeira do Brasil	91
Figura 5 – Camisa do Brasil nas cores do PT	92
Figura 6 – Campanha da Adidas para a Copa de 2022.....	98
Figura 7 – Sinais, campanha da Vivo na Copa de 2022	99
Figura 8 – Nike Futebol apresenta: Veste a Garra.....	100
Figura 9 – X, 11.09.2022	102
Figura 10 – campanha da Globo para a Copa de 2022	103
Figura 11 – <i>O Globo</i> , Segundo Caderno, p. 3 – 22.11.2022	119
Figura 12 – <i>Folha de S.Paulo</i> , p. C6 – 22.11.2022	120
Figura 13 – <i>Folha de S.Paulo</i> , p. 2 – 24.11.2022	124
Figura 14 – <i>O Globo</i> , capa – 25.11.2022.....	125
Figura 15 – <i>Folha de S.Paulo</i> , p. C10 – 02.12.2022	129
Figura 16 – <i>O Globo</i> , Catar 2022, capa – 02.12.2022.....	132
Figura 17 – <i>Folha de S.Paulo</i> , B8 – 02.12.2022	134
Figura 18 – <i>Folha de S.Paulo</i> , Copa 2022, capa – 26.11.2022	145
Figura 19 – <i>O Globo</i> , Catar 2022, p.4 – 26.11.2022	146
Figura 20 – <i>Folha de S.Paulo</i> , p. C6 – 26.11.2022	148
Figura 21 – <i>Folha de S.Paulo</i> , p. C6 – 27.11.2022	149
Figura 22 – <i>O Globo</i> , Catar 2022, p.4 – 26.11.2022	151
Figura 23 – Lula se associa à bandeira nacional em março de 2022.....	159

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 NOS EMBALOS (ABALOS) DA EXTREMA-DIREITA	19
1.1 O ideal da extrema-direita: processo histórico e definições	19
1.2 As regras fascistas e a extrema-direita hoje.....	24
2 O BOLSONARISMO: ASCENSÃO DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL	32
2.1 Governo Bolsonaro e a mistura do público e privado pelo autoritarismo	41
2.2 Os corpos ameaçados pela guerra cultural bolsonarista	49
2.3. A ebulição da massa bolsonarista: o ódio como a crise do macho	58
3 FUTEBOL E POLÍTICA SE MISTURAM? EXTREMA-DIREITA EM CAMPO.....	70
3.1 Extrema-direita e o futebol brasileiro	70
3.2 Verde e amarelo: sequestro e rejeição	82
4 O DISCURSO MIDIÁTICO: HÁ UM TENTATIVA DE “DESSEQUESTRO”?	91
4.1 Reviravolta? Narrativas para o “dessequestro” da camisa da seleção brasileira	91
4.2 Sequestro x “dessequestro”: a cobertura de O Globo e Folha de S.Paulo na Copa de 2022.....	105
4.3 Extra! Extra! O antagonismo entre Neymar e Richarlison	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
REFERÊNCIAS.....	162

INTRODUÇÃO

Em 2022, o mundo completou 100 anos desde a ascensão do fascismo, quando Benito Mussolini assumiu o posto de primeiro-ministro na Itália. Antes de chegar oficialmente ao poder, partidários de Mussolini já estavam organizados em milícia e aterrorizando o país com saques, incêndios e perseguição a jornais, revistas e adversários políticos sem quaisquer resistências do sistema político da época. Isso fez com que houvesse certa normalização (KRZYZANOWSKI, 2020) dos discursos de Mussolini e de seu Partido Fascista na sociedade italiana, que vivia uma crise generalizada, desde instituições deslegitimadas até desorganização da própria esquerda¹. As táticas fascistas foram introduzidas gradualmente na Itália, criando um processo de normalização e pré-legitimidade (KRZYZANOWSKI, 2020), até que permitisse a ascensão fascista no controle do governo italiano. Os ideais fascistas se alastraram pela Europa e, conseqüentemente, pelo mundo. Um momento de grande sucesso do fascismo foi durante a década de 1930 com a chegada da Alemanha nazista, que se uniu ao coirmão italiano na Segunda Guerra Mundial. Desde então, o fascismo enfrentou altos e baixos e, com a derrota na guerra, chegou a ser desacreditado no debate político, pois havia o entendimento de que seria o fim da direita com a ascensão da esquerda (BOBBIO, 2011).

O fascismo possui uma dinâmica muito bem definida para alcançar a totalidade de uma nação e capturá-la sob o mesmo ideal. Nesse sistema, o governante ou o partido político usam diversas táticas (ECO, 2018; STANLEY, 2019) para infiltrar-se socialmente e convencer a população de suas premissas. Entre essas jogadas, estão o passado mítico, quando a nação com ideais fascistas teria vivido por momentos gloriosos, que precisam ser recuperados; a propaganda, fundamental para o governo trabalhar na mente dos cidadãos aquilo que considera legítimo, desacreditar e atacar aquilo que traz “perigo” à nação a fim de justificar tomadas de decisões, até mesmo exterminadoras de outras raças; o combate ao intelectualismo e às instituições de ensino independentes, pois, como geradoras do conhecimento e do pensamento crítico, transformam-se numa ameaça às táticas fascistas por meio de questionamentos que geram tensões sociais; a irreabilidade, cuja ação fascista subverte e modifica o real na tentativa de sobrepor suas ideias por meio de teorias da conspiração contra um alvo; o inimigo pode ser um povo estrangeiro, uma raça, um partido, que estariam hierarquicamente abaixo da sociedade ideal fascista e, por isso, deveriam ser combatidas ou removidas do país no qual a sociedade fascista vive; quando possíveis alvos do fascismo

¹ PIAUÍ. 100 anos de Fascismo. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/cem-anos-de-fascismo/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

garantem direitos sociais, a política fascista se coloca sob ameaça por meio da vitimização, porque estaria sendo atacada por um inimigo externo e perdendo espaço; a ansiedade sexual segue esse sentido, pois a sociedade pensada pelo fascismo é sob a lógica familiar e patriarcal e, quando minorias subrepresentadas (mulheres, LGBTQIAPN+, raças não brancas etc.) garantem direitos, existe uma reorganização do fascismo para impedir esse avanço social. Essas são algumas das táticas fascistas para se autopromover e se perpetuar no poder que serão destrinchadas ao longo do trabalho para avançar a outros momentos do presente trabalho.

O primeiro capítulo deste trabalho propõe entendermos definições do conceito e os significados da noção de política e como ela exerce influência nas sociedades, pois todas possuem algum tipo de organização política (RIBEIRO, 1986) que vai influenciar as tomadas de decisões públicas e nortear os caminhos a serem seguidos socialmente. Esse entendimento será fundamental para esclarecer as tensões geradas na esfera pública e como, na democracia, é importante cada indivíduo exercer a sua função política para existir a representação dos próprios posicionamentos. A partir daí, será necessário introduzir ao debate as distinções políticas, porque existem diversos anseios na sociedade que podem gerar conflitos entre os cidadãos. Para gerir esse conflito, haverá a atuação do Estado, que poderá ser controlado por movimentos de extrema-esquerda, esquerda, centro, direita, extrema-direita (RIBEIRO, 1986). Será importante para investigar a proposta original desta pesquisa um entendimento da atuação da extrema-direita, cuja denominação será aqui tomada como sinônimo de fascismo. Ao longo do primeiro capítulo, faremos as definições dos espectros políticos e destrincharemos o modo de atuação do fascismo para relacioná-lo, mais à frente, ao contexto atual da extrema-direita no mundo e no Brasil.

O resgate histórico será importante para definir as atuais bases da extrema-direita no mundo e demonstrar como ela está consolidada em diversos países na atualidade, um movimento que é denominado de quarta onda², que teria surgido efetivamente a partir de 2000 (MUDDE, 2022) após um processo de normalização e pré-legitimação no debate público, conforme aconteceu com o Mussolini na década de 1920, na Itália. Se a partir do pós-guerra havia obstáculos e contestações a figuras de extrema-direita, não se pode mais afirmar o mesmo hoje em dia dado o processo de normalização de vieses fascistas, populistas e neoliberais.

² No primeiro capítulo de seu livro *A extrema-direita hoje*, Cas Mudde (2022) detalha os três momentos anteriores da extrema-direita internacional, após a derrota do fascismo na Segunda Guerra Mundial: neofascismo (1945-1955), populismo de direita (1955-1980) e direita radical (1980-2000).

Na quarta onda, que se iniciou mais ou menos no século XXI, partidos de direita radical se consolidaram no cenário político e são cada vez mais normalizados, não apenas na Europa, mas ao redor do mundo. E até mesmo partidos de direita ultraradical têm surgido, à medida que a mídia e a política tradicional abertamente dão espaço e atenção a pautas da extrema-direita como antissemitismo, revisionismo histórico e racismo (MUDDE, 2022, p. 19).

O objetivo aqui será definir melhor o que seria essa referida quarta onda e os movimentos de extrema-direita atuais ao redor do mundo. Trata-se de um recrudescimento do fascismo que une partidos e personagens políticos em diversos continentes, em países como Estados Unidos, Itália, Turquia, Hungria, Reino Unido, Brasil, entre outros. Essa parte do trabalho trará exemplos atuais das táticas aplicadas pela extrema-direita para se inserir no debate político e chegar ao poder em importantes democracias do ocidente. Existe a necessidade, especialmente, de observar o papel dos meios de comunicação, em especial da sociedade em rede, para abordar a irre realidade construída no discurso fascista: como o uso da desinformação, das teorias conspiratórias e dos algoritmos que carregaram figuras como Donald Trump e Boris Johnson, por exemplo, ao poder máximo de seus países num contexto político e social intencionalmente desestabilizado para propagar ódio, medo e influenciar eleições (EMPOLI, 2021) por meio do medo, da pauta moral e dos desejos do cidadão.

Ainda no primeiro capítulo, o entendimento do fascismo no cenário internacional nos ajudará a chegar ao bolsonarismo no Brasil, que será tratado como uma célula da extrema-direita em solo nacional em diálogo com um contexto global. Cada país apresentou uma conjuntura própria de ascensão fascista. No Brasil, não foi diferente. Este trabalho considera pertinente resgatar os acontecimentos políticos brasileiros desde 2013 para entender os fenômenos que construíram a normalização (KRZYZANOWSKI, 2020) do discurso de Jair Bolsonaro até ele chegar à presidência do país em 2018. Traremos alguns exemplos de como o discurso da extrema-direita, inclusive, passou a ser gestado ainda quando Luiz Inácio Lula da Silva (PT) era presidente, com o sucesso do filme *Tropa de Elite* (2007), cuja narrativa foi a exaltação da brutalidade policial em favelas do Rio de Janeiro, e outros programas de TV aberta que deram palcos a Jair Bolsonaro. Após isso, o resgate histórico iniciará a partir do que foi denominado “Jornadas de Junho”, protestos de massa que começaram com pautas da esquerda (ROCHA, 2021) como melhorias sociais e econômicas na vida do cidadão frente aos investimentos nos projetos de infraestrutura exigidas pela Fifa no ciclo da Copa do Mundo de 2014, que inclui a Copa das Confederações como evento-teste organizada pelo Brasil em 2013.

Em 2014, o candidato Aécio Neves, do PSDB, partido que até então rivalizava com o PT na disputa eleitoral pelos principais cargos da administração pública, contesta o resultado

das eleições do qual saiu derrotado para a então presidenta Dilma Rousseff (PT). Com apoio do partido e de parte da sociedade civil e empresarial, Aécio Neves já levantava a bola para um discurso fascista que será visto, anos mais tarde, na narrativa golpista (ROCHA, 2021) de Jair Bolsonaro tanto para as eleições de 2018 como em 2022. Soma-se a esse fato, as manifestações de 2015 e intensificadas a partir de 2016 com discurso ainda mais à direita. Nesse ínterim, surge a Operação Lava-Jato com o discurso de combate à corrupção. A atuação da Lava-Jato vai ser fundamental para garantir o sucesso do bolsonarismo nas urnas em 2018. Dilma foi reeleita democraticamente, mas viveu um segundo mandato caótico junto ao Congresso Nacional – a Câmara dos Deputados era presidida por Eduardo Cunha (PMDB), eleito para o cargo indiretamente em 2015³. Em conflito entre legislativo e executivo, Eduardo Cunha aceita o processo de impeachment contra Dilma, que é retirada da presidência em 2016. As nuances serão analisadas no capítulo 2, no contexto da ascensão bolsonarista. O objetivo nessa parte do trabalho será relacionar os acontecimentos desde as Jornadas de Junho até as eleições de 2018, que vão retratar a ascensão bolsonarista e a vitória de Jair Bolsonaro, representando a confirmação do sucesso do discurso da extrema-direita no Brasil.

Dadas as bases do funcionamento da extrema-direita e da ascensão bolsonarista, o terceiro capítulo apresentará a relação da extrema-direita mundial com o futebol, resgatando importantes momentos de cooptação do esporte por essa vertente política para angariar apoio e forma de propagar suas ideias. Vamos realizar um breve contexto histórico para demonstrar a importância do futebol na sociedade moderna e os possíveis motivos que levam governos antidemocráticos a usarem o futebol como um validador de suas ações políticas. Por exemplo, é com Mussolini que um país venceu pela primeira vez uma Copa do Mundo sob regime totalitário, em 1934 e 1938. O Brasil foi o segundo, em 1970, quando o país era governado pelo general ditador Emílio Garrastazu Médici (MARTOLIO, 2014). Apesar de ambos os governos ditatoriais terem usado propaganda oficial para se aproveitar das conquistas, não seguiremos a ideia de que o futebol é um meio de manipulação sem dinâmica própria, como se ideias ditatoriais apenas fossem impostas à sociedade (MAGALHÃES, 2014), que permite interpretações e ações distintas em diversos setores envolvidos no futebol, como torcedores, jornalistas, atletas, dirigentes etc. No Brasil, o apelo do futebol na sociedade é vastamente estudado, sendo frequentemente posto como um elemento de identidade nacional (GUEDES, 1998). Isso pode explicar como o futebol se torna um terreno fértil para diversas apropriações

³ CÂMARA DOS DEPUTADOS: Eduardo Cunha é eleito presidente da Câmara. Disponível em: > <https://www.camara.leg.br/tv/449509-camara-hoje-21h-eduardo-cunha-e-eleito-presidente-da-camara/?pagina=1> <. Acesso em: 09 jan. 2024.

políticas. A antropóloga Simoni Guedes (1998) escreveu que o futebol é um espaço de enorme facilidade para a formação e confrontos de juízos acerca da nação, garantindo abertura para diversos apoderamentos ideológicos. Vamos analisar como o bolsonarismo se faz presente no esporte mais popular do país para consolidar as próprias narrativas. Afinal, Bolsonaro não vestiu camisas de diversos clubes do país à toa tampouco quis indicar um técnico, que era seu apoiador, para substituir Tite no comando da seleção brasileira em meio às críticas contra a organização de um torneio de futebol no país durante a pandemia de Covid-19⁴. O caso só não ocorreu porque a CBF teve o presidente Rogério Caboclo afastado por denúncias de assédio sexual⁵ (elementar, não?). O fato foi amplamente noticiado pela imprensa.

Os símbolos nacionais e a estima pela tradição são um importante instrumento de legitimação político-ideológica, embora não sejam elementos definidores de uma época ou peculiar de uma organização política específica. No entanto, são características importantes de ditaduras políticas. No Brasil, conforme Guedes e Almeida (2019) assinalaram, a ditadura militar que governou o país entre 1964 e 1985 fez amplo uso das cores e dos símbolos nacionais a fim de promover o nacionalismo e suprimir os desejos individuais do cidadão em nome da nação. Guedes definiu esse momento da ditadura militar brasileira como o primeiro sequestro do verde e amarelo (GUEDES e ALMEIDA, 2019), quando o governo autoritário define quando, como, onde e por que usar os símbolos nacionais. Os autores retomam essa discussão a partir das “Jornadas de Junho”, em 2013, um conjunto de manifestações que polarizaram o país politicamente. Num primeiro momento, a direita brasileira passou a usar o verde e amarelo como autorrepresentação. Num segundo, essa realidade ficou ainda mais nítida com o uso de cores e símbolos nacionais por Jair Bolsonaro e seus apoiadores, como contraponto de “combater o comunismo”⁶ e se colocarem como os legítimos brasileiros (lembra da hierarquia, leitor?). Tudo que desviasse do escopo de pensamento bolsonarista era definido como adversário, como comunista e ameaçador. Ainda durante a campanha de 2018,

⁴ EL PAÍS BRASIL: Bolsonaro confirma Copa América 2021 no Brasil, mas críticos esperam reação do STF. Disponível em: > <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-06-01/no-que-depender-de-mim-havera-copa-america-no-brasil-afirma-bolsonaro.html> <. Acesso em: 30 dez. 2023.

⁵ GE: Rizek: Caboclo prometeu ao governo federal trocar Tite por Renato Gaúcho na terça-feira. Disponível em: > <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/rizek-caboclo-promete-ao-governo-federal-a-troca-de-tite-por-renato-gaucha-na-terca-feira.ghtml> <. Acesso em: 27 jul. 2023.

⁶ EXAME: Bolsonaro diz defender país de comunismo e "curar" lulistas com trabalho. Disponível em: > <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-defender-pais-de-comunismo-e-curar-lulistas-com-trabalho/> <. Acesso em: 27 jul. 2023.

Bolsonaro afirmou que tinha o objetivo de transformar o Brasil ao que era 40/50 anos atrás⁷. Isto é, o então candidato fazia referências ao período da ditadura militar, dois anos depois de elogiar um torturador dentro do Congresso Nacional, durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff⁸. O bolsonarismo fez amplo uso dos símbolos nacionais em manifestações, principalmente da camisa da seleção brasileira de futebol. Por isso, parte da população deixou de usá-la (REIS, 2021), por exemplo, por não mais se sentir representada por tais emblemas e com receio de ser confundida com apoiadores de um candidato de extrema-direita. Como são símbolos nacionais cooptados por parte dos eleitores, expropriando outros, acontece o segundo sequestro do verde e amarelo (GUEDES e ALMEIDA, 2019).

O terceiro capítulo abordará um outro momento de apropriação política do verde e amarelo e dos símbolos nacionais, como a camisa da seleção brasileira de futebol. Uma peça que representa o sucesso do Brasil no mundo, pois carrega cinco títulos mundiais ao longo da história, sendo sinônimo de vitória e êxito. O futebol é posto, portanto, como uma ferramenta importante da sociedade brasileira (ou parte dela), que faz uso desse esporte como uma arena de disputas e de narrativas (REIS, 2021). Assim, a direita brasileira obteve sucesso ao impor que a camisa amarelinha representava apenas a ela (assim como outros símbolos nacionais, como a bandeira do país) e pavimentou, a partir de 2015 – quando organizou manifestações a favor do impeachment de Dilma Rousseff – o caminho para a extrema-direita, com Bolsonaro e seus apoiadores, sequestrar a camisa Canarinho⁹. Desta maneira, uma parte dos brasileiros se recusou a vestir a amarelinha, inclusive na Copa do Mundo de 2018, por não se sentir representada por um objeto que, por ora, estava associada a ideais da extrema-direita (REIS, 2021).

No entanto, nos anos seguintes, múltiplos eventos vão acontecer na tentativa de recuperar a amarelinha e outros símbolos pátrios e retirá-los, ao menos, da exclusividade da extrema-direita. Importante ressaltar que o discurso de alguns grupos que desejam resgatar a camisa da seleção brasileira, e os símbolos nacionais que ela carrega consigo, não se dará pela tentativa de despolitizá-la, permitindo novas cooptações, mas parte da necessidade de fazer

⁷ O GLOBO: Bolsonaro diz que objetivo é fazer o Brasil semelhante 'ao que tínhamos há 40, 50 anos'. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-diz-que-objetivo-fazer-brasil-semelhante-ao-que-tinhamos-ha-40-50-anos-23158680> <. Acesso em: 27 jul. 2023.

⁸ BBC: "Discurso de Bolsonaro deixa ativistas 'estarecidos' e leva OAB a pedir sua cassação". Disponível em: > https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb <. Acesso em: 30 dez. 2022.

⁹ Vamos usar Canarinho para também se referir à camisa da seleção brasileira, que passou usá-la como amarelo predominante a partir da Copa do Mundo de 1954 com o objetivo de esquecer o branco usado no Maracanazo. MUSEU DO FUTEBOL: A História da Camisa Canarinho: Como o amarelo-ouro passou a vestir o Brasil. Disponível em: > <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-historia-da-camisa-canarinho-como-o-amarelo-ouro-passou-a-vestir-o-brasil/> <. Acesso em: 09 jan. 2024.

dela um símbolo que represente – mesmo que idealmente - o povo brasileiro em sua totalidade, não como um símbolo restrito e sequestrado por um grupo específico. Setores da sociedade civil, personalidades, empresas, parte da imprensa e a esquerda vão promover discursos e ações que constituem aquilo que aqui chamarei de “dessequestro”¹⁰ da camisa verde e amarela da seleção masculina de futebol, o que implica dizer que buscou-se formas para se reafirmar a importância de um dos mais valiosos símbolos nacionais construídos historicamente pelo futebol. Por conseguinte, esta dissertação buscará atualizar o debate acerca da politização da amarelinha com a proposta de demonstrar que houve ao menos uma tentativa de “dessequestro” desse símbolo nacional, vislumbrando um novo momento após os sequestros já anunciados por Simoni Guedes e Márcio Almeida (2019). Para isso, vamos demonstrar, na primeira parte do terceiro capítulo, quais foram os eventos que permitiram essa disputa política rumo a uma possível retomada da verde e amarelo. Nos últimos anos, surgiram diversos coletivos de torcida pela democratização do futebol, inclusive antes do bolsonarismo, como o Observatório da Discriminação Racial no Futebol¹¹, fundado em 2014. Ou seja, não seriam grupos criados apenas em reação ao bolsonarismo. Em 2019, surgiu o coletivo Canarinhos LGBTQ como forma de posicionamento de pessoas LGBTQIAPN+ terem o direito de estar presente no futebol. Por meio da guerra cultural, a extrema-direita promove ataques contra a população LGBTQIAPN+. Ou seja, é uma forma de levante vista já no primeiro ano de governo Bolsonaro. Outros acontecimentos foram a Copa de 2022 e as eleições: relacionadas a esses eventos, veremos como se deram as tentativas que surgiram por meio de campanhas publicitárias de grandes marcas relacionadas à Copa, posicionamentos políticos de personalidades, como Anitta, Ludmilla e Djonga, e a atuação da esquerda brasileira para eleger Luiz Inácio Lula da Silva, que defendeu o uso da camisa da seleção para o mundial do Catar e de outros símbolos pátrios na corrida eleitoral de 2022.

A seguir, a pesquisa propõe a fazer um percurso pelo discurso da imprensa, especialmente nos jornais *O Globo* (RJ) e *Folha de S.Paulo* (SP), que atuou no debate acima referido com artigos, opinião de leitores e reportagens, durante a Copa do Mundo de 2022, que tinham como centro as questões em torno do sequestro da camisa Canarinho, promovendo uma intensa discussão a respeito do tema. Como a imprensa tradicional se fez presente nessa discussão, qual era o entendimento dos dois veículos mencionados? Nessas publicações, havia menção àquele sequestro e a tentativa de “dessequestro”? Para responder, iremos analisar as

¹⁰ Como a palavra “dessequestro” não existe na língua portuguesa, entenderemos como um neologismo e usaremos entre aspas ao longo do trabalho.

¹¹ <https://observatorioracialfutebol.com.br/>

publicações diárias de *O Globo* e *Folha de S.Paulo* disponibilizadas no site dos veículos (mídia digital), considerando o período de 13 de novembro, uma semana antes do início do torneio, a 25 de dezembro, uma semana após o término. Esses veículos foram escolhidos porque são reconhecidamente os principais jornais das duas maiores cidades do país e os de maior circulação¹².

Como elemento final, abordaremos o antagonismo narrativamente construído pelos dois diários entre Neymar, principal jogador da seleção brasileira na Copa de 2022 e apoiador declarado de Jair Bolsonaro, e Richarlison, ligado a causas sociais do campo progressista e que ganhou protagonismo em certo momento do mundial. *O Globo* e *Folha de S.Paulo* ativaram a figura desses dois jogadores para fomentar narrativas políticas antagônicas. Também iremos verificar como os veículos agiram para representar Neymar e Richarlison no debate político brasileiro num contexto de grande polarização em decorrência da recente eleição que colocou Lula e Bolsonaro frente a frente.

¹² CONSULTOR JURÍDICO: Jornais registram primeira queda de leitores na versão digital em seis anos. Disponível em: > <https://www.conjur.com.br/2023-ago-01/jornais-digitais-registram-primeira-queda-assinantes-anos/> <. Acesso em: 30 dez. 2023.

1 NOS EMBALOS (ABALOS) DA EXTREMA-DIREITA

1.1 O ideal da extrema-direita: processo histórico e definições

Os fenômenos sociais não surgem de uma hora para outra. Há sempre um processo histórico, baseado na disputa pública, que conduz e abre caminhos para a permanência de um determinado estado social ou a ruptura dele, emergindo uma nova forma política que vai conduzir a vida dos cidadãos. Nos últimos anos, ressurgiram experiências políticas que abalaram o *establishment* mundial, gerando repercussão planetária e elevando nomes, que se diziam antissistêmicos, ao poder. Esses acontecimentos públicos foram representados, principalmente, pelo presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, no poder desde 2003; pelo premiê da Hungria, Viktor Orbán, no poder desde 2010, quando iniciou o segundo mandato; pela eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, em 2016; de Jair Bolsonaro, no Brasil, em 2018; Boris Johnson, como primeiro-ministro, no Reino Unido, em 2019; entre outros. No campo político, são nomes que se colocam como conservadores e que possuem características fascistas. Os nomes citados acima chegaram ao poder lançando mão de táticas bem conhecidas do fascismo (ECO, 2018), desde a referência a um passado mítico até a construção de uma irreabilidade, que perpassa por teorias conspiratórias e desinformação – uso das mídias – para mexer com a emoção do cidadão e justificar as ações no tabuleiro político. Para entendermos o significado de extrema-direita, será necessário fazermos um breve resgate histórico do que se entende, pela bibliografia existente, de política e de extrema-direita e as suas propriedades que envolvem comandos bem planejados.

Todas as sociedades são politicamente organizadas, seja lá qual for o sistema adotado e o nível de desenvolvimento sociocultural. Por meio dessa organização, existem mecanismos que permitem a formulação e a efetivação das decisões públicas (RIBEIRO, 1986). O cientista político João Ubaldo Ribeiro¹³ exemplifica a ideia ao ilustrar uma sociedade primitiva, denominada pelo autor de “Ugh-Ugh”, que cria mecanismos e diferentes relações de poder conforme se desenvolve. Primeiro, o poder é do mais forte fisicamente. Depois, de quem detém a tecnologia, que passa a ser dominante nas decisões coletivas. Quem possuía um machado, por exemplo, era o poderoso da vez. Com o tempo, essa sociedade primitiva alcança outros avanços tecnológicos que permitem melhores alimentos e vestimentas. Novas realidades em Ugh-Ugh criam uma divisão social do trabalho (RIBEIRO, 1986), cada cidadão terá uma função. Enquanto um será o responsável pela colheita, a outro será atribuída a função de marcenaria, por exemplo. Essa divisão social do trabalho associará níveis de

¹³ João Ubaldo Ribeiro (1941 – 2014) é escritor e mestre em administração pública e ciência política pela Universidade da Califórnia do Sul.

atividades mais importantes e outras desvalorizadas, o que gera conflitos no interesse coletivo, deixando de ser uma sociedade que atuava pelo interesse de todos e transformando-se numa realidade na qual é difícil entender o interesse de Ugh-Ugh, pois grupos e subgrupos passarão a atuar de acordo com os próprios desejos. Os bens de cada grupo ganharão um valor relativo e se transformarão em mercadorias (RIBEIRO, 1986).

Resumidamente, chegará ao ponto da desigualdade, pois agora é possível acumular excedentes, modificando o perfil socioeconômico e permitindo o desenvolvimento do comércio. Os conflitos de interesse geram problema em Ugh-Ugh, que agora tem a elite econômica no poder. Segundo Ubaldo Ribeiro, “a tendência dos vitoriosos é criar todo tipo de mecanismo para se estabilizarem no poder” (1986, p. 42), trazendo à tona a institucionalização de Ugh-Ugh, com papéis sociais e políticos bem definidos. Tanto quem detém o poder é institucionalizado como outras instituições são criadas, algo similar ao que temos no Brasil (executivo, legislativo, judiciário, forças armadas, constituição etc.). João Ubaldo Ribeiro (1986) define essa organização institucional como Estado, que surge com a diferença entre governantes e governados e a institucionalização dessa diferença: a sociedade passará a ter “os conflitos resolvidos com o domínio de um grupo por outro, estabelecendo-se uma diferença entre governantes e governados. Essa diferença é institucionalizada, criando-se uma ordem jurídica. Assim está formado, em seus traços essenciais, o Estado” (1986, p. 44). O Estado é, portanto, a organização política e jurídica da sociedade, independentemente de seu viés.

É importante fazer o caminho acima para chegarmos à definição de política, que se refere ao exercício de poder e as suas consequências (RIBEIRO, 1986). Mais que isso, fazer política possui dois caminhos que se interligam: um interesse, pois alguém deseja alterar o comportamento da coletividade, seja lá qual for a motivação; e a decisão que vai alterar tal comportamento. Ou seja, a política como o processo pelo qual interesses de uma pessoa ou de um grupo são transformados em objetivos, levando à formulação e tomadas de decisões, condições que vão além do poder do Estado, que continua útil na disputa política, mas não preponderante. Conforme aponta Ubaldo Ribeiro (1986), alguém manda em outrem. Seja lá qual for a sociedade, aparecem níveis de comando. O ponto a ser discutido é quem manda, como manda e por que manda. Existem os políticos profissionais, que estão no executivo e no legislativo, por interesses próprios ou representando outros interesses, dentro da política partidária. No entanto, a política não é só na hora do sufrágio universal, ela está presente em todo momento.

Queiramos ou não, estamos imersos num processo político que penetra todas as nossas atitudes, toda a nossa maneira de ser e agir, até mesmo porque a educação, tanto a doméstica quanto a pública, é também uma formação política. [...] Cada ato nosso, ou cada maneira de ver as coisas pode ser examinado à luz da concepção da política exposta aqui (RIBEIRO, 1986, p. 22).

Na prática, isso significa que todos nós somos objetos influenciados por decisões políticas, mesmo que digamos que não gostamos de política – neste trabalho, para construir a relação entre futebol e política, veremos que a política vai além da ligação entre estado e sociedade, que possui micropoderes no conceito usado por João Ubaldo Ribeiro (movimento negro, feminismo, organização sindical, o próprio futebol etc.) que impactam o poder vigente. O que ajuda a exemplificar é pensarmos um problema social ou até mesmo planejar melhorar de vida a longo prazo. No primeiro caso, imaginemos que existe uma localidade, no Brasil, em que jovens não conseguem chegar ao ensino superior. Há diversos fatores que podem causar tal problemática, como a pobreza e falta do ensino de base de qualidade, configurando ausência ou ineficiência (incompetência, corrupção ou propósito político etc.) de um Estado que constitucionalmente é obrigado a oferecer educação pública de qualidade. Os mais desavisados ou aproveitadores adeptos da meritocracia podem não ver relação entre essa causa e consequência, mas, certamente, o cenário descrito possui uma causa política. Há jovens de outras localidades que têm boa escola de base e renda familiar, acessando o ensino superior, porque, além de uma formação qualificada, possuem condições financeiras que permitem a dedicação na educação escolar. Por que apenas um lado chega à universidade? O que pode mudar essa realidade? O interesse em modificar tal circunstância pode até existir, mas a única que não vai alterá-la é a falta de ação (decisão) dos excluídos e do Estado. Não é possível ficar de braços cruzados e não participar do processo político para se sentir representado ou representar um grupo para mudar uma situação que nos desagrada, como um contexto de desigualdade. Quando decidimos não participar da política, como aponta Ribeiro (1986), não estamos sendo “apolíticos”, estamos acomodados, embriagados de inconsciência política – veremos que a extrema-direita alimenta e se aproveita desse cenário –, colaborando para que a realidade imposta se mantenha inalterada na lógica conservadora. A falta de ação política corrobora, portanto, por conservar aquilo que está dado na sociedade por quem efetivamente decidiu participar e interferir no jogo político. Do contrário, caso desejemos mudar esse contexto, a única forma possível será por meio da política, reunindo grupos da localidade que sofrem com a desigualdade e cobrar de entidades públicas ações que permitam que os jovens daquele bairro cheguem à universidade. A política como meio de influenciar

uma coletividade pelo bem-estar público, na teoria. É interessante pensar como essa disputa acontece no jogo político.

Na política, há o lado conservador, que age por manter as coisas como estão ou pequenas mudanças incapazes de alterar o sistema vigente, e existe, ainda, o lado progressista que luta por alterações profundas. Bobbio (2011) define os dois lados como direita (conservadorismo) e esquerda (progressismo).

“Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer (BOBBIO, 2011, p. 51).

O filósofo político Norberto Bobbio publicou a primeira edição do livro *Direita e esquerda, razões e significados de uma distinção política* em 1994, num contexto em que se acreditava que a esquerda desapareceria após o fim da União Soviética. Da mesma forma que houve igual pensamento em relação à direita depois da derrota do nazifascismo na Segunda Guerra Mundial. O escritor italiano defende que não existe a possibilidade de a direita existir sem a esquerda, e vice-versa. Conceitualmente, Bobbio entende que o que determina a distinção entre esquerda e direita é o posicionamento sobre a (des)igualdade social. Enquanto a esquerda vê como negativa as desigualdades entre os indivíduos, a direita defende que as desigualdades são positivas e naturais, sem a necessidade de intervenção do Estado. Desta maneira, podemos dizer que a extrema-direita atua por uma sociedade de extrema desigualdade. O autor argumenta com outras díades, como guerra e paz, a fim de confirmar que uma não existe sem a outra, ambas se governam. É uma relação antitética entre as duas definições políticas e excludentes, pois não há nada que possa ser de esquerda e de direita ao mesmo tempo, segundo os conceitos de Bobbio¹⁴. Ideologicamente incompatível. Ao mesmo passo, Bobbio (2011) reconhece que, embora haja um predomínio da esquerda sobre a direita e da direita sobre a esquerda num determinado espaço-tempo, a que está do lado de baixo da gangorra não deixa de existir, permanecendo a distinção política do sistema entre os dois lados: “[...] as duas partes continuam a existir simultaneamente e a extrair cada uma delas a própria razão de ser da existência da outra, mesmo quando uma ascende na cena política e a outra desce” (BOBBIO, 2011, p. 62).

Como ficam os extremos nessa história? Sem juízo de valor, Bobbio (2011) faz uma explanação de autores que são ambigualmente interpretados por cada ala política de forma

¹⁴ No Brasil, mesmo durante a ditadura do Estado Novo, a política nacionalista de Getúlio Vargas teve o apoio de setores da esquerda com foco nas leis trabalhistas. O Partido Democrático Trabalhista (PDT), de Leonel Brizola, possui origem em políticas para o operariado.

contrastante para chegar às extremidades. Os esquerdistas são os revolucionários, e os direitistas, contrarrevolucionários (BOBBIO, 2011). O autor exemplifica com Georges Sorel¹⁵, teórico francês do sindicalismo revolucionário que inspirou movimentos de esquerda. Sorel, porém, tornou-se fã de Mussolini e de Lênin simultaneamente na década de 1920. O filósofo político chega ao ponto principal do extremismo ao dizer que “os autores revolucionários e contrarrevolucionários, e seus respectivos movimentos, têm em comum é o fato de pertencerem, no âmbito de seus específicos campos, à ala extremista contraposta à ala moderada” (BOBBIO, 2011, p. 69). Há uma definição da díade extremismo-moderantismo, julgando que o que está no centro são os moderados, e os que estão às margens desse centro são os extremistas (comunistas e fascistas), não importando as ideias professadas, mas sim a radicalização do discurso e das estratégias adotadas. Por que, então, autores de espectros políticos opostos são “saudados” por mentes políticas adversárias? O autor conclui que “ideologias opostas podem encontrar pontos de convergência e de acordo em suas alas extremas, ainda que permaneçam distintas com respeito aos programas e aos fins últimos dos quais depende sua colocação em uma ou outra parte da díade” (BOBBIO, 2011, p. 70). Isto é, por mais que dois extremistas defendam as próprias ideias com afinco, eles estarão ligados por um cordão umbilical. Tocar-se-ão, inclusive, na luta contra o moderantismo¹⁶, pois a ala centrista seria naturalmente democrática. Ser antidemocrático seria uma característica inata e o elo entre o extremista de esquerda e o extremista de direita, que vão se tocar pela antidemocracia conforme representam as alas extremas naquele alinhamento (BOBBIO, 2011).

Dada a distinção de direita e esquerda e os extremos e o funcionamento da política, é possível avançar no que propõe este trabalho. Como o capítulo presente pretende destrinchar o funcionamento da extrema-direita, é nela que vamos focar. João Ubaldo Ribeiro (1986) faz a definição do funcionamento político da extrema-direita à extrema-esquerda. A respeito da extrema-direita, o autor brasileiro argumenta ser uma ação do Estado sobre o cidadão. Todas as nuances sociais estão sob a responsabilidade do Estado, que “representa a vontade geral ou o espírito do povo” (RIBEIRO, 1986, p. 94). Ou seja, o cidadão ou um grupo de cidadãos que resolva lutar por seus direitos está impedido de pensar diferente caso haja conflito com os interesses estatais. Se não respeitar tais regras, o Estado usará da força militar para reprimir “rebeldes” e educar possíveis novos “rebeldes” para que não ousem fazer o mesmo. Deste modo, afirma-se um “Estado totalitário, uma espécie de ditadura amplíssima, como aconteceu

¹⁵ Georges Sorel (1847–1922)

¹⁶ Bobbio se autointitula moderantista (centro).

na Alemanha nazista ou na Itália fascista” (RIBEIRO, 1986, p. 94), reprimindo o pensamento contrário e, portanto, prevalecendo a antidemocracia. Eco (2011) também denomina o fascismo e o nazismo como totalitários pelas mesmas características em que o indivíduo está subordinado ao Estado de maneira irrestrita. Assim, também podemos chamar a extrema-direita de fascismo, e vice-versa.

A extrema-direita mostrou-se ao mundo, efetivamente, com o fascismo italiano e o nazismo alemão a partir da década de 1920, quando Mussolini chegou ao poder. Contudo, Bobbio (2011) identifica o surgimento do fascismo na França no fim do século XIX, quando nasce como uma ideologia conservadora como enfrentamento à Comuna de Paris¹⁷. Um período chamado de “pré-fascismo”, cuja principal característica foi a reação à democracia burguesa, com a social-democracia como bode expiatório, num contexto em que a esquerda teria aceitado jogar as regras da democracia burguesa e, conseqüentemente, corrompendo-se por ela (BOBBIO, 2011). Assim teriam surgido as bases fascistas para chegar ao poder algumas décadas depois e abalar a política mundial, gerando a Segunda Grande Guerra. Apesar do enfraquecimento fascista após a Segunda Guerra Mundial, outras ditaduras de extrema-direita, com um militarismo muito presente, surgiram, como nos casos da Espanha, de Portugal, e de países da América Latina, incluindo o Brasil.

É importante termos noções históricas da origem do fascismo e de suas ideias para seguirmos o caminho de como a extrema-direita age para chegar ao poder e legitimar as suas ações. A extrema-direita pode ter certas diferenças com o fascismo clássico de Mussolini, mas o *modus-operandi* e as regras sociais continuam os mesmos. Com isso, extrema-direita e fascismo serão aqui tratados como sinônimos.

1.2 As regras fascistas e a extrema-direita hoje

Dado o caos produzido pela extrema-direita, podemos acreditar que tal vertente política não possui organização, cultivando apenas o ódio contra determinados grupos. Porém, estariam inteiramente enganados, porque até para odiar e lutar pelo extermínio de uma minoria é necessário ter um planejamento político. A extrema-direita é organizada e tem as suas táticas bem definidas que, inclusive, retroalimentam-se no embate político ao longo da história. Como diria Eco, “por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de

¹⁷ A Comuna de Paris foi uma insurreição popular, eclodida em março de 1871, que levou operários ao poder. Os motivos eram a insatisfação dos trabalhadores em relação às condições péssimas de trabalho e impostos cobrados a eles para cobrir dívidas de guerra. O movimento durou até maio, quando foi derrotado pelos exércitos francês e alemão.

pulsões insondáveis” (ECO, 2018, p. 23). A partir disso, como Hitler, por exemplo, convenceu os alemães de que eles eram a legítima raça humana que teria o direito de exterminar milhões de judeus? Como persuadir as massas que há uma raça superior a outra e que, por esse motivo, a inferior é desvalorizada e merece que seus representantes desapareçam? Como receber esse apoio? A extrema-direita apela para a tradição, para um tempo – distante ou não – em que seu legítimo povo vivia plenamente: num passado mítico no qual a raça, a religião e a cultura teriam sido puras. Isto é, quando a nação possuía um passado de glória, conquistas e vitórias (STANLEY, 2019). Agora, no tempo presente, tudo estaria degenerado, de acordo com os ideais fascistas. O que teria acontecido para chegar à situação em que a raça superior não reina mais soberana? Justamente pela quebra dos valores socioculturais pregados pelo fascismo, como a família patriarcal, subjugados por ideias globalistas e valores universais, como a igualdade. Com viés da hierarquia que valoriza o europeu ariano frente as demais raças e o masculino sobre o feminino, o tradicionalismo¹⁸ era colocado como a referência dos ideais sociais a favor da recusa da modernidade (ECO, 2018). O tradicionalismo casa perfeitamente com o discurso fascista com a negação do pensamento diferente a esse modelo tradicional. A crítica e a discordância revelam distinções no saber, e “distinguir é um sinal de modernidade” (ECO, 2018, p. 49). Quem se opõe à modernidade pode ser chamado de tradicionalista. O tradicionalismo – dentro de um conceito que vai além da negação ao que é novo, valorizando uma ideia de que as relações sociais seriam melhores à moda antiga – quando combinado com a tática fascista do nacionalismo anti-imigração é o sinal de um radicalismo ideológico (TEITELBAUM, 2020). Por modernidade, Benjamin Teitelbaum entende que:

a modernização envolve o recuo da religião pública em favor do literal e a um interesse decrescente em coisas que não são facilmente matematizadas e quantificadas – espírito, emoções, sobrenatural – em favor das chamadas coisas materiais. A modernização também envolve a organização de massas de pessoas cada vez maiores em prol de uma mobilização política mais poderosa (nações e colonialismo), da produção industrial e do consumo de bens. Conforme se padroniza a vida social, novas massas populacionais surgem com mais facilidade. Enfim, a modernização centra-se na crença de que, por meio da inovação humana, podemos chegar a um mundo melhor do que o que temos. Em outras palavras, há uma fé no progresso que, no âmbito da política ocidental, tende a se manifestar em forma de apelos por maior liberdade e igualdade (TEITELBAUM, 2020, p. 21).

De viés tradicionalista e contrário à lógica de modernidade, o fascismo combate o distinto, o desacordo, porque a ideia de diferenciação permite o avanço do conhecimento, rumo à igualdade (TEITELBAUM, 2020), com a possibilidade de colocá-lo sob

¹⁸ O tradicionalismo é mais antigo que o fascismo. Segundo Eco (2018), nasceu no fim da idade helenística como contraponto ao racionalismo grego clássico. Também foi identificado na contrarreforma após a Revolução Francesa.

questionamentos. Vimos que Bobbio define a direita como um campo ideológico que acha a desigualdade entre os indivíduos algo positivo e natural. A extrema-direita atua inteiramente sob essa lógica, daí o anti-intelectualismo. Afinal, a discordância permitida pelo avanço científico é um indício de diversidade, nada mais ameaçador à lógica fascista de busca do consenso apenas sob suas bases ideológicas. A sociedade fascista perdeu – o fascismo admite, portanto, uma derrota, assumindo-se que não é perfeito e colocando-se como vítima, num contexto de disposição de virar o jogo – as bases do passado mítico, no qual a nação exercia o poder por direito após conquistas pensando o desenvolvimento social. Essa ideia contra o moderno é exemplificada em como a extrema-direita combate as minorias, cujos direitos adquiridos são um atentado ao tradicionalismo: o patriarcalismo, por exemplo, configura uma sociedade sob preceitos masculinos. O ataque que Jair Bolsonaro faz contra mulheres, homossexuais ou negros¹⁹ representam bem essa sistemática. Do mesmo modo é a promoção de um discurso de ódio contra muçulmanos desde o 11 de Setembro²⁰ pelos EUA e pela Europa (MULHALL, 2022).

Além do passado mítico, outra tática fundamental para o funcionamento da estrutura fascista é a propaganda, que vai permitir mascarar o verdadeiro interesse político para uma falsificação ou abrandamento a fim de convencer a população. É o que Goffman (1996) chama de “fundo” e “fachada”: o primeiro seria o que realmente está por trás de uma ação, o que estaria escondido; o segundo seria tudo que está destacado, no intuito de esconder o fundo. São situações que dependem de cada contexto, móveis e articuladas entre si. Para melhor ilustrar, é como uma birosca com venda de quitutes em sua primeira sala e que, aos fundos, funciona uma estrutura de máquinas caça-níqueis, proibidas na legislação brasileira por configurar jogos de azar²¹. É por isso que a propaganda é importante para o fascismo, pois ela oculta os objetivos problemáticos que causariam espanto (fundo) e os transforma em ideias aceitáveis na sociedade (fachada). Jason Stanley (2019) afirma que a propaganda política se aproveita de ideias virtuosas em busca de unificar pessoas e grupos, que as rejeitariam se não fosse o propagandismo. O autor exemplifica com a política anticrime de Richard Nixon nos Estados Unidos. Em 1969, Nixon acreditava que o problema do crime resumia-se à população negra, mas que o governo estadunidense precisava divulgar tal ideia

¹⁹ O GLOBO: Bolsonaro faz piada de cunho machista e diz que racismo 'não existe da maneira que falam' no Brasil. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/09/bolsonaro-faz-piadas-de-cunho-machista-e-diz-que-racismo-nao-existe-da-forma-como-falam-no-brasil.ghtml> <. Acesso em: 02 jan. 2024.

²⁰ VEJA: 11 de Setembro desencadeou ódio a muçulmanos – que segue nos dias de hoje. Disponível em: > <https://veja.abril.com.br/mundo/11-de-setembro-desencadeou-odio-a-muculmanos-que-segue-nos-dias-de-hoje> <. Acesso em: 17 jan. 2024.

²¹ Decreto-Lei nº 3.688/1941

de maneira a ocultar o viés racista por meio dos programas de sua administração. Por que o negro? Pois ele é o diferente e que não representa o poder secular das sociedades ocidentais, comandadas por homens brancos. Como vimos, o diferente é combatido pelo fascismo, que alimenta o medo da diferença. Portanto, o Estado fascista é racista em sua essência (ECO, 2019).

Se a população negra apresenta ameaça ou não ao Estado, pouco importa. O que é necessário é o parecer que sim. Assim, estratégias baseadas no medo, por exemplo, são usadas para manipular a sociedade – o negro, ou o judeu, vai tomar o seu lugar. Portanto, é necessário desqualificá-lo. Neste caso, “a razão persuasiva é sempre uma mistura de razão e de paixão, uma combinação entre a força das ideias e a força da emoção” (CHARAUDEAU, p. 13, 2022). Desta maneira, o fascismo usa táticas manipulatórias para justificar as próprias ações e invocar a população contra o alvo ameaçador.

O discurso manipulatório é caracterizado por uma maquiagem intencional e um efeito de impostura, o que não acontece com todo ato de persuasão: o manipulador não revela sua intenção; ele a disfarça com um discurso diferente daquele de seu pensamento, enquanto dá indícios, até promessas, de sinceridade; esse discurso de aparências se apresenta como favorável ou desfavorável ao destinatário, de modo a incitá-lo a agir no sentido desejado pelo manipulador (CHARAUDEAU, p. 91, 2022).

A manipulação da extrema-direita utiliza diversas formas para chegar ao objetivo da persuasão, ativando a idoneidade e colocando-se como um sábio que sugere o melhor caminho para quem o consulta para não parecer um impositor ideológico: “eu te conto isso, mas você é o dono do seu próprio destino”. Dentro dessa estratégia, a irreabilidade é uma base importante da extrema-direita, pois, na tentativa de convencimento, usa elementos que não são verdadeiros. As teorias da conspiração ou a desinformação²² surgem justamente para apontar um acontecimento ou grupo externo ameaçador e, conseqüentemente, jogar a população contra ele. As teorias da conspiração agem dentro da lógica manipulatória na intenção de deslegitimar os alvos, mesmo que não seja verdade. A própria insinuação já é suficiente para colocar o adversário e o sistema vigente sob suspeita (STANLEY, 2019). No cenário internacional, a deturpação da realidade para se favorecer politicamente é bem exemplificada nas atuações de Donald Trump, tanto na sua primeira campanha a presidente em 2016 quanto para retornar ao poder nos EUA em 2024, quando o candidato republicano

²² Existe o debate a respeito do termo *fake news*, pois as notícias são verificáveis e de interesse público. Professor da Escola de Comunicação e Artes da USP, Eugênio Bucci afirma que o termo *fake news* não dá conta de definir o sentido do que se propõe. O estudioso prefere o termo “notícias fraudulentas”, que conota a intenção direta de enganar a população. Sobre isso, ver: BUCCI, Eugênio. Existe democracia sem verdade factual? Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

voltou a dizer que fecharia as fronteiras de seu país, chamando os imigrantes de terroristas²³, em nome da supremacia branca que coloca a raça branca como pura e hierarquicamente acima de todas as outras nas relações sociais. É uma forma de naturalizar a desigualdade, conforme Bobbio (2011), seja ela cultural, econômica, racial, religiosa etc. É a extrema-direita favorecendo-se do medo que ela incentiva na população para capitalizar politicamente. Na mesma linha, foi a propaganda enganosa que levou à saída do Reino Unido da União Europeia, o *Brexit*²⁴, no governo Boris Johnson.

A irrealidade está representada nas teorias da conspiração e na desinformação, com caráter absurdo ou razoável, que sustentam o posicionamento dos eleitores por meio do medo, da pauta moral e dos desejos do cidadão. Empoli (2021) diz que a nova propaganda, como as redes sociais, nutre-se principalmente de emoções negativas, o que ajuda a explicar o sucesso de “notícias falsas” e teorias conspiratórias, que apresentam bases bem sólidas.

Do ponto de vista dos líderes populistas, as verdades alternativas não são um simples instrumento de propaganda. Contrariamente às informações verdadeiras, elas constituem formidável vetor de coesão. “Por vários ângulos, o absurdo é uma ferramenta organizacional mais eficaz que a verdade”, escreveu o blogueiro da direita alternativa americana Mencius Moldbug (EMPOLI, 2021, p. 24).

A irrealidade representa o acreditar no absurdo, constituindo-se na real demonstração de lealdade ao líder ou ao partido do público fascista, como um exército que recebe ordens de seu comandante máximo. O líder fascista criará a própria realidade a partir de sua visão de mundo. Ao invés de ser questionado, essa tática lhe garantirá ainda mais legitimidade. Portanto, não importa o que é a verdade baseada no fato ou no conhecimento científico, basta apenas o conjunto da mensagem atingir os sentimentos e as sensações (EMPOLI, 2021) do público.

As sociedades contemporâneas são regidas pela presença de um Estado, em sua maioria, capitalista. Como afirma Alysson Mascaro (2013), não é o Estado soberano que dá origem ao modus-operandi do capitalismo, é justamente o contrário. Se no passado a violência física e a posse bruta regulavam a força de trabalho e a defesa de bens, hoje, é esse aparato estatal, alheio juridicamente aos explorados e exploradores, que vai manter regulada a troca de mercadorias e a exploração da força de trabalho, agindo para a manutenção legal do capitalismo (MASCARO, 2013). Ideia similar à de João Ubaldo Ribeiro. Mascaro (2013) vai

²³ G1: Em 1º discurso após vencer em Iowa, Trump chama imigrantes de 'terroristas', fala em fechar fronteira dos EUA e promete 'deportação em massa'. Disponível em: > <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/01/16/em-1o-discurso-apos-vencer-em-iowa-trump-chama-imigrantes-de-terroristas-fala-em-fechar-fronteira-dos-eua-e-promete-deportacao-em-massa.ghtml> <. Acesso em: 17 jan. 2024.

²⁴ VEJA: Apenas 18% dos apoiadores do Brexit acham que a saída da UE foi um sucesso. Disponível em: > <https://veja.abril.com.br/mundo/apenas-18-dos-apoiadores-do-brexit-acha-que-a-saida-da-ue-foi-um-sucesso> <. Acesso em: 17 jan. 2024.

além e também constrói a concepção de que o Estado não vai atuar pela extinção de desigualdades ou de diferenças em benefício de uma classe, mas sim pela manutenção dessa dinâmica desigual entre classes. O filósofo, porém, vê o Estado como parte necessária da reprodução capitalista porque, sem ele, haveria o domínio do capital sobre o trabalho, com as relações entre possuidores dos meios de produção e os que vendem a força de trabalho baseadas apenas na servidão ou escravidão. Isso explica por que o controle do Estado gera tantas disputas no tecido social. O passado da extrema-direita tem como característica o controle total do Estado em todas as áreas. Atualmente, é o contrário, a extrema-direita cultiva o neoliberalismo como forma de controle do Estado para esvaziá-lo. Quanto menos presença estatal, melhor. Quanto mais o Estado diminui a sua atuação na sociedade, maior é o terreno para políticas fascistas se alastrarem pela falta de regulação, pois sempre haverá o domínio do capital sobre o trabalho. A depender de quem controla, o Estado pode reforçar as desigualdades sociais ou atuar minimamente pela garantia de direitos de quem depende da força de trabalho para sobreviver. Os grupos de extrema-direita assumem com o discurso neoliberal de reformas econômicas drásticas para salvar o país do colapso. Foi assim, por exemplo, com Alberto Fujimori no Peru, na década de 1990. Dessa forma também agiu Javier Milei na Argentina, em 2023²⁵. Tal qual Jair Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos EUA, Fujimori e Milei se colocavam como candidatos *outsiders* que rejeitam o establishment e taxam os críticos como terroristas, como fez Silvio Berlusconi na Itália contra juízes chamando-os de comunistas, e Recep Tayyip Erdogan na Turquia contra jornalistas. A tática da extrema-direita de por agentes do Estado ou da sociedade civil como terrorista tem uma consequência bem definida, pois fica fácil justificar ações contra os possíveis inimigos caso o público compreenda essas ideias (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018).

As regras democráticas estabelecidas são atropeladas pelo crescimento da extrema-direita na Europa, nas Américas ou em qualquer canto do planeta. Por meio das suas táticas, que está abordada ao longo do trabalho, os defeitos, erros e vícios dos líderes extremistas da direita se transformam nas suas qualidades na visão de seu eleitorado. Isso talvez explique os motivos que os levam a se autoafirmar *outsiders*, políticos que não se colocam como integrante do establishment, mesmo que sejam, como no caso de Jair Bolsonaro, deputado federal por décadas no Brasil. Giuliano da Empoli afirma que a “inexperiência (dos líderes da extrema-direita, parênteses meus) é a prova de que eles não pertencem ao círculo corrompido das elites. E sua incompetência é vista como garantia de autenticidade” (EMPOLI, 2021, p.

²⁵ Mauricio Macri também assumiu a presidência argentina, em 2015, com o discurso *outsider*.

18). Os grupos da extrema-direita criam uma forma de governar caótica: mal o país tenha saído de uma polêmica aparece outra que toma a opinião pública. Cada dia nasce uma nova gafe, um novo escândalo, impondo uma sensação de desordem permanente. Por isso, “as tensões que eles produzem em nível internacional ilustram sua independência, e as *fake news* que balizam sua propaganda são a marca de sua liberdade de espírito” (EMPOLI, 2021, p. 18). Para esse sucesso caótico da extrema-direita, há o uso preponderante de cientistas de dados e os chamados *spin doctors*, consultores políticos que identificam as estratégias a favor de um candidato ou campanha (EMPOLI, 2021). É a história de diversos nomes ligados à ascensão da extrema-direita no mundo, como Dominic Cummings (diretor de campanha do Brexit), Steve Bannon (estrategista de Donald Trump nos EUA), Arthur Finkelstein, (conselheiro de Viktor Orbán, primeiro-ministro que luta pelos “valores tradicionais da Hungria) e outros.

Cultivando a cólera de cada um sem se preocupar com a coerência do coletivo, o algoritmo dos engenheiros do caos dilui as antigas barreiras ideológicas e rearticula o conflito político tendo como base uma simples oposição entre “o povo” e “as elites”. No caso do Brexit, assim como nos casos de Trump e da Itália, o sucesso dos nacional-populistas se mede pela capacidade de fazer explodir a cisão esquerda/direita para captar os votos de todos os revoltados e furiosos, e não apenas dos fascistas (EMPOLI, 2021, p. 21).

Empoli (2021) considera políticos de extrema-direita como representantes do que ele chama de nacional-populismo, com um nacionalismo exacerbado e um populismo que inclui todos no mesmo plano com apenas um parâmetro de avaliação: os *likes* nas redes sociais. Empoli escreveu o livro *Os Engenheiros do Caos* para retratar como políticos de extrema-direita aproveitam as teorias conspiratórias e os algoritmos para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. A lógica da extrema-direita é engajamento, não importa como (EMPOLI, 2021). Assim, desestabilizam democracias pelo mundo. Em um planeta globalizado, democracias são abaladas não mais de maneira abrupta com golpe de estado clássico, a exemplo de Augusto Pinochet, no Chile, na década de 1970. A extrema-direita, com a permissão do establishment, subverte a democracia por meios considerados legais com aprovação legislativa e jurídica e com ataques de ódio ao redor do mundo, como o atentado a duas mesquitas na Nova Zelândia, em março de 2019, que matou 51 pessoas e feriu 49. O assassino, um supremacista branco, transmitiu o crime nas redes sociais²⁶. Sem uma Constituição e democracias fortalecidas, os líderes da extrema-direita chegam ao poder por

²⁶ G1: Ataques a duas mesquitas deixam 50 mortos na Nova Zelândia. Disponível em: > <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/14/policia-e-acionada-apos-relatos-de-tiros-em-mesquita-na-nova-zelandia.ghtml> <. Acesso em: 17 jan. 2024.

eleições democráticas. A subversão democrática começaria justamente pelo sufrágio universal, pelas eleições, não apenas para cargos executivos, mas também para o parlamento.

É assim que os autocratas eleitos subvertem a democracia – aparelhando tribunais e outras agências neutras e usando-os como armas, comprando a mídia e o setor privado (ou intimidando-os para que se cale) e reescrevendo as regras da política para mudar o mando de campo e virar o jogo contra os oponentes. O paradoxo trágico da via eleitoral para o autoritarismo é que os assassinos da democracia usam as próprias instituições da democracia – gradual, sutil e mesmo legalmente – para matá-la (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018, p. 19).

A extrema-direita representa um perigo às democracias: em 2020, 1,9 bilhão de pessoas estavam sendo governadas por líderes fascistas. Três das cinco nações mais populosas do mundo eram lideradas pela extrema-direita: Estados Unidos (Donald Trump), Brasil (Jair Bolsonaro) e Índia (Narendra Modi), como detalha Joe Mulhall (2022). Além de estar no comando de outros países, como a Hungria (Viktor Orbán), também está presente em parlamentos ou em governos de coalizão ao redor do mundo. A extrema-direita também conta com organizações e movimentos internacionais fora da política institucional, como o *alt-right*²⁷ (ou Direita Alternativa), com forte influência digital e que reescreveu o manual do ativismo da extrema-direita (MULHALL, 2022). A extrema-direita mundial ecoou no Brasil. Com normalização de um discurso neoliberal e radical, somado a uma sequência de fatores políticos, Jair Bolsonaro venceu as eleições de 2018 e chegou à presidência do país. Com o mesmo modus-operandi de seus colegas como Donald Trump e Boris Johnson, usou desinformação para fomentar uma guerra cultural para provocar o ódio contra minorias subrepresentadas. Os significados de política e de extrema-direita vistos neste primeiro capítulo serão importantes para tratarmos da ascensão bolsonarista no Brasil e, conseqüentemente, para abordar a temática do sequestro dos símbolos nacionais e da camisa Canarinho e as narrativas midiáticas pelo “dessequestro” no último capítulo.

²⁷ FOLHA DE S.PAULO: Movimento 'alt-right' é grupo de ódio e desumaniza outros, diz pesquisador. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1911392-movimento-alt-right-e-grupo-de-odio-e-desumaniza-outros-diz-pesquisador.shtml> <. Acesso em: 17 jan. 2024.

2 O BOLSONARISMO: ASCENSÃO DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL

Em países como a França, a Espanha, a Grécia ou a Alemanha, depois de estabelecida ou restabelecida a democracia, a extrema-direita demorou décadas para se tornar relevante, levou décadas para se normalizar, levou décadas para aprender a manter aparências democráticas. No Brasil, bastaram alguns anos de autodestruição política desde 2014. De um só golpe, Bolsonaro organizou e normalizou a extrema-direita e ganhou a eleição presidencial (NOBRE, 2022, p. 12).

Jair Bolsonaro nasceu em 1955 em Glicério (SP), município que fica a 443km distante da capital São Paulo, mas cresceu em Eldorado, também no interior de São Paulo. O ex-presidente começou a carreira militar na Escola de Cadetes de Campinas (SP), em 1973. No ano seguinte, ingressou na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), em Resende (RJ). Em quatro anos, concluiu o curso básico de paraquedismo, cuja formatura contou com a presença de Ernesto Geisel, o penúltimo comandante da última ditadura militar brasileira. Jair Bolsonaro ganhou notoriedade em 1986, quando escreveu um artigo para a revista *Veja*²⁸, no qual reclamava de baixo salário de soldados e oficiais, o que o levou a ser preso por 15 dias pela cúpula militar. Foi transferido para a reserva em 1988, quando ingressou na política ao conquistar o mandato de vereador pelo Rio de Janeiro em 1989 pelo Partido Democrata Cristão (PDC), com o discurso em defesa dos militares. Em 1991, tornou-se deputado federal, cargo que manteve por 28 anos até ser eleito o 38º presidente do Brasil²⁹. Podemos notar que, apesar de um deputado inepto em relação aos preceitos democráticos³⁰, Jair Bolsonaro vivenciou por dentro da política brasileira a redemocratização com a derrocada da ditadura militar que governou o país de 1964 a 1985 e as discussões políticas que levaram à Constituição Federal de 1988 e a primeira eleição direta em 1989. Bolsonaro viveu, portanto, o início da redemocratização brasileira e a consolidação da democracia no país com PSDB e PT na presidência sempre por dentro do sistema político, contrariamente ao discurso que a sua candidatura impôs como um político *outsider*. Com a soma de diversos eventos a partir da década de 2010, Bolsonaro corroeu as instituições brasileiras e quase vitimou a jovem democracia nacional ao ser o grande nome da extrema-direita tupiniquim, seguindo uma tendência extremista mundial.

Vladimir Safatle (2023) entende que o século XXI nasceu de sequências de insurreições populares que conectou norte e sul do planeta em uma articulação de

²⁸ VEJA: O artigo em VEJA e a prisão de Bolsonaro nos anos 1980. Disponível em: > <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/o-artigo-em-veja-e-a-prisao-de-bolsonaro-nos-anos-1980/> <. Acesso em: 18 jan. 2024.

²⁹ JOTA: Jair Bolsonaro: a trajetória militar e política do presidente que busca a reeleição. Disponível em: > <https://www.jota.info/eleicoes/jair-bolsonaro-a-trajetoria-militar-e-politica-do-presidente-que-busca-a-reeleicao-13052022> <. Acesso em: 18 jan. 2024.

³⁰ BBC BRASIL: Bolsonaro presidente: A surpreendente trajetória de político do baixo clero ao Palácio do Planalto. Disponível em: > <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45778959> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

descontentamento social pelo aumento da pobreza e da concentração de renda provocados pelo neoliberalismo. O filósofo acredita que movimentos como a “Primavera Árabe” e as “Jornadas de Junho” estariam conectados na luta contra o capital e pela recuperação gradual da soberania popular a fim de destituir o sistema social vigente contrário aos interesses da população. De acordo com Safatle, é uma característica que “explica por que muitas dessas insurreições começam com demandas pontuais ligadas a custo de vida, a preços de combustíveis, a aumento no custo de transporte, para posteriormente passarem a expressões gerais de desidentificação social” (SAFATLE, 2023, p. 99 e 100). O esvaziamento e a descontinuidade de insurreições são do interesse do establishment que deseja preservar o modus-operandi do sistema político-social, levando a regressões políticas com pretensões autoritárias (SAFATLE, 2023).

Em 2007, o Brasil foi confirmado como sede da Copa do Mundo masculina de futebol de 2014, um evento que causaria uma mudança na vida política e social do país a partir das narrativas criadas em torno desse megaevento anos depois. Foi durante a Copa das Confederações – evento-teste um ano antes da Copa do Mundo –, em junho de 2013, que houve a escalada de manifestações que puseram em xeque os modelos clássicos de representação política que haviam se estruturado desde a transição democrática na década de 1970 (PINHEIRO-MACHADO e FREIXO, 2019). O que conflui com o pensamento de Safatle que tais insurreições começaram com caráter mais progressista na luta pela melhoria de serviços públicos, como o transporte, é o detalhamento do que ocorreu em junho de 2013 no Brasil. Dos dias 6 a 13 daquele mês, as manifestações ficaram restritas a São Paulo, coordenadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento de 20 centavos no preço das passagens do transporte público. Cerca de 5 mil jovens e militantes de esquerda, incluindo integrantes do Partido dos Trabalhadores (PT), estiveram nessas passeatas (ALTMAN, 2023). A partir do dia 11, houve uma escalada da repressão policial contra os manifestantes que resultou em feridos e na repercussão da imprensa. No dia 13, nova convocação de ato, mesmo com ameaças do então governador e hoje vice-presidente do Brasil na chapa de Lula, Geraldo Alckmin (PSB), à época no PSDB. O abuso policial contra manifestantes e até jornalistas gerou comoção e solidariedade, o que fez romper o caráter regional dos atos inicialmente contra o aumento das passagens. De 17 a 20 junho, as manifestações atingiram mais de dois milhões de protestantes em mais de quatrocentos municípios brasileiros, quando houve o recuo do aumento no preço das passagens do transporte público por administrações estaduais e municipais (ALTMAN, 2023), e uma profusão de pautas. Breno Altman (2023) afirma que o perfil nacional dos manifestantes foi composto em sua maioria por setores médios que

ascenderam socialmente durante os governos petistas. No início, a reivindicação era progressista com críticas às remoções causadas pelas obras da Copa do Mundo e aos investimentos feitos para a realização do mundial. De modo que a Fifa cobrara do governo brasileiro o “padrão-Fifa” nas obras das sedes da Copa, a sociedade foi às ruas exigir o mesmo para as diversas áreas da administração pública. Conforme os atos foram se nacionalizando, o MPL e demais movimentos do campo progressista foram perdendo representatividade, e a ala direitista ganhou espaço com um discurso conservador de agressividade contra a política institucional, com lemas como “sem partido”, “o gigante acordou”, “verás que um filho teu não foge à luta”, apresentando um caráter nacionalista, inclusive com o uso do verde e amarelo (REIS, 2021). A mídia tradicional teve um papel importante nas manifestações de junho. Enquanto estava restrita aos grupos de esquerda, havia uma narrativa contra os manifestantes. Conforme se nacionalizou e os eventos conquistaram um caráter antipolítico, a imprensa mudou a rota da cobertura e passou a elogiar os protestos de massa (REIS, 2021), o que também vai acontecer nas manifestações de 2015 e 2016, como veremos no capítulo 3.

Seria precipitado dizer que esse movimento conhecido como as Jornadas de Junho teria levado diretamente à eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Porque, naquele momento, as forças constituídas da política nacional, da esquerda à direita, perderam a oportunidade de reformar a democracia do Brasil e, aí sim, deram uma chance à extrema-direita (ALTMAN, 2023). A presidenta Dilma Rousseff (PT), em meio a pressões de responsabilidade fiscal do mercado e da imprensa, buscou uma tentativa que poderia proteger a política nacional a fim de democratizar a política nacional e protegê-la de discursos golpistas. Dilma enviou ao Congresso Nacional propostas de maiores investimentos em serviços públicos e uma constituinte para propor uma reforma política, única ideia barrada pelo parlamento. Dilma Rousseff conta esse momento no livro *Junho de 2013: a rebelião fantasma*.

As reformas feitas, excluídas a Constituinte, foram rapidamente aprovadas por um Parlamento bastante assustado. Possivelmente tenham sido relevantes para recompor a base social do campo progressista, preparando a corrida presidencial de 2014. Não conseguimos, no entanto, marchar para uma reforma estrutural da política brasileira. Continuo convencida de que esse é um tema central, diante de um sistema falido e pouco democrático, que serve de contenção à soberania popular e de bloqueio de mudanças (ROUSSEFF, 2023, p. 9).

A partir de 2013, os campos políticos tentaram criar narrativas ao seu favor. A direita voltou a ocupar as ruas a partir de março de 2015, em manifestações intensificadas em agosto e dezembro desse ano, explodindo os protestos de direita em março de 2016 (ROCHA, 2021). Os mandatos de Lula e Dilma na presidência possibilitaram a associação automática do PT e

da esquerda ao establishment, colocando a direita na oposição pela primeira vez na história da república brasileira (ROCHA, 2021). O PT ficou no poder durante quatorze anos seguidos, desde a primeira eleição de Lula até o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, o que, segundo Rocha (2021), modificou o quadro político do país sem percepção célere desse processo. No contexto de descontentamento do establishment político, por ora, o PT havia conseguido se recuperar e ganhar as ruas no voto: Dilma Rousseff (PT) foi reeleita em 2014 ao vencer Aécio Neves (PSDB) em eleição mais apertada desde 1989 (51,64% x 48,36%) até aquele momento – em 2022, no segundo turno, Lula venceu Bolsonaro por margem ainda mais apertada (50,90% x 49,10%). Mas o PT não vai conseguir governar, pois nessa eleição acontece um ponto chave: o questionamento do resultado pela chapa perdedora, pedindo recontagem dos votos e iniciando publicamente as incertezas em relação às urnas eletrônicas, um alvo bem claro do bolsonarismo nos anos seguintes: “não aceitar a vitória do outro é o primeiro passo adotado em aventuras golpistas” (ROCHA, 2021, p. 13).

Com a direita mais organizada nas ruas e nas redes sociais, consolida-se o discurso antipetista que leva à derrubada do Partido dos Trabalhadores da presidência democraticamente conquistada. Uma narrativa construída pela imprensa e pela oposição ao PT, diante do aumento da crise econômica com aceleração da inflação e menor poder de consumo, especialmente da classe média. Também houve um ódio de classe contra os mais pobres, que foram incluídos pelos governos do PT no mercado interno com a democratização do consumo e do crédito. No entanto, reformas mais profundas não foram realizadas nas gestões petistas.

Os grandes proprietários de capital ficaram incólumes, não houve desconcentração de riqueza e a distribuição de renda ocorreu entre os assalariados, sob múltiplas formas, com o meio da pirâmide transferindo recursos, direta e indiretamente, para a base” (ALTMAN, 2023, p. 94).

Esse cenário pressionou a “nova classe média”³¹. Vemos que “as dificuldades materiais se transportavam também para a subjetividade. Tornou-se bastante visível o pânico social com a ascensão dos mais pobres, particularmente de negros, a espaços outrora privativos, como universidades e aeroportos” (ALTMAN, 2023, p. 85). Em março de 2016, ocorreram protestos contra o governo Dilma Rousseff, organizado por grupos conservadores, que levou 3,6 milhões de pessoas às ruas brasileiras em todos os estados, maior do que o registrado no mesmo mês do ano anterior. Nesse contexto de forte pressão contra a petista, o

³¹ Uma ideia ancorada nos anos 2000-2010 no Brasil para definir a combinação entre otimismo (expectativa de ascensão social) e potencial de consumo continuado. Ou seja, baseia-se apenas no acesso a bens de consumo com a despreocupação com a posição nas relações de produção ou com o status do grupo profissional. Ver: NERI, Marcelo (coord.). A nova classe média. Rio de Janeiro: FGV/IBRE; CPS, 2008, p. 21-22.

então presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha abre um processo de impeachment para retirar Dilma Rousseff da presidência em dezembro de 2015, por justificativas de “pedaladas fiscais”³², crime pelo qual Dilma foi isenta judicialmente por falta de fundamentação das acusações³³ em 2016. Ou seja, Dilma Rousseff foi retirada do poder por algo que não fez, confirmando a tese petista de que houve golpe parlamentar. Soma-se a isso as pautas-bomba de Eduardo Cunha para implodir o governo Dilma³⁴. O processo de impeachment gerou um desgaste político à Dilma Rousseff e ao PT e colocou de vez Jair Bolsonaro na rota para a presidência do Brasil, apesar de analistas políticos não acreditarem na vitória do militar em 2016³⁵ naquele instante. Durante a votação pelo prosseguimento do processo de impeachment na Câmara, em abril de 2016, Jair Bolsonaro seguiu a normalização do discurso fascista e votou a favor da retirada de Dilma da imprensa com saudação ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, primeiro militar reconhecido pela justiça como torturador durante a última ditadura militar³⁶, inclusive torturou a então presidenta Dilma Rousseff³⁷. O então vice-presidente Michel Temer (MDB) atuou nos bastidores para a confirmação do afastamento de Dilma Rousseff³⁸. Temer assumiu a presidência por dois anos, até 2018.

Ainda no governo Lula, dois pontos que seriam um sintoma da normalização e da ascensão do fascismo na sociedade brasileira é o sucesso do filme “Tropa de Elite”³⁹, cujo discurso é a valorização da brutalidade policial nas favelas do Rio de Janeiro, e de programas

³² G1: Eduardo Cunha autoriza abrir processo de impeachment de Dilma. Disponível em: > <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/eduardo-cunha-informa-que-autorizou-processo-de-impeachment-de-dilma.html> <. Acesso em: 18 jan. 2024.

³³ CNN BRASIL: Justiça mantém decisão que isenta Dilma Rousseff de “pedaladas fiscais”. Disponível em: > <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/justica-mantem-decisao-que-isenta-dilma-rousseff-de-pedaladas-fiscais/> <. Acesso em: 18 jan. 2024.

³⁴ G1: Dilma faz apelo para que Senado barre 'pautas-bomba' da Câmara. Disponível em: > <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/08/dilma-faz-apelo-para-que-senado-barre-pautas-bomba-da-camara.html> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

³⁵ PIAUÍ: Direita, volver. Disponível em: > <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/direita-volver/> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

³⁶ EBC: Saiba quem é o coronel Ustra, homenageado por Bolsonaro em votação do impeachment. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/2016/04/saiba-quem-e-o-coronel-ustra-homenageado-pelo-deputado-jair-bolsonaro-em-votacao-do> <. Acesso em: 18 jan. 2024.

³⁷ CARTA CAPITAL: ‘Estarrecedor’, diz Dilma ao relembrar homenagem de Bolsonaro ao torturador Ustra. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/estarrecedor-diz-dilma-ao-relembrar-homenagem-de-bolsonaro-ao-torturador-brilhante-ustra/> <. Acesso em: 18 jan. 2024.

³⁸ REDE BRASIL ATUAL: Temer confirma em livro que atuou para derrubar Dilma em 2016. Disponível em: > <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/temer-confirma-em-livro-que-atuou-para-derrubar-dilma-em-2016/> <. Acesso em: 18 jan. 2024.

³⁹ FOLHA DE S.PAULO: Não dá para aplaudir nem sob tortura. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2709200710.htm> <. Acesso em: 31 dez. 2023.

como “Superpop”, “Pânico na TV” e “CQC - Custe o que custar”⁴⁰, nos quais Jair Bolsonaro ganhou palcos importantes em TV aberta e rede nacional para propagar ideias racistas, misóginas, LGBTfóbicas e demais violências contra minorias em nome de uma autenticidade exigida que promove discursos de ódio. Podemos aproveitar os pensamentos de Jessé Souza (2019) para exemplificar a atuação policial no filme *Tropa de Elite*, cuja representação é marcada pela exaltação de invasões policiais nas favelas com violações constantes dos direitos humanos, majoritariamente contra negros e mestiços, que são estigmatizados como perigosos e passíveis de repressão estatal. Souza afirma que “não é a polícia a fonte da violência, mas as classes média e alta que apoiam esse tipo de política pública informal para higienizar as cidades e calar o medo do oprimido e do excluído que construiu com as próprias mãos” (SOUZA, 2019, p. 89). Uma exemplificação dessa normalização da violência contra a população historicamente desfavorecida é o cenário repressor que se encontra a favela do Jacarezinho, na zona norte do Rio de Janeiro. Ao longo do mês de janeiro de 2024, moradores da localidade foram feridos e mortos por sucessivas invasões policiais sem quaisquer indícios de solução de um problema histórico: a morte de moradores de favela em incursões policiais a mando do Estado. Quem mora e sabe dessa realidade fica consternado com a falta de indignação social. A própria imprensa não demonstra interesse numa cobertura inclusiva que veja o lado dos moradores do Jacarezinho. Emissoras como a Record noticiam, mas com o discurso da criminalização da pobreza. Ou seja, na visão das classes média e alta, o pobre, o preto e o favelado não poderiam frequentar aeroporto e universidades, e sim serem controlados pela força estatal nas favelas.

Em meio a manifestações de massa da direita, ao processo de impeachment iniciado em 2015, contestação do resultado das eleições, surge a Operação Lava-Jato em 2014 com a promessa de salvar o Brasil da corrupção, tudo que a extrema-direita mais poderia desejar naquele momento. Um dos temas de maior capital político dos extremistas de direita é a narrativa que criam de corrupção e degeneração (ECO, 2018) imbuída de uma estratégia antissistêmica para se colocarem como os salvadores da pátria, os *outsiders*. Somado ao ambiente de crise econômica, insatisfação política e oposição dos principais veículos de imprensa do país ao governo Dilma Rousseff (PINHEIRO-MACHADO e FREIXO, 2019), aparece com mais força o tema da corrupção, que vai gerar grandes manifestações contra a administração petista a partir de 2015. Mesmo que a corrupção fosse generalizada, houve um

⁴⁰ LE MONDE DIPLOMATIQUE: Porque a cultura da autenticidade favorece o bolsonarismo. Disponível em: > <https://diplomatie.org.br/porque-a-cultura-da-autenticidade-favorece-o-bolsonarismo/> <. Acesso em: 31 dez. 2023.

ataque seletivo ao PT e a seus representantes (SAFATLE, 2023). A Lava-Jato, segundo Marcos Nobre, “acabou se mostrando, para uma enorme parcela do eleitorado, a última instância recursal da política, o único caminho institucional disponível para a canalização de sua insatisfação” (NOBRE, 2022, p. 19). Depois das Jornadas de Junho, o sistema político falhou na retomada do controle da política nacional. Nobre (2022) conclui que foi a Lava-Jato, que chegou a ser defendida por alas da esquerda em seu início, uma das responsáveis por impedir o sistema político de retomar a política nacional. Ao mesmo passo que a operação não foi capaz de substituir a política oficial para além de produzir instabilidade permanente. O responsável pela operação foi o então juiz federal Sergio Moro, nome central nos eventos da política nacional que geraram instabilidade que levou o país a caminhar para os braços da extrema-direita. Essencialmente, Moro usava o ativismo judicial para fechar o cerco contra políticos, especialmente do PT, “com a seletividade e o maniqueísmo marcando o comportamento dos militantes anticorrupção nas redes, nas ruas, na mídia e no aparelho repressivo de Estado” (MIGUEL, 2022, p. 220). Uma seletividade confirmada com a tolerância à corrupção dos governos de Michel Temer e de Bolsonaro, sucessores de Dilma Rousseff na presidência. Sergio Moro usou a mídia como tática judicial para influenciar a opinião pública a favor de si com a espetacularização midiática da Lava-Jato, com vazamentos seletivos para os principais grupos de mídia do país ao tomar decisões que não possuíam o amparo da lei, como o vazamento de uma conversa entre Dilma Rousseff e Lula⁴¹, até então ignoradas pela direita e pela mídia, que se beneficiavam do espetáculo midiático. Moro também agiu em conluio com procuradores – o mais conhecido é Deltan Dalagnol, que se elegeu deputado federal por Paraná em 2022, mas foi cassado em 2023 pelo TSE⁴² – para combinar ações e impedir mecanismos de defesas dos investigados. Essa atuação seletiva foi revelada pela “Vaza-Jato”, vazamento de mensagens que escancararam a atuação conjunta entre Moro e procuradores no Telegram⁴³. Com o discurso anticorrupção e em conluio com a mídia e procuradores, agindo de maneira corrupta, Moro retirou Luiz Inácio Lula da Silva (PT), principal opositor de Bolsonaro e líder das intenções de voto, da disputa à presidência

⁴¹ CONJUR: Sergio Moro divulgou grampos ilegais de autoridades com prerrogativa de foro. Disponível em: > <https://www.conjur.com.br/2016-mar-16/moro-divulgou-grampos-ilegais-autoridades-prerrogativa-foro/> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

⁴² CONGRESSO EM FOCO: Deltan Dallagnol é cassado e perde o mandato. Câmara acata ordem do TSE. Disponível em: > <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/deltan-dallagnol-perde-o-mandato-camara-confirma-decisao-do-tse/> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

⁴³ EL PAÍS BRASIL: ‘Vaza Jato’, a investigação que obrigou a imprensa brasileira a se olhar no espelho. Disponível em: > <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-10-23/vaza-jato-a-investigacao-que-obrigou-a-imprensa-brasileira-se-olhar-no-espelho.html> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

ao prendê-lo, decisão anulada posteriormente pelo STF⁴⁴. Em tais circunstâncias de avanço da extrema-direita, Jair Bolsonaro cresce nas pesquisas de intenção de voto a partir de 2017⁴⁵, embora ainda desacreditado pelo meio político e por grande parte da imprensa de que pudesse chegar à presidência, afinal, Lula ainda estava no páreo e era o líder das intenções de voto. Fernando Haddad substituiu Lula como candidato do PT nas eleições de 2018 e perdeu a eleição para Bolsonaro. Este trabalho não consegue detalhar todos os acontecimentos da última década e da Lava-Jato, dada a infinidade de particularidades. Indicamos o livro *Moro, o herói construído pela mídia*, no qual Tarcis Prado Junior define a ascensão do juiz no cenário político nacional.

O herói juiz Moro é aquele que parte da sociedade sempre pediu: alguém capaz de aniquilar o inimigo comum (na ótica de seus partidários) e mostrar aos outros supostos inimigos que a partir daquele momento na sociedade estaria sendo restabelecida certa ordem. Essa ordem é aquilo que parte da sociedade entende como o melhor para que ela mesma consiga respirar, viver e o herói deve pelejar por isso. Moro vai ao encontro dos anseios da população e principalmente ao que a imprensa o incumbiu: salvar a direita que recém saíra do armário (PRADO JUNIOR, 2020, p. 84).

Existiam interesses políticos, econômicos e sociais por trás da retirada do PT da presidência, começando pelo impeachment contra Dilma. Alguns elementos menores, mas não menos importantes, também ajudaram a fragilizar a democracia brasileira: o grupo Escola sem Partido⁴⁶, ativismo judicial ou *lowfare*⁴⁷, o crescimento de grupos conservadores na sociedade e no Congresso Nacional, como as bancadas evangélicas e da bala⁴⁸; e a normalização do uso das forças armadas na segurança pública como garantidora da ordem (PINHEIRO-MACHADO e FREIXO, 2019).

Tal como o trumpismo, o bolsonarismo fez amplo uso das mídias sociais para estratégias de desinformação, capitaneadas por Steve Bannon⁴⁹, contra adversários políticos e com o uso de debates que suscitam a emoção do cidadão, como a pauta dos costumes. Bolsonaro sai vitorioso das urnas em 2018, também influenciado pelo fatídico episódio da

⁴⁴ BBC BRASIL: STF confirma anulação de condenações da Lava Jato contra Lula — entenda. Disponível em: > <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56768338> <. Acesso em: 14 jan. 2024.

⁴⁵ Antes da ascensão bolsonarista, havia certo interesse do establishment pelo retorno do PSDB à presidência. DW: "O PSDB foi devastado pelo bolsonarismo". Disponível em: > <https://www.dw.com/pt-br/o-psdb-foi-devastado-pelo-bolsonarismo/a-5998793> <. Acesso em: 12 abr. 2024.

⁴⁶ Ataque à educação com a perseguição a professores e a estabelecimentos de ensino.

⁴⁷ Processos enviesados a fim de atingir determinados grupos políticos. No caso da Lava-Jato, houve um discurso mascarado de anticorrupção, como a condução coercitiva de Lula ainda em 2016 pela Polícia Federal, gerando um espetáculo midiático, a mando do então juiz de primeira instância Sergio Moro.

⁴⁸ EXAME: Sem apoio de partidos, Bolsonaro tem base na bancada "bala, boi e Bíblia". Disponível em: > <https://exame.com/brasil/sem-apoio-de-partidos-bolsonaro-tem-base-na-bancada-bala-boi-e-biblia/> <. Acesso em: 01 ago. 2023.

⁴⁹ Steve Bannon é um assessor político estadunidense que serviu como assistente e estrategista-chefe da Casa Branca no governo Trump e de outros grupos de extrema-direita pelo mundo.

facada⁵⁰, que lhe concedeu mais exposição sob a condição de vítima, e pelo apoio da bancada evangélica na reta final do primeiro turno. Quatro dias após o fim do segundo turno, Sergio Moro aceita ser ministro da justiça de Bolsonaro⁵¹ depois de negar algumas vezes que não teria cargo político⁵² – a primeira quando julgava casos na Operação Lava-Jato, em 2016.

Depois das Jornadas de Junho, o Brasil entrou num caldeirão de autodestruição política rotineira que se sucedeu até a eleição de Bolsonaro. Entretanto, este trabalho não considera esses dois eventos – Jornadas de Junho e eleição de Jair Bolsonaro – uma causa e consequência direta como se a chegada do bolsonarismo ao poder fosse inevitável. As forças do campo político democrático nacional não foram capazes de propor uma saída viável aos protestos de massa iniciados na Copa das Confederações. Mesmo que não houvesse sinal de sucesso para reforçar a democracia brasileira, Dilma Rousseff tentou via Congresso uma nova constituinte, mas foi barrada, em meio a todo o discurso antipetista que crescia a cada fase da Operação Lava-Jato. E a esquerda ficou nisso diante da dificuldade de entender a conjuntura para puxar a narrativa a favor de si (SAFATLE, 2023). A direita também foi cooptada pela avalanche da extrema-direita, porque também não conseguiu viabilizar um nome com a narrativa de *outsider* para barrar o avanço bolsonarista. Desde a década de 1990, PT e PSDB rivalizavam pela presidência, dualidade desmontada pelo avanço da extrema-direita.

Ocorre que também as “novas direitas” não conseguiram apresentar uma candidatura outsider capaz de representar como que uma confluência eleitoral da Lava-Jato, sob cujo escudo se organizaram e alcançaram alguma unidade de propósito. Não tendo candidato competitivo à presidência em 2018, a Lava-Jato não se institucionalizou. Ao mesmo tempo, ao prender Lula, o candidato de oposição mais bem posicionado nas pesquisas naquele momento, seis meses antes da eleição, completou o quadro que tornou possível a candidatura mais bem posicionada na eleição (Jair Bolsonaro, parênteses meus). A eleição de Bolsonaro foi, portanto, a obra conjunta de um sistema político que se recusou a se autorreformular, de uma energia social que não encontrou caminhos para influir na institucionalidade senão por meio de uma força judicial e de mobilizações de base no campo da direita incapazes de formular um projeto de institucionalização política claro e viável independentemente da extrema-direita (NOBRE, 2022, p. 20).

Essa ascensão bolsonarista trouxe novos capítulos para um país de democracia jovem. Este trabalho pretende demonstrar com exemplos as táticas bolsonaristas que nos permitirão definir esse movimento como fascista, com ataques a minorias e aos corpos que sofrerão com

⁵⁰ IG: Facada em Bolsonaro reforçou figura de "mito" e o ajudou a esconder falhas. Disponível em: > <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-10-28/facada-em-bolsonaro-eleicoes.html> <. Acesso em 01 ago. 2023.

⁵¹ VEJA: Sergio Moro aceita convite e será novo ministro da Justiça. Disponível em: > <https://veja.abril.com.br/politica/sergio-moro-aceita-convite-e-sera-novo-ministro-da-justica> <. Acesso em: 27 jul. 2023.

⁵² UOL: Eleito senador no PR, Sergio Moro disse 7 vezes que não seria político. Disponível em: > <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/02/frases-sergio-moro-recusou-politica.htm> <. Acesso em: 29 jul. 2023.

ofensas de Jair Bolsonaro e ausência de políticas públicas de seu governo no combate à pobreza, ao racismo, à misoginia, à LGBTfobia, à pandemia etc. Serão aqueles que não serão bem-vindos em todo o discurso por trás do uso dos símbolos nacionais e da camisa Canarinho – o Brasil é nosso, não deles. Também buscaremos averiguar como o bolsonarismo se apropriou do poder rumo a uma tentativa de autoritarismo numa confusão entre público e privado promovendo uma sociedade hierarquizada pertencente apenas a quem detém o poder ou está na parte superior da pirâmide social, configurando mais um ideal fascista por meio de uma guerra cultural (ROCHA, 2021), o nós contra eles, que será explicada mais à frente.

2.1 Governo Bolsonaro e a mistura do público e privado pelo autoritarismo

Nos anos 1930, Sergio Buarque de Holanda publicou o livro *Raízes do Brasil* e nos apresentou um país em grandes contradições socioculturais que nos ajudam a entender o Brasil no presente. Uma das mais contundentes, no capítulo “O homem cordial”, é a confusão entre público e privado, criticando de forma contumaz as relações sociais brasileiras baseadas nos laços de sangue e de afeto, algo identificado no governo Bolsonaro. Antes de destrinchar a mistura do público e privado no bolsonarismo, vamos detalhar mais essa distinção que exprime as diferenças entre Estado e família (HOLANDA, 2014). Exemplificando com a tragédia grega *Antígona*, de Sófocles, Holanda afirma que a lógica de Estado e família são expressamente diferentes, dois polos que apresentam descontinuidade e oposição. Assim, na confusão entre público e privado, o mesmo aconteceria com Estado e família, o grande problema para o sociólogo.

Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo e cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade. Há nesse fato um triunfo do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo e não uma depuração sucessiva, uma espiritualização de formas mais naturais e rudimentares, uma procissão das hipóteses, para falar como na filosofia alexandrina. A ordem familiar, em sua forma pura, é abolida por uma transcendência. (HOLANDA, 2014, p. 169.)

Assim, existe a problemática, dada a formação do Brasil atual em cima da escravidão, que durou séculos e que influencia, ainda hoje, as relações sociais no país. Quais eram as relações do Brasil-colônia? Na casa-grande, havia o senhor de engenho e a sua família servidos por homens e mulheres pretos escravizados, que também viviam na senzala (a maioria). O que foi feito em termos de políticas públicas após a abolição da escravidão para garantir alguma subsistência aos “escravizados libertos”? Pelo contrário, vê-se mais uma lógica colonial como característica do homem cordial. Nem o Império, em seu fim decadente, tampouco a república, que nasceria um ano depois da abolição, foi capaz de pensar os males

públicos – o privado era a vida de quem detinha o poder econômico – que acarretariam milhares de homens, mulheres e crianças pretos e pretas soltos a própria sorte (SANTOS, 2022). Não pensaram por qual motivo: incompetência ou não quiseram? Pela ideia do homem cordial, não quiseram, para se manter numa hierarquia socioeconômica e usando o racismo para justificar todo o mal enfrentado pelo povo preto sem se preocupar ou se culpar com aquilo. Na verdade, o que começou a surgir foi o racismo científico baseado na eugenia, que mantinha a ideia de raça e cultura unidas para naturalizar o predomínio branco diante do preto e justificar todos os abusos, expropriações e crimes contra o povo negro por brancos nas maiores cidades ou no interior.

Na zona agrária desenvolveu-se, com a monocultura absorvente, uma sociedade semifeudal – uma minoria de brancos e brancarões dominando patriarcais, polígamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal, não só os criados aos magotes nas senzalas como os lavradores de partido, os agregados, moradores de casas de taipa e de palhas vassalos das casas-grandes em todo o rigor da expressão. (FREYRE, 2006, p. 33).

No início do século passado, a eugenia legitimava a naturalização da condição desumana da população negra, promovendo uma hierarquia social ao achar indissociável as noções de raça e cultura. Na década de 1930, Gilberto Freyre⁵³ começa a questionar essa realidade vista no Brasil, após estudar nos EUA com o professor Franz Boas⁵⁴. Com os ensinamentos do antropólogo, Freyre inicia uma mudança no próprio pensamento, reconhecendo alguns erros seus do passado por não conseguir enxergar a realidade negra no Brasil pela ideia da naturalização eugenista (FREYRE, 2006). É com Boas que Freyre põe o “negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural” (FREYRE, p. 32). O autor brasileiro afirma que “aprendi a considerar *fundamental* (grifo meu) a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio” (FREYRE, p. 32). Ele conclui o novo pensamento ao dizer que a casa-grande e senzala possui o “critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura” (FREYRE, p. 32) e “também no da diferenciação entre hereditariedade e de raça e hereditariedade de família” (FREYRE, p. 32).

Além de reconhecer que as relações que se davam na casa-grande e na senzala não eram naturais da condição humana, as ideias de Gilberto Freyre inserem-se num contexto de

⁵³ Gilberto Freyre (1890- 1987) foi um importante escritor brasileiro, dedicou-se à ensaística da interpretação do Brasil sob ângulos da sociologia, antropologia e história. Foi também autor de ficção, jornalista, poeta e pintor. É considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX. Freyre é criticado por ter defendido o mito da democracia racial no Brasil.

⁵⁴ Franz Boas (1858-1942) foi um antropólogo teuto-americano, um dos pioneiros da antropologia moderna que tem sido chamado de "Pai da Antropologia Americana".

valorização da cultura brasileira, também dentro do modernismo, como as raízes negras e indígenas do Brasil, começando a inverter a lógica de que a miscigenação seria a condição real do “atraso do país”. Freyre escreve “Football mulato”⁵⁵ durante a Copa do Mundo de 1938 para valorizar a importância de jogadores negros naquele mundial (RESENDE, 2021), como Leônidas da Silva e Domingos da Guia (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1938). Ou seja, Freyre define a miscigenação brasileira como algo positivo, não como fruto do atraso do país, como pregava a eugenia. É um pensamento que não acaba com os ideais eugenistas, mas que passa a fazer frente às ideias racistas. Por que é importante dizer isso? Porque com a transgressão de Gilberto Freyre, embora tenha a problemática do mito racial apontada por Lélia Gonzalez⁵⁶, podemos enxergar o país de uma outra forma que não pelo olhar único e exclusivo de quem está acima da pirâmide social, ou do dominador, como diria Gonzalez, o que veremos mais à frente. Se existe o dominador, há o dominado.

A partir dessa dualidade, surgem os conflitos sociais que nos permitem entrelaçar o público e o privado ignorados pelo homem cordial, de Holanda, e as noções de hierarquia social de Roberto DaMatta (1997) em “Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil”. Nele, DaMatta vai afirmar que o uso da expressão “Você sabe com quem está falando?” não é orgulho para ninguém pela carga antipática e pernóstica que possui, ficando escondido de nossa imagem como um jeito indesejado do brasileiro, confrontando com as associações espontâneas de nossa cultura, como o carnaval, o futebol, a praia e o samba. E em que situações essa expressão poderia ser usada? O autor dá diversos exemplos, seja por quem tem o privilégio do poder, econômico, político ou social, ou quem trabalha para quem tem esse privilégio, encarnando-se na figura do patrão. Pode ser numa briga de trânsito, numa fila quando alguém deseja passar a sua frente etc. Enquanto a generosidade e a receptividade do brasileiro frente aos gringos, por exemplo, são vistas como forma de defesa no convívio social por Holanda, a expressão “Você sabe com quem está falando” representa, para DaMatta, um indivíduo que deseja demonstrar sua importância ou posição social, refletindo o “cada macaco no seu galho” e o “não mexe comigo, pois tenho o que ou quem faça por mim”. Quem se sente no direito de usar tal expressão numa situação de conflito nada mais é do que o legítimo representante do homem

⁵⁵ A Copa do Mundo de 1938, disputada na França, foi na qual o Brasil obteve o melhor resultado (terceiro lugar) até então, após participações modestas em 1930 e 1934. Os dois grandes nomes brasileiros no torneio foram Domingos da Guia e Leônidas da Silva, que se tornou o primeiro grande ídolo do futebol nacional e nome de chocolate (Diamante Negro).

⁵⁶ Lélia Gonzalez critica a ideia de miscigenação por ela ser fruto da exploração portuguesa/europeia da mulher negra. Além disso, Gilberto Freyre não tensiona as explorações, opressões ou violências sofridas por negros e índios pelos brancos como um fator constituinte da formação social brasileira.

cordial de Holanda, impondo-se (a si mesmo) acima da lei (Estado), e marcando uma “separação radical e autoritária de duas posições sociais real ou teoricamente diferenciadas” (DAMATTA, 1997, p. 181) dentro de uma lógica de poder estabelecida historicamente. A extrema-direita não funda a ideia de hierarquia social, mas a reforça e a aproveita para justificar tomadas de decisões. Por mais que não tenha fundado a hierarquia social, o fascismo sustenta que a “natureza impõe hierarquias de poder e dominância que contrariam categoricamente a igualdade de respeito pressuposta pela teoria democrática liberal” (STANLEY, 2019, p. 85). Dessa maneira, o “princípio da igualdade é uma negação da lei natural, que estabelece tradições mais poderosas sobre outras. A lei natural supostamente coloca homens acima de mulheres, e membros da nação escolhida do fascista acima de outros grupos” (STANLEY, 2019, p. 86). Ou seja, a extrema-direita naturaliza desigualdades sociais e raciais e, conseqüentemente, explorações de grupos sobre outros.

Além disso, Roberto DaMatta (1997) afirma que a sociedade brasileira é avessa ao conflito, justamente pelo contexto da expressão ser uma característica indesejada e passível de ser escondida da cultura brasileira. Apesar de ser generalista, porque há diversos conflitos sociais importantes na história do Brasil⁵⁷, podemos aproveitar a ideia de aversão ao conflito de DaMatta para exemplificar o conservadorismo da elite brasileira, que apoiou Jair Bolsonaro⁵⁸. O bolsonarismo se levanta diante de avanços sociais conquistados por outros, aqueles que buscam o conflito para obterem seus direitos constitucionais negados por uma elite que não quer perder privilégios e exclusivismos. Se a elite brasileira ligada à extrema-direita nacional é avessa ao conflito por sempre ter comandado as esferas de poder no país, significa que essa parcela da sociedade foi avessa a mudanças sociais conquistadas nos governos do PT e incapaz de renunciar aos próprios privilégios sociais, seja o de ter maiores oportunidades em concursos públicos por ter mais acesso à educação de qualidade, ou simplesmente evitar o convívio com outras classes sociais e raças dentro de um aeroporto⁵⁹. Aqui, podemos iniciar a explicação como o bolsonarismo faz uso da mistura entre público e privado numa tentativa de se estabelecer com totalidade na sociedade brasileira ou garantir os interesses de determinada parcela da nação. Tanto o professor e cientista política João Cezar

⁵⁷ SÓ HISTÓRIA: Revoltas, Guerras, conflitos e movimentos sociais no Brasil. Disponível em: > <https://www.sohistoria.com.br/ef2/revoltas/> <. Acesso em: 09 jan. 2024.

⁵⁸ FOLHA DE S.PAULO: Limitar o bolsonarismo a fenômeno 'de baixo para cima' ofusca ação de elites. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/03/limitar-o-bolsonarismo-a-fenomeno-de-baixo-para-cima-ofusca-acao-de-elites.shtml> <. Acesso em: 02 dez. 2024.

⁵⁹ O GLOBO: “Guedes diz que dólar alto é bom: ‘empregada doméstica estava indo para Disney, uma festa danada’”. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365> <. Acesso em 18 jul. 2023.

de Castro Rocha⁶⁰ quanto a jornalista Juliana dal Piva tratam o enriquecimento de Jair Bolsonaro e de sua família por meio da política por meio da apropriação do dinheiro público, recolhendo parte do salário de seus funcionários, prática conhecida como rachadinha⁶¹. O ministro da Economia de Bolsonaro, Paulo Guedes, falava sem pudor que “empregada doméstica estava indo para Disney, uma festa danada” para dizer que o dólar alto é bom⁶². A despeito da questão cambial na economia brasileira, o então guru⁶³ do bolsonarismo ataca a classe trabalhadora com o perfil feminino, negro e de baixa escolaridade, seguindo uma herança escravocrata⁶⁴. Em forma de defesa diante das críticas, o bolsonarismo usa as domésticas como escudo. O ultraliberal Guedes, representado pela elite econômica do Brasil, vê problemas no acesso a viagens internacionais por parte de trabalhadores e trabalhadoras pobres. Como Estado democrático (RIBEIRO, 1986), o Brasil tem que promover acesso a todos de forma igualitária. Aí está um dos pontos da mistura entre público e privado do governo bolsonarista, que não foi eleito para promover o melhor para si ou para alguns, mas para toda a população. Entre elas, as domésticas. Uma lógica autoritária, por meio do governo bolsonarista, contra a liberdade individual de determinada classe, esboçando nova característica fascista. Os grupos que participaram da escalada do golpe parlamentar contra Dilma Rousseff em 2016, como vimos no tópico anterior, se sentiam muito bem representados por ideias como essa do bolsonarismo no poder.

Jair Renan Bolsonaro, um dos filhos de Jair Bolsonaro, se envolveu em relações suspeitas com o governo. Apesar de ser filho do então presidente, Jair Renan é um cidadão como qualquer outro e, por isso, não deve se beneficiar de quaisquer trabalhos de empresas que fechem contratos com o governo federal. Uma produtora de conteúdo digital atuou de graça para o filho de Bolsonaro após receber R\$ 1,4 milhão, caracterizando vantagem indevida e chamando a atenção da Polícia Federal, que intimou Jair Renan⁶⁵. O fato foi

⁶⁰ ICL: Professor João Cezar Castro Rocha explica o sistema metódico de apropriação do dinheiro público. Disponível em: > <https://www.youtube.com/watch?v=p8BZsJF6nao> <. Acesso em: 24 jan. 2024.

⁶¹ Ver: DAL PIVA, Juliana. O Negócio do Jair: A história proibida do clã Bolsonaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

⁶² O GLOBO: “Guedes diz que dólar alto é bom: ‘empregada doméstica estava indo para Disney, uma festa danada’”. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365> <. Acesso em 18 jul. 2023.

⁶³ Responsável pelas ideias econômicas de caráter neoliberal do bolsonarismo, Paulo Guedes foi assim denominado pela imprensa.

⁶⁴ AGÊNCIA BRASIL: Mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas no país. Maioria recebe menos que um salário mínimo e não tem carteira assinada. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/mulheres-negras-sao-65-das-trabalhadoras-domesticas-no-pais> >. Acesso em: 18 jul. 2023.

⁶⁵ O GLOBO: Jair Renan Bolsonaro é intimado para prestar depoimento à PF sobre suspeita de vantagem indevida de empresário. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/politica/jair-renan-bolsonaro-intimado-para->

constantemente noticiado pela imprensa. Uma nova prática da mistura entre público e privado. Nem é necessário destrinchar os motivos que levariam Jair Renan a pagar do próprio bolso qualquer contrato que fosse para serviços pessoais (privado) sem se aproveitar do dinheiro do contribuinte brasileiro (público). Oito meses após deixar o cargo máximo do país, em agosto de 2023, o ex-presidente Jair Bolsonaro fez um pedido a Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo e seu aliado, para que indicasse Marta Seillier para cargo do governo paulista nos Estados Unidos. Indicações políticas são comuns e legítimas numa democracia. Porém Seillier está além de uma simples indicação política, pois ela é mãe de uma das quatro netas de Bolsonaro, filha de Carlos, vereador no Rio de Janeiro⁶⁶. Embora possa não haver laços sanguíneos, configura-se proximidade a ponto de a imprensa especular sobre nepotismo. Afinal, o autor desta dissertação não poderia indicar a própria mãe para avaliá-lo numa banca acadêmica. Mesmo que ela fosse altamente gabaritada, não seria uma escolha ética e moral. Há outros casos de nepotismo investigados pela justiça e pela imprensa que fazem parte do escândalo das rachadinhas, no qual Bolsonaro e filhos nomeavam parentes e demais funcionários nos gabinetes e ficavam com parte dos salários para si. Tanto os atos de Bolsonaro e Guedes, pertencentes ao governo, como de Jair Renan, filho do então presidente, são características do homem cordial na lógica de quem detém o poder: quer o Estado para si, por mais que ultrapasse a questão legal ao ativar, num momento de conflito, a expressão “Você sabe com quem está falando?”. Quer manter tudo do jeito que está, sem muitas mudanças para não perturbar a ordem.

Parte da população sente-se representada e age da mesma maneira, seguindo uma herança do “Você sabe com quem está falando?” de DaMatta. Em 2020, com quatro meses de pandemia, um casal usou da mesma estratégia para se diferenciar socialmente de um fiscal que trabalhava para manter as regras de higiene e distanciamento social a fim de evitar contaminações de Covid-19, que causou mais de 700 mil mortes no país. Ao chamar o rapaz abordado de “cidadão”, o fiscal recebeu de volta da companheira uma frase similar ao sentido de “Você sabe com quem está falando?!”: “Cidadão não, engenheiro civil, melhor que você”.⁶⁷ O fiscal, que exercia o trabalho dele, não poderia cobrar do engenheiro que, na visão do casal, estaria hierarquicamente acima de um “mero funcionário público”. O caso ocorreu

[prestar-depoimento-pf-sobre-suspeita-de-vantagem-indevida-de-empresario-25319400](#) <. Acesso em: 18 jul. 2023.

⁶⁶ FOLHA DE S. PAULO: Bolsonaro pede a Tarcísio cargo nos EUA para mãe de neta. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/08/bolsonaro-pede-a-tarcisio-cargo-nos-eua-para-mae-de-sua-neta.shtml> <. Acesso em: 01 ago. 2023.

⁶⁷ EM: “Cidadão não, engenheiro civil, formado, melhor que você”, fiscal é intimidado por casal no Rio. Ver: Disponível em: < https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/07/06/interna_nacional,1163035/cidadao-nao-engenheiro-civil-melhor-que-voce-fiscal-e-intimidado.shtml >. Acesso em: 18 jul. 2023.

no Leblon, na zona sul do Rio de Janeiro. A hierarquia social de DaMatta (1997) se estabelece como uma das características da extrema-direita (ECO, 2018) aproveitada pelo bolsonarismo, ou seja, uma hierarquização do bolsonarismo que dialoga com a cultura autoritária brasileira. O casal não queria ser importunado, apesar da crescente pandemia, que foi constantemente negada por Bolsonaro e apoiadores.

Em outubro de 2022, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) venceu Jair Bolsonaro nas eleições e conquistou democraticamente o direito de governar o país pela terceira vez. Desde o fim do segundo turno, o bolsonarismo realizou uma série de atos antidemocráticos que não reconheciam a vitória de Lula e pediam intervenção militar. Isso tudo foi incentivado por Jair Bolsonaro que, após perder democraticamente, nem sequer parabenizou Lula em discurso curto de dois minutos que foi a público depois de 44 horas do fim do pleito⁶⁸. Além disso, o país viveu bloqueios de estradas e acampamentos na frente de quartéis por bolsonaristas pedindo golpe militar⁶⁹ em discursos autoritários contra instâncias superiores do judiciário e a urna eletrônica. Um dos filhos de Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, questionou o sistema eletrônico de votação brasileiro após a derrota do pai no segundo turno, com um suposto estudo argentino que comprovaria a fraude eleitoral nas eleições presidenciais do Brasil⁷⁰. Curioso notar que a fala foi apenas contra as eleições presidenciais, porque não houve discurso bolsonarista contra o sistema eleitoral que elegeu os deputados, senadores e governadores bolsonaristas. O grupo do suposto estudo argentino é ligado a Javier Milei, político de extrema-direita que ganhou as eleições presidenciais argentinas no fim de 2023⁷¹.

Todo o cenário golpista pautado pelo bolsonarismo desde a ascensão de Bolsonaro até a derrota nas eleições de 2022 culminou no maior golpe autoritário à democracia desde a última ditadura militar brasileira. Em oito de janeiro de 2023, cerca de quatro mil eleitores de Jair Bolsonaro, convocados via rede sociais, rumaram para Brasília e realizaram um ataque sem precedentes na história da república. Vestidos de verde e amarelo, os criminosos depredaram a sede dos poderes constituídos e que, de certa forma, freavam o golpismo de

⁶⁸ TV CULTURA: Sem citar Lula, Bolsonaro faz discurso de dois minutos e não reconhece vitória do petista. Disponível em: > https://cultura.uol.com.br/eleicoes/noticias/2022/11/01/636_sem-citar-lula-bolsonaro-faz-discurso-de-dois-minutos-e-nao-reconhece-vitoria-do-petista.html <. Acesso em: 02 jan. 2024.

⁶⁹ METRÓPOLES: Há 1 ano, bolsonaristas inconformados paravam BRs e buscavam quartéis. Disponível em: > <https://www.metropoles.com/brasil/ha-1-ano-bolsonaristas-inconformados-paravam-brs-e-buscavam-quarteis> <. Acesso em 02 dez. 2024.

⁷⁰ A PÚBLICA: Campanha de Eduardo Bolsonaro pagou funcionário de argentino que mentiu sobre urnas. Disponível em: > <https://apublica.org/2023/07/campanha-de-eduardo-bolsonaro-pagou-funcionario-de-argentino-que-mentiu-sobre-urnas/> <. Acesso em: 02 dez. 2024.

⁷¹ CONGRESSO EM FOCO: Javier Milei, da extrema-direita, é o novo presidente da Argentina. Disponível em: > <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/mundo-cat/javier-milei-da-extrema-direita-e-o-novo-presidente-da-argentina-reconhece-massa/> <. Acesso em: 02 dez. 2024.

Bolsonaro. O Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal foram destruídos por aqueles que não aceitavam a derrota do bolsonarismo nas ruas e a volta de Lula à presidência. A tentativa frustrada de golpe gerou uma série de investigações para prender os vândalos e financiadores da ida de bolsonaristas de diversas cidades do país a Brasília⁷². Uma amostra de como a extrema-direita subverte a democracia para fazer valer os seus interesses contra o que representa Lula e os avanços sociais promovidos pelo PT nas últimas duas décadas. A extrema-direita fez o mesmo nos EUA, com a invasão e destruição do Capitólio, sede do congresso estadunidense⁷³, em protesto contra a vitória de Joe Biden, adversário de Donald Trump nas eleições presidenciais de janeiro de 2021. Uma característica que se mostra comum à extrema-direita na tentativa de fragilizar a democracia e cooptá-la.

No poder, Jair Bolsonaro governava apenas para o conhecido “cidadão de bem”⁷⁴, os que são seus apoiadores. Ganhar apoio de outros grupos que não os da sua base significaria o sucesso do projeto autoritário bolsonarista, que foi interrompido pela pandemia em março de 2020, quando o plano em busca do autoritarismo, com o desmonte das instituições democráticas, ainda estaria em sua fase inicial (NOBRE, 2022). Toda a ineficiência proposital ou não do governo Bolsonaro diante de uma gravidade sanitária global causou um baque nas pretensões bolsonaristas. Marcos Nobre (2022) examina o “parasitismo político” que impede a governança, característica dos movimentos autoritários da década de 2010 que dialoga com o caráter antissistema. Nobre diz que “a tática antissistema de Bolsonaro se beneficia do fato de que o ‘sistema’ continua a funcionar, ao mesmo tempo que se beneficia de atacar esse ‘sistema’ como origem de todos os males” (NOBRE, 2022, p. 178). Com essa maneira de governar, o bolsonarismo divide a oposição entre sistema e antissistema com o objetivo de corroer as instituições democráticas, cultivando o caos institucional em nome da “ordem”, agindo de maneira anti-institucionalista com os ataques recorrentes às instituições.

A confusão entre o público e o privado acontece para benefício próprio, como foi no caso das joias recebidas enquanto chefe do governo brasileiro, mas que queria ficar para si

⁷² BRASIL DE FATO: Ministros do STF confirmam que mais 250 golpistas bolsonaristas se tornarão réus na Justiça. Disponível em: > <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/07/ministros-do-stf-confirmam-que-mais-250-golpistas-bolsonaristas-se-tornarao-reus-na-justica> <. Acesso em: 02 dez. 2024.

⁷³ G1: Apoiadores de Trump invadem Congresso dos EUA. Disponível em: > <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/06/manifestantes-pro-trump-invadem-congresso-americano.ghtml> <. Acesso em: 02 jan. 2024.

⁷⁴ LE MONDE DIPLOMATIQUE: A biopolítica do bolsonarismo e a ideologia do “cidadão de bem”. Disponível em: > <https://diplomatie.org.br/a-biopolitica-do-bolsonarismo-e-a-ideologia-do-cidadao-de-bem/> <. Acesso em: 09 jan. 2024.

pelo alto valor dos presentes de autoridades estrangeiras⁷⁵. Compreender essa perspectiva bolsonarista mostra-se necessário para entender os anseios da parcela da população que se sente representada pelo autoritarismo bolsonaristas, demonstrando ser capaz de tudo para que seus “direitos” venham primeiro que o de terceiros. Anseiam a sociedade brasileira sob a extrema lógica escravocrata na qual o capital prevalece sobre a força de trabalho (MASCARO, 2013) com o controle das esferas públicas nas mais diversas áreas. Ter essa noção permite-nos alcançar o objetivo de preparar as bases para a discussão principal deste trabalho: o sequestro da Canarinho pela extrema-direita brasileira e o uso do futebol para obter vantagens políticas. Entender a ascensão do bolsonarismo e o funcionamento desse fascismo à brasileira são importantes para analisarmos como Jair Bolsonaro buscou se apropriar do futebol e dos símbolos nacionais, especialmente a camisa da seleção brasileira.

2.2 Os corpos ameaçados pela guerra cultural bolsonarista

Os conflitos entre classes, como do engenheiro e do fiscal também nos ajudam a entender quais corpos têm direito, principalmente, aos espaços urbanos no contexto do bolsonarismo. Em sociedades mergulhadas na lógica do consumo, o convívio social hierarquizado nos apresenta contrastes e tensões sociais. Canclini afirma que “as cidades não são apenas um fenômeno físico [...], mas também lugares onde ocorrem fenômenos expressivos que entram em tensão com a racionalização, com as pretensões de racionalizar a vida social” (CANCLINI, 2005), avançando sobre a ideia de Castells (2011) de que cidade seria apenas uma dimensão geográfica com uma alta densidade de pessoas compartilhando esse espaço. Nesse compartilhamento, surgem os conflitos. Como disseram Vieira e Siqueira (2021), “temas como medo, violência, estresse, poluição, velocidade e excesso de informações nas grandes cidades aparecem em narrativas midiáticas em que pessoas procuram refúgios para as angústias do cotidiano” (VEIRA e SIQUEIRA, 2021, p. 6).

A mídia torna-se numa fábrica de imaginários sobre a cidade urbana na qual está inserida. Como detalhou Durand⁷⁶, “o imaginário nunca é algo dado, absoluto ou externo ao indivíduo, mas uma construção que compreende os ritos sociais e o sentimento de si dos sujeitos, em um eterno devir” (DURAND, 1998, apud VIEIRA E SIQUEIRA, 2021). Ou seja, a mídia ajuda a criar, a reforçar ou a modificar imaginários de cidade e de um país,

⁷⁵ G1: Jair Bolsonaro e as joias: entenda o caso que levará ex-presidente, Michelle e mais 6 pessoas a depor na PF. Disponível em: > <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/31/jair-bolsonaro-e-as-joias-entenda-o-caso-que-levara-ex-presidente-michelle-e-mais-6-pessoas-a-depor-na-pf.ghtml> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

⁷⁶ Gilbert Durand foi um antropólogo, filósofo, pesquisador e professor universitário francês reconhecido por trabalhos sobre imaginário e mitologia.

principalmente se for cooptada pela manipulação fascista. Deste modo, imprensa cria imaginários sobre vilões, na cultura do medo e da violência, emergindo conflitos entre classes sociais, grupos políticos, ideológicos etc. (VIEIRA e SIQUEIRA, 2021).

Imerso na cultura do medo e da violência promovidos pelo jornalismo, por exemplo, o indivíduo contemporâneo passa a viver de forma reclusa, “escondendo-se” em áreas residenciais cada vez mais fechadas e protegidas com muros, telas, grades, câmeras. Leticia Matheus (2011) realizou estudo sobre como as narrativas de veículos jornalísticos criam e reproduzem um certo “medo midiático” por meio da representação da violência urbana com o artifício de contrastes bem definidos como característica de uma abordagem sensacional, tal como centro e periferia. A partir dessa ideia, entendemos que esse discurso midiático visa a reforçar, por exemplo, a luta de classes ao ativar o pânico moral de uma classe contra outra (MOSTARO e MOSTARO, 2019). A representação da violência pelo jornalismo estigmatiza determinados grupos da sociedade como os que representam perigo ao cenário urbano contra uma outra parcela que precisa ser defendida. Os grupos sociais que almejam se defender contra os problemas urbanos, entre eles a violência, consomem a cidade a partir dessa visão do medo. Vieira e Siqueira analisam que esse movimento de defesa significa a “negação da cidade real em direção à cidade ideal, onde a promessa de segurança e de diminuição dos conflitos influenciam o consumo e os usos da cidade” (VIEIRA e SIQUEIRA, 2021, p. 7). É a ideia do cidadão dentro de seus espaços superprotegidos (cidade ideal) das incertezas da rua (cidade real), do perigo. É a mercantilização do medo na vida urbana, a segurança como consumo. Daí, surgem os condomínios luxuosos⁷⁷ ou até mesmo os que atendem à classe média⁷⁸, os shoppings, casa de festas exclusivas. Tudo na tentativa de manter a segurança, sem possibilidades de surpresas. No entanto, não são todos que têm acesso ao escape dos conflitos de uma metrópole, porque para o indivíduo ter esse tipo de privilégio é necessário ter dinheiro. Uma vez que os 10% mais ricos no Brasil ganham quase 59% da renda nacional total⁷⁹, é uma minoria que tem acesso a essas fugas.

⁷⁷ Ver: FREITAS, Ricardo Ferreira ; NACIF, Rafael. Sobre condomínios fechados: as fronteiras do lazer nos espaços contemporâneos. In: Nízia Villaça; Fred Góes. (Org.). Nas fronteiras do contemporâneo. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, v. , p. 54-65.

⁷⁸ VEJA: A vida nos condomínios superexclusivos, onde o boom de moradores faz preço do metro quadrado superar o de bairros como os Jardins. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/capa-fazenda-boa-vista-condominios-luxo/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

⁷⁹ BBC Brasil: 4 dados que mostram por que Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, segundo relatório. Disponível em: > <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59557761#:~:text=As%20desigualdades%20patrimoniais%20s%C3%A3o%20ainda,financeiros%2C%20como%20propriedades%20imobili%C3%A1rias> <. Acesso em: 27 nov. 2022.

O bolsonarismo sabe usufruir do pânico moral e do medo em sociedade para infectar o debate público. Em 2016, em publicação no Facebook, o guru ideológico do bolsonarismo Olavo de Carvalho já escrevia a ideia de ocasionar o medo em sociedade invocando os “comunistas” que teriam tomado o Brasil⁸⁰ das mãos dos “cidadãos de bem”. Aqui, vemos ativado o que discutimos a respeito do passado mítico idealizado pela extrema-direita, quando os “comunistas” não detinham o poder da nação. Segundo ele, os “comunistas” teriam tomado primeiro diversos poderes da sociedade brasileira antes mesmo de “tomar” a república, como as universidades (o anti-intelectualismo presente), os sindicatos, a mídia, o judiciário e até a igreja católica, além de outros. Tudo que haveria de errado no Brasil poderia ser explicado pelo domínio “comunista”, criando bases para um governo longo e autoritário de Jair Bolsonaro, uma vez que não bastaria ganhar apenas as eleições presidenciais, teria de haver um projeto de poder para expurgar os “comunistas” de todos os pontos da esfera pública. Isso ajuda a explicar o maniqueísmo bolsonarista em se apresentar como antissistema contra o sistema (NOBRE, 2023). Diversos posicionamentos políticos bolsonaristas seguiram o caminho do pânico moral, como o combate a uma possível “ideologia de gênero”, que se resume à atuação contra os direitos sexuais de mulheres e da população LGBTQIAPN+, sob a ótica de ataques à integridade de crianças e adolescentes em escolas para transformá-las em tudo aquilo que não se encaixa na heteronormatividade masculina. O que pode ser identificado no discurso moralista do bolsonarismo a respeito de “kit gay”⁸¹ e “mamadeira de piroca”⁸². Segundo o bolsonarismo, seriam criações da esquerda para difamar moralmente a sociedade brasileira, usando uma possível ingenuidade infantil para convencer a população do perigo que os “comunistas” representam. A pauta moral proposta por bolsonaristas⁸³ ganhou o reforço de religiosos, católicos, neopentecostais e as pessoas que se interessam por razões éticas/morais que não necessariamente são da sociedade civil, mas que podem estar em instituições ou mesmo no governo, como assinala Miskolci e Campana (2017). As igrejas agem com o discurso apocalíptico como uma das táticas de promoção desse pânico moral.

Outra atuação bolsonarista com o pânico moral é por meio do armamentismo e da criminalização da pobreza. Nos quatro anos de mandato, o governo Bolsonaro liberou 619

⁸⁰ Disponível em: > <https://encurtador.com.br/GQU06> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

⁸¹ BRASIL DE FATO: Livro popularizado pela *fake news* de Bolsonaro sobre "kit gay" faz 20 anos. Disponível em: > <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/livro-popularizado-pela-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay-faz-20-anos> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

⁸² PIAUÍ: Da mamadeira de piroca a banheiro unissex. Disponível em: > <https://piaui.folha.uol.com.br/eleicoes-2022/da-mamadeira-de-piroca-ao-banheiro-unissex/> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

⁸³ FOLHA DE S.PAULO: Lula veta trecho da LDO que proibia gasto com ações 'tendentes a desconstruir o conceito de família'. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/01/lula-veta-trecho-da-ldo-que-proibia-gasto-com-acoes-tendentes-a-desconstruir-o-conceito-de-familia.shtml> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

novas armas em média e concedeu 904 mil novos registros de armas à população, provocados pelo incentivo do então presidente de alimentar a violência política⁸⁴, o que gerou, consequentemente, uma explosão no esquema criminoso do fornecimento de armas⁸⁵. Na contrariedade aos lugares exclusivos de condomínios fechados e superequipados em termos de segurança, estão as favelas e os subúrbios no contexto brasileiro. Quem vive nesses espaços? Retomamos o tema com Lélia Gonzalez, que pede para “que se atente para os hospícios, as prisões e as favelas como lugares privilegiados da culpabilidade através da chamada ação policial” (GONZALEZ, 2020, p. 93). Isto é, são nesses espaços de exclusão social, de afastamento que estão as pessoas indesejadas da sociedade, as chamadas por Bauman (2004) de refugo humano. Gonzalez responsabiliza a ação policial, tão defendida pelo bolsonarismo, pois é ela a responsável por reprimir os excluídos socialmente que vivem nas favelas do Rio de Janeiro, por exemplo. Diversas operações policiais em projetos como “Cidade Integrada”⁸⁶, encampada por Cláudio Castro, governador do Rio do espectro bolsonarista. O “Cidade Integrada” não atua de acordo com o seu nome, mas, sim, faz uma carnificina com a matança de pretos e pobres⁸⁷. Como bem disse Ynaê Lopes dos Santos, “a violência policial desmedida e endereçada à população negra se tornou uma política pública que não causa nenhum tipo de comoção efetiva para além dos grupos que têm seus direitos constantemente violados” (SANTOS, 2022, p. 269). As famílias destruídas pelas ações policiais aparecem em programas de TV lamentando a perda de um ente, há uma breve comoção e, depois, os casos são esquecidos até surgirem outros fatos parecidos, enquanto a polícia, parte da sociedade e o governo tentam criminalizar as vítimas como bandidas, a fim de justificar os direitos daquela família violada.

Como a produção da desigualdade de classe desde o berço é reprimida tanto consciente quanto inconscientemente, é o estereótipo do negro, facilmente reconhecível, que identifica o de modo fácil o inimigo a ser abatido e explorado. O “perigo negro” usado como senha para massacrar indefesos e quilombolas durante séculos é continuado por outros meios no massacre aberto, e hoje aplaudido sem pejo, de pobres e negros em favelas e presídios (SOUZA, 2019, p. 88).

⁸⁴ G1: Governo Bolsonaro liberou em média 619 novas armas por dia para CACs; 47% dos registros foram em 2022. Disponível em: > <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/19/governo-bolsonaro-liberou-em-media-619-novas-armas-por-dia-para-cacs-47percent-dos-registros-foram-em-2022.ghtml> <. Acesso em: 04 jan. 2024.

⁸⁵ O GLOBO: Exclusivo: armas compradas legalmente vão parar nas mãos de criminosos, aponta levantamento. Disponível em: > <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/02/13/exclusivo-armas-compradas-legalmente-vao-parar-nas-maos-de-criminosos-aponta-levantamento.ghtml> <. Acesso em: 04 jan. 2024.

⁸⁶ Similar às Unidades de Polícia Pacificadora de Sergio Cabral. Projeto iniciou em 2008, no Santa Marta, em Botafogo e não obteve sucesso na “pacificação” do Rio de Janeiro..

⁸⁷ CNN BRASIL: Governador do Rio chama vítimas de chacina do Jacarezinho de “vagabundos”. Disponível em: > <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/governador-do-rio-chama-vitimas-de-chacina-do-jacarezinho-de-vagabundos/> <. Acesso em: 29 jul. 2023.

A extrema-direita mundial busca interditar o debate público com frequente uso de linguagem ameaçadora. Donald Trump e Boris Johnson, por exemplo, já chamaram diversas vezes oponentes de “falsos” ou “idiotas” e “traidores”, respectivamente. O discurso da mídia hegemônica segue essa tendência (KRZYZANOWSKI, 2020), contribuindo com a normalização de uma abordagem ofensiva e ameaçadora com a estigmatização de determinados grupos sociais e setores da sociedade, em sua maioria vítimas da atuação fascista. No caso da violência policial contra a população preta no Brasil, não existe o interesse social de atacar o problema, pois a todo instante essas histórias voltam à tona, como um círculo vicioso. A extrema-direita beneficia-se desse discurso do nós contra eles, porque, se houver a resolução do problema da violência policial, acaba um dos tentáculos fascistas. Doutora em História Social, definiu que “é na ponta do fuzil que o racismo ganha contornos escandalosamente violentos” (SANTOS, 2022, p. 269). Impossível não lembrar de Wilson Witzel, governador cassado do Rio de Janeiro que se elegeu em 2018 na onda bolsonarista. Logo após vencer as eleições, Witzel afirmou que a polícia deveria fazer o correto ao mirar na cabeça de “bandidos” e atirar nas incursões nas favelas⁸⁸. Com o belicismo e a violência como política de Estado, no primeiro ano de mandato, Wilson Witzel espetacularizou e comemorou como um gol o fim de um sequestro na Ponte Rio-Niterói que terminou com uma morte⁸⁹. No meio do fogo cruzado, há todo o ecossistema do bairro: moradores, comércio, escolas. Pessoas vivendo sob o risco de morte e sob a promoção do medo. Cinco pessoas negras morreram por dia em ações policiais em 2021 no Brasil. Só na cidade do Rio de Janeiro, foram 437 mortes, com 86,5% das vítimas negras ou pardas⁹⁰. Isso é um problema histórico brasileiro, reforçado no discurso e nas ações bolsonaristas. Em 2023, num período de cinco dias, aconteceram 45 mortes por operações policiais⁹¹. Urge a necessidade de uma maior discussão sobre segurança pública no Brasil que afeta apenas determinados corpos da sociedade brasileira.

⁸⁸ UOL: 'A polícia vai mirar na cabecinha e... fogo', afirma Wilson Witzel. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2018/11/01/a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo-afirma-wilson-witzel.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

⁸⁹ UOL: Rio festeja a morte como se tivesse marcado um gol. Disponível em: > <https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2019/08/20/rio-festeja-a-morte-como-se-tivesse-marcado-um-gol.htm> <. Acesso em: 05 ago. 2023.

⁹⁰ G1: Cinco pessoas negras morreram por dia em ações policiais em 2021 no país; RJ registra o maior número de mortes, diz pesquisa. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/11/17/cinco-pessoas-negras-morreram-por-dia-em-acoes-policiais-em-2021-no-pais-rj-registra-o-maior-numero-de-mortes-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 27 nov. 2022.

⁹¹ O GLOBO: Ações policiais em SP, Rio e BA deixam ao menos 45 mortos em cinco dias. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/brasil/sao-paulo/noticia/2023/08/02/acoes-policiais-em-sp-rio-e-ba-deixam-ao-menos-41-mortos-em-cinco-dias.ghtml> <. Acesso em: 05 ago. 2023.

As possibilidades de ascensão a determinados setores da classe média têm sido praticamente nulas para a maioria da população negra. É certo que, de 1950 para cá, ocorreu o crescimento das classes médias no Brasil. Todavia, em termos relativos, isso significou a deterioração das possibilidades de acesso ao mercado de trabalho para a população negra. Excluída da participação no processo de desenvolvimento (desigual e combinado, não esqueçamos), ficou relegada à condição de massa marginal crescente: desemprego aberto ou não, ocupação “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional (biscates, parênteses meus), ocupação intermitente, trabalho por temporada etc. Ora, tudo isso implica baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação etc. (GONZALEZ, 2020, p. 58).

Podemos afirmar que a extrema-direita se beneficia do racismo nas mais diversas áreas, no mercado de trabalho, nas artes, no lazer e no consumo à cidade, promovendo o exclusivismo à elite econômica. Como os corpos negros são impactados na cidade pela lógica do consumo e da cultura do medo? São excluídos, desalojados, desrespeitados, assassinados. Porque são esses corpos que estão nas favelas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a prévia do Censo-2022 no qual constata que 16,6 milhões de pessoas vivem em favelas no Brasil⁹². Já pesquisa do Instituto Locomotiva, do Data Favela e da Central Única das Favelas (Cufa) apontou que 17,1 milhões de pessoas (8% da população nacional), o que colocaria essa população como o quarto estado mais populoso do país. O estudo, divulgado em 2021, revela que as favelas são majoritariamente um fenômeno urbano, com 89% da população favelada situada em regiões metropolitanas. A população preta nas favelas (67%) é maioria nesses locais e está acima da média nacional (55%)⁹³. Para justificar os massacres nas favelas, o Estado brasileiro usa o imaginário de forma preconceituosa e racista, de que nas favelas estão criminosos, bandidos, produtores de drogas e armas. Durante a campanha das eleições presidenciais de 2022, o candidato Lula foi ao Complexo do Alemão, na zona norte do Rio de Janeiro, conversar com lideranças da favela e marchar junto aos moradores. O bolsonarismo alimentou esse imaginário de que na favela só tem bandido ao afirmar que só havia traficante com Lula, o que não é verdade⁹⁴. Tudo que há de ruim, dentro dessa lógica, é inerente às favelas, onde a pobreza extrema se faz presente com a falta de políticas públicas eficientes, o desemprego⁹⁵, alto índice de evasão escolar pela necessidade

⁹² CNM: IBGE anuncia retorno da utilização do termo favela no censo demográfico. Disponível em: > <https://www.cnm.org.br/comunicacao/noticias/ibge-anuncia-retorno-da-utilizacao-do-termo-favela-no-censo-demografico> <. Acesso em: 23 jan. 2024.

⁹³ CNN BRASIL: Cerca de 8% da população brasileira mora em favelas, diz Instituto Locomotiva. Disponível em: > <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/> <. Acesso em: 27 nov. 2022.

⁹⁴ UOL: Bolsonaro erra nome de favela e diz que evento com Lula só tinha traficante. Disponível em: > <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/16/bolsonaro-diz-que-lula-foi-a-favela-no-rj-e-que-so-tinha-traficante.htm> <. Acesso em 29 jul. 2023.

⁹⁵ FOLHA: Fome e desemprego no Brasil têm cor, apontam pesquisas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/11/fome-e-desemprego-no-brasil-tem-cor-apontam-pesquisas.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2022.

de trabalhar etc. As vítimas dos problemas estruturais no Brasil têm cor, com as noções de raça, classe e sexo interligadas, como diz Gonzalez (2020). Isto é, no Brasil, os corpos negros são os mais afetados historicamente com a fome, o desemprego ou o subemprego e a exclusão em locais que ninguém quer estar ainda como um resquício da escravidão (SANTOS, 2022), pois o estado brasileiro ainda não foi capaz de reparar os danos causados à população preta do país, que é a maioria dos seus cidadãos⁹⁶. Tudo isso foi impulsionado pelo bolsonarismo, que tem o neoliberalismo, o armamentismo e o “combate ao crime” como política de segurança pública. Os corpos afetados conseguem deixar a cidade real para viver na cidade ideal para eles? Isso não é possível pelos problemas estruturais do Brasil, como a falta de habitação adequada, intensificados pela política neoliberal do governo Bolsonaro e a redução de investimento público. O neoliberalismo no governo Bolsonaro se canaliza na atuação do “guru” da economia Paulo Guedes, oriundo da Escola de Chicago, onde surgiu essa vertente econômica que despolitiza a política, individualiza os conflitos sociais (DUNKER, 2023) e modifica as relações sociais. Essas questões estão na base da hipótese depressiva e o sofrimento psíquico de Christian Dunker (2023), cujo fracasso e os sentimentos ruins associados a não alcançar um objetivo não seriam mais um problema que pode surgir da coletividade, mas sim um problema pessoal, transferindo a culpa exclusivamente para o indivíduo. A imputação de responsabilidade exclusiva ao indivíduo gera o sofrimento psíquico daqueles que não se adequam à dinâmica individualista imposta pelo neoliberalismo. O depressivo surge da contestação a esse sistema de auto-observação, de não aceitação desse modelo neoliberal fundamentado no individualismo. Como se nos dissessem: “se você não alcançou, o problema é seu”, emergindo um discurso meritocrático que desconsidera condições sociais, políticas e econômicas que podem atravessar o indivíduo. Dunker diz que o depressivo “não consegue usufruir da gramática da competição de todos contra todos, que tornaria a vida uma espécie de esporte permanente, de viagem contínua ou de teatro de estrelas no qual há um prazer em representar” (DUNKER, 2023, p. 209). Como exemplo, a paralisia do governo Bolsonaro na gestão da pandemia de Covid-19 adotou a transferência de responsabilidades. Há uma contradição, porém. Porque o que vale são os interesses do Estado neoliberal: você não pode individualizar ações se for contra os interesses do Estado neoliberal. Durante a pandemia de Covid-19, Bolsonaro desejava manter o país ativo economicamente. O indivíduo não poderia, portanto, fazer por si e salvar a própria vida numa emergência global. Se o fizesse, seria o responsável pelo colapso econômico do Brasil, como

⁹⁶ IBGE: Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Disponível em: > <https://encurtador.com.br/gksX7> <. Acesso em: 23 jan. 2024.

exemplo fidedigno de transferência de responsabilidades. O neoliberalismo ajuda a justificar a paralisia governamental, afinal, o que o governo pode fazer por você se você é o único responsável pela sua vida? Se você está desempregado, é porque você não é qualificado o suficiente para ingressar no mercado de trabalho. Se você vive em insegurança alimentar sem ter o que colocar na mesa, você é um coitado conformado que não vai atrás de ascensão social. Em nome da meritocracia⁹⁷, a individualização é normalizada para estabelecer a cartilha neoliberal seguida pelo bolsonarismo.

No tema da segurança, um exemplo da violência explorada como política pelo bolsonarismo é a entrega de 500 fuzis à Polícia Civil do Rio de Janeiro financiados por emendas parlamentares de Flávio Bolsonaro, um dos filhos do ex-presidente⁹⁸, em julho de 2023. Não são, por exemplo, 500 livros para uma escola inserida numa favela do Rio de Janeiro, não são emendas destinadas a promover a capacitação de jovens e crianças faveladas. Uma política do nós contra eles, como bem prevê uma das características do fascismo, como já vimos neste primeiro capítulo. Não existe a preocupação de desenvolvimento da favela, que é interpretada apenas como problemática e fábrica de marginal, como já afirmou um ex-governador do Rio de Janeiro⁹⁹.

Quando falamos do preconceito promovido pela extrema-direita, a ideia de nojo¹⁰⁰ também afeta os excluídos socialmente, as pessoas excessivas de Bauman. No livro *Antropologia dos Sentidos*, David Le Breton (2016) detalha como europeus escreveram ao longo da história o nojo do outro pelo odor agindo de forma racista para se colocarem como superiores diante de negros e judeus. Escreveu o antropólogo francês antes de exemplificar a relação de europeus com outras culturas:

Se o outro libera mau odor, ele força o desprezo e justifica no imaginário a violência simbólica ou real da qual é o objeto. O racismo frequentemente sustentou seu ódio ou um sentimento de inferioridade biológica de sua vítima pela evocação convencional de seu odor fétido. Na literatura colonialista e/ou racista, os negros foram correntemente descritos como portadores de um odor característico que acentua, aos narizes de seus detratores, sua proximidade particular com o animal (LE BRETON, 2016, p. 354).

⁹⁷ Ver: SANDEL, Michael J. A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

⁹⁸ O GLOBO: Castro entrega 500 fuzis e agradece a Flávio Bolsonaro por emendas parlamentares. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/07/07/castro-entrega-500-fuzis-e-agradece-a-flavio-bolsonaro-por-emendas-parlamentares.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2023.

⁹⁹ UOL: Memória – Em 2007, Cabral disse que Rocinha é fábrica de marginais. Disponível em: > <https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2013/08/19/memoria-em-2007-cabral-disse-que-rocinha-e-fabrica-de-marginais/> <. Acesso em: 05 ago. 2023.

¹⁰⁰ Ver: RODRIGUES, José Carlos. Higiene e ilusão: o lixo como invento social. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

Le Breton nos mostra como existe uma história do nojo relacionada ao racismo. O nojo como ativo para desumanizar o outro. Neste caso, os povos negros escravizados. Puxando para a atualidade, ao relacionarem o documentário *Estamira* (2004) e os escritos de Carolina Maria de Jesus, Fortuna e Siqueira (2013) descreveram como o nojo é uma forma de exclusão social e como ele também possui significado político, pois age como um meio de demonstrar a inferioridade do seu objeto como forma de manter, criar ou reforçar uma hierarquia social. As autoras afirmam que:

Os que estão em uma escala social “alta” podem crer que as pessoas pertencentes a camadas populares cheiram mal e sentem-se ameaçados por seu suposto poder de contaminar e poluir. Estas, por sua vez, também se sentem enojadas pelas atitudes esnobes das camadas mais abastadas da sociedade. (FORTUNA E SIQUEIRA, 2013, p. 10).

Assim como o imaginário é uma construção sociocultural ligado à história pessoal de cada um, o nojo também possui definição ligada ao seu contexto sociocultural. Em 2018, Jair Bolsonaro reclamou do hálito de um eleitor que havia lhe pedido ajuda. É a caracterização do nojo que a extrema-direita sente do povo¹⁰¹. Embora as autoras considerem que as classes populares sintam nojo da escala social “alta”, percebiam que é uma espécie de nojo diferente, se é que possível afirmar ser um nojo. Enquanto a elite julga que os corpos dos indivíduos das camadas populares cheiram mal e sente-se ameaçada por ser contaminada por algum patógeno, caracterizando o nojo, as camadas populares apenas rejeitam esse sentimento que a elite tem delas que caracterizo como antipatia, ojeriza que não tem relação com uma possível característica referente ao cheiro ruim do corpo de alguém da elite. Não é algo ligado ao corpo de forma naturalizada e desumanizante como pensa a elite sobre os mais pobres. É um ressentimento de um povo que vê o próprio corpo como resistência, quem conhece as próprias dificuldades e que não aceita ser atacado de tal forma por quem lhe julga.

No artigo, Fortuna e Siqueira (2013) analisam como a questão do lixo e do nojo se relacionam com os corpos de *Estamira*, que vive no lixão de Gramacho, na Baixada Fluminense (início dos anos 2000), e Carolina Maria de Jesus, moradora e catadora de lixo na periferia de São Paulo (anos 1950). As duas personagens reais não apresentam qualquer repulsa ao lixo. A situação de pobreza extrema não dá escolhas a elas, são empurradas a isso. Na cidade partida, é uma forma de resistência delas estarem na condição de catadoras de lixo, pois só quem vive do lixo passa por essa situação: é isso ou morre de fome. *Estamira* chega a aproveitar o molho de um vidro de palmito vencido para cozinhar macarrão. São dois corpos femininos negligenciados que não têm o direito de sentir nojo, que causa repulsa e asco em

¹⁰¹ REDE TVT: Bolsonaro reclama de bafo de eleitor que lhe pedia ajuda. Disponível em: > <https://www.youtube.com/watch?v=PRqISXfX3Zs> <. Acesso em: 23 jan. 2024.

quem o sente, reforçando a ideia de que o nojo também é uma construção sociocultural, embora seja visto como abjeto, colocando o indivíduo em contato com algo que ele ignora em condições normais (FORTUNA e SIQUEIRA, 2013). Quem precisa catar o lixo não sente nojo dele. Quem não precisa catar não tem o mesmo julgamento, num contexto nacional no qual mulheres solteiras são a maioria dos lares brasileiros¹⁰² – isto é, as mais afetadas pelos problemas estruturais do país. Uma maneira de hierarquização para justificativas de exclusão. Neste caso, corpos de duas mulheres negras.

2.3. A ebulição da massa bolsonarista: o ódio como a crise do macho

O fascismo possui um sistema político que varia de acordo com o país que abre caminho para essa ideologia política de extrema-direita. Embora tenha chegado ao poder por meio do voto popular, o bolsonarismo representa os ideais fascistas no Brasil. Só para citar alguns: a retórica violenta, ataque a minorias, aversão à democracia, culto a ditaduras militares, um líder chamado de “mito” etc. Analisamos anteriormente que as características fascistas estão em torno da promoção do medo ao outro para instigar o pânico moral. Por isso, atacam tanto o cruzamento e a mistura de raças (STANLEY, 2019) para não haver qualquer abalo do sistema patriarcal, base da política fascista. Diz Stanley:

A propaganda fascista amplia esse medo ao sexualizar a ameaça do outro. Como a política fascista tem, na sua base, a tradicional família patriarcal, ela é naturalmente acompanhada de pânico sobre os desvios dessa família patriarcal. Transgêneros e homossexuais são usados para aumentar a ansiedade e o pânico sobre a ameaça aos papéis masculinos tradicionais. (STANLEY, p. 127, 2019).

No livro *Como funciona o fascismo, A política do “nós” e “eles”*, Stanley trabalha como o sistema patriarcal usa o racismo, por exemplo, para obter vantagens políticas promovendo o pânico moral. Nos Estados Unidos, brancos linchavam homens pretos com a suposta acusação de estupros de pretos contra mulheres brancas no fim do século XIX. Neste caso, a maioria desses homens pretos linchados não havia sido nem sequer acusada de estupro, após análises futuras. Os brancos usavam a justificativa do crime brutal para legitimar o sentimento próprio sobre uma perda de status relacionada à aceitação de negros como seus iguais (STANLEY, 2019). O autor deu outros exemplos de como o sistema patriarcal usa a retórica sexual para manter os próprios privilégios e garantir retorno político: a limpeza étnica de Mianmar em 2017 contra o povo rohingya - não seguia a religião budista da maioria - que havia começado em 2012, após um estupro coletivo de homens rohingya

¹⁰² CORREIO BRAZILIENSE: Cresce o número de lares chefiados por mães solo, aponta pesquisa da FVG/Ibre. Disponível em: > <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/05/5094037-cresce-o-numero-de-maes-solo-no-mercado-de-trabalho-aponta-fvg-ibre.html> <. Acesso em: 01 ago. 2023.

contra uma jovem budista; o ataque de Donald Trump contra imigrantes mexicanos no início de sua campanha eleitoral em 2018, vinculando-os a estupros. O patriarcalismo, uma das bases do *modus-operandi* da extrema-direita, cultiva minorias como ameaças e as ataca inventando crimes de teor sexual para legitimar o próprio racismo. Esse medo do outro é definido por Stanley como *ansiedade sexual* (STANLEY, 2019), uma característica importante do fascismo para reger a vida cotidiana sob a lógica patriarcal.

A manutenção da hierarquia de gênero é preponderante para o fascismo. Stanley afirma que, “se o demagogo é o pai da nação, então qualquer ameaça à masculinidade patriarcal e à família tradicional enfraquece a visão fascista de força” (STANLEY, p. 127, 2019). A aceitação de pessoas homossexuais e transexuais na sociedade, portanto, é um perigo para a visão fascista. Isso vale para a ascensão feminina. Possuidora da figura do homem branco como detentora do poder, com a suposta ideia de que a masculinidade é superior à feminilidade, mulheres trans, por exemplo, passam a ser um grande ataque ao fascismo (STANLEY, 2019), pois como é que um homem, no alto de seu maior privilégio másculo, abdica de sua masculinidade para se tornar mulher, vista como inferior na lógica do fascismo? O homem, na família tradicional, é entendido como o responsável pela esposa e pelos filhos, tendo ele que ser o provedor econômico e protetor dela. A partir daí, tudo que abala esse sistema passa a ser combatido, somado à ideia de que o homem não consegue mais defender a própria família.

Atacar mulheres trans e apresentar o temido outro como uma ameaça à masculinidade da nação são maneiras de colocar a própria ideia de masculinidade no centro da atenção política, introduzindo gradualmente ideais fascistas de hierarquia e dominação pelo poder físico na esfera pública. [...] Destacar supostas ameaças à capacidade dos homens de proteger suas mulheres e filhos resolve um problema difícil para os políticos fascistas. Na democracia liberal, um político que atente explicitamente contra a liberdade e a igualdade não receberá muito apoio. A política da *ansiedade sexual* é uma maneira de contornar essa questão, em nome da segurança; é uma maneira de atacar e minar os ideais da democracia liberal sem ser vista explicitamente como um ataque (STANLEY, 2019, p. 137).

Portanto, é possível afirmar que, em contextos sociais onde há líderes que possuem características fascistas, há a busca pela subversão dos fatos, a deturpação do debate público acirrado, e a inversão de sentidos para fazer valer a lógica fascista. Líderes políticos invocam a política da *ansiedade sexual* para levar ao debate público a liberdade e a igualdade sociais como ameaças à “liberdade” do grupo fascista. Numa democracia liberal, a identidade de gênero, o direito ao aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo são exercícios de liberdade. Stanley (2019) afirma que o fascismo inverte essa lógica ao apresentar tais direitos como ameaças à liberdade fascista, isto é, patriarcal. Na esfera da igualdade, os homens se

sentem ameaçados quando mulheres a alcançam e os impõe a derrota de não serem mais os provedores de suas famílias (STANLEY, 2019). Ou seja, a liberdade e a igualdade não seriam positivas para o povo. O fascismo, desta maneira, cria simbolismos para aquilo que vê como ameaça e deseja atacar, transformando o sistema patriarcal em vítima, e não em algoz, de uma conspiração fatal de minorias, alimentando sempre a ideia de um perigo externo. Como afirma Stanley, “uma presença marcante de uma política de ansiedade sexual talvez seja o sinal mais evidente da erosão da democracia liberal” (STANLEY, p. 137, 2019).

Na origem da espécie humana, houve a instauração de representações que criaram as variáveis e contínuas desigualdades entre homens e mulheres. Em nome da virilidade, homens constituem a sua dominação persistente nas relações sociais. Quando um indivíduo forma uma família com esposa e filhos numa democracia liberal, sendo ele o provedor dela, os seus filhos e filhas são, de certa forma, ensinados e ensinadas de que a figura do pai é a provedora no âmbito familiar, o que faz com que esses filhos e filhas passem a se relacionar, na formação de suas famílias no futuro, com homens e mulheres de outras famílias ensinados e ensinadas a verem o homem como provedor e “chefe/pai de família”. Uma troca constante dos valores patriarcais¹⁰³ entre esses homens, num discurso dominante que mantém a desqualificação das mulheres, diante do mundo masculino, deixando claro a solidariedade mecânica entre os homens (HAROCHE, 2013).

Entre os ensinamentos patriarcais que passam pelas gerações de família, uma a outra, está a virilidade. Em qualquer momento histórico, a virilidade é sinônimo de força simbólica e moral, possuindo o valor de traço essencialmente masculino (autodomínio, firmeza e resistência). Em partes do mundo ocidental, leis avançaram em relação aos direitos de igualdade de gênero, porém, as mulheres ainda não tiveram os seus direitos garantidos. Claudine Haroche indaga como que isso é possível, mesmo a legislação dando garantias às mulheres. Ela responde com a “dominação histórica insidiosa”, que vejo como uma espécie de hierarquização, que acontece nas empresas e instituições, em locais privados, no trabalho etc.

O insidioso se aloja nos julgamentos de valores implícitos feitos em relação às mulheres: sérios, os homens são considerados como profundos; ao contrário, as mulheres que o são veem a si mesmas tidas como sabichonas. Ambiciosos, eles exercem legitimamente o poder; para alcançar este objetivo, elas são julgadas como manipuladoras e, quando obtêm ganho de causa, são tidas como arrivistas. (HAROCHE, p. 17, 2013).

Há ainda, na relação entre homens e mulheres, a desqualificação sutil que, embora pareça uma gentileza, é, na verdade, a exaltação da qualidade masculina para colocar o

¹⁰³ Sobre as origens do patriarcado, ver: LERNER, G. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

homem no pódio, como o controlador total. A dominação insidiosa é vista na colocação de máscaras num tom impróprio que se mostra familiar, bonachão, infantil com o qual um homem se dirige a uma mulher (HAROCHE, 2013). Entra em cena, portanto, a aparência suave do homem de bem. A problemática, neste caso, é a suavização, que se transforma numa desqualificação e subvalorização da mulher. Em seu artigo, Haroche (2013) dá alguns exemplos de inferiorização da mulher por parte de homens com um discurso falsamente gentil: numa oficina de automóveis, uma funcionária chamada Sophie reclama junto ao patrão que um colega de trabalho a trata diferente em relação a outros homens. Com Sophie, refere-se a ela como a “loura”. Incomodado com o fato, o patrão interpela o seu funcionário, que responde que o ato de chamá-la de “loura” seria uma gentileza para evitar a brutalidade em vistas da delicadeza e fragilidade de Sophie num ambiente masculino. O patrão afirma que Sophie não é frágil e que o seu funcionário é que a fragiliza com esse discurso de “loura” a todo momento.

O fato de suavizar o discurso não significa cordialidade, mas sim representa a desqualificação insidiosa, que pode ser vista também na falsa cortesia, excesso de polidez e num olhar invisível (HAROCHE, 2013). Isto vale, por exemplo, quando a imprensa brasileira trata as jogadoras da seleção brasileira de futebol feminino ou da seleção feminina de vôlei sempre como “as meninas do Brasil”, infantilizando-as, mesmo que algumas já tenham quase 40 anos. Qual seria o problema de denominá-las mulheres do Brasil? Ou representantes da nação? Um discurso midiático que reforça a inferioridade feminina e que vai ao encontro do que é difundido pelo bolsonarismo. Nesse sentido, o discurso da imprensa ajuda a extrema-direita brasileira nesse segundo sequestro da Canarinho, porque quando vai haver a aproximação do bolsonarismo com o futebol já existem narrativas da imprensa que favorecem a entrada do movimento político na tentativa de montar a sua base no futebol e cooptá-lo sob suas regras.

Uma dominação insidiosa, enganosa, traiçoeira do masculino sobre o feminino. Por outro lado, a solidariedade mecânica entre homens faz com que a referência a “meninos do Brasil” torne-se uma defesa deles. Isso pode ser visto no caso do jogador Neymar: por mais que ele tenha conquistado os principais títulos do futebol mundial masculino e chegado aos 30 anos, ele não prosperou com a camisa da seleção brasileira em Copas do Mundo¹⁰⁴. Em casos de fracassos nos mundiais com a camisa Canarinho e em certos momentos da carreira e da vida dele que o colocam sob questionamentos, sempre era invocado nas redes sociais, na

¹⁰⁴ A imprensa construiu sobre Neymar a narrativa do craque, do possuidor do legítimo futebol-arte brasileiro, que poderia conduzir a seleção a um título mundial, o que Neymar não conquistou até a Copa de 2022.

imprensa e até em discursos de autoridades a defesa do “menino Ney”¹⁰⁵, infantilizando-o propositalmente para defendê-lo, como se ele ainda fosse muito jovem para suportar tamanhas críticas, pautando uma certa síndrome do homem adulto infantilizado. Isto é, Neymar possui o pedestal do privilégio (social, econômico ou de gênero) que o blindava de constantes momentos de desaprovação.

Historicamente, é o homem branco e heteronormativo¹⁰⁶ quem comanda os rumos da sociedade, partindo desse perfil o estabelecimento de padrões de modos de vida e sociabilidade a serem alcançados. A visão de mundo surgindo apenas de um olhar, o de homens detentores de poder ao longo da história. Inclusive para as questões de gênero, temos as problemáticas de uma única interpretação de mundo dominante para todas as áreas e setores da sociedade. Chimamanda Adichie¹⁰⁷ nos apresenta o perigo de histórias contadas a partir de um único modo de enxergá-las e interpretá-las. Em seu livro *O perigo de uma história única*, a autora apresenta exemplos. Em um deles, a escritora conta a estranheza de uma colega de quarto quando a encontrou pela primeira vez numa faculdade nos Estados Unidos. Ela questionou como Chimamanda, que é nigeriana, havia aprendido a falar inglês tão bem e se poderia ouvir a música tribal da escritora, decepcionando-se quando ela lhe apresentou fitas de Mariah Carey. Além disso, a colega de quarto já havia concluído que Chimamanda não saberia usar um fogão, tendo conclusões precipitadas e sentindo pena da nigeriana antes mesmo de conhecê-la. A colega de quarto, claramente, enxergava pessoas do continente africano apenas com o olhar ocidentalizado que coloca a África somente como um local de catástrofes (ADICHIE, 2019), quando não apenas como um único país, sem culturas e costumes diversos. Outro exemplo é da própria visão de Chimamanda quando criança. Na casa dela, trabalhava um rapaz chamado Fide cuja família era tida pelos pais de Chimamanda como muito pobres. Num dia de visita à casa deles que ficava num vilarejo, a autora revela que se espantou ao ver desenhos lindos feitos pelo irmão de Fide. Por apenas ter ouvido que eles eram bem pobres, não tinha nem sequer imaginado que alguém naquela família poderia criar alguma coisa, tornando-se difícil de vê-los de outra maneira que não apenas pobres e sofredores. O mesmo aconteceu com Chimamanda em relação a mexicanos em visita ao México. Ela diz que naquele momento havia um debate muito forte nos Estados Unidos sobre imigração, que colocava os mexicanos como grande perigo. Quando saiu nas ruas no primeiro

¹⁰⁵ UOL: Neymar, a pessoa. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/neymar-a-pessoa/> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

¹⁰⁶ Ver: LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

¹⁰⁷ Chimamanda Ngozi Adichie é uma feminista e escritora nigeriana.

dia em Guadalajara, a nigeriana assume que ficou envergonhada ao ver os mexicanos simplesmente vivendo, rindo, fumando, indo ao mercado etc.

A criação de histórias únicas está ligada à manipulação de como o poder dominante quer apresentar aquilo que o ameaça: “mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, p. 22, 2019). A escritora nigeriana relaciona a história única às relações de poder que, segundo ela, estão estritamente ligadas, interpretando o poder como a habilidade além de contar histórias de terceiros, mas de transformá-la em sua história definitiva.

É impossível falar de história única sem falar de poder. Existe uma palavra em igbo¹⁰⁸ na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. (ADICHIE, p. 22. 2019)

Quem detém o poder na sociedade ocidental? A história única reduz as complexidades sociais de uma pessoa, de um povo, de uma nação, de um país a estereótipos, roubando a dignidade das pessoas e a subjetividade de cada uma delas. Criada para nos separar entendendo-nos como diferentes: eles são tão ruins que não podemos ser iguais. “O problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, p. 26, 2019).

O escritor estadunidense Jack Donovan faz apelos pela união dos homens, que, segundo ele, precisam resgatar a própria honra para reencontrar o propósito da existência masculina, a fim de que voltem a ter o domínio de todas as áreas da sociedade frente o avanço das conquistas das mulheres. Donovan é um grande influenciador da extrema-direita no mundo. Um dos seus principais trabalhos é o livro *The way of Men* (O caminho dos homens), no qual basicamente radicaliza o machismo (PINHEIRO-MACHADO, 2019). O livro teve mais de 100 mil cópias vendidas no mundo inteiro, com tradução para francês, alemão, português, espanhol e polonês. Em seu site oficial¹⁰⁹, Jack Donovan afirma que “discute a masculinidade e os desafios enfrentados pelos homens que querem viver vidas masculinas no século XXI”. Em 2021, ele fundou uma revista para “apresentar alternativa às revistas masculinas” cujo conteúdo se baseia em “entrevistas com homens norte-americanos corajosos e importantes que estão defendendo a masculinidade e se posicionando contra as forças do caos e das trevas que ameaçam a liberdade”.

¹⁰⁸ Igbo é a língua-mãe do povo de mesmo nome que vive em partes da Nigéria, Camarões, Guiné Equatorial, EUA e Trinidad e Tobago.

¹⁰⁹ <https://www.jack-donovan.com/sowilo/bio/>

De perfil do homem fortão e tatuado, Donovan tem entre suas principais ideias a exaltação do corpo masculino e a negação do feminino. Ele nem sequer aceita mulheres como pertencente à humanidade. Apesar de ser homossexual, ele não vive a cultura LGBTQIAPN+, repudia-a e ainda critica a luta desse grupo por mais direitos e aceitação. Outro pensamento misógino de Donovan é a crítica à cultura heterossexual, entendendo-a como degenerativa pelo simples fato de haver associação às mulheres, que, para ele, deveriam servir apenas como reprodutoras, colocando as relações sexuais entre homens como o único padrão aceito. Donovan defende, ainda, a política da barbárie para enaltecer a virilidade masculina, que teria a hostilidade como a verdadeira essência, com prioridade aos esportes, à caça e às artes-marciais. É neste contexto que ele afirma que a civilização e o globalismo causam problemas à raça humana, levando-a à feminilização (PINHEIRO-MACHADO, 2019). O avanço da sociedade, no rumo da história, é visto como problemático. As lutas e conflitos históricos servem para desestabilizar o sistema dominante rumo à justiça social, dando mais espaço àqueles que não são englobados pelo patriarcalismo. Isto é, Donovan é gay por ódio às mulheres, lutando contra o avanço dos direitos feministas e favorecendo um arrocho ainda maior entre os gêneros, mantendo as mulheres somente como meros fantoches sociais, submissas com a única missão de reproduzir e manter a espécie humana, mas sem desejos, sonhos, vislumbres. Tudo negado a elas, tudo liberado a eles.

As ideias extremistas de Donovan vão ao encontro da ideologização da extrema-direita e ecoam no Brasil, especialmente em grupos misóginos da *deep web*, na qual seguidores do estadunidense destrincham os pensamentos dele de forma mais acessível ao público (PINHEIRO-MACHADO, 2019). Neste ambiente também surgem as “brincadeiras” e memes misóginos financiados por táticas de robôs que fazem com que esse conteúdo machista chegue às redes sociais e se espalhe também no Whatsapp. Essas ofensas disfarçadas de piadas são no mesmo sentido da que Jair Bolsonaro falou sobre sua filha mulher antes mesmo de se tornar presidente: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”¹¹⁰. Na concepção dos quatro filhos homens, Jair Bolsonaro afirma que foi viril, manteve o que se espera de um macho. Já para o nascimento de uma filha, ele fraquejou, não teve a mesma virilidade. São os simbolismos por trás do real discurso de ódio disfarçado de brincadeira, de chacota, piada.

¹¹⁰ EXAME: Piada de Bolsonaro sobre sua filha gera revolta nas redes sociais. Disponível em: > <https://exame.com/brasil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/> <. Acesso em: 04 jan. 2024.

Apesar de atacar as urnas e o sistema eleitoral brasileiro, Jair Bolsonaro foi eleito democraticamente com 55,13% dos votos válidos no segundo turno da eleição presidencial de 2018. Além de ter uma carreira política de três décadas. Em toda a pré-campanha e campanha em 2018, o candidato Bolsonaro reverberou o que representava, apresentando ou reapresentando à população brasileira todo o discurso de ódio contra minorias, o discurso conservador nos costumes, o neoliberalismo capitaneado pelo guru da economia Paulo Guedes, a negação dos problemas ambientais, os ataques aos direitos humanos, revisionismo histórico do que foi a ditadura militar brasileira etc. Uma infinidade de ações que deu mostras de como seria a presidência nas mãos de Bolsonaro. Portanto, todo o ódio às mulheres e à comunidade LGBTQIAPN+ faz parte da guerra cultural do bolsonarismo, cuja ideia é a eliminação sumária de tudo aquilo que seja diferente, diverso e que não se encaixe em sua estrutura dominante (ROCHA, 2021). Os ataques antidemocráticos, racistas, LGBTfóbicos, misóginos, ao Partido dos Trabalhadores (“Vamos fuzilar a petralhada toda aqui do Acre), seja em público ou por meio das redes sociais e do “Gabinete do Ódio¹¹¹”, também fazem parte desse projeto que aproveita muito do que fez Donald Trump nos Estados Unidos, com o televangelismo, o desrespeito às instituições e o contato direto com o público por meio das próprias redes sociais (ROCHA, 2021), desconsiderando meios tradicionais de chegar às casas das pessoas. A tática da guerra cultural, baseada na retórica do ódio do guru ideológico do bolsonarismo Olavo de Carvalho¹¹², é usada para manter a base bolsonarista em constante ebulição, em atividade constante, alimentando-a como se fosse um monstro social insaciável. Por outro lado, é impossível manter essa guerra cultural e governar objetivamente um país como o Brasil, o que afoga a sociedade brasileira nos índices sociais e econômicos. O brasileiro sente na pele a inflação descontrolada, a geladeira vazia, o desemprego alto, a renda cada vez mais baixa, falta de serviços básicos etc. Não existe a proposta de unir o país e mudar a realidade do povo brasileiro conforme nas décadas iniciais do século XXI.

O paradoxo da guerra cultural bolsonarista, como a interpreto: sem seu tempero, o bolsonarismo não consegue manter as massas digitais em mobilização permanente; com a ubíqua guerra cultural, porém, não é possível administrar uma realidade complexa como a brasileira, pois a busca constante de inimigos desfavorece a consideração de dados objetivos. Infelizmente [...], a Covid-19 somente acentuou o inevitável colapso produzido por uma mentalidade conspiratória à frente de um país com as dimensões continentais como o Brasil. (ROCHA, 2021, p. 16).

¹¹¹ Milícia digital ligada à época ao Palácio do Planalto, comandada pelo filho do presidente Carlos Bolsonaro, para atacar adversários ou promover o conservadorismo na população com desinformação. Ver: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detalham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>

¹¹² O guru ideológico do bolsonarismo faleceu em janeiro de 2022.

A ebulição social, no sentido de agitação popular, é uma estratégia bem definida pela extrema-direita para manter a sua base de apoio em constante atuação. Explica-se por que Bolsonaro criou o “cercadinho” – contando com apoiadores e cobertura diária da imprensa – para dizer tantos absurdos com ampla cobertura jornalística. Bolsonaro e quem o seguia sabiam usar a mídia para atingir seus objetivos e manter a massa de plantão, por isso obteve sucesso quando sequestrou os símbolos nacionais, entre os quais a camisa da seleção brasileira. O sequestro de símbolos nacionais cria uma “roupagem oficial” e confere uma legitimidade como representantes da nação ao bolsonarismo, diferenciando-o dos “comuns”. Nada melhor do que a camisa da seleção brasileira, símbolo de vitória nacional perante o mundo.

Não é possível começar a entender o comportamento de ódio sem olhar o quadro completo, desde como a biologia e a socialização inicial predispõem os seres humanos a favorecer o endogrupo, até como as crises financeiras, as pandemias globais e a inteligência artificial (IA) podem criar as condições ideais para o florescimento do ódio. Entender esse quadro geral é fundamental para entender os crimes de ódio hoje. A taxa atual de colapso das relações sociais no mundo é surpreendente. Não é coincidência que os números de crimes de ódio sejam altos em países nos quais a extrema-direita está crescendo. Essa tendência é alimentada pela revolução da internet e sua corrupção por indivíduos mascarados, pela extrema-direita e por atores estatais. Os líderes e as ideologias populistas fomentam as divisões na sociedade utilizando-se da internet para conseguir apoio (WILLIAMS, 2021, p. 18).

Por que as pessoas odeiam? O que significa odiar? A guerra cultural (Rocha, 2021) encampada pelo bolsonarismo impõe a história única do governo com a identidade da supremacia masculina. Essa moral do macho está desde o presidente da República, no Palácio do Planalto, até aquele vizinho boa praça. Um ideologismo que, como dissemos, subvaloriza a mulher e abomina quaisquer desvios dessa retórica, com o uso desde políticas públicas no Congresso Nacional, passando por assédios a mulheres, chegando a feminicídios e crimes de homofobia e racismo pelas ruas do país. Um discurso bolsonarista que legitima tudo isso. Soma-se a isso a violência, bélica ou não, para manter essa ordem (PINHEIRO-MACHADO, 2019). Um dos casos mais famosos da misoginia bolsonarista está na “resposta” de Jair Bolsonaro, então deputado federal em 2014, à deputada Maria do Rosário (PT), que havia criticado a ditadura militar em discurso no plenário. Nos corredores da Câmara dos Deputados, Bolsonaro partiu para cima de Rosário, em tom e postura ofensivos, afirmando que não a estupraria “porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero,

jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece”¹¹³. Evidentemente, nenhuma mulher merece um estupro.

Aproveitando as ideias masculinistas de Trump e Donovan, o bolsonarismo deglutiou esse movimento estadunidense e da extrema-direita no mundo para fazer do jeito à brasileira, também com a ajuda de Steve Bannon e a manipulação do debate público. Porém, é necessário entender como que os ideais bolsonaristas ganharam terreno com ideais extremistas. A extrema-direita brasileira soube se aproveitar do sistema democrático para chegar ao poder por vias legais, dando até um caráter legítimo e legalista ao bolsonarismo. Para entender todo esse contexto longe do maniqueísmo político de nós contra eles, até para encontrar soluções, é necessário buscarmos as nuances que fazem com que cidadãos simples se sintam representados num governo bolsonarista: aquele pai de família, o motorista de ônibus, o entregador do Ifood, o executivo de uma empresa etc¹¹⁴.

Voltemos à história do provedor de uma família tradicional, do homem que comanda as ações da mulher e dos filhos. Esse provedor pode ser o próprio motorista de ônibus ou até mesmo um executivo de uma empresa. Vai tudo muito bem até que as estruturas financeiras da família se abalam com o desemprego do provedor. Sem outra fonte de renda, a família entra em crise. Num contexto socioeconômico de crise no país, Rosana Pinheiro-Machado define que as “crises econômicas têm um papel fundamental na formação de subjetividades, emoções e frustrações das pessoas. No Brasil, é impossível separar a crise econômica da crise do macho” (p. 92, 2019). As crises econômicas, portanto, geram gatilhos que aguçam ainda mais o ego masculinista que abre caminho para contestações de moral machista em outros campos que não o econômico, atingindo outros grupos sociais. O que nos leva de volta à ansiedade sexual, de Jason Stanley. Esses homens, em situação “normal”, eram pessoas comuns, sonhavam com bons empregos, honestos, mas tendo o ego ferido, sem condições de manter aquela realidade, geram a crise do macho, para além da crise econômica.

Era o caso do homem que não conseguia nos explicar com argumentos por que apoiava Bolsonaro, mas logo depois postava no Facebook que seu voto se justificava porque “Pabllo Vittar deixaria o país” em caso de vitória do ex-capitão. E dos adolescentes que sonhavam em ter armas e chamavam as meninas do grêmio estudantil de “vagabundas maconheiras”. E do motorista de Uber que falava que “agora é tudo viva as vadias, o mundo tá de cabeça para baixo.” (PINHEIRO-MACHADO, p. 92, 2019).

¹¹³ O GLOBO: Relembre declarações com ofensas às mulheres feitas pelo presidente e a família Bolsonaro. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/politica/relembre-declaracoes-com-ofensas-as-mulheres-feitas-pelo-presidente-a-familia-bolsonaro-2542364> <. Acesso em: 01 ago. 2023.

¹¹⁴ O filme *A lavagem cerebral do meu pai* discute como cidadãos comuns que não possuíam discurso de ódio se converteram ao trumpismo e passaram a odiar. Disponível em: > <https://www.youtube.com/watch?v=HBYgfzppws0&t> <. Acesso em: 23 jan. 2024.

Desta maneira que a guerra cultural entra em campo para municiar o “cidadão de bem” de elementos para manter as massas digitais em ebulição e permanecer esse ideário masculinista contra “todo o mal que assola o país”, desde acontecimentos sociais até figuras públicas vistas como ameaças. Um exemplo é o caso da menina de 10 anos que engravidou de um estupro¹¹⁵: a milícia bolsonarista entrou em campo para a mãe da menina não exercer o direito de sua criança gerar outra criança pelos mais diversos motivos que afetam aquela família. São táticas do caso atual que repetem o que aconteceu com outra menina de 10 anos: a ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos agiu nos bastidores para impedir que ela gerasse um filho também advindo de um estupro. O bolsonarismo atuou por meio das táticas históricas do fascismo que tentam manter o controle social por meio dos vieses de gênero (homem) e raça (branco) a fim de afirmar quais corpos são legítimos e, especialmente, quais não são num governo com ideais da extrema-direita.

No entanto, nem todos que passam por situações difíceis vão cometer algum crime de ódio. Depois de alguns exemplos de ódio no dia a dia, conseguimos avançar para tentar responder o motivo de as pessoas odiarem e o que seria odiar. Existem diferenciações no termo “ódio”: há o ódio comum do dia a dia quando alguém diz odiar passas no arroz, com o “ódio” usado hiperbolicamente para superdimensionar o simples não gostar arroz com passar; mas também há o ódio para além das emoções negativas de raiva e desprezo comuns que é relacionado ao desejo de eliminar alguém por quaisquer motivos, o que Matthews Williams (2021) define como ódio intergrupar. Esse tipo de ódio é mais persistente, estável e intenso. Podemos usar a criminologia, que surgiu como campo de estudo em resposta ao problema de crimes, para auxiliar na elucidação de motivos que levam alguém a odiar. Professor de criminologia na Universidade de Cardiff, no País de Gales, e referência nos estudos sobre crimes de ódio, Williams (2021) afirma que a base do entendimento criminal sobre o ódio são os estudos dos preconceitos, que se constituem com generalizações e atitudes grosseiras a um indivíduo ou a um grupo de pessoas. O estudioso define as ações humanas em endogrupo (nós) e exogrupo (eles): quando focados no primeiro, os preconceitos constituem pensamentos positivos, pois “uma pessoa que é ‘um de nós’ acaba associada à competência e lealdade, gerando simpatia e compaixão” (WILLIAMS, 2021, p. 27); quando ligado ao segundo, os preconceitos são negativos. Por mais que nem todos os preconceituosos vão cometer crime de ódio, os preconceitos negativos são inerentes àqueles que cometem crimes de ódio. Por isso, o

¹¹⁵ G1: Menina de 10 anos que engravidou após estupro há 2 anos precisou mudar identidade e endereço. Disponível em: > <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/06/27/menina-de-10-anos-que-engravidou-apos-estupro-ha-2-anos-precisou-mudar-identidade-e-endereco.ghtml> <. Acesso em: 01 ago. 2023.

crime de ódio é intergrupar, de um grupo a outro, pois no endogrupo são aqueles que escolhemos nos associar por serem iguais a nós.

Trazer à tona os corpos vítimas por meio do ódio da atuação do fascismo brasileiro, atualmente sob o bolsonarismo, agregam ao debate do tema principal deste trabalho para entender as dinâmicas propostas pela extrema-direita brasileira e a cooptação de símbolos nacionais, como a camisa Canarinho, e a quem eles representam. Tudo que foge à heteronormatividade masculina e ao conceito de família tradicional de bases patriarcais e do “cidadão de bem” é demonizado como os “comunistas” que não merecem viver no Brasil nem usar os símbolos nacionais, entendidos pela visão bolsonarista como o exogrupo merecedor do ódio. O alvo do bolsonarismo, como iremos ver no último capítulo, pode ser entendido como “povo” pelo discurso da imprensa, que vai promover uma discussão a respeito de retirar a representação da camisa Canarinho do bolsonarismo e torná-la novamente um símbolo de todos, inclusive de mulheres, pretos, LGBTQIAPN+, sem quaisquer distinções.

3 FUTEBOL E POLÍTICA SE MISTURAM? EXTREMA-DIREITA EM CAMPO

3.1 Extrema-direita e o futebol brasileiro

Quando jornalistas esportivos fazem comentários políticos que desagradam uma ala de seguidores, comumente recebem como comentário em tom de crítica algo como “você comenta futebol, não política”, “vai comentar futebol que é o que você sabe”, entre outras frases que mostram como uma parcela da população parte do pressuposto que futebol e política não se relacionam. Afinal, política e futebol se misturam? O futebol é político? Antes de iniciar qualquer debate, é interessante afirmar que futebol e política são distintos com experiências próprias histórica e socialmente construídas, como aponta Livia Magalhães (2014). Historicamente, a política tratava apenas as relações de poder entre o Estado e os cidadãos, no entanto, a política está presente em todos os fenômenos sociais, como abordamos no capítulo 1, mesmo que as relações com o Estado e a vida pública não estejam nítidas. João Ubaldo Ribeiro (1989) afirma que a partir da metade do século XX houve uma reconfiguração do conceito de política influenciada, entre outras coisas, por movimentos sociais e culturais, como o Maio de 68, o feminismo, a luta contra o Apartheid. Isto é, a política deixa de ser definida como algo natural apenas entre Estado e cidadão, constituindo-se numa prática socialmente construída ao longo da história. Movimentos sociais como uma união de mulheres pela igualdade salarial no Brasil, por exemplo, constitui política. Ou o trabalho do Coletivo Canarinhos LBGT¹¹⁶ que luta pela inclusão da população LGBTQIAPN+ no futebol, como veremos no capítulo 4, apresenta-se como política.

A política do Estado é sim uma ordem que responde a um bem comum, mas é, em última instância, uma ordem produzida na tessitura das relações sociais de disputa de poderes. A política se exerce por meio de uma complexa rede de micropoderes, integrados ou não ao Estado (RIBEIRO, 2020, p. 27)

Portanto, é uma política que surge nas ruas como forma de micropoder. Como define João Ubaldo Ribeiro, lutas sociais – os micropoderes – que retiram do Estado o monopólio do poder hegemônico. A quem interessa o poder fora da sociedade, fora das ruas, fora dos movimentos, fora dos coletivos etc.? A política nas ruas abre margem para as subjetividades, o que põe sob ameaça o poder vigente. Talvez por isso que DaMatta (1997) afirma que o brasileiro é avesso às tensões sociais (entendemos aqui como a aristocracia brasileira), porque ele não deseja mudanças profundas na sociedade, caracterizando certo conservadorismo. Lembra do Escola sem Partido, leitor? Dos gritos de “sem partido” nas manifestações de junho de 2013? O discurso da despolitização implementado por esse tipo de movimento gera o perigo de cooptação de determinado experimento social, como símbolos pátrios, narrativas

¹¹⁶ <https://canarinhoslgbtq.com.br/>

no debate público etc. Consideramos que alguns setores têm noção dos perigos gerados pela despolitização, inclusive se aproveitam delas para impor as suas narrativas à sociedade com mais facilidade. O exemplo fidedigno a isso é o discurso bolsonarista, cuja ascensão foi marcada por uma série de táticas anti-institucionais, de desinformação, guerra cultural contra “os inimigos da nação”, como trabalhamos no capítulo anterior. Enfraquecem a democracia para surrupiá-la. Se há aqueles que usam a despolitização para benefício próprio, há os que são enganados e veem o assunto “política” com repulsa, gerando a problemática de afastamento do debate político, não apenas partidário, conforme demonstrou João Ubaldo Ribeiro (1986). Entendemos que esse afastamento é produzido na sociedade brasileira em nome da perpetuação dos privilégios daqueles que detêm o poder dominante. No caso do Brasil, a elite econômica com a ajuda da classe média, de acordo com Jessé Souza (2019), que traz ao debate público a meritocracia com o intuito de legitimar a sua posição privilegiada. O discurso de desvalorizar a política e de não permitir o acesso de camadas populares à saúde, à educação, ao capital cultural promovem os interesses das classes endinheiradas, amarrando as classes populares nos problemas históricos do país.

Todas as classes do privilégio tendem, necessariamente, a ver seu privilégio como inato ou merecido. Como diria Weber, os privilegiados não querem apenas exercer o privilégio, mas também que ele seja percebido como merecido, como um direito. Já as classes populares estão condenadas às armas frágeis dos dominados. [...] A situação dos excluídos sociais, a “ralé de novos escravos”, é ainda mais precária. Se a classe trabalhadora qualificada e semiquificada ainda tem perspectivas, ainda que restritas, de futuro e de ascensão social, a ralé foi tão secularmente desprezada e humilhada que, sem contexto político favorável, está condenada ao fracasso (SOUZA, 2019, p. 156).

O que Jessé Souza diz é que ter uma vida digna e ascender socialmente não dependem apenas do nosso próprio esforço – a meritocracia. Podemos ser bem qualificados naquilo que propomos estudar e trabalhar, mas só isso não será suficiente para garantir que tenhamos sucesso. O pacto elitista, com a sua violência simbólica (SOUZA, 2019), atua para que não haja mudanças na realidade desigual do Brasil. O sociólogo propõe que sem contexto político favorável não há condições de alterar esse cenário em prol de um país mais justo e uma vida digna para as classes populares. Isto é, seria pela política que existiria a oportunidade de garantir os direitos das camadas que não detêm o poder econômico e social. Por isso, a elite brasileira busca a despolitização e a condenação de tudo aquilo que seria político. Esse é o discurso da extrema-direita, cujos seus líderes se autodenominam *outsiders*, aqueles que não são da política e que, por isso, teriam a solução para resolver os problemas da vida cotidiana. A atuação fascista é inerente ao contexto de cada país, mas existe uma similaridade no discurso para cooptar o poder e manter tudo como está atendendo aos interesses de grupos

historicamente favorecidos. Como resolver as desigualdades brasileiras e combater o discurso meritocrático? Agindo pela promoção da política, não apenas partidária, ou seja, contribuir para a formação dos micropoderes de João Ubaldo Ribeiro que vão atuar pela garantia de direitos das camadas populares, seja por educação de qualidade, moradia, renda, empregabilidade, saúde, combate ao machismo, à misógina, ao racismo, à LGBTfobia etc. A organização social das classes populares pela garantia dos próprios interesses. Mantê-las alheias à política é confortável para quem está no topo das relações de poder.

No futebol não é diferente, pois é esse o caminho daqueles que não desejam a mistura da política com o esporte. O futebol despolitizado fica blindado da atuação dos micropoderes e inteiramente exposto à manipulação dos poderes oficiais (Fifa, confederações, clubes sem a participação das ruas). Não há democracia. Quando o futebol surgiu no século XIX, poderia fazer sentido despolitizá-lo num contexto de tensões sociais nas relações internacionais, “ocorrendo desde as rivalidades imperialistas do mercado global até as disputas específicas na Europa, como a sangrenta guerra franco-prussiana” (RIBEIRO, 2020, p. 30). Praticado pela aristocracia de maneira amadora e tido como puro entretenimento em seu início, o futebol serviria para abrandar os problemas políticos entre países, inclusive como uma forma de autoafirmação desse esporte. Hoje, o futebol é mais popular, está globalizado e profissionalizado. Porém, ainda há camadas sociais que lutam para ter direito de se fazerem presentes. Conhecendo o caráter da masculinidade heteronormativa do futebol, o que será discutido mais à frente, quaisquer subjetividades que lutam por inclusão LGBTQIAPN+ e de mulheres nesse esporte, por exemplo, ameaçam as estruturas misóginas e LGBTfóbicas do futebol.

A Fifa, reguladora do futebol mundial, define o padrão-Fifa para as suas competições, incluindo a Copa do Mundo de seleções. São regras básicas para um país seguir caso se interesse por organizar torneios internacionais da entidade. Há uma discussão sobre conforto e experiência do torcedor, mas um ponto importante é que a Fifa tenta aniquilar a cultura e, consequentemente, os micropoderes dos países organizadores a fim de evitar qualquer abalo da estrutura pensada pela entidade, como aconteceu na Copa de 2014, disputada no Brasil¹¹⁷. Proíbe qualquer discurso de quem ajuda a fazer o espetáculo, não dando espaço para a individualidade de um povo tampouco para o surgimento de histórias longe do que está no campo. No contexto das Jornadas de Junho, quando houve uma série de protestos contra

¹¹⁷ ÉPOCA: Fifa proíbe tablets, guarda-chuvas e vuvuzelas nos estádios da Copa. Disponível em: > <https://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2014/06/fifa-proibe-tablets-guarda-chuvas-e-vuvuzelasb-nos-estadios-da-copa-confira-lista.html> <. Acesso em: 04 ago. 2023.

governos municipais, estaduais e federal e a própria Fifa, a entidade reguladora do futebol mundial proibiu qualquer manifestação de torcedores por meio de cartazes na Copa das Confederações, temendo o cancelamento do torneio em virtude da ebulição das ruas em 2013¹¹⁸. Quaisquer protestos políticos foram proibidos pela Fifa. Não adianta fechar o espaço a culturas diversas, ao discurso discordante e, depois, querer contratar o atacante Vinicius Jr. para ser embaixador da Fifa contra o racismo no futebol mundial¹¹⁹, o que aconteceu após o brasileiro sofrer ataques racistas generalizantes num jogo pelo campeonato espanhol. Se não permite que o conjunto dissonante de ações da sociedade civil ao discurso oficial, a Fifa atua politicamente pela despolitização. Afinal, despolitizar também é uma política. Assim, a entidade cria a brecha para a manutenção do discurso dominante sem a possibilidade de atuações que abalem essa realidade. Mesmo que despolitize o futebol, abre novas oportunidades de apropriação. É o que aconteceu com a extrema-direita na Espanha e os ataques recorrentes a Vinicius Junior no Real Madrid¹²⁰. Casos como esse ocorrem recorrentemente em diversas partes do mundo, o que nos leva a pensar que é o discurso liberado indiretamente pela Fifa nos estádios, pois nada além de notas oficiais é feito para combater o racismo, a xenofobia, o machismo¹²¹ etc. A Fifa deveria fazer o inverso, lutar pela politização e democratização do esporte para que corpos atacados pela extrema-direita e camadas populares tenham acesso e suas vozes sejam ouvidas. Considerando o futebol como uma arena pública de debate, se você o despolitiza e aniquila a ação de determinados grupos de se fazerem presentes nos estádios, abre-se espaço para cooptação do futebol por grupos historicamente dominantes e seus interesses, demarcando um futebol que não é de todos¹²².

Durante o século XX, existem exemplos que ajudam a ilustrar como pode ser problemática a cooptação da opinião pública por grupos dominantes após as grandes guerras e a crise de 1929, quando houve o esgotamento da democracia liberal e certas limitações da autonomia da sociedade civil, que perdeu espaço para o interesse coletivo gerado por um

¹¹⁸ UOL: Fifa afirma que é válida regra que proíbe protesto dentro dos estádios. Disponível em: > <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/19/fifa-afirma-que-nao-permite-protestos-dentro-dos-estadios.htm> <. Acesso em: 04 ago. 2023.

¹¹⁹ G1: Vinicius Jr. chefiará novo comitê antirracismo da Fifa. Disponível em: > <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/06/15/vinicius-jr-comite-antirracismo-da-fifa.ghtml> <. Acesso em: 04 ago. 2023.

¹²⁰ O GLOBO: Racismo contra Vini Jr. ‘ameaça’ alta da extrema direita em eleições na Espanha. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/05/racismo-contra-vini-jr-ameaca-alta-da-extrema-direita-em-eleicoes-na-espanha.ghtml> <. Acesso em: 11 jan. 2024.

¹²¹ CULTURA: Presidente de federação espanhola beija jogadora na boca durante premiação da Copa do Mundo. Disponível em: > https://cultura.uol.com.br/esporte/noticias/2023/08/20/6126_presidente-de-federacao-espanhola-beija-jogadora-na-boca-durante-premiacao-da-copa-do-mundo.html <. Acesso em: 11 jan. 2024.

¹²² O futebol não possui equidade nem justiça, longe de ser um elemento de aglutinação e construção. Sobre isso, ver: SUSSEKIND, Hélio. Futebol em dois tempos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

Estado autoritário. Essa realidade desembocou em um poder político centralizado com ideias absolutas na relação entre instituições esportivas e políticas.

Nesse contexto de regimes autoritários e totalitários, processaram-se restrições às liberdades das entidades esportivas, que passaram a ser politicamente enquadradas, fosse para atender à centralização, fosse para emprestar legitimidade aos regimes. [...] Na perspectiva de se autoafirmar como autoridade, o Estado aumentou seu interesse em relação às manifestações de raiz popular, como o futebol, na mesma proporção do seu belicismo (RIBEIRO, 2020, p. 34)

É a partir desse momento, como aponta Ribeiro (2020), que há uma efetiva aproximação entre o Estado-nação e o futebol para colocar tal esporte dentro dos anseios nacionais. É no período entre as duas grandes guerras que a relação entre estado-nação e esporte se intensifica. Eric Hobsbawm (1990) afirmou que esse foi o período do apogeu do nacionalismo. O Tour de France, as Olimpíadas e a Copa do Mundo de futebol se encaixam dentro das ideias das comunidades imaginadas de Benedict Anderson (2008), da luta da própria nação a qual os esportistas representam contra outras nações estrangeiras. O esporte passa a ser usado como autoafirmação nacional, tornando-se abundante para os sentimentos nacionalistas. Os milhões de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) se identificam pelos 11 jogadores de futebol do seu país que entram em campo em busca do título de uma Copa do Mundo, o que faz com que o torcedor seja o próprio símbolo de nação. Encarnado na seleção de futebol do país, o “nacionalismo corresponde ao sentimento de pertencimento ou vínculo de tais pessoas a uma nação, o que lhes permite enxergarem umas às outras como dotadas do mesmo espírito coletivo” (GUEDES e ALMEIDA, 2019, p. 2). Não existiria mais a Maria e o João como pessoas físicas, mas todos dentro de uma única representação de nação pelos interesses do país.

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBBSBOWM e RANGER, 2018, p. 9).

Nesse contexto, surgem os discursos fascistas que vão se aproveitar do esporte e do futebol para se legitimarem junto à nação, como fez Benito Mussolini. O fascismo italiano explorou o sucesso do futebol, associando-se a ele, depois dos títulos mundiais conquistados nas Copas de 1934 e 1938 e nas Olimpíadas de 1936. O nazismo de Adolf Hitler também se apropriou do esporte como propaganda político a fim de se legitimar na sociedade alemã¹²³. No Brasil, também na década de 1930, também houve essa aproximação da política com o

¹²³ UOL: Futebol e nazi-fascismo - Esporte serviu propaganda de Mussolini e Hitler. Disponível em > <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/futebol-e-nazi-fascismo-esporte-serviu-propaganda-de-mussolini-e-hitler> <. Acesso em: 11 jan. 2024.

futebol durante o governo de Getúlio Vargas, especialmente a partir do Estado Novo. Nesse momento que surgem diversas representações de futebol e da identidade nacional que existem ainda hoje construídas juntamente com a imprensa e com a sociedade brasileira, como o futebol-arte, a pátria em chuteiras, Brasil país do futebol (SOUZA, 2008). Com a ajuda do rádio¹²⁴, o governo Vargas aproveitou o futebol para disseminar a ideia de brasilidade pensada pelo Estado Novo na tentativa de romper com os ideais da República Velha: uma promoção do nacionalismo frente ao regionalismo da época (RESENDE, 2021). A seleção brasileira conquistou a Copa do Mundo de 1970, e a Argentina, de 1978. Sob ditaduras militares, também houve pelo governo dos dois países o uso dessas conquistas para se autopromover (MAGALHÃES, 2014). O apego à tradição e o usufruto de símbolos nacionais como legitimação política e ideológica não são particulares a determinadas épocas ou tipos de governo, mas são mais aproveitados em governos ditatoriais (GUEDES e ALMEIDA, 2019). Durante a última ditadura civil militar brasileira houve a tentativa de criar uma unidade nacional, de supressão de particularidades da população em nome do que se atribuía como nação. O governo militar construiu narrativamente um discurso positivo sobre determinados acontecimentos como forma de convencer a população, como o crescimento econômico. Se não concordasse com o que se pensava como nação, era tido como o inimigo comunista a ser enfrentado, como nas fortes campanhas do governo intituladas “Ame-o ou Deixe-o” (GUEDES e ALMEIDA, 2019). O tricampeonato mundial conquistado no México se enquadra no uso político da seleção brasileira e do futebol como forma de associá-lo a um possível sucesso da última ditadura militar e na construção de um orgulho nacional. Guedes e Almeida (2019) afirmam que a Copa de 1970 foi um marco na incorporação e apropriação dos símbolos nacionais no sentido do orgulho da nação, com o surgimento de bandeiras improvisadas, ruas pintadas, vendas de adereços, objetos e roupas nas cores verde e amarela, diante de um controle rígido da ditadura militar sobre essa simbologia outrora destinada às elites e às forças armadas. No entanto, naquele momento, ainda havia o controle estatal de como, quando, onde e por que usar os símbolos nacionais, mediante penalidade em caso de descumprimento das regras ditatoriais. Esse momento é definido por Guedes e Almeida (2019) como o primeiro sequestro do verde e amarelo.

Além desses, existem diversos exemplos de apropriação do futebol politicamente que são importantes para entendermos as dinâmicas mais recentes do bolsonarismo com o futebol

¹²⁴ Sobre a importância do rádio na construção da identidade nacional durante a Era Vargas, ver: MOSTARO, Filipe; HELAL, Ronaldo. Foot-ball Mulato e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938. Revista Alceu - Departamento de Comunicação Social da PUC-RJ, Rio de Janeiro, jul./dez. 2018.

e, consequentemente, o sequestro dos símbolos pátrios e da camisa da seleção brasileira masculina. Eleito no Brasil, Jair Bolsonaro modificou as estruturas do governo federal atendendo a duas formas de governar para garantir os interesses da aristocracia brasileira: a adoção do neoliberalismo (DARDOT, LAVAL, 2013) e a redução do espaço e do direito das minorias (RIBEIRO, 2017). Extinguiu ministérios importantes¹²⁵, como o do Trabalho, da Cultura, e colocou nomes contrários à pauta das minorias sub-representadas à frente do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, como Damares Alves¹²⁶, que fazia parte da ala ideológica do bolsonarismo. Na Fundação Palmares, instituição destinada à promoção e preservação da cultura negra na sociedade brasileira, Bolsonaro nomeou Sergio Camargo, jornalista negro brasileiro que se define como “negro de direita antivitimista inimigo do politicamente correto”¹²⁷. Damares Alves e Sergio Camargo são dois exemplos evidentes de como funciona a extrema-direita por dentro do governo. Além de promover ataques diretos nas ruas entre cidadãos por meio de discursos de ódio, como analisamos no capítulo anterior, implode internamente instituições com mudança em suas atuações, indo de encontro à promoção de igualdade social e racial. A ideia dos ministérios de George Orwell (2009) no livro *1984*, cujas ideias ministeriais não seguem aquilo propõe os seus nomes, como o Ministério do Amor, da Paz, da Abundância e da Verdade.

No campo esportivo também não foi diferente. O futebol suscita paixões nos brasileiros há mais de um século, tornando-se um dos pilares da identidade nacional promovida, sobretudo, a partir da Era Vargas (SOUZA, 2008). Bolsonaro buscou se aproveitar disso e tentou se manter próximo do esporte mais popular do país para promoção das ideias fascistas, como a adoção do discurso de ódio (WILLIAMS, 2021) e da guerra cultural (ROCHA, 2021). No futebol, interveio de diversas formas. Criou a “Lei do Mandante”¹²⁸, que previa mudanças que garantia exclusivamente ao clube mandante de

¹²⁵ AGÊNCIA SENADO: Com vetos, Bolsonaro sanciona lei que reorganiza ministérios. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/06/19/com-vetos-bolsonaro-sanciona-lei-que-reorganiza-ministerios>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹²⁶ CARTA CAPITAL: A sinistra Damares e seu projeto de destruição. Disponível em: > <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-sinistra-damares-e-seu-projeto-de-destruicao/> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

¹²⁷ EL PAÍS BRASIL: Como Bolsonaro dinamita as instituições: o caso da Fundação Palmares. Disponível em: > <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-09-18/como-bolsonaro-dinamita-as-instituicoes-o-caso-da-fundacao-palmares.html> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

¹²⁸ FOLHA DE S.PAULO: Bolsonaro sanciona Lei do Mandante, que altera regras de transmissão de jogos. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/09/bolsonaro-sanciona-lei-do-mandante-que-altera-regras-de-transmissao-de-jogos.shtml> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

partidas o direito de arena¹²⁹, que é o de negociar os direitos referentes à transmissão e à reprodução de partidas. Antes, o direito de arena envolvia negociações do mandante e do visitante. Por meio do futebol, essa ação do governo Bolsonaro conversou com a própria base de apoiadores, pois foi uma medida que impactou os interesses da TV Globo, que domina o mercado de transmissões no Brasil. A emissora é tida como inimiga por bolsonaristas. Quando o governo sancionou a lei depois de debatida no Congresso, a TV Globo enviou a clubes das séries A e B do Campeonato Brasileira uma carta aberta reafirmando o interesse de permanecer em parceria com as agremiações, pontuando que alguns estariam tentando colocar a emissora contra os clubes¹³⁰. Também interveio no esporte ao reduzir os investimentos nos esportes olímpicos em 2020, interrompendo os pagamentos do bolsa-atleta¹³¹, que é fundamental no ciclo olímpico.

Outra tentativa de popularização de Bolsonaro pelo futebol aconteceu com a iniciativa de o ex-presidente usar camisas de mais de 80 times brasileiros¹³² nos últimos anos, vestindo-se com o uniforme do clube do coração de milhões de brasileiros. O líder da extrema-direita brasileira sabe a importância que o futebol tem no Brasil e que esse esporte é um palco de disputa de narrativas. Com isso, é importante discutirmos a significação da camisa de time ou seleção de futebol na cultura torcedora para entendermos os motivos que levaram Jair Bolsonaro a vestir tanta camisa de time. Não é um movimento à toa que pode levar um despercebido a não dar importância a essa atitude. Até usar camisa pirata¹³³ tem um sentido: atribuir uma narrativa popular a Jair Bolsonaro, aproximando-o daquele torcedor que não possui condições financeiras de obter uma camisa oficial. Bolsonaro sabe que é um item caro e usa esse fato para se beneficiar politicamente. Mas por quê? Porque a indumentária vai além do vestir o jogador ou o consumismo do torcedor que deseja obter a última moda do time do coração. A camisa, portanto, deixa de ser apenas um objeto e produz “ambiguidades entre os usos estritamente individualizantes e ou esportivamente coletivizantes” (TOLEDO, 2019, p.

¹²⁹ O direito de arena é aquele no qual garante exclusividade na negociação, autorização, captação, fixação, emissão, transmissão, retransmissão ou reprodução de imagens de eventos esportivos, independente do meio de veiculação.

¹³⁰ PODER: Governo sanciona lei que pode prejudicar Globo em transmissões de futebol. Disponível em: > <https://www.poder360.com.br/brasil/governo-sanciona-lei-que-pode-prejudicar-globo-em-transmissoes-de-futebol/> <. Acesso em: jan. 2024.

¹³¹ UOL: Governo faz manobra e, na prática, não pagará Bolsa Atleta por 2020. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/08/05/governo-anuncia-cancelamento-do-bolsa-atleta-de-2020.htm> <. Acesso em: 11 jan. 2024.

¹³² UOL: Jogo de poder. Bolsonaro veste a camisa na 'autopromoção' com o futebol; presidente já usou mais de 80 uniformes de clubes. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/bolsonaro-ja-exibiu-81-camisas-de-clubes-de-futebol-especialistas-apontam-uso-politico> <. Acesso em: 11 jan. 2024

¹³³ UOL: Bolsonaro usa modelo pirata de nova camisa ainda não lançada pelo Flamengo. Disponível: > <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/01/04/bolsonaro-vaza-nova-camisa-do-flamengo-em-dia-de-pizza-nos-estados-unidos.htm> <. Acesso em: 11 jan. 2024.

37). As camisas de futebol, de acordo com Toledo (2019), criam um duplo vínculo entre o social e o subjetivo como propriedade material simbólica de induzir relações. Quando o torcedor compra uma camisa, cria a individualidade do eu torcedor e adere a uma coletividade clubística ao encontrar da mesma maneira o igual gosto de outros torcedores. A cultura do torcedor cria dualidades interativas de pertencimento entre o indivíduo e o social, o meu time e o dos rivais.

Os inúmeros casos em que as camisas de futebol foram e são usadas metaforicamente e apropriadas em movimentos de caráter político é um exemplo notório e reiterativo mundo afora dessa expansão dos significados do (in)vestir uma camisa esportiva. Particularmente, em períodos mais recentes da história brasileira, que a Historiografia define por período da redemocratização, inaugurado com a derrocada do regime militar, camisas de futebol (não somente a da seleção brasileira) serviram para (in)vestir cidadãos oriundos tanto do espectro político mais à esquerda, tal como se notabilizou no movimento chamado Diretas Já (1984), cujos desdobramentos foi o retorno do país à rotina das eleições para presidente da República, quanto posicionamentos ideológicos mais à direita, tal como foi o caso dos setores que protagonizaram nas ruas as insatisfações com o governo de centro-esquerda de Dilma Rousseff e sua derrocada formal com o processo parlamentar do impeachment, em 2016 (TOLEDO, 2019, p. 38).

Essa lógica cabe muito bem quando existe apropriação de camisas da seleção brasileira¹³⁴ em movimentos políticos e quando Bolsonaro decide usar camisas de todos os times, inclusive rivais, na tentativa de atingir a todos com um caráter nacional, sem quaisquer vieses. O que caminha muito bem com o discurso da despolitização da extrema-direita para cooptar o debate público ou sequestrar símbolos nacionais.

Achando-se onipotente, Jair Bolsonaro e o seu governo protagonizaram outras maneiras de interferir no futebol. Dois episódios em 2021 foram importantes nessa relação da política brasileira com o futebol. Naquele ano, Argentina e Colômbia desistiram de sediar a Copa América, especialmente por aquele momento ser um dos mais delicados da pandemia de Covid-19 no planeta. O Brasil, na ocasião, era o segundo país com mais mortes pela doença no mundo, contabilizando naquele instante mais de 460 mil óbitos. Em mais um ato de negacionismo da pandemia, o governo Jair Bolsonaro aceitou sediar o torneio¹³⁵, que contou com a participação de 10 seleções. Ou seja, jogadores, comissões técnicas e staff desses times viajariam ao Brasil. Apesar de seguir protocolos para evitar a contaminação, foi um momento de desgaste para o governo e para o bolsonarismo. A decisão por sediar a Copa América

¹³⁴ Sobre a história da camisa da seleção brasileira em mundiais, ver: AMARO, Fausto; MOSTARO, Filipe; HELAL, Ronaldo. “A camisa pesa”: a construção da identidade do uniforme amarelo da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo. In: ROCCO JÚNIOR, Ary José. Comunicação e Esporte: Copa do Mundo 2014. São Paulo: INTERCOM, 2014.

¹³⁵ UOL: Governo Bolsonaro confirma Copa América no Brasil e anuncia sedes. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/06/01/governo-bolsonaro-confirma-copa-america-no-brasil-e-anuncia-sedes.htm> <. Acesso em: 11 jan. 2024.

incomodou os próprios jogadores convocados por Tite, que divulgaram manifesto nas redes sociais se posicionando contra a realização da Copa América, seja integralmente no Chile, outro país que poderia receber o torneio, ou no Brasil¹³⁶. Para eles, o ponto era a realização de uma competição de futebol em meio a uma pandemia com milhões de mortos naquela ocasião. Tamanha a importância do assunto, importante reproduzirmos a íntegra do comunicado.

Quando nasce um brasileiro, nasce um torcedor. E para os mais de 200 milhões de torcedores escrevemos essa carta para expor nossa opinião quanto a realização da Copa América. Somos um grupo coeso, porém com ideias distintas. Por diversas razões, sejam elas humanitárias ou de cunho profissional, estamos insatisfeitos com a condução da Copa América pela Conmebol, fosse ela sediada totalmente no Chile ou mesmo no Brasil. Todos os fatos recentes nos levam a acreditar em um processo inadequado em sua realização. É importante frisar que em nenhum momento quisemos tornar essa discussão política. Somos conscientes da importância da nossa posição, acompanhamos o que é veiculado pela mídia e estamos presentes nas redes sociais. Nos manifestamos, também, para evitar que mais notícias falsas envolvendo nossos nomes circulem à revelia dos fatos verdadeiros. Por fim, lembramos que somos trabalhadores, profissionais do futebol. Temos uma missão a cumprir com a histórica camisa verde amarela pentacampeã do mundo. Somos contra a organização da Copa América, mas nunca diremos não à Seleção Brasileira (BECKER, 2021).

O comunicado dos atletas não deseja tornar a discussão política, o que os coloca numa condição de isenção e de não envolvimento nos debates sociais vigentes no Brasil, entre eles a condução da pandemia pelo governo de Jair Bolsonaro, que foi responsabilizado por nove crimes pela comissão parlamentar de inquérito da Covid-19 conduzida pelo Senado Federal, entre eles: delitos comuns, de responsabilidade e contra a humanidade¹³⁷. Outro ponto importante é a preocupação dos jogadores com a desinformação e a veiculação de mentiras nas diversas mídias a respeito do nome deles, deixando aberto o entendimento que só divulgaram o manifesto para não terem a própria imagem arranhada. Uma das principais táticas de atuação do bolsonarismo é a veiculação de desinformação, com a invenção ou deturpação de fatos para se promover e atacar adversários políticos, por meio da conhecida atuação do “Gabinete do Ódio”¹³⁸. Para negar a pandemia, o bolsonarismo usufruiu dessa irreabilidade para manter o país ativo economicamente, ignorando a necessidade de isolamento

¹³⁶ ESPN: Jogadores do Brasil divulgam manifesto: 'Somos contra a organização da Copa América, mas nunca diremos não à seleção'. Disponível em: > https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/8755133/jogadores-do-brasil-divulgam-manifesto-somos-contr-a-organizacao-da-copa-america-mas-nunca-diremos-nao-a-selecao <. Acesso em: 11 jan. 2024.

¹³⁷ AGÊNCIA BRASIL: CPI da Pandemia aprova relatório final e pede 80 indiciamentos. Disponível em: > <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-10/cpi-da-pandemia-aprova-relatorio-final-e-pede-80-indiciamentos> <. Acesso em: 11 jan. 2024.

¹³⁸ CONGRESSO EM FOCO: Documento do STF explica como funciona o “Gabinete do Ódio”. Disponível em: > <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/documento-do-stf-explica-como-funciona-o-gabinete-do-odio/> <. Acesso em: 11 jan. 2024.

social para salvar vidas diante de um vírus mortal¹³⁹. Os jogadores também afirmaram que não concordavam com a organização do torneio, mas disseram que iriam jogar por cumprir uma missão que eles atribuíram ao fato de a seleção ser pentacampeã do mundo e, heroicamente, nunca iriam rejeitar a seleção, como se isso importasse num momento que estudiosos da área da saúde ainda pediam o isolamento social para evitar a contaminação por Covid-19. Ainda possui uma falsa equivalência, pois decidir não jogar uma Copa América por questões sanitárias não configuraria uma rejeição à seleção brasileira, mas um sim à vida, servindo como um vetor educador para a população. O manifesto dos jogadores é um texto genérico e que em nem um momento sequer cita as possíveis problemáticas de uma organização de um torneio sul-americano no meio de uma pandemia. No fim, seria apenas sobre eles, não pela condição sanitária enfrentada pelo mundo naquela ocasião.

Depois da decisão de sediar a Copa América e do manifesto dos jogadores, Jair Bolsonaro também tentou intervir diretamente na CBF, ao conversar com o então presidente da entidade a respeito de trocar Tite por Renato Gaúcho, bolsonarista declarado¹⁴⁰. Assim como os atletas, Tite também se posicionou contrariamente à realização do torneio no Brasil, o que foi explicado dias depois do início da competição pelo próprio técnico¹⁴¹. “Acusado” de ser petista, Tite já havia sido alvo de bolsonaristas na Copa América de 2019 por ter se mantido afastado de Jair Bolsonaro na comemoração do título, que teve a presença maciça de atletas campeões¹⁴². Por esse histórico e por ter se posicionado contra a realização da Copa América 2021 no Brasil, o treinador se tornou *persona non grata* pelo bolsonarismo, levando o presidente da CBF e Bolsonaro a conversarem sobre mudança no comando da seleção brasileira, o que, se acontecesse, poderia gerar complicações esportivas para a equipe Canarinho e para clubes brasileiros junto à Conmebol e à Fifa por interferência política¹⁴³.

Um exemplo de como Tite não era benquisto por bolsonaristas foi após a eliminação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2022, quando os apoiadores de Bolsonaro

¹³⁹ A respeito da produção de desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19, ver: Larangeira, A. N., Silva, J. M. da., Martins, M. L., Joron, P., Moraes, H. J. P., & Bressan Júnior, M. A. (Eds), *Pandemia e (des)informação: Mídia, imaginário e memória*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2023.

¹⁴⁰ CORREIO BRAZILIENSE: Renato Gaúcho declara apoio a Bolsonaro: “Deus, pátria, família”. Disponível em: > <https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2022/09/5040727-renato-gaucha-declara-apoio-a-bolsonaro-deus-patria-familia.html> <. Acesso em: 12 jan. 2024.

¹⁴¹ CORREIO BRAZILIENSE: Tite: “Pedimos para a Copa América não ser no Brasil”. Disponível em: > <https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2021/06/4930834-tite-pedimos-para-a-copa-america-nao-ser-no-brasil.html> <. Acesso em: 12 jan. 2024.

¹⁴² FOLHA DE S.PAULO: Tite é chamado de petista por se afastar de Bolsonaro na final da Copa América. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/07/tite-e-chamado-de-petista-por-se-afastar-de-bolsonaro-na-final-da-copa-america.shtml> <. Acesso em: 12 jan. 2024.

¹⁴³ O GLOBO: Interferência política na CBF pode gerar punições até para clubes. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/esportes/interferencia-politica-na-cbf-pode-gerar-punicoes-ate-para-clubes-25050422> <. Acesso em: 12 jan. 2024.

publicaram memes na internet dizendo que o primeiro comunista já estaria fora da seleção, pois Tite não renovaria contrato para continuar no comando do time brasileiro. Sobrou até para Richarlison e Casagrande. No capítulo 3, vamos ver que a imprensa construiu narrativas em cima do camisa 9 da seleção como alguém ligado a causas sociais, desagrado do bolsonarismo. Casagrande é crítico de Bolsonaro e de Neymar, cuja narrativa da imprensa foi um jogador ligado a Bolsonaro, inclusive com promessa de homenagem em caso de gol.

No meio do ano de 2021, Jair Bolsonaro enfrentava momento delicado em termos de aprovação, de acordo com pesquisa Atlas¹⁴⁴. Se, em maio, o hoje ex-presidente possuía 31% de aprovação, esse índice caiu para 19% em novembro, representando quedas a cada dois meses – o período da pesquisa – desde a realização do torneio, que aconteceu entre junho e julho. Jair Bolsonaro até tentou se servir do futebol, da seleção brasileira e da Copa América para elevar a popularidade¹⁴⁵, mas ao menos o torneio pode ter impactado da maneira contrária à desejada pelo líder da extrema-direita no Brasil. Não foi só isso que pode ter impactado na desaprovação ao governo. Ainda segundo a pesquisa Atlas, os entrevistados da pesquisa citaram a corrupção, a pobreza, desemprego, falta de crescimento e a desigualdade social como os maiores problemas enfrentados pelo Brasil naquele momento. Esse estudo foi o primeiro do grupo Atlas a ser realizado após o relatório final da CPI da Covid, que indiciou Bolsonaro por nove crimes. O que também pode ter impactado o sentimento de desaprovação do brasileiro sobre o governo Bolsonaro.

Jair Bolsonaro também tentou se valer do Flamengo para criar narrativas e se popularizar em cima da imagem do clube com maior número de torcedores do país, o que foi discutido por parte da imprensa nos últimos anos¹⁴⁶. Em 2019, o clube do Rio de Janeiro começou a ganhar importantes títulos em níveis nacionais e sul-americanos, chamando o interesse de nomes da extrema-direita como Jair Bolsonaro, Wilson Witzel (ex-governador do Rio de Janeiro), Rodrigo Amorim (deputado estadual eleito no Rio de Janeiro na onda bolsonarista após se popularizar por quebrar a placa de Marielle Franco, vereadora assassinada em 2018) e outros¹⁴⁷.

¹⁴⁴ BRASIL DE FATO: Popularidade de Bolsonaro despenca e fica abaixo de 20% pela primeira vez desde janeiro de 2019. Disponível em: > <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/29/popularidade-de-bolsonaro-despenca-e-fica-abaixo-de-20-pela-primeira-vez-desde-janeiro-de-2019> <. Acesso em: 12 jan. 2024.

¹⁴⁵ CARTA CAPITAL: Bolsonaro quer criar factóide com Copa América, diz historiador. Disponível em > <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-quer-criar-factóide-com-copa-america-diz-historiador/> <. Acesso em: 12 jan. 2024.

¹⁴⁶ O GLOBO: Aliado de Bolsonaro, Landim escancara uso político do Flamengo. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/blogs/bernardo-mello-franco/noticia/2022/10/aliado-de-bolsonaro-landim-escancara-uso-politico-do-flamengo.ghtml> <. Acesso em: 12 jan. 2024.

¹⁴⁷ EL PAÍS BRASIL: Como o Flamengo se tornou instrumento da extrema direita. Disponível em: > https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/deportes/1573670771_370418.html <. Acesso em: 12 jan. 2024.

Em 2018, pouco mais de um mês depois de vencer as eleições presidenciais, Bolsonaro já se fazia presente em estádios de futebol. Naquela ocasião, o ex-presidente buscou ganhar popularidade política em cima do Palmeiras, campeão do Campeonato Brasileiro daquele ano. No dia da entrega da taça, o ex-presidente esteve no estádio para entregá-la ao time paulista, o que gerou divisão entre apoiadores e críticos¹⁴⁸. Ao receber a sua medalha, o jogador bolsonarista Felipe Melo bateu continência ao militar reformado então eleito presidente. Esse histórico de associação de Bolsonaro com o futebol para tentar apropriá-lo nos permite ter base para discutir como se dão o sequestro dos símbolos pátrios e da camisa Canarinho, que representa orgulho à nação brasileira pela conquista de cinco títulos mundiais, além de criar base para a discussão do “dessequestro”. Importante notar pelas notícias, incluídas nas notas, como essa associação de Bolsonaro ao futebol chamava a atenção da imprensa, que terá papel fundamental na análise da narrativa midiática sobre o “dessequestro” da amarelinha com um discurso de desvincular a camisa da seleção da extrema-direita.

3.2 Verde e amarelo: sequestro e rejeição

Somado a essas formas de tentativa de apropriar o futebol para sua autopromoção, aquilo que consideramos o principal: o sequestro dos símbolos nacionais como forma de legitimar os ideais de extrema-direita por meio da bandeira do Brasil e da camisa da seleção brasileira de futebol, um atributo histórico da identidade nacional do país, como fez a última ditadura militar (GUEDES E ALMEIDA, 2019). Em Copas do Mundo, não há apenas uma disputa de uma seleção contra a outra em busca de um título. No Brasil, especificamente, há uma produção de sentidos esportivos, midiáticos, religiosos, culturais, econômicos, políticos etc. dentro da ideia de comunidades imaginadas de Benedict Anderson (2008). Com tais sequestros, existe a comunidade imaginada do que seria o “Brasil ideal” do bolsonarismo, aqueles que seriam os legítimos representantes da nação brasileira, os que teriam a permissão de usar os símbolos pátrios e a camisa da seleção. Quem não se encaixa no perfil da legitimidade bolsonarista, é taxado como antipatriótico. Os grupos estudados no capítulo anterior que são as vítimas do ódio.

Assim, no futebol, já a partir da Copa de 2018, na Rússia, houve conflito de sentidos em relação à camisa amarela da seleção brasileira. Mas vale recuperar que até chegar a esse

¹⁴⁸ GE: Bolsonaro entrega taça de campeão ao Palmeiras; opositores protestam com cartazes e vaias. Disponível em: > <https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/bolsonaro-chega-a-arena-do-palmeiras-para-ver-jogo-do-titulo-opositores-protestam-com-cartazes.ghml> <. Acesso em: 12 jan. 2024.

momento, os símbolos nacionalistas já eram usados pela direita nas eleições de 2014 e, especialmente, de 2015 nos protestos a favor do impeachment de Dilma Rousseff. No entanto, em 2022, vamos chegar a outro contexto influenciado também pelas eleições presidenciais com o retorno de Lula ao tabuleiro político, como analisaremos no próximo capítulo. Para darmos um sentido ao sequestro pela extrema-direita, considero importante passar pela história da criação dos símbolos nacionais que nos remetem à independência do Brasil em 1822. A primeira bandeira do império brasileiro foi constituída com o verde e o amarelo predominantes, criada pelo francês Jean-Baptiste Debret¹⁴⁹. Havia outros elementos na bandeira e também na formação do hino nacional, mas vamos nos ater às cores verde e amarela do brasão.

Figura 1 – Bandeira do Brasil Império



Fonte: MODELLI, 2018.

De onde surgiram? De acordo com Jurt (2012), a primeira bandeira do Brasil possuía tais cores por representarem as dinastias de Dom Pedro (Portugal) e Leopoldina (Áustria): o verde oriundo da família real Bragança de Portugal, e o amarelo, da Casa de Habsburgo (Áustria). Ou seja, a primeira bandeira do país independente de Portugal tem significados oligárquicos sem quaisquer ligações a uma possível identidade nacional. A própria independência não aconteceu por um sentimento nacional tampouco do desejo de Dom Pedro I criar um Brasil. A separação política do Brasil de Portugal devia-se ao interesse das elites provincianas, que se sentia mais segura com o comando da corte no Rio de Janeiro do que em Portugal. A escravidão era um ponto em comum em todas as regiões brasileiras. Não havia interesse em modificar a estrutura econômica e social. O Estado britânico pressionava para que o Brasil encerrasse a escravidão com o advento de homens livres, o que era temido pelas elites coloniais brasileiras que desejavam manter o país sob a escravidão e a exclusão da grande maioria da nação, como os escravizados. O imperador constituiria segurança política,

¹⁴⁹ Em 1816, veio ao Brasil a Missão Artística Francesa, composto por membros da Academia de Belas Artes da França ligados ao derrotado Napoleão Bonaparte, entre eles Debret. Introduziram o estilo neoclássico no Brasil, que até então tinha o estilo barroco colonial (JURT, 2012).

econômica e estabilidade às oligarquias nacionais (JURT, 2012). A primeira bandeira do Brasil independente nasce nesse contexto histórico.

Oficialmente, a abolição da escravidão aconteceu em 1888 depois de um processo de resistência dos povos negros no movimento abolicionista, parte da sociedade civil e de pressões políticas externas. Esse cenário fez com o que o Brasil recebesse mão de obra imigrante estrangeira. Com a população negra jogada ao relento, sem inserção social, e o contingente de pessoas oriundas da Europa e da Ásia, o Brasil possuía uma heterogeneidade étnica e cultural, o que levou as classes dirigentes a tentarem a formação de um “nacionalismo de estado” (JURT, 2012). Depois de todo o processo que culminou com a criação da República dos Estados Unidos do Brasil em 1889, após um golpe militar contra o imperador, os republicanos concebem a ideia de criar símbolos nacionais a fim de promover a identidade nacional¹⁵⁰. Daí, surgiu uma nova bandeira que unia as cores da bandeira imperial à composição gráfica dos EUA, o que gerou repulsa de positivistas, segundo Jurt (2012), formando a bandeira que conhecemos atualmente, desenhada sob o ideal “O amor por princípio, a ordem por base, e o processo como objetivo”, de Augusto Comte. Novamente, a exclusão da maioria da população daquilo que se impusera como nação. Os modos de construir uma identidade nacional num país com uma mistura de culturas – que não significa equidade entre elas – perpassou desde o império até a república. Como vimos no tópico anterior, momentos importantes em busca de uma brasilidade única aconteceram na Era Vargas e na última ditadura militar, principalmente pelo futebol. No Brasil, o sucesso da seleção brasileira em Copas do Mundo desde a década de 1950 atrai a atenção de figuras políticas a fim de se aproveitar do capital simbólico da Canarinho.

No século XXI, a direita brasileira normalizou o uso de símbolos nacionais em protestos contra os governos do Partido dos Trabalhadores para se auto-identificar como “legítimos brasileiros na luta por um país melhor”. Ao menos desde 2007, com apenas cinco anos de governo PT, o movimento “Cansei”, criado por João Doria¹⁵¹, usou símbolos pátrios para se posicionar contra o PT com discurso anticorrupção.

¹⁵⁰ Sobre os novos sentidos que se buscavam dar à recém-criada república, ver: SCHWARCZ, Lília; STARLING, Heloísa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

¹⁵¹ Oficialmente denominado Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros, o “Cansei” foi endossado pela Fiesp, pela OAB-SP e personalidades como Hebe Camargo, Ivete Sangalo, Regina Casé, Ana Maria Braga e Regina Duarte. FOLHA DE S.PAULO: Há dez anos, 'Cansei' dava a Doria projeção, aura de anti-Lula e pecha de 'golpista'. Disponível em: > <https://m.folha.uol.com.br/poder/2017/08/1909369-ha-dez-anos-cansei-dava-a-doria-projecao-politica-e-pecha-de-golpista.shtml> <. Acesso em: 13 jan. 2024.

Figura 2 – Movimento "Cansei" em 2007



Fonte: O PARTISANO, 2022.

Aécio Neves (PSDB) vai usar o mesmo capital simbólico dos símbolos pátrios e da camisa da seleção brasileira de futebol nas eleições de 2014, quando foi apoiado por Ronaldo “Fenômeno”, grande nome do pentacampeonato mundial conquistado pelo Brasil em 2002.

Figura 3 – Aécio Neves usa símbolos nacionais em campanha de 2014 - 19.08.2014



Fonte: GARCIA, 2014.

Além dos símbolos nacionais, há o capital simbólico de Ronaldo, nome muito ligado à representação do futebol-arte do Brasil, ativado nas campanhas campeãs da Copa nas narrativas midiáticas. O verde e amarelo, a camisa da seleção e símbolos pátrios foram usados pela campanha oficial de Aécio Neves na TV.

Na corrida presidencial 2014, é possível observar a veiculação de representações estéticas do que comporia a narrativa política de direita, opositora ao primeiro mandato de Dilma Rousseff e à sua reeleição. No último programa da campanha do

candidato Aécio Neves, veiculado em 24 de outubro, o vídeo exalta as cores verde e amarelo em abundância, exibia imagens de eleitores com camisas da seleção e similares ao time nacional de futebol, e manifestações de apoio em locais elitizados das principais cidades brasileiras, onde se repetiram os atos de 2015 e 2016, como a praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Em um trecho dessa propaganda eleitoral, o locutor afirma aos eleitores: “No dia das eleições, você pode votar em um partido, ou votar no Brasil [...] No dia 26, que tal votar no Brasil?” (REIS, 2021, p. 22).

Como vimos no capítulo 2, a Operação Lava-Jato atuava em suas “investigações” com o discurso de combate à corrupção na política brasileira, tornando-se um argumento importante no discurso da direita e, mais tarde, da extrema-direita. Importante entendermos o que levou ao sequestro da camisa Canarinho e ao sucesso da extrema-direita como uma série de fatores interligados, principalmente após as Jornadas de Junho, também analisada no capítulo anterior. Consideramos os seguintes fatores como determinantes para esse cenário de ascensão da extrema-direita com o discurso antipetista: grandes manifestações na Copa das Confederações de 2013 que foram cooptadas pela direita; eleições 2014, com o uso de símbolos pátrios e da camisa da seleção brasileira por Aécio Neves e o discurso de dúvidas lançada pela direita sobre o sistema eleitoral de votação após mais uma derrota para o PT; a Lava-Jato que surge em 2014; e a capitalização dessa ambiência antipetista, travestida de combate à corrupção, que pavimentou a guinada à extrema-direita com Bolsonaro a partir de 2015 e 2016, com manifestações de rua pelo impeachment de Dilma Rousseff. Todos esses eventos foram extremamente midiaticizados tanto na TV (REIS, 2021) quanto no digital e no impresso (VASCONCELOS, 2021).

O jornalista Mattheus Reis analisou a narrativa do programa *Fantástico*, da TV Globo, na cobertura dos protestos de 2015 e 2016 no livro *Amarelo desbotado: Crise e sequestro da camisa da seleção brasileira de futebol*. Em março de 2015, primeiro conjunto de atos a favor do impeachment de Dilma e apenas cinco meses após as eleições de 2014, o programa dominical da maior emissora do país exibiu reportagem de mais de 14 minutos sobre o ato contra presidenta do Brasil e o PT, associando-os à corrupção, de acordo com o discurso dos protestos. A pesquisa de Reis (2021) identificou um padrão temático nas formações discursivas que favoreceram a associação da camisa Canarinho e demais símbolos da pátria à direita e à extrema-direita tanto nas manifestações de março de 2015 quanto nas que sucederam nos anos seguintes.

O que se destaca nesta e em outras reportagens analisadas, sobre o discurso jornalístico, é o padrão temático de construção social das manifestações e dos participantes, com estruturas textuais baseadas em formações discursivas semelhantes. Apesar dos diferentes repórteres que cobriram as manifestações por diferentes afiliadas da TV Globo em diferentes regiões do país, pode-se inferir, a partir de elementos narrativos reiterados, uma representação predominante dos atos. No encadeamento destes elementos, percebe-se a proposta de construção social da

realidade daquelas manifestações em torno de atributos “patrióticos”, “totalizantes” e “irreversíveis” (REIS, 2021, p. 42).

Além do texto, também compunham o discurso narrativo das reportagens imagens das manifestações populosas com grande predominância das cores do país em bandeiras, camisas da seleção e semelhantes a ela e demais objetos que apareciam nas ruas, nas janelas de prédios, e associados a famílias presentes nos atos, crianças. Velórios simbólicos do PT em cidades pelo país, bonecos de Lula como presidiário (REIS, 2021), discurso de ódio contra Dilma Rousseff que foi colocada em adesivo com as pernas abertas em tanques de gasolina em carros (VASCONCELOS, 2021) também foram exibidos pela imprensa. É a construção de elementos e técnicas de jornalismo (MOTTA, 2007) para criar um discurso narrativo que propunha aproximar o telespectador daqueles que estavam presentes nos protestos, como se fizesse uma convocação a quem está assistindo de casa para aderir ao movimento pacífico, outro atributo muito usado para legitimar os atos. Um jornalismo que visava mais a emocionar do que informar, analisado por Reis (2021) como um problema de ética por não haver o debate de ideias, reforçando o discurso de apenas um lado dos embates políticos daquele momento. Nesse sentido que as matérias do *Fantástico* não demonstram as contradições dos movimentos “Fora, Dilma”, “Fora, PT”, “Acabou a mamata” etc. Os manifestantes iam às ruas pedir o fim da corrupção no país, mas usavam a camisa da seleção brasileira de futebol, comandada pela CBF. Em 2015, a entidade enfrentou investigações internacionais por envolvimento de seus dirigentes justamente em corrupção no futebol, como venda de votos na escolha da sede da Copa de 2022, no Catar, e lavagem de dinheiro e recebimento de propina na venda de direitos de transmissão de campeonatos de futebol. Ou seja, só a associação do bônus aos milhões de manifestantes, enquanto o ônus é escondido. Uma associação dos símbolos nacionais a um grupo político e a desconstrução da esquerda que criaram uma narrativa naquele momento que permitiu o sequestro da Canarinho. Em 13 de março de 2016, uma matéria deu destaque para os milhões de manifestantes espalhados por cidades brasileiras contra Dilma. Nesse dia, numa das reportagens veiculadas sobre o ato, a camisa da seleção brasileira foi exibida 35 vezes em 13 minutos, uma média aproximada de três cortes da Canarinho por minuto, conforme analisou Reis (2021). A grandiosidade das manifestações somada ao texto e à exibição das imagens da Canarinho em exaustão associam a camisa brasileira a um grupo político, pavimentando o sequestro.

Mattheus Reis (2021) apresenta o segundo ciclo que começa a ligar Jair Bolsonaro àquelas manifestações populares de 2015 e 2016, quando acontece o impeachment da Dilma. Esse momento está atrelado à corrupção no governo de Michel Temer e às eleições

presidenciais de 2018. O ano de 2017 contou com menos adesão às manifestações, apesar de também existir corrupção no governo Temer. Em 2018, esse grupo político volta a ter organização de forma mais ampla por causa das eleições presidenciais daquele ano. Dada a incapacidade do PSDB – partido que rivalizava até então com o PT em eleições presidenciais –, o capital político dos grupos de direita foi muito bem aproveitado por Jair Bolsonaro, pavimentando o caminho do Brasil para a extrema-direita. Bolsonaro se associou ao discurso antipetista, ao tema da anticorrupção e ao patriotismo exacerbado, puxando para si os símbolos nacionais e a amarelinha contra o vermelho do PT e do comunismo (GUEDES e ALMEIDA, 2019). Na posse como presidente no dia 1 de janeiro de 2019, Jair Bolsonaro disse em discurso que a bandeira do país jamais seria vermelha¹⁵², o mesmo repetido pela esposa dele, Michelle Bolsonaro¹⁵³, em setembro de 2022, durante a campanha para as eleições de outubro daquele ano. O que consolida a guinada à extrema-direita com a vitória nas eleições daquele ano sobre Fernando Haddad (PT), com Lula fora da disputa por estar preso por decisão lavajatista. Na semana final do pleito que elegeu o bolsonarismo, Mattheus Reis afirma que “o que se pode depreender apenas nas narrativas é a continuidade da ligação entre a então candidatura de Jair Bolsonaro, os símbolos pátrios e as cores verde e amarela”, o que vai continuar ao longo do governo bolsonarista em manifestações a favor de Jair Bolsonaro (REIS, 2021) e no maior atentado contra a democracia da história do Brasil em 8 de janeiro de 2023, quando invadiram a Praça dos Três Poderes, em Brasília, e vandalizaram diversas sedes dos poderes da república, entre eles o Supremo Tribunal Federal, o Planalto e o Congresso Nacional¹⁵⁴. Está dado o segundo sequestro (GUEDES e ALMEIDA, 2019). Tudo aquilo que se opunha ao bolsonarismo não estaria representado pelo uso da Canarinho, como os corpos ameaçados pela extrema-direita, cujos discursos e políticas públicas contra as minorias subrepresentadas foram analisados no capítulo anterior. Negros, LGBTQIAPN+ e mulheres politicamente organizadas não seriam bem-vindos. Afinal, o próprio Bolsonaro

¹⁵² VALOR ECONÔMICO: 'Nossa bandeira jamais será vermelha', afirma Bolsonaro na posse. Disponível em: > <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/01/01/nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha-afirma-bolsonaro-na-posse.ghtml> <. Acesso em: 14 jan. 2024.

¹⁵³ PODER 360: “Nossa bandeira jamais será vermelha”, diz Michelle Bolsonaro. Disponível em: > <https://www.poder360.com.br/governo/nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha-diz-michelle-bolsonaro/> <. Acesso em: 14 jan. 2024.

¹⁵⁴ FOLHA DE S.PAULO: Golpistas picham 'perdeu, mané' no STF e vandalizam tribunal, Planalto e Congresso. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/golpistas-picham-perdeu-mane-no-stf-e-vandalizam-tribunal-planalto-e-congresso.shtml> <. Acesso em: 12 dez. 2023.

afirmara, em julho de 2022, que as minorias teriam de se adequar ao que o bolsonarismo desejava como nação¹⁵⁵.

Contando com episódios que beiravam o esdrúxulo (29), as eleições presidenciais de 2018 significaram, sob vários aspectos, a radicalização política do movimento espontâneo e neutro ocorrido em junho de 2013. Em meio aos trunfos diferenciais mobilizados nas disputas, um dos mais eficazes viria a ser o emprego e a manipulação das cores enquanto estratégia de auto e hetero-identificação (GUEDES e ALMEDA, 2019, p. 11).

Depois dos sucessos brasileiros em Copas, criou-se uma identificação da população brasileira com os símbolos nacionais a partir da seleção brasileira de futebol, apesar dos controles ideológicos da última ditadura militar. As diferenças nacionais são atenuadas em busca de uma união que objetiva o sucesso do Brasil na Copa do Mundo, a cada quatro anos (OLVEIRA e FARIAS, 2021). Esse cenário foi abalado a partir da Copa de 2018. Quanto maior a identificação da Canarinho e dos demais símbolos nacionais à extrema-direita, maior se tornava o afastamento da amarelinha e de representações do que seria o “ser brasileiro” de grupos da esquerda e de pessoas que não se identificavam com o bolsonarismo, bloco que já rejeitara os símbolos nacionais e a amarelinha na Copa de 2018 (OLIVEIRA, FARIAS, 2021). Os eventos políticos que antecederam os anos anteriores à Copa de 2018 provocaram uma resignificação de sentidos da amarelinha, criando perspectivas diferentes a respeito dos modos de torcer na Copa do Mundo, entre o usar e o não usar a camisa Canarinho.

Devido às tensões provocadas pelo cenário de instabilidade sociopolítica, foram criadas duas perspectivas divergentes, em relação de concorrência, num espaço que foi materializado pelo uso das camisas. Enquanto o grupo apoiador do impeachment de Dilma Rousseff utilizava a camisa amarela da SBF nos protestos, em efeito de contestação, o grupo contra o impeachment passou a rejeitar a camisa amarela, uma vez que esta passou a ser um símbolo “oficial” utilizado pelas manifestações com objetivos opostos (OLIVEIRA e FARIAS, 2021, p. 7).

Enquanto bolsonaristas sentiam-se à vontade em usar a Canarinho, a esquerda e membros da sociedade civil que não concordavam com os ideais de extrema-direita passaram a rejeitar um símbolo que outrora significava união nacional, marcando a interseccionalidade entre futebol e política, já bem discutida ao longo deste trabalho. Relembrando a discussão a respeito dos significados das camisas de futebol (TOLEDO, 2019), os grupos contrários ao bolsonarismo não mais se veem identificados pela camisa verde e amarela, criando ojeriza e rejeição à indumentária, assunto já abordado pela imprensa durante a Copa da Rússia, em 2018. Com manchetes como “Parte da esquerda rejeita camisa amarelinha com medo de

¹⁵⁵ UOL: Bolsonaro contraria Constituição e diz que 'minorias têm que se adequar'. Disponível em: > <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm> <. Acesso em: jan. 2024.

‘virar’ panelreira”¹⁵⁶, “Os torcedores que não querem saber da ‘amarelinha’”¹⁵⁷ e “Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociatas dos cartolas”¹⁵⁸, parte da imprensa nacional já retratava a cisão em torno do uniforme. Vale pontuarmos, porém, que a rejeição restringiu-se apenas à camisa Canarinho, não se estendendo ao futebol tampouco à seleção brasileira, uma vez que houve ressignificações dos modos de torcer entre aqueles que não se identificavam com o bolsonarismo e temiam ser confundidos, como a preferência pela camisa azul, do segundo uniforme da seleção brasileira (OLIVEIRA e FARIAS, 2021). O mesmo vai acontecer na Copa de 2022, no Catar, como veremos no próximo capítulo.

A construção da história da relação da extrema-direita com o futebol e a atuação dessa vertente política no Brasil, representada pelo bolsonarismo mais recentemente, permite-nos enxergar as sobreposições entre futebol e política. O sequestro dos símbolos nacionais, marcadamente da camisa da seleção brasileira de futebol, causou novos significados nos torcedores brasileiros na última década. O cenário de rejeição identificado a partir da Copa de 2018 terá novos capítulos na Copa de 2022, num contexto de derrota de Jair Bolsonaro, tornando-se o primeiro presidente a não conseguir a reeleição desde 1997¹⁵⁹, quando o segundo mandato seguido passou a ser permitido, e com a volta de Luiz Inácio Lula da Silva às disputas eleitorais, depois da anulação da condenação do político do PT pelo STF.

¹⁵⁶ FOLHA DE S.PAULO: Parte da esquerda rejeita camisa amarelinha com medo de ‘virar’ panelreira. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/parte-da-esquerda-rejeita-camisa-amarelinha-com-medo-de-virar-paneleira.shtml> <. Acesso em: 14 jan. 2024.

¹⁵⁷ PLACAR: Os torcedores que não querem saber da “amarelinha”. Disponível em: > <https://placar.com.br/placar/os-torcedores-que-nao-querem-saber-da-amarelinha/> <. Acesso em: 14 jan. 2024.

¹⁵⁸ EL PAÍS BRASIL: Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociatas dos cartolas. Disponível em: > https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html <. Acesso em: 14 jan. 2024.

¹⁵⁹ G1: Bolsonaro é o primeiro presidente que perde disputa por reeleição. Disponível em: > <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/10/30/bolsonaro-e-o-primeiro-presidente-que-nao-consegue-se-reeleger.ghml> <. Acesso em: 14 jan. 2024.

4 O DISCURSO MIDIÁTICO: HÁ UM TENTATIVA DE “DESSEQUESTRO”?

4.1 Reviravolta? Narrativas para o “dessequestro” da camisa da seleção brasileira

Em 2022, a esquerda parece ter entendido o quão perigoso seria deixar um símbolo nacional nas mãos de apenas um determinado grupo. Ao perceber o uso da camisa da seleção por fascistas e a importância de se posicionar politicamente, grupos contrários ao bolsonarismo se reorganizaram e passaram a atuar no debate político, gerando um embate contra o discurso de extrema-direita em diversos campos da sociedade brasileira, inclusive no futebol. Um dos momentos diretamente relacionados ao uso de símbolos nacionais sequestrados pela extrema-direita foi durante a Copa de 2022. Torcedores ressignificaram a camisa verde e amarela e a bandeira do Brasil de diversas maneiras para demarcarem que não eram bolsonaristas. Houve aqueles que preferiram usar a camisa do Brasil azul ou preta, mas também existiram os que usaram a camisa verde e amarela ressignificada: com o número 13 às costas, em referência a Lula, adversário de Bolsonaro nas eleições; com uma estrela vermelha no peito ou apenas a camisa vermelha da seleção brasileira em alusão ao PT, partido de Lula¹⁶⁰; ou a bandeira nacional com os dizeres é “Para a Copa” etc.

Figura 4 – “É pra Copa” em bandeira do Brasil



Fonte: FOLHA DE S.PAULO, 2022.

¹⁶⁰ JC: Torcedores recriam CAMISA da COPA após BOLSONARISTAS se apropriarem do verde e amarelo. Disponível em: > <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jamildo/2022/11/15118620-torcedores-recriam-camisa-da-copa-apos-bolsonaristas-se-apropriarem-do-verde-e-amarelo.html> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

Figura 5 – Camisa do Brasil nas cores do PT



Fonte: SILVA, 2022.

Ao longo da história do futebol brasileiro, discursos hegemônicos foram sendo construídos para afirmar a masculinidade heteronormativa. Quando se afirma um jeito de jogar, uma forma de torcer, uma maneira de se fazer presente em um ambiente, automaticamente exclui-se outros modos de ação. Assim, com a afirmação histórica da masculinidade heteronormativa no futebol, mulheres e LGBTQIAPN+ foram excluídos do futebol. Mulheres foram afastadas da prática esportiva como política de estado por quatro décadas a partir de 1941, impedindo o desenvolvimento do futebol profissional feminino (RESENDE, 2023). O bolsonarismo, ao se apropriar da camisa verde e amarela e afirmando seu modus-operandi de atuação sob a masculinidade heteronormativa, fortalece o processo de exclusão de corpos que não se enquadram nesse padrão, atuando no sentido contrário à democratização do futebol. Um símbolo poderoso sequestrado pela extrema-direita para impor a ideia de quem seriam os legítimos brasileiros sob a lógica machista, misógina, LGBTfóbica diante dos padrões masculinos. Uma atuação no sentido contrário à democratização do futebol que reforça tudo o que alguns coletivos de torcida têm lutado para que o futebol deixe de ser: misógino, LGBTfóbico, machista etc. No combate à LGBTfobia e à misoginia e pela reivindicação pelo direito de torcer de pessoas LGBTQIAPN+ e mulheres,

diversos grupos e coletivos surgiram ao longo da história do futebol brasileiro¹⁶¹, como a Coligay (Grêmio) e a Fla-Gay (Flamengo), por exemplo. Coletivos de torcida criaram movimentos, por meio do associativismo torcedor¹⁶², na tentativa de popularizar o futebol no combate à elitização do futebol e o que já mencionamos. Uma das ações é pelo direito de torcer e estar presente nas arquibancadas como forma de contra-argumentar e marcar o território político a favor da diversidade. Interessante dizer que a exclusão não foi criada pelo bolsonarismo, porque alguns corpos sempre foram rejeitados no meio futebolístico de característica histórica fundamentada na masculinidade heteronormativa. Já existiam coletivos de torcida pela democratização do futebol antes da ascensão bolsonarista, o que acontece é que esses grupos vão se fazer presente contra a reafirmação antidemocrática da extrema-direita. Mais recentemente, surgiu o Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ, criado em 2019 já no contexto bolsonarista com o intuito de denunciar e combater as violências sofridas por pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, nas redes e nas ruas. Além disso, também visou a congregar torcidas LGBTQIAPN+ de diversos clubes brasileiros para realização de ações, campanhas, iniciativas e sugestões de inclusão e diversidade (CAMARGO, 2022). Uma dessas foi o encontro nacional virtual em agosto de 2020, que teve a sala invadida por diversos discursos homofóbicos após divulgação do link. O debate ocorreu, mas sem a presença do público geral¹⁶³. Um micropoder, na visão de Ubaldo Ribeiro, que entra em disputa no debate político.

Mesmo sem ir ao estádio, as torcidas e pessoas LGBTQs foram vítimas de ataques de ódio pela internet durante a pandemia de COVID-19, e a Canarinhos LGBTQ se mobilizou com o intuito de denunciar e combater essa prática. Notas, posicionamentos, cartilha, reenvio de propostas, diálogos, articulações, orientações e busca de construção por todos os caminhos fizeram parte do processo de início dos trabalhos da Canarinhos (COLETIVO DE TORCIDAS CANARINHO LGBTQ+, s./d.).

Atualmente, o coletivo Canarinhos LGBTQ+ reúne 18 torcidas LGBTQIAPN+ de 18 clubes do Brasil, entre eles do Vasco (Vasco LGBTQ+), do Cruzeiro (Marias de Minas), do Botafogo (Torcida LGBTQIA+ do Botafogo) e do Corinthians (Fiel LGBT). A Vasco LGBTQ+, por exemplo, tem atuado junto ao clube para promover essas ações de inclusão e

¹⁶¹ Sobre a história de coletivos na luta pela inclusão no futebol, ver: PINTO, Maurício Rodrigues. Pelo direito de torcer: movimentos e coletivos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 2017. Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades (Mudança Social e Participação Política) – Universidade de São Paulo, USP.

¹⁶² Sobre associativismo torcedor e democratização dos estádios, ver: TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. *Esporte e Sociedade*. Niterói, n. 28, p. 1-26, 2016.

¹⁶³ COLETIVO DE TORCIDAS CANARINHOS LGBTQ+: Conheça a Canarinhos LGBTQ. Disponível em: < <https://canarinhoslgbtq.com.br/quem-somos/> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

evitar a LGBTfobia entre os vascaínos. Em junho de 2021, o Vasco da Gama lançou, de forma inédita, uma camisa em apoio à diversidade no futebol. O clube colocou a tradicional faixa transversal nas cores do arco-íris, símbolo da comunidade LGBTQIAPN+. Não houve unanimidade entre os jogadores que na época atuavam no clube sobre essa decisão: o zagueiro Leandro Castán, querido pelos torcedores, fez uma publicação de cunho religioso, no Instagram¹⁶⁴, colocando-se contrário à decisão do clube sobre o uso da camisa. Tempos depois, Castán admitiu que o seu posicionamento mudou a relação dele para pior com a torcida¹⁶⁵. Mesmo assim, o clube manteve a estreia da camisa diante do Brusque, em São Januário. Na ocasião, o Vasco venceu por 2 a 1, com direito ao atacante Germán Cano levantar a bandeirinha de escanteio com o arco-íris na comemoração de um dos gols. Na divulgação do novo uniforme, o clube lançou uma carta em defesa da diversidade no sentido de combater a LGBTfobia no futebol. Como fez há 100 em defesa de seus jogadores negros e operários. O clube também contou com ações em 2022 e em 2023.

A homofobia e a transfobia são alguns dos mais graves problemas do nosso tempo e o esporte ainda é, infelizmente, um de seus espaços de mais forte reprodução. O Vasco da Gama assume para si a responsabilidade de se posicionar diante do tema, sem defender aquilo que é cômodo, mas sim aquilo que é correto. O clube será um parceiro daqueles que lutam contra o preconceito relacionado à orientação sexual ou à identidade de gênero de quem quer que seja. [...] Ser parte da mudança – e não do problema – não é simples, já que exige uma mudança de nós mesmos. O Vasco convida clubes, atletas, torcedores, dirigentes, federações e sociedade para um compromisso conjunto de debate acerca da homofobia e da transfobia (CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA, 2021).

Outra torcida atuante é a LGBTricolor, do Bahia, que também tem o trabalho voltado para inclusão no futebol. Possuem camisas, bonés e adereços do grupo para marcar a visibilidade LGBTQIAPN+ nos jogos do Bahia. Em junho de 2023, realizaram o baile da Torcida LGBTricolor para sociabilidade de integrantes e fãs LGBTQIAPN+ do Bahia¹⁶⁶. Também promovem o debate sobre gênero e sexualidade¹⁶⁷. A atuação também é próxima do clube, cujo então presidente declarou, em 2019, que estádio também é lugar de gay ao detalhar as estratégias de comunicação do clube em prol da inclusão e da diversidade, colocando mais um clube em defesa da comunidade LGBTQIAPN+.

Em 2019, o então presidente do Bahia detalhou a intenção de inclusão na estratégia de inclusão do clube, que seria a de dizer: “ao negro, ao pobre, ao gay, ao indígena, que eles fazem parte da história da cidade do estado da Bahia. E eles precisam fazer parte do clube. Essas pessoas estavam assistindo jogos nos barzinhos da periferia da

¹⁶⁴ Disponível em: > <https://www.instagram.com/p/CQoPZgity0V/> <. Acesso em 11 ago. 2023.

¹⁶⁵ LANCE!: Castan afirma que posição sobre a camisa LGBTQIA+ do Vasco mudou a relação com os torcedores. Disponível em: > <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/castan-afirma-que-posicao-sobre-a-camisa-lgbtqia-do-vasco-mudou-a-relacao-com-os-torcedores.html> <. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹⁶⁶ Disponível em: > <https://www.instagram.com/p/CsmxQD3J-G9/> <. Acesso em 11 ago. 2023.

¹⁶⁷ Disponível em: > <https://www.instagram.com/p/Cs6lNLWAjKa/> <. Acesso em 11 ago. 2023.

cidade, ou sequer isso, já não estavam se interessando pelo clube. Quando a gente diz ao gay ‘venha pro estádio, aqui é lugar de gay também’. É lugar de trans, de negro, de índio (indígena, parênteses meus), de todos.¹⁶⁸

O envolvimento de toda a comunidade do futebol, como clubes, associações, federações, CBF, jogadores, dirigentes, é importante para a democratização do futebol e impedir a exclusão de grupos historicamente excluídos.

Midiaticamente, a Canarinhos LGBTQ+ tem o Instagram como uma das principais ferramentas de atuação a favor dos direitos das minorias no futebol, atacadas pelo discurso ameaçador da maioria da população do país que elegeu Jair Bolsonaro em 2018. Na rede social, o grupo detalha ações e projetos em andamento, denuncia as violências sofridas pelo público LGBTQIAPN+ no futebol e cobra políticas públicas de inclusão de autoridades. No dia 17 de maio de 2023, o Dia Internacional de Combate à LGBTfobia, a página do coletivo revelou que apenas três clubes da Série A não se posicionaram a favor da causa: Flamengo, Coritiba e Cuiabá¹⁶⁹. Uma forma de cobrar a diretoria dessas equipes a repensarem a estratégia e alertar o público para o quão importante é clubes de futebol se envolverem no debate contra a LGBTfobia.

A Canarinhos LGBTQ também conta histórias de jogadoras (o futebol masculino não permite que jogadores falem abertamente acerca da LGBTfobia), a fim de humanizá-las e denunciar à sociedade que até craques como Formiga não estão ilesas de passar por situações de violência. A atleta revelou, ao portal UOL, que chegou a sofrer preconceito em clubes por onde passou. Num deles, o presidente do clube afirmou que “se tiver sapatão aqui, não vai jogar”¹⁷⁰. Em fevereiro de 2023, o coletivo divulgou um levantamento que apontou 35 casos de LGBTfobia durante a Copa do Mundo masculina de 2022, disputada no Catar. Foram cometidos, segundo o estudo, por torcidas, jogadores e agentes do Catar envolvidos no mundial. A atuação do grupo chamou a atenção da Confederação Brasileira de Futebol e, no fim de 2022, anunciaram parceria. Historicamente, a CBF jamais havia se envolvido no debate em defesa da comunidade LGBTQIAPN+ no futebol. É um movimento recente da confederação. Em post do anúncio de colaboração¹⁷¹, a CBF afirmou que é mais uma ação da entidade para que o futebol brasileiro se torne mais inclusivo e livre de preconceitos. Nos comentários, um homem comentou que o “futebol virando (sic) coisa de Nutella mesmo... [...]”

¹⁶⁸ ONEFOOTBALL: Presidente do Bahia faz discurso sobre inclusão nos estádios. Disponível em: > <https://onefootball.com/pt-br/noticias/presidente-do-bahia-faz-discurso-sobre-inclusao-nos-estadios-26625697> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

¹⁶⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsgteJoOI6N/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹⁷⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cr3zsyMJnkH/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹⁷¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ckt6hkoPt9v/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

já tá virando muita putaria”. Outro falou que “Começou a lacração”. Um também disse que “Quero ver fazer pelos cristãos que estão sendo perseguidos”. Esses discursos corroboram a ideia de vitimização dos grupos conservadores que sempre estiveram à frente das tomadas de poder. Em dezembro de 2023, o coletivo divulgou o Anuário do Observatório da LGBTfobia no Futebol, que registrou 74 casos de LGBTfobia entre torcedores e jogadores em 2022, um aumento de 76% em relação a 2021¹⁷². Um acompanhamento importante para mapear os ataques LGBTfóbicos no futebol e pautar a imprensa e a sociedade a respeito do tema a fim de pressionar o Estado por políticas públicas que garantam o acesso seguro de grupos minoritários, em especial LGBTQIAPN+, ao futebol. O próprio nome do coletivo enfatiza a representação da Canarinho ligada a uma minoria subrepresentada socialmente, sobretudo, no futebol. A denominação coaduna a designação nacional do movimento ligando-o à seleção brasileira e ao futebol nacional.

Garantir o direito de torcer (jogar ou estar presente no futebol de alguma maneira) à comunidade LGBTQIAPN+ ou mulheres, por exemplo, é uma afronta aos grupos de extrema-direita, pois se reorganizam e se colocam como obstáculo para uma maior inclusão, pois estariam perdendo direitos, exclusividade e privilégios diante da ascensão de minorias que lutam pelo direito básico de existir. No futebol, o histórico masculino e heteronormativo é ainda mais evidente. A reorganização da extrema-direita ativa a guerra cultural e o discurso de ódio contra as minorias, como se vê nos comentários da parceria entre Canarinhos e CBF. A garantia dos direitos LGBTQIAPN+ no futebol é visto como “putaria” e “Nutella”. O termo “putaria” conota a referência sexual, como se corpos LGBTQIAPN+ fossem transformar o futebol numa suruba nacional dentro dos estádios. Um discurso conservador e preconceituoso em defesa da “família tradicional” nos moldes patriarcais, que estaria sob perigo com o acesso de minorias nos estádios. O conceito de “Nutella” está ligado “aos novos tempos” – a negação da modernidade conforme estudamos nos capítulos anteriores – em que as minorias ganham espaço na luta por direitos em contraste ao conceito “raiz”, que seria o legítimo. Ou seja, ao usar o termo “Nutella”, a heteronormatividade masculina intensifica o apego ao passado “raiz”, quando minorias não obtinham espaço no debate público tampouco ficavam de “mimimi”, sem o tensionamento social. Ou seja, a ansiedade sexual, a vitimização e o passado mítico como armas fascistas (STANLEY, 2019) na ameaça aos grupos contra hegemônicos que lutam por seus direitos. Uma hierarquização dos corpos que têm direito

¹⁷² MÍDIA NINJA: Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+ divulga Anuário com dados sobre LGBTFOBIA no futebol brasileiro. Disponível em: > <https://midianinja.org/news/coletivo-de-torcidas-canarinhos-lgbtq-divulga-anuario-com-dados-sobre-lgbtfobia-no-futebol-brasileiro/> <. Acesso em: 05 jan. 2024.

social – neste caso, acesso ao futebol – relacionado ao passado em que apenas um grupo social se fazia presente e, principalmente, com a exclusão de outros. O trabalho da Canarinhos LGBT+ e outros coletivos de torcida insere-se num ambiente de luta pela democratização do futebol num contexto de avanço do bolsonarismo sobre o esporte que contribuiu para construir a identidade nacional. Estar presente nessa arena de disputa de narrativas que é o futebol marca um lado contra o avanço e a cooptação total da extrema-direita nesse esporte historicamente associado à heteronormatividade e aos corpos ameaçados pelo bolsonarismo, como vimos no capítulo anterior.

A essa ambiência de movimentos da sociedade civil de ressignificação da Canarinho para usá-la na Copa do Mundo de 2022 e a atuação de alguns coletivos de torcida por um futebol mais democrático, reforçada com o bolsonarismo no poder, soma-se a esse dinamismo de embate ao discurso da extrema-direita a narrativa criada por empresas, CBF e grupos de mídia por uma seleção brasileira de todos e, principalmente, a camisa verde e amarela. Luiz Gonzaga Motta (2007) verificou que a narrativa é capaz de interpretar o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (natureza física, relações humanas, crenças, identidades, valores, mitos etc.) em relatos. Essa definição nos permitiria organizar as coisas em ordem e perspectiva, produzindo um discurso que cria significações e dá sentido a tudo que se envolve com as ações humanas, desde situações mais banais do dia a dia a mais complexas. Um exemplo pode ser a denominação de “cadeira” para chamarmos o objeto que serve para o ser humano se sentar. Mas o nome cadeira não é natural, alguém convencionou aquilo socialmente como cadeira e criou um significado para o objeto, dando uma ordem e perspectiva àquilo que nos sentamos. Luiz Gonzaga Motta (2007) atribui o fato de a humanidade organizar a experiência de forma narrativa como um impulso anterior ao estabelecimento da linguagem, sendo uma predisposição de organização da realidade em narrativas. O autor avança sobre o termo das narrativas midiáticas, definidas por ele como fáticas (notícias, documentários, reportagens, transmissões ao vivo etc.) e fictícias (novelas, filmes, história em quadrinho, propagandas, videoclipes musicais etc.). A narrativa fática, ainda segundo Motta (2007), é usada com o objetivo de ter a atenção do ouvinte, leitor ou telespectador ao provocar efeitos de real. A narrativa fictícia é aplicada para causar efeitos emocionais a partir de subjetividades. Com essa concepção, vamos analisar posicionamentos que buscaram criar uma narrativa de união em torno da seleção brasileira e de desvincular a camisa Canarinho da extrema-direita para a Copa de 2022. Diversas marcas e personalidades se posicionaram ao longo de 2022 com a finalidade de “dessesquestrar” a camisa Canarinho a partir do futebol, mais especificamente, da Copa. Não foi pela eleição presidencial terminada

em outubro, antes do mundial, ou pelo Carnaval, foi pela Copa do Mundo, evento de mobilização nacional a cada quatro anos (GUEDES, 2023).

A Adidas publicou nas redes sociais uma peça publicitária de um minuto e 35 segundos¹⁷³ para criar o clima de Copa do Mundo com a proximidade do torneio. Na história criada pela multinacional alemã, torcedores de todas as tribos se reuniram na casa de “Dona Maria”, nome comum no Brasil. Também usaram expressões populares como “reunir a galera” para associação coletiva e retrataram nomes como os ex-jogadores Adriano e Cafu, a jogadora Cristiane, a ex-jogadora Formiga e o influenciador Luva de Pedreiro, entre outros, com personagens que também iriam para a casa de Dona Maria acompanhar o Brasil. Com imagens de favelas e os sentidos produzidos por personalidades da seleção brasileira, negros e que ascenderam de uma realidade difícil, a narrativa da marca de material esportivo usa de efeitos emocionais (MOTTA, 2007) a fim de criar o caráter popular para a seleção brasileira, principalmente quando usa e abusa do verde e amarelo ao longo da peça, desvinculando-o do bolsonarismo. Ou seja, a Adidas encena publicitariamente o ato de “devolver” a amarelinha a aos brasileiros, sem vinculação à extrema-direita.

Figura 6 – Campanha da Adidas para a Copa de 2022



Fonte: LUVA DE PEDREIRO, 2022.

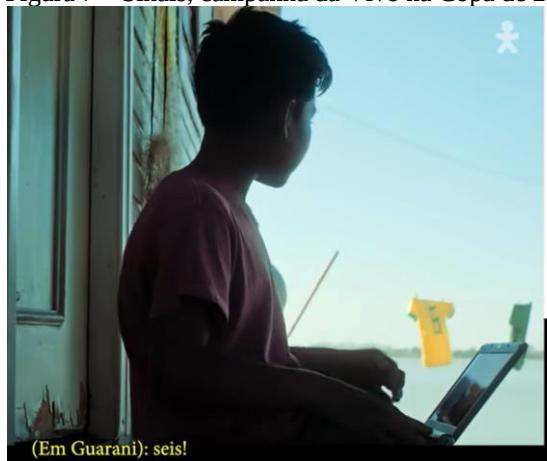
A Vivo, empresa de telefonia e patrocinadora da seleção brasileira, fez uma associação da seleção Canarinho à conquista do hexacampeonato, ajudando a reforçar a ideia de uma camisa vencedora e respeitada diante do mundo. Para atribuir o caráter popular e nacional da amarelinha, a marca construiu uma história de um minuto intitulada “Sinais”¹⁷⁴: à noite, duas crianças estão numa fazenda, para conotar o interior do Brasil, contando seis estrelas no céu. Logo após, Vinicius Junior, uma das referências técnicas do time de Tite naquele mundial,

¹⁷³ Disponível em: > <https://encurtador.com.br/irFOQ> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

¹⁷⁴ Disponível em: > <https://abre.ai/hQhc> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

acorda com o despertador às 6h da manhã num dia que ele estrearia pelo Brasil na Copa. Ao mesmo tempo que Vini Jr. acorda, a peça sobe som da música “Anunciação”, de Alceu Valença, como trilha sonora para reforçar a ideia dos sinais que mostrariam que o Brasil conquistaria o sexto título da Copa¹⁷⁵. Com o número seis – referência ao hexa – usado em diversos momentos do filme, inclusive em aldeias indígenas e no tempo de acréscimo dado naquele jogo encenado no filme, a Vivo “veste” o povo de verde e amarelo na torcida por Vinicius Junior e pela seleção. O jogador, inclusive, faz um gol decisivo, levando a torcida brasileira a comemorar efusivamente – seja a que está dentro do estádio ou a que está por todo o Brasil – a vitória num jogo difícil e importante. O uso da figura de Vinicius Junior não é aleatório, uma vez que é um homem negro nascido em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, e vítima de racismo na Espanha desde que chegou ao Real Madrid em 2018¹⁷⁶, aproximando o jogador da seleção brasileira a um estrato social menos favorecido. Ao vincular uma vítima de racismo e de origem pobre, a Vivo trabalha a identificação do torcedor com a seleção, vinculando a camisa Canarinho a todos os brasileiros e, principalmente, desvinculando-a da extrema-direita, que tem entre uma de suas características a guerra cultural contra minorias, o que discutimos nos capítulos anteriores.

Figura 7 – Sinais, campanha da Vivo na Copa de 2022



Fonte: VIVO, 2022.

Num vídeo de um minuto, a Nike cria as mesmas abordagens que a Vivo, porém, num destaque ainda maior à camisa da seleção brasileira, puxada por outros adversários a todo momento, seja com o jogador Rodrygo em campo, na do menino que joga no campo de terra ou do cantor Djonga no meio de uma multidão. Uma conotação que permite a leitura de que a amarelinha é puxada por rivais da nação a todo instante exemplificada nos três contextos

¹⁷⁵ O refrão da música Sinais, de Alceu Valença: Tu vens/tu vens/Eu já escuto os teus sinais/Tu vens, tu vens/Eu já escuto os teus sinais

¹⁷⁶ COMUNICAÇÃO E ESPORTE: CBF erra ao iniciar campanha contra o racismo na Espanha. Disponível em: > <https://comunicacaoesporte.com/2023/06/26/cbf-erra-ao-iniciar-campanha-contra-o-racismo-na-espanha/> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

apresentados pela peça publicitária, mas que o simbolismo da indumentária resistiu como algo que seria de todos, visto nos três personagens usados no filme: Rodrygo, Djonga e o menino que joga num campo simples de terra batida, principalmente o estrato social menos favorecido, dada a representação dos personagens. Podemos ler esses adversários como aqueles que tentam tomar a camisa para um grupamento específico, como é o caso da extrema-direita. O título do filme é “Veste a garra”, produzindo significados do brasileiro médio que enfrenta uma vida cheia de percalços e, com o “veste a garra”, convoca os torcedores a vestirem a Canarinho, numa união em torno da seleção brasileira tendo uma música como trilha na qual pede que os brasileiros torçam juntos¹⁷⁷.

Figura 8 – Nike Futebol apresenta: Veste a Garra



Fonte: NIKE, 2022.

O sentido atribuído pela Vivo com Vini Jr. é o mesmo que a Nike demonstra ao explorar as imagens de Rodrygo e Djonga. Fornecedora oficial dos uniformes da seleção brasileira, o conceito usado pela marca para a Canarinho da Copa de 2022 foi a introdução do “Amarelo Dinâmico”¹⁷⁸, que dá vida às pintas (rosetas) da onça pintada, espécie emblemática das matas brasileiras. A valorização da fauna e da flora e a referência à natureza e à biodiversidade nacional constroem narrativamente simbologias que a extrema-direita negacionista tanto atacou nos últimos anos, com a negação das mudanças climáticas causadas pelo aquecimento global¹⁷⁹.

¹⁷⁷ Disponível em: > <https://www.youtube.com/watch?v=DFR6j5GN51k> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

¹⁷⁸ UOL: Nike apresenta uniformes de seleções parceiras para a Copa do Mundo de 2022. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/gazeta-esportiva/2022/09/15/nike-apresenta-uniformes-de-selecoes-parceiras-para-a-copa-do-mundo-de-2022.htm> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

¹⁷⁹ AOS FATOS: O que dizem bolsonaristas que negam o aquecimento global — e por que eles estão errados. Disponível em: > <https://www.aosfatos.org/noticias/o-que-dizem-bolsonaristas-que-negam-o-aquecimento-global-e-por-que-eles-estao-errados/> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

O cantor Djonga foi uma figura importante na construção da narrativa de desvinculação da camisa verde e amarela do bolsonarismo. O rapper mineiro ganhou notoriedade ao cantar músicas que desnudavam as desigualdades do Brasil com críticas aos problemas sociais enfrentados pela população negra, pobre e periférica. Ao longo de 2022, Djonga chamou a atenção ao dar declarações a favor do “dessequestro” e realizou shows vestindo a camisa verde e amarela. Em abril, numa apresentação num festival de Belo Horizonte, o rapper crítico de Bolsonaro citou a apropriação dos símbolos nacionais feita pela extrema-direita, com a consciência de influenciar o debate público para retomá-los num ano de eleição e Copa do Mundo. Disse ele: “Os caras acham que tudo é deles, eles se apropriam do tema família, eles se apropriam do nosso hino, eles se apropriam de tudo, mas é o seguinte, é tudo nosso, e nada deles”¹⁸⁰. Meses depois, a CBF contou com o rapper como trunfo, ao lado de outras personalidades do futebol, em campanha para dissociar a camisa da seleção brasileira do bolsonarismo, retirando o sentido político dela¹⁸¹. A pouco dias da Copa, Djonga falou em entrevista¹⁸² que a camisa do Brasil havia sido apropriada pelo bolsonarismo e lembrou que a esquerda poderia ver com pé atrás tal símbolo por esse motivo. Mas também afirmou que a Canarinho significa vitória na periferia, lembrando do histórico de jogadores negros que ajudaram a construir esse imaginário vencedor, afirmando o caráter popular da camisa para influenciar o debate público rumo ao “dessequestro”.

As cantoras Anitta e Ludmilla também se posicionaram a respeito da camisa Canarinho ser de todos os brasileiros. Em abril, Anitta defendeu em rede social que a camisa verde e amarela pertence a todos os brasileiros¹⁸³, o que gerou uma resposta direta do então presidente Jair Bolsonaro. Para não gerar conteúdo para a base bolsonarista, Anitta bloqueou Bolsonaro. Eleitora declarada de Luiz Inácio Lula da Silva, Ludmilla realizou show no Rock in Rio de 2022, em setembro, a dois meses das eleições e a três da Copa, com muito verde e

¹⁸⁰ MÍDIA NINJA: Djonga resgata orgulho ao usar verde e amarelo em show: “com essa camisa aqui é mais gostoso de ouvir vocês gritando”. Disponível em: > <https://midianinja.org/news/djonga-resgata-orgulho-ao-usar-verde-e-amarelo-em-show-com-essa-camisa-aqui-e-mais-gostoso-de-ouvir-voces-gritando/> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

¹⁸¹ UOL: CBF inicia campanha para dissociar política da camisa da seleção. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2022/11/08/cbf-inicia-campanha-para-dissociar-politica-da-camisa-da-selecao.htm> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

¹⁸² TMDQA: Djonga faz discurso forte sobre camisa da seleção: “na periferia, significa vitória”. Disponível em: > <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2022/11/18/djonga-camisa-do-brasil-periferia/> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

¹⁸³ G1: Anitta bloqueia Jair Bolsonaro no Twitter após mensagens sobre cores da bandeira do Brasil. Disponível em: > <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2022/04/16/anitta-bloqueia-jair-bolsonaro-no-twitter-apos-mensagens-sobre-cores-da-bandeira-do-brasil.ghtml> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

amarelo no palco e pediu para o público fazer o “L”¹⁸⁴, em referência a Lula, antes de cantar a música “Baile de Favela”, numa conotação que se atribui favela a povo desvinculado dos sequestradores. Logo após a apresentação, nas redes sociais, Ludmilla voltou a falar do caráter popular da amarelinha com post do resgate da bandeira e do orgulho de ser brasileiro com fotos que traduziam esse envolvimento de todos da nação com os símbolos nacionais, visto nas camisas do Brasil em verde e amarelo.

Figura 9 – X, 11.09.2022



Fonte: LUDMILLA, 2022.

Outro discurso importante, para a construção de um “clima de Copa” e para deixar de lado as divergências causadas pela disputa política em ano de eleições presidenciais, foi uma chamada da TV Globo¹⁸⁵, maior emissora do país e detentora dos direitos de transmissão do mundial desde 1970. Em campanha de um minuto veiculada na TV aberta, a Globo usa Galvão Bueno, a “voz oficial” dos jogos da seleção brasileira no canal, para narrar um texto¹⁸⁶ que apela para o lado emocional na construção de uma narrativa de união dos brasileiros pelo

¹⁸⁴ VEJA: Ludmilla resgata camisa da seleção e pede para público fazer o ‘L’. Disponível em: > <https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/ludmilla-resgata-camisa-da-selecao-e-pede-para-publico-fazer-o-l> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

¹⁸⁵ Disponível em: > <https://www.youtube.com/watch?v=BoCQ8ZYXD5k> <. Acesso em: 07 jan. 2024.

¹⁸⁶ Texto completo: “Tem coisa mais bonita que família junta? Que o encontro de cores diferentes? Nada nos une mais do que o futebol. Nada junta mais a gente do que uma Copa. Nossas diferenças. Nossas divergências ficam de lado. Porque na Copa somos um só time. Contra tudo. Contra todos. É ano de Copa, amigo. Em novembro, lá no Catar, é Brasil contra o mundo. Tamo junto pela Copa.”

Brasil na Copa. No texto, a TV Globo usa elementos de união, como “família junto”, e valoriza o encontro das diferenças para torcer pela seleção brasileira como um só time, criando uma narrativa de “Brasil contra o mundo”. Não há citação política no texto nem nas imagens, mas conseguimos perceber as referências ao clima político que dividiu o país. Como a narração de Galvão Bueno disse, porque, segundo o discurso da emissora, “Nada nos une mais do que o futebol. Nada junta mais a gente do que uma Copa”. Na ilustração do texto, o clima de união é reforçado pelas imagens de brasileiros de verde e amarelo reunidos pelo futebol, pela Copa, ruas pintadas nas cores do país, na tentativa de reproduzir a “brasileiragem” (VIEIRA, 2019), cuja ideia seria criar um estereótipo nacional em tempos de Copa. Para legitimar o discurso da união de antagônicos que se juntam pelo futebol, a campanha mostra torcedores de Vasco e Flamengo abraçados, como se o futebol fosse capaz de produzir harmonia entre indivíduos com pensamentos diferentes. O objetivo dessa mensagem é metaforizar a rivalidade política existente entre lulistas e bolsonaristas com os torcedores de Vasco e Flamengo, um dos maiores clássicos do país e detentor de uma das maiores rivalidades do futebol brasileiro, mostrados na imagem. Se um vascaíno e um flamenguista foram capazes de deixar as divergências de lado, lulistas e bolsonaristas também o poderiam.

Figura 10 – campanha da Globo para a Copa de 2022



Fonte: CANAL DE CHAMADAS, 2022.

Em setembro, a um mês das eleições e a dois da Copa, a Globo divulgou os detalhes da cobertura do mundial do Catar¹⁸⁷, informando que seriam 300 horas de transmissão no

¹⁸⁷ REDE GLOBO: Globo anuncia detalhes da grande cobertura multiplataforma da Copa do Mundo do Catar. Disponível em: > <https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/globo-anuncia-detalhes-da-grande-cobertura-multiplataforma-da-copa-do-mundo-do-catar.ghtml> <. Acesso em: 07 jan. 2024.

Sportv, canal de TV fechada da emissora, e 160 horas na TV Globo. O slogan oficial do canal para a transmissão do torneio seguiu o da chamada: “Tamo junto pela Copa”. O próprio diretor de esportes da Globo, Renato Ribeiro, citou que a Copa de 2022 teria um significado diferente, porque seria uma competição “depois de uma eleição que promete ser a mais polarizada da história do Brasil” e que, ainda segundo ele, “só uma Copa é capaz de reunir o país em uma só torcida”. Para a transmissão, a Globo fez questão de destacar a diversidade em seu elenco de jornalistas para transmitir a Copa. O veículo informou que seria um mundial marcado pela diversidade, com a presença de mulheres em funções que antes só eram desempenhadas por homens, o que poderia ser mais bem ilustrado nas telinhas com a comentarista Ana Thais Matos, a primeira mulher a comentar os jogos da seleção brasileira masculina em Copas na Globo, e nas primeiras mulheres narradoras do canal em mundiais, como Renata Silveira e Natália Lara. Uma representatividade importante num contexto de ataque aos corpos que fogem da masculinidade heteronormativa, até mesmo as mulheres.

Importante ressaltar que empresas visam ao lucro, especialmente envolvendo a Copa do Mundo, megaevento que mobiliza a nação brasileira de quatro em quatro anos. Concordamos com Helal, Mostaro e Amaro (2014) a respeito da ideia de nação não apenas pelo sentido político, mas também como produtora de sentidos num sistema de representação cultural. Os indivíduos participariam da ideia de nação influenciando a cultura nacional a se tornar uma característica fundamental da industrialização e um dispositivo da modernidade (HELAL, MOSTARO e AMARO, 2014). A popularização do futebol a partir da Copa de 1938 e a consolidação com o tricampeonato em 1970 de um estilo brasileiro de jogar o futebol com a valorização de uma ginga, do drible e de um futebol-arte criaram uma relação intensa da nação brasileira com o futebol (RESENDE, 2021). A produção de sentidos no futebol, na relação entre interlocutor e consumidor, cria representações, significados, identidades e práticas populares em nossa cultura. Isso vale para Copa do Mundo, megaevento que consolidou no mundial de 1970 uma cultura de consumo própria (HELAL, MOSTARO e AMARO, 2014) dentro da ideia de lazer e ludicidade do futebol com consumo de signos e identidade. A criação de um “clima para a Copa” é de interesse das marcas que se envolvem com o torneio que mobiliza o país. A tentativa de empresas de despolitizar o debate público e criar uma união nacional, com o uso de narrativa fictícia (MOTTA, 2007) para mexer com a emoção dos indivíduos, em torno da seleção brasileira não é mero desejo de encerrar as divergências na nação, mas também existe o interesse econômico dentro dessa cultura de consumo do futebol. Quanto mais gente consumindo, maior é o lucro, seja por maior audiência, maior venda de camisetas, mais planos de telefonia etc. Uma diferença em relação ao

discurso de Djonga e Ludmilla, por exemplo. Ambos também vivem do espetáculo e do consumo como cantores, mas há uma diferença em relação às propagandas das marcas voltadas exclusivamente para o estímulo do consumo de um produto, pois os artistas mencionados não lucrariam diretamente com um envolvimento maior dos brasileiros atacados pelo bolsonarismo com a Copa. Seja por mais venda de camisa, maior audiência etc. É uma produção de sentidos diferente que deseja vincular os símbolos nacionais ao preto, ao favelado, ao funk, ao rap, num posicionamento político de não apenas despolitizar e tornar tais símbolos pertencentes a todos e ao mesmo tempo ninguém, mas vinculá-los especificamente aos corpos atacados pela extrema-direita. O que é muito bem ilustrado quando Djonga afirma “É tudo nosso, e nada deles”.

Apesar de o futebol não ser mais a metonímia da nação (GUEDES, 2022), as Copas do Mundo ainda congregam um interesse nacional pelo torneio, o que faz com que haja a valorização de símbolos nacionais para a produção de sentidos por marcas para vender produtos.

As mais diversas marcas desenvolvem narrativas em seus anúncios que buscam explorar possíveis conexões entre seus produtos e a Copa, manipulando os sentidos que circundam o evento. A televisão para ver os jogos, o sofá onde a família se reúne, a churrasqueira, a bebida para a partida, os adereços para casa, tudo que componha o imaginário do ritual de assistir aos jogos. Mesmo os setores do mercado distantes dos componentes concretos desse imaginário buscam alguma ligação mesmo que abstrata, como uma programação especial em um canal de filmes ou uma promoção de livros sobre futebol em uma livraria (VIEIRA, 2019, p. 48 e 49).

Junto com alguns movimentos de torcida e um reposicionamento de grupos de esquerda pelo uso da amarelinha e as narrativas criadas por empresas e personalidades criam um ambiente de “dessequestro”, mesmo que por caminhos diferentes como acabamos de ver. A considerar a extrema-direita no poder e os constantes ataques à democracia do bolsonarismo, podemos entender que é uma ação que aproveita o futebol e a Copa do Mundo, principalmente no caso de marcas e personalidades, para criar narrativas democráticas, mesmo que por interesses comerciais.

4.2 Sequestro x “dessequestro”: a cobertura de *O Globo* e *Folha de S.Paulo* na Copa de 2022

Depois de analisarmos a ascensão bolsonarista e o sequestro de símbolos nacionais, como a camisa da seleção brasileira masculina de futebol, passamos a enfocar campanhas que conotam o desejo da retomada da amarelinha a partir da adoção de um discurso de que ela é de todos os brasileiros, sem pertencer apenas a um único grupo político. Como vimos, é preciso estar atento ao fato de que essa intenção, no entanto, está atrelada a marcas e empresas

que desejam se aproveitar da narrativa de unidade nacional de um produto, retirando-o simbolicamente de somente um grupo, para faturar cada vez mais. Sendo assim, é importante analisar também o discurso da imprensa ao longo da cobertura do mundial no Catar. As Copas do Mundo no Brasil, dado o seu poder de mobilização da sociedade brasileira¹⁸⁸, são um dos grandes momentos na cobertura dos meios de comunicação, que acompanham diariamente na disputa pela audiência do leitor a fim de auferir lucros financeiros como grupos de mídia. Como a publicidade faz com seus produtos de camisetas, linhas telefônicas e internet, eletrônicos etc., a imprensa comercializa a notícia. Assim, o jornalismo aproveita o futebol, especialmente em Copas, com narrativas que “compreende cenários, personagens, enredos, símbolos e significados que, em conjunto, formam uma metalinguagem” (MURAD, 2007, p. 27). As nuances das partidas – cada lance, cada gol feito, a bola que não entrou, a vitória, a derrota, o vilão, o herói, o choro, a alegria – são preenchidas de dramatização pelos veículos de imprensa. As narrativas proporcionadas pelo futebol, considerado paixão nacional no Brasil, são inesgotáveis para atrair o público. O drama nas imagens – na TV, na internet ou nos jornais impressos – impactam o torcedor, promovendo um compartilhamento de emoções entre os personagens de um jogo e o público (CARLOS, 2015) selecionados pela imprensa. A escolha pela análise de dois jornais em edição digital se justifica porque seguem com influência da produção e reprodução de saberes sociais. O jornalismo busca a objetividade, embora também possua problemas como parcialidade e obtenção de lucro, precarização do trabalho, entre outros – não é a intenção aqui discuti-los. Mas é o jornalismo que media a informação, produz e reproduz valores e padrões de caráter sociocultural, indo além de serem apenas transmissores de informação (SANTO e DUMONT, 2014) e se comunicam com os leitores porque possuem o domínio da informação com acesso a conteúdo de interesse público com valor social. A informação é, portanto, social dentro de todo o processo de produção, organização e consumo entre grupos, segmentos e classes (CARDOSO, 1994), isto é, está inserida nas relações sociais. De acordo com definição de Luiz Gonzaga Motta (2007), como já abordamos inicialmente no tópico anterior, as narrativas midiáticas no jornalismo são fáticas, instrumentalizadas em notícias, reportagens, documentários, transmissões ao vivo. A narrativa midiática possui métodos de comunicação linguísticos e extralinguísticos para operar determinadas intenções e objetivos. Qual seja a narrativa implementada num discurso

¹⁸⁸ A vitória do Brasil por 4 a 1 sobre a Coreia do Sul, válida pelas oitavas de final da Copa do Catar, bateu recorde de audiência na TV Globo, maior número da emissora desde a derrota brasileira para a Bélgica na Copa de 2018, disputada na Rússia. A CazéTV, canal do Youtube que também transmite esportes, foi outro a bater o próprio recorde com a transmissão de Brasil x Coreia do Sul (KOGUT, 7 dez. 2023, segundo caderno, p. 3). As informações são da coluna de Patrícia Kogut, do jornal *O Globo*, na edição de 7 de dezembro de 2023.

mediático, nunca é por acaso, pois o locutor produz e organiza um discurso narrativo que deseja passar ao destinatário (MOTTA, 2007).

A comunicação narrativa pressupõe uma estratégia textual que interfere na organização do discurso e que o estrutura na forma de sequências encadeadas. Pressupõe também uma retórica que realiza a finalidade desejada. Implica na competência e na utilização de recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas: o narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário (MOTTA, 2007, p. 3).

No jornalismo, isso se mostra na seleção das notícias veiculados no dia, nos enquadramentos escolhidos para noticiar os acontecimentos, no tamanho da matéria, os destaques, as manchetes, as imagens que ilustram um texto. Tudo isso é construído pelas técnicas de jornalismo para narrativamente criar um discurso que o veículo deseja passar junto ao espectador. No caso dos jornais, ao leitor. Dentro desse contexto, torna-se relevante questionar: a imprensa se interessa pela politização da camisa brasileira? Como aborda o tema? Qual é a narrativa? Quem aborda? É por meio de matérias, de colunistas, charges ou leitores? Para buscar tais respostas, usamos como corpus de análise as publicações dos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* entre os dias 13 de novembro e 25 de dezembro, ou seja, uma semana antes do início do mundial do Catar de 2022 e uma semana após esse evento, período que acreditamos ser suficiente para verificarmos o discurso da imprensa a respeito da politização da camisa Canarinho e o possível “dessequestro” dela. A escolha desses diários jornalísticos se justifica por tratar-se dos maiores veículos de dois dos principais estados do Brasil, um do Rio de Janeiro e outro de São Paulo. Ambos possuem circulação nacional e tiveram protagonismo na ascensão de Jair Bolsonaro e do bolsonarismo na última década¹⁸⁹. Vamos analisar o material de maneira cronológica, seguindo o andamento da competição.

O assunto a respeito da politização da camisa brasileira chama a atenção dos dois jornais já a uma semana da Copa do Mundo no Catar, prometendo ser um assunto relevante ao longo do torneio. No dia 13, a *Folha de S.Paulo* aborda diretamente o tema com um artigo¹⁹⁰ “Quem tem medo da camisa amarela?” (KFOURI, 13/11/2022, Copa 2022, b12). Vale ressaltar que as eleições presidenciais já haviam passado, com a vitória de Lula sobre Bolsonaro. Juca Kfoury questiona se os leitores vão torcer pela seleção brasileira ou se terão coragem de vestir a amarelinha na Copa. Num texto de três colunas no caderno dedicado à cobertura do mundial, o jornalista relembra a dualidade entre torcer e não torcer pelo Brasil,

¹⁸⁹ Sobre esse tema, ver: VASCONCELOS, Fabíola Mendonça de. Mídia e conservadorismo: *O Globo*, a *Folha de S.Paulo* e a ascensão política de Bolsonaro e do bolsonarismo. 2021. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

¹⁹⁰ Artigo jornalístico é a opinião de um articulista que publica no jornal. As matérias são textos objetivos que buscam retratar e reportar um acontecimento. Editorial é um texto que exprime a opinião do veículo a respeito de um tema.

na Copa de 1970, que durou só até a estreia, quando Rivellino empatou o jogo diante da Tchecoslováquia, gol que uniu todos os espectros políticos, segundo o articulista. Cita o relato da ex-presidenta Dilma Rousseff, torturada durante a última ditadura militar, que revelou ter comemorado o tricampeonato conquistado naquele ano enquanto estava presa no presídio Tiradentes. Além de vislumbrar uma possível união nacional com o mundial, Kfoury pede para que os brasileiros não confundam a camisa nacional com o bolsonarismo, fazendo um convite para encerrar a “diabolização da camisa amarela” (KFOURI, 13/11/2022, Copa 2022, b12). O colunista, portanto, resgata o contexto da Copa de 1970 - cuja disputa do mundial naquele ano também gerou distanciamento em parte da população brasileira, dado o uso político da seleção pela ditadura militar que vigorou entre 1964 e 1985 – para analisar 2022. Como vimos, o governo militar também se apegou a símbolos nacionais para se legitimar, o que Guedes e Almeida (2018) definiram como o primeiro sequestro da amarelinha.

Também aborda no mesmo dia em uma matéria que destaca que a “CBF realiza campanha para despolitizar seu uniforme” (SABINO, 13/11/2022, Copa 2022, b10). No título já há uma compreensão de despolitizar a camisa para conferir a ela um sentido de que pertence a todos. O jornalista Alex Sabino informa que a CBF deseja dissociar a camisa verde e amarela dos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. Segundo a publicação, o então presidente da entidade, Ednaldo Rodrigues, já imaginava desde março daquele ano uma campanha pós-eleição para despolitizar o uniforme da seleção brasileira, em busca de celebrar a paixão do povo pela equipe pentacampeã. No texto, há uma declaração de Ednaldo Rodrigues que dá a tônica para a discussão do tema naquele momento, que é a importância de ter o apoio de todos, independente de idade, lugar, cor, raça, ideologia ou religião. A mensagem da entidade seria que todos os envolvidos com a seleção brasileira, desde jogadores a dirigentes, reproduzissem a declaração de união, despolitizando, desse modo, a camisa do Brasil. Se existe o interesse da CBF em despolitizar o uniforme, é porque ele foi politizado nos últimos anos. Entretanto, vale notar que a “despolitização” também é uma ação política. Na concepção da CBF, afirmar que a camisa é de todos, e, ao mesmo tempo, de ninguém, sem associá-la a determinados grupos, pode ser compreendida com uma espécie de busca por uma terceira via. Indo na contramão ao desejado pela entidade, a própria matéria revela que houve desconforto na confederação com o apoio público de Neymar a Jair Bolsonaro e que ninguém teve coragem de cobrar o principal jogador da equipe de Tite (SABINO, 13/11/2022, Copa 2022, b10).

Já *O Globo* estampa o cineasta estadunidense Spike Lee na capa principal com a camisa da seleção brasileira. Fazendo valer da imagem de um homem negro com a

amarelinha, o veículo relaciona a imagem de Lee aos termos da manchete “favela”, “amor” e “Brasil”. O jornal usa um imaginário popular para contrabalancear, com ou sem intenção, a ideia de que apenas brancos usam a amarelinha em passeatas bolsonaristas. Há tentativa de vinculação de um homem negro à camisa da seleção, assim como da favela. A questão racial foi minimizada durante o governo de Jair Bolsonaro, com a entidade de proteção e promoção da raça negra entregue a Sergio Camargo, homem negro que reproduz o discurso dominante da branquitude, que diz que não existe racismo no Brasil, considerando o assunto “mimimi”. Durante a eleição, pessoas que se declaravam como pretas votavam majoritariamente em Luiz Inácio Lula da Silva¹⁹¹, rival de Jair Bolsonaro, liderança do fenômeno que sequestrou os símbolos nacionais. Soma-se a isso a própria imagem popular de Lula, que chegou a visitar o Complexo do Alemão, um dos principais conjunto de favelas do Rio de Janeiro, durante a campanha eleitoral. Em referência à palavra favela, pesquisas também indicavam Lula à frente de Bolsonaro entre os moradores de periferias¹⁹². Em relação a amor, existe a contrariedade ao discurso de ódio perpetrado pelo bolsonarismo. Com essa relação, o veículo busca dar um caráter popular à camisa amarela que era ligada somente a Bolsonaro e seus seguidores com termos e referências que não estariam ligadas ao ex-presidente. Na matéria dentro da seção Segundo Caderno, o repórter Edward Pimenta explica que Spike Lee estava no Brasil para participar do Rio Innovation Week, evento de tecnologia e inovação no Rio de Janeiro, em um encontro com alunos da instituição sociocultural Cinema Nosso, que forma jovens negros interessados em audiovisual. O texto se inicia com a informação de que Spike Lee foi ao morro Santa Marta, favela da zona sul do Rio de Janeiro, posar ao lado da estátua de Michael Jackson. A ilustração é Lee em cima do morro ao lado da imagem do cantor estadunidense. A matéria também destaca, em manchete, o passado africano de Lee, que afirmou que ele e os brasileiros vieram do mesmo lugar, “a África” (PIMENTA, 13/11/2022, Segundo Caderno, capa). As representações de amor, favela e Brasil na capa nos permitem fazer uma leitura das simbologias da imagem e do discurso narrativo empregado de popularizar a camisa Canarinho, descolando-a do bolsonarismo, o que fica mais evidente quando a publicação traz críticas diretas do cineasta a Jair Bolsonaro: “Temos o potencial de ver o Brasil passar por um grande momento com Lula como presidente. Acredito em um

¹⁹¹ FOLHA DE S.PAULO: Datafolha: Veja a evolução de Lula e Bolsonaro entre brancos, pardos e pretos. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-veja-a-evolucao-de-lula-e-bolsonaro-entre-brancos-pardos-e-pretos.shtml> <. Acesso em: 2 dez. 2023.

¹⁹² O GLOBO: Efeito 'CPX'? Vantagem de Lula sobre Bolsonaro nas periferias sobe oito pontos no Ipec após ataques por visita ao Alemão. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2022/10/efeito-cpx-vantagem-de-lula-sobre-bolsonaro-nas-periferias-cresce-oito-pontos-apos-ataques-sobre-visita-ao-alemao.ghtml> <. Acesso em: 2 dez. 2023.

futuro brilhante, bem melhor do que seria com Bolsonaro” (PIMENTA, 13/11/2022, Segundo Caderno, capa). No artigo “O jogo acabou, vamos jogar”, Otávio do Rêgo Barros afirma que a divisão nacional e o cenário conturbado das eleições deveriam ter se encerrado no segundo turno, em 30 de outubro. O próprio trocadilho de expressões que remetem ao jogo, ao futebol, são usadas para abandonar o assunto eleições e iniciar outro momento, com a proximidade da Copa. Para ele, foi o pleito mais “renhido” desde a última ditadura militar. O autor critica a desinformação, bloqueios de avenidas encampados por bolsonaristas que ousavam contestar o resultado das eleições e elogia a atuação de instituições brasileiras que trataram de frear golpismos após a vitória de Lula. Passado isso, Barros diz que a sociedade brasileira estaria cansada do período eleitoral e que desejaria voltar ao normal, mesmo os bolsonaristas, reencontrar amigos e falar da Copa do Mundo (REGO, 13/11/2022, primeiro caderno, p. 3). Para o autor do texto, logo, a Copa do Mundo seria capaz de amenizar os ânimos aflorados vistos no período eleitoral e restaurar laços afetivos.

No dia 14, a *Folha de S.Paulo* destacou o tema da politização da amarelinha pela primeira vez aqui no período analisado na seção de opinião dos leitores, artifício comum usado por jornais que trazem os valores e o sentimento de seus leitores a partir do tipo de enfoque que esses veículos desejam abordar. Esse espaço serve para elogios, críticas, embates políticos e sociais, denúncias, desabafos, reivindicação, cobranças etc. Ao trazer a visão de mundo de quem acompanha o jornal, Santo e Dumont afirmam que “as cartas¹⁹³ de leitores são uma interação social que reflete o pensamento de um grupo que deseja se informar e se comunicar em determinado contexto social, histórico e ideológico” (2014, p. 177), numa interação entre leitor e jornal, na qual “os jornais são parte dos elementos e instrumentos que fazem a vida cotidiana, são espaços nos quais se produz a sociedade e não apenas na qual ela se reproduz”. Ou seja, o leitor deseja fazer parte daquele debate público por meio do veículo e deixar a sua opinião. A seis dias da Copa, o leitor Rogério Valentin responde o texto de Juca Kfoury que havia questionado, um dia antes, quem teria medo da camisa amarela. De Taboão da Serra (SP), Valentin diz que é cedo demais para usar a camisa do Brasil, revela que vai torcer pela seleção, mas sem a vestimenta. Conta que até poderia usar a camisa Canarinho se não estivessem ocorrendo os atos antidemocráticos. Se usasse, ele acredita que estaria fazendo propaganda para o movimento bolsonarista que bloqueou estradas brasileiras após a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições (VALENTIN, 14/11/2022, p. A3). Pelo discurso, vemos um

¹⁹³ As redações de jornais chamam a mensagem enviadas por leitores de cartas, forma de comunicação usada antes do advento da internet. Hoje, as mensagens são enviadas, em sua maioria, por e-mail, informado pelos jornais.

cidadão brasileiro que não se sente confortável de usar a camisa verde e amarela por receio de ser associado aos grupos da extrema-direita brasileira. Nem mesmo a proximidade da Copa teria lhe dado mais segurança no ato de vesti-la.

Na *Folha*, o articulista Alvaro Costa e Silva escreve, em 15 de novembro, que a Copa está banalizada, pois não se percebe o clima festivo e confiante nas ruas que vira em outros mundiais. Segundo ele, a tensão política pós-eleitoral é a grande vilã para o baixo envolvimento do brasileiro com a competição a poucos dias de seu início. Costa e Silva é enfático ao afirmar que o “divórcio entre a seleção e o torcedor, que hoje dá preferência ao clube do coração, atingiu um ponto traumático e possivelmente sem volta” (COSTA E SILVA, 15/11/2022, p. A2), porém não dá outros possíveis motivos que pudessem afastar o torcedor da seleção, deixando a entender que os embates políticos entre Lula e Bolsonaro podem ser os responsáveis pelo afastamento, com argumentos subjetivos e sem números que possam sustentar sua análise. Cita um ponto de união entre lulistas e bolsonaristas, que teria sido a crítica pela convocação de Daniel Alves por Tite¹⁹⁴. Também lembra que o lateral-direito era investigado pelo Ministério Público Federal por receber R\$ 6,2 milhões do governo Bolsonaro por intermédio de ONGs inativas¹⁹⁵. Ele termina o artigo dizendo que, “ao dobrar uma esquina e deparar-se com o sujeito vestindo a camisa verde e amarela, como saber se é um torcedor do escrete ou um patriota zumbi?”. Por isso, Costa e Silva define que a camisa amarela parece um caso irrecuperável, porque se tornou símbolo do golpismo bolsonarista. Como Kfoury, também relembra a Copa de 1970 ao dizer que alguns não vão torcer pelo Brasil, mas pergunta se isso, em 2022, já não seria demais. No dia 17, no “Painel do Leitor”, a *Folha* traz a resposta da leitora Amanda Almeida, de Uberlândia (MG), ao artigo de Costa e Silva. Ela conta que sempre organizou a casa para receber amigos nos dias de jogos de maneira religiosa. Só que, em 2022, nem deseja torcer, pois o bolsonarismo, de acordo com as palavras dela, matou a camisa verde e amarela (ALMEIDA, 17/11/2022, p. A3).

Até o início da Copa, dia 20, a *Folha de S.Paulo* deu destaque para artigos do ex-jogador Walter Casagrande¹⁹⁶. Com direito à chamada na capa, o artigo intitulado “Não é hora

¹⁹⁴ LANCE!: Convocação de Daniel Alves gera críticas e se torna o assunto mais comentado do Brasil; veja reações. Disponível em: > <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/convocacao-de-daniel-alves-gera-criticas-e-se-torna-o-assunto-mais-comentado-do-brasil-veja-reacoes.html> <. Acesso em: 7 dez. 2023.

¹⁹⁵ REVISTA FÓRUM: Daniel Alves vira alvo de investigação do MPF por receber R\$ 6,2 milhões do governo Bolsonaro. Disponível em: > <https://revistaforum.com.br/esporte/2022/11/12/daniel-alves-vira-alvo-de-investigao-do-mpf-por-receber-r-62-milhes-do-governo-bolsonaro-127284.html> <. Acesso em: 7 dez. 2023.

¹⁹⁶ Walter Casagrande integrou o movimento “Democracia Corinthiana”, que saiu dos gramados e foi uma ponte na luta por democracia e eleições diretas durante a última ditadura militar. Sobre isso, ver: PANTOJA, Augusto Sarmiento. Mais branco do que preto na ditadura militar brasileira: a Democracia Corinthiana, o sindicalismo, a rebeldia e o rock and roll. FuLiA / UFMG. Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 42-65, 2019.

de ‘salve a seleção’” (CASAGRANDE, 19/11/2022, caderno de esportes, p. 5) é um prato cheio para o tema da politização da seleção brasileira e de sua camisa verde e amarela. Casagrande começa perguntando a respeito do entusiasmo brasileiro a poucos dias da abertura da Copa, que, para ele, está com a empolgação presente mais no lado comercial que na paixão do torcedor. Uma crítica contundente do comentarista é direcionada aos jogadores brasileiros que iriam representar a seleção no Catar. Casagrande questiona “a grande maioria desses jogadores não foi à luta quando o povo brasileiro mais precisava que os ídolos do futebol falassem algo. Não falo de partido nem de político, mas das dificuldades que a nossa sociedade vem enfrentando”. Para o comentarista, os brasileiros teriam sido abandonados pelos atletas que vestiriam a amarelinha nos gramados catarianos, conotando um certo distanciamento entre jogadores e população, o que poderia explicar a ausência de entusiasmo dos brasileiros com a Copa a poucos dias do início do torneio. Ele argumenta, ainda, que “como fazer um clipe com o verso ‘eu acredito na rapaziada’, se essa rapaziada não acredita na gente?”. Nessa lógica, seria esperado um sentimento de indiferença dos brasileiros em relação ao time de Tite, porque os jogadores não teriam se importado com aqueles que vão representar quando mais precisaram. Vale o questionamento se em algum momento os jogadores anteriores se importaram. Casagrande também critica a imprensa esportiva, que estaria alimentando a ideia de que haveria união da população em torno da seleção brasileira. Segundo ele, ao contrário da narrativa de união, não seria o momento de “todos juntos”, muito menos o de “salve a seleção”, música que embalou a campanha do tricampeonato brasileiro em 1970, lembrada pelo colunista que tinha o seguinte verso: “Todos juntos vamos, pra frente, Brasil! Salve a seleção”¹⁹⁷. Além do paralelo do contexto político da ditadura em 1970, anos de repressão, perseguição política e o uso da seleção pelo governo militar para a construção de uma imagem de união dos brasileiros em torno de seus ideais, Casagrande relembra a radicalização bolsonarista que pedia, mais uma vez, intervenção militar depois de perder a eleição presidencial. O colunista sustenta que a camisa amarela, que sempre foi usada por brasileiros em época de Copa, “foi usurpada por golpistas espalhados pelas ruas” (CASAGRANDE, 19/11/2022, caderno de esportes, p. 5). O articulista procura trazer problemas da sociedade brasileira que seriam mais importantes quando fala que “enquanto a seleção joga, mais de 30 milhões passam fome. Pra frente, Brasil” (CASAGRANDE, 19/11/2022, caderno de esportes, p. 5). Inclusive, se adotarmos sua lógica seria possível

¹⁹⁷ FOLHA DE S.PAULO: A história da música “Pra frente, Brasil”. Disponível em: > <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/entretenimento/2020/06/a-historia-da-musica-pra-frente-brasil/> <. Acesso em: 7 dez. 2023.

questionarmos o próprio papel de Casagrande já que, enquanto uns jogam, ele, Casagrande, comenta futebol, e muitos brasileiros continuam passando fome.

Além de relacionar sem dados objetivos o pouco interesse pelo mundial à realização da Copa no Catar, um país que reprime liberdades individuais de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ (lembra do capítulo anterior, leitor, quando retratamos corpos atacados pelo bolsonarismo? Agora, na realidade do país árabe, que também restringe liberdades individuais de indivíduos que não se encaixam na masculinidade heteronormativa), Casagrande diz que as vendas de camisas da seleção brasileira têm sido um fracasso, recordando o desejo da CBF de desconectar a Canarinho dos bolsonaristas e contando que ele possuía amigos donos de lojas que devolveram a camisa amarela e só ficaram com azuis e pretas. Até que parece que Casagrande pautou o colunista Lauro Jardim, de *O Globo*. No dia 20, o da abertura do torneio, Jardim foi atrás dos números de vendas das camisas: em 10 semanas depois do lançamento, houve aumento de 52% na comercialização em relação ao mesmo período de 2018. Só que o motivo, segundo a publicação de Jardim, não seria o otimismo dos torcedores com a conquista do hexacampeonato. O crescimento das vendas teria sido registrado graças ao bolsonarismo, pois a fornecedora Nike lançou a nova amarelinha em 7 de agosto, nove dias antes do início da campanha eleitoral. Lauro Jardim conclui que “juntou a fome com a vontade de comer” (JARDIM, 20/11/2022, p. 6). Com a proximidade das eleições, Jardim disse que os bolsonaristas foram os maiores compradores das novas camisas amarelas, mas sem apresentar dados do posicionamento político dos torcedores que compraram a amarelinha. Isto é, o motivo para adquirir o uniforme não seria a chegada da competição que paralisa o Brasil de quatro em quatro anos, mas a disputa política entre Bolsonaro e Lula nas eleições presidenciais de outubro: bolsonaristas estariam vestindo as cores do país e se preparando para o jogo político.

Como nos textos de colunistas que pedem união e que os brasileiros deixem o período eleitoral para trás e outros que dizem que a camisa amarela não lhe representa, o mesmo acontece entre os leitores. Uns querem abandonar o desgaste político causado pelo clima eleitoral e outros ainda não veem possibilidade de aproximação com a seleção brasileira e de usar a Canarinho. No dia 20, em *O Globo*, o leitor João Carlos da Cunha escreve um texto para o jornal intitulado “A nossa seleção”. Nele, pontua que a Copa do Catar será importante para trazer a paz de volta entre os brasileiros, retomando uma união que foi abalada com o resultado das eleições (CUNHA, 20/11/2022, p. 32). Com referências à medicina e sonhando com um país pacificado, o leitor afirma que o futebol é um remédio para curar as mágoas e “vacina correta para debelar as tristezas e reatar as amizades perdidas, obrigando a todos a

vestirem o uniforme”. Interessante notar que esse leitor usa da metáfora, com remédio e vacina para tratar um problema da sociedade brasileira, algo que foi negligenciado pelo governo de Jair Bolsonaro durante a pandemia¹⁹⁸, quando a gestão do ex-presidente não adotou medidas eficazes para controlar a Covid-19 no Brasil, inclusive com a negação do próprio vírus e da própria vacina.

Se Cunha vê possibilidades, por intermédio do futebol, de selar a paz na nação brasileira, outros dois leitores duvidam disso na *Folha* do dia 21. De Cabedelo (PB), Bruno Miguel Avelar fala que “enquanto houver ‘guerra’ sem futuro nunca teremos país, só território sem identidade nacional” (*Folha de S.Paulo*, 21/11/2022, p. A3). Com esse comentário, Avelar projeta que nem mesmo o futebol, outrora definidor de nossa identidade nacional, seria capaz de nos dar um sentido. Juliano Probst, de Viçosa (MG), fala diretamente em sequestro da bandeira brasileira por bolsonaristas e cita que a camisa amarela era o orgulho do Brasil (PROBST, 21/11/2022, p. A3). Juliano Probst é claro em usar o verbo “era”, um atributo nacional que, para ele, não representa mais orgulho.

Embora não haja unanimidade acerca da união em torno da seleção brasileira e o uso da Canarinha, trata-se de um tema que chama a atenção e está em voga nos dois jornais. Só no dia 20, ambos repercutiram o assunto: no veículo carioca, com Lauro Jardim e comentário de leitor, como analisamos. No paulista, há uma matéria, com chamada na capa, de duas páginas no caderno dedicado à cobertura do torneio, denominado “copa 2022”, que ouve especialistas em política e torcedores a respeito da possibilidade de união nacional por causa da Copa do Mundo. A matéria usa o artifício da visão de estudiosos no assunto, para conferir peso técnico e teórico, e de torcedores para representar o sentimento das ruas, de quem somente acompanha a seleção brasileira. Na mesma matéria, especialistas afirmam que o mundial e a atuação da seleção brasileira podem reverter a imagem da camisa verde e amarela usada por bolsonaristas, mas que também dependeria de políticos usando as cores nacionais. O cientista político Marco Antonio Carvalho, da FGV-SP, disse que a Copa possui um significado forte porque a divisão deixaria de existir na hora dos jogos (SABINO, TRINDADE e CURRO; 20/11/2022, copa 2022, capa).

O torcedor Wallace Leite, que estava no Catar para acompanhar a sua décima Copa do Mundo in loco, salientou que a Copa havia chegado num momento oportuno, após as eleições, e que ela tiraria um pouco da tensão política. Também analisou que as cores verde e

¹⁹⁸ UOL: Casarões: Dados provam negligência e agravam situação judicial de Bolsonaro. Disponível em: > <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/07/28/casaro-es-dados-provam-negligencia-e-agravam-situacao-judicial-de-bolsonaro.htm> <. Acesso em: 7 dez. 2023.

amarela não pertencem a um único partido e que os brasileiros deveriam usar a Copa para resgatar a união. O torcedor Esdras Macedo, que estava junto de Leite, comemorou o fato de a Copa ser em novembro e que a mudança de data teria sido essencial para a união das pessoas por um ideal no futebol. A matéria, assinada por três repórteres, aborda que as camisas da seleção estavam engavetadas por simbolizarem somente o lado bolsonarista e questiona se a Copa conseguirá reverter a aversão de parte da população brasileira à amarelinha. Usaram aspas¹⁹⁹ de Flávio Campos, coordenador do Núcleo interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas da USP, que também falou em sequestro da Canarinho pelo bolsonarismo. Campos também afirmou que a camisa amarela “se tornou símbolo da derrubada da Dilma e depois símbolo da campanha do Bolsonaro, em 2018, e do bolsonarismo agora, até com esses grupos golpistas que conclamam a ruptura institucional e o não reconhecimento das eleições” (SABINO, TRINDADE e CURRO; 20/11/2022, copa 2022, capa). A matéria também traz entrevista de José Carlos Marques, professor de comunicação e esporte na Universidade Estadual Paulista (Unesp), que defende a necessidade de voltar às origens da camisa brasileira e de não permitir a apropriação pela direita, porque, segundo o docente, o amarelo não é símbolo da direita em nenhum lugar do mundo. Marques ignora o fato, porém, de a cor da camisa não ser o relevante. A cor, nesse caso, não importaria tanto, mas sim o que representa a camisa de uma seleção nacional de futebol. A extrema-direita no Peru, por meio da camisa da seleção peruana, também tentou pegar para si um símbolo nacional e se colocar como legítimos representantes peruanos²⁰⁰. Keiko Fujimori, filha do ditador peruano Alberto Fujimori, participou da campanha à presidência com a camisa da seleção peruana em 2021, tentando repetir o que o bolsonarismo realizou no Brasil ao sequestrar um símbolo nacional. No Brasil, é o verde e o amarelo. No Peru, vermelho e branco. O que importa à extrema-direita é o simbolismo da camisa e não as cores.

Ainda na matéria “Copa da união?” (SABINO, TRINDADE e CURRO; 20/11/2022, copa 2022, capa), o cientista político Carlos Pereira aponta empecilhos para uma possível retomada da camisa Canarinho, como o apoio público de Neymar a Jair Bolsonaro. Segundo Pereira, “é quase natural, em razão da polarização, que vários apoiadores de Lula mostrem reticência de se engajar no apoio à seleção em um primeiro momento”. Os repórteres Alex Sabino, Luciano Trindade e Luís Curro constroem um caminho para remontar o uso da camisa amarela desde as manifestações de junho de 2013 por setores da direita nacional durante o

¹⁹⁹ Termo jornalístico que se refere à fala de um entrevistado usada numa matéria.

²⁰⁰ ESTADÃO: Em campanha pró-Fujimori, seleção peruana pede que país 'vista a camisa'. Disponível em: > <https://www.estadao.com.br/internacional/em-campanha-pro-fujimori-selecao-peruana-pede-que-pais-vista-a-camisa/> <. Acesso em: 6 dez. 2023.

governo de Dilma Rousseff (PT) e para pavimentar a ideia de caráter nacional da verde e amarela ao fazer uso de falas de estudiosos que afirmam que a recuperação do significado da camisa e a pacificação do país, além do bom desempenho do time de Tite, também passariam por atitudes de nomes expoentes da política, principalmente da esquerda. Flávio Campos, da Universidade de São Paulo (USP), pergunta se “lideranças políticas que venceram as eleições, Lula e Alckmin²⁰¹, bancadas de deputados e senadores que não estão ligados ao bolsonarismo e os governadores eleitos vão tomar atitude positiva de vestir a camisa amarela e estimular a sociedade a acompanhar a seleção brasileira?” (SABINO, TRINDADE e CURRO; 20/11/2022, copa 2022, p. 2). Teixeira, da FGV-SP, responde que “caberá aos políticos e ao presidente eleito se ocuparem de reunificar o país. Não será a Copa a encarregada disso”. José Carlos Marques, da Unesp, também vai por esse caminho ao dizer que “seria muito interessante se o Lula festejasse as vitórias do Brasil na Copa com a camisa amarela, porque é preciso devolver àquilo que ela sempre foi, uma ferramenta mítica do futebol e também vestimenta mítica do vôlei, do basquete”. A narrativa empreendida pelos pesquisadores é que por um sequestro político, somente por meio da política seria possível o “dessequestro”. A Copa e o futebol, com a seleção brasileira, não seriam capazes de recuperar por si só. Por isso, a matéria encerra com declaração do então presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, rival político de Bolsonaro. Com aspas de Lula em defesa do uso da amarelinha no mundial, o jornal busca a narrativa de dissociar a Canarinho como símbolo da extrema-direita e criar um clima de Copa com a união dos brasileiros em torno da seleção: “A gente não tem vergonha de vestir a camiseta verde e amarela. A camiseta não é de partido político, é do povo brasileiro. Vocês vão me ver usando a camiseta amarela, só que a minha terá o número 13²⁰²” (SABINO, TRINDADE e CURRO; 20/11/2022, copa 2022, p. 2). Isso vai no sentido de ressignificação da camisa verde e amarela criada por torcedores que não queriam ser associados ao bolsonarismo, conforme apresentamos no tópico anterior.

Nos dias seguintes ao início da Copa, tanto *O Globo* quanto *Folha de S.Paulo* seguem a dedicar cobertura à politização da amarelinha. Nas páginas do veículo carioca, artigos de Fernando Gabeira e Joaquim Ferreira dos Santos falam que as cores brasileiras são símbolos de protestos bolsonaristas. Em seu texto, Gabeira questiona os motivos que levaram a Fifa a escolher, em 2010, o Catar como sede da Copa, citando os casos de corrupção e compras de votos para a escolha de anfitriões do mundial. O critério técnico não seria uma das justificativas para a escolha, segundo Gabeira, porque o Catar não tem tradição no futebol.

²⁰¹ Geraldo Alckmin, vice-presidente eleito em 2022.

²⁰² Número eleitoral do Partido dos Trabalhadores, sigla de Lula.

Também criticou a falta de direitos humanos no país, as dificuldades para pessoas LGBTQIAPN+ e os mais de seis mil trabalhadores estrangeiros que teriam morrido nas obras de construção de estádios e infraestrutura para a Copa²⁰³, motivos que fazem o jornalista duvidar das escolhas da Fifa pelo Catar. Gabeira ficou surpreso ao ver indianos com camisas do Brasil no Catar, porque, em solos brasileiros, as cores verde e amarela são sinônimos de protestos. O articulista encerra que resta torcer pela seleção sem vestir a camisa amarela, pois poderiam confundir-lo com torcedores pagos pelo Catar (GABEIRA, 21/11/2022, p. 2). Ferreira do Santos escreve um artigo com críticas e ironias ao movimento bolsonarista com referências a filme de comédia, ao futebol e à política nacional. Santos diz que vai usar azul para não ser confundido com quem gostaria de melar o jogo e bater no juiz, uma relação clara aos perdedores das eleições presidenciais que falavam em fraude eleitoral e pediam intervenção militar, interditando estradas pelo país e acampando em frente a quartéis do exército. Joaquim Ferreira do Santos afirma que a camisa amarela inventou um Brasil poderoso e respeitado no mundo e lamenta que o uniforme agora represente o carrinho por trás e o antijogo democrático²⁰⁴. Santos critica o governo de Jair Bolsonaro ao dizer que o mandato do ex-presidente, de 2019 a 2022, acabou com diversos orgulhos da pátria, como o país mais vacinado do mundo, respeito à diversidade e cultura pujante, além da própria Canarinha. Para o articulista, além de recuperar a amarelinha, o que será motivo de grande discussão nos anos a seguir para ele, o país também deverá reafirmar o interesse cultural, científico, nas políticas sociais e no respeito democrático (SANTOS, 21/11/2022, Segundo Caderno, p. 4).

No jornal paulista, a articulista Lygia Maria também repercute a polarização política do país, mas vai na contramão do que vimos até então. No texto intitulado “A Copa é só uma Copa”, ela critica a politização em demasia e possíveis boicotes à seleção brasileira por jogadores terem declarado voto em Jair Bolsonaro. Lygia Maria afirma que quem não consegue separar a estética da política “denota” ignorância, exemplificando que obras de autores conservadores não deixariam de ser fantásticas só porque são conversadores. Para ela, não importaria em quem Neymar teria declarado voto, mas somente se ele foi bem campo. Nessa lógica, vemos que a autora defende que o futebol estaria desvinculado dos conflitos sociais e que um jogo seria apenas um jogo. Lygia Maria parece não estar acompanhando a

²⁰³ G1: Catar admite morte de 'entre 400 e 500' trabalhadores durante preparativos para a Copa. Disponível em: > <https://g1.globo.com/mundo/copa-do-catar/noticia/2022/11/29/catar-admite-morte-de-entre-400-e-500-trabalhadores-durante-a-construcao-dos-estadios-da-copa.ghtml> <. Acesso em: 07 jan. 2024.

²⁰⁴ Carrinho por trás é uma falta grave no futebol. Antijogo é a ação que impede o bom andamento de uma partida, a popular catimba. Ambos são passíveis de punição pela arbitragem.

cobertura dos jornais, porque esse é um assunto bem destacado na imprensa naquele início de Copa, como temos acompanhado em *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, temas deste trabalho. Ela afirma que a discussão política acerca da Canarinho estaria apenas numa bolha intelectual elitista e que a maioria da população ainda valorizaria e se emocionaria com o que o Brasil produziu de melhor: o futebol (MARIA, 21 nov. 2022, p. A2). Esquecer o extracampo só porque é futebol seria um caminho perigoso, com a pressuposição de não misturar futebol e política, até porque a própria relação dos torcedores brasileiros com o futebol contou com investimento simbólico historicamente rastreável. Não foi natural, como transparece o comentário de Lygia. Nos capítulos anteriores, vimos o quão problemático pode ser a despolitização do futebol e das nuances que o envolvem. Além de ignorar toda a relação da construção da identidade nacional do Brasil com o futebol e a política (SOUZA, 2008), a autora favorece o discurso dominante por não querer conflitos com a justificativa que futebol é só futebol num dos maiores jornais do país. Somente torcer e esquecer os problemas do país é justamente o que deseja o establishment brasileiro comandado pela heteronormatividade branca masculina.

Tornar-se senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1984, p. 13).

No dia 22 de novembro, a dois dias da estreia brasileira, ambos os veículos trazem charge²⁰⁵ a respeito da negação do bolsonarismo. As charges, tirinhas e quadrinhos são um gênero jornalístico, com ou sem texto, usados pelo jornalismo para retratar temas da vida cotidiana (social, política, econômica etc.) de maneira jocosa. Elementos da cultura de massa que produzem e reproduzem uma cultura de lazer e entretenimento (FEIJÓ, 1997). Carlos e Marques (2016) destrincham a respeito da leitura de imagens:

No nível icônico, estaria o plano da denotação, os dados da imagem. No nível iconográfico, encontrar-se-iam alguns significados convencionados e significações culturais (é o campo no qual residem as conotações). O nível tropológico compõe-se pelas figuras de retórica, como a hipérbole, a metáfora, a antonomásia, entre outras. No nível tópico estariam os lugares argumentativos com peso ideológico, argumentação ou opinião. Já no nível entimemático, pode-se tecer algumas conclusões baseadas em todo o processo e desencadeadas por meio da argumentação (CARLOS e MARQUES, 2016, p. 50).

Durante a Copa, os dois jornais aqui examinados usaram charges, tirinhas e quadrinhos para representar a discussão a respeito da politização da camisa da seleção brasileira. A primeira vez, no período analisado, no qual aparece esse gênero jornalístico é no

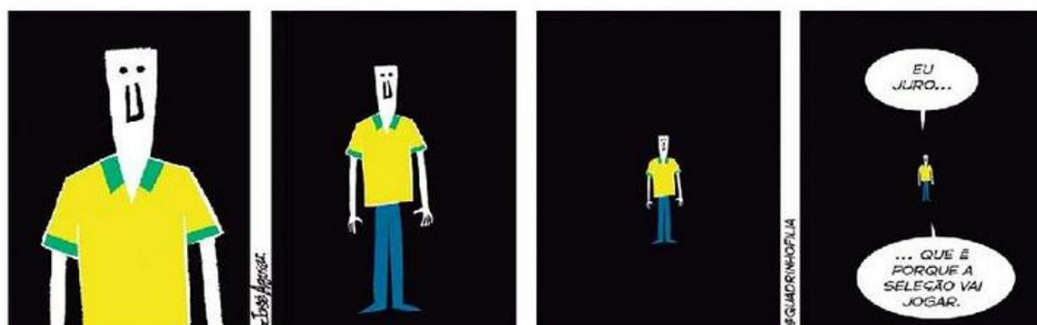
²⁰⁵ Desenhos humorísticos carregados de críticas política e social.

dia 22 de novembro. No jornal *O Globo*, um torcedor com a camisa do Brasil faz ponderações consigo mesmo a respeito de usar a vestimenta. Na sequência do quadrinho, intitulado “Nada com coisa alguma”, o chargista José Aguiar apresenta o torcedor sozinho e vai afastando-o até que, na última parte, a companhia do torcedor seriam os seus próprios pensamentos (nível tropológico) que já dividem a tela com o brasileiro, fazendo um juramento para si mesmo de que seria para torcer pela seleção na Copa (nível tópico). O nível entimemático (argumento com premissa oculta) é toda a composição da charge para a conclusão do leitor, que vai interpretar de acordo com suas bases e seus atravessamentos culturais. Um sentimento do brasileiro que vestiria a camisa da seleção para a Copa e que não se sentisse representado pelo movimento de extrema-direita seria a denotação. Estão vestindo a camisa verde e amarela, mas com repulsa a qualquer ligação com bolsonaristas apresentariam os significados culturais. Uma discussão intensa que existiu durante o mundial, a preocupação de parte da população brasileira de vestir as cores do Brasil e não ser confundida com quem deseja destruir a democracia brasileira. Já na *Folha*, a chargista Fabiane Langona vai mais além ao ser mais definitiva. Apesar de terem o discurso similar, a charge de Langona é mais taxativa que a de José Aguiar ao afirmar, com recursos textuais, que a torcedora está com a camisa verde e amarela e a bandeira do Brasil para torcer na Copa e não para pedir intervenção militar, como fizeram bolsonaristas ao longo dos últimos anos, principalmente depois de perder as eleições e no atentado de 8 de janeiro de 2023. Em ambas as charges, o constrangimento de usar o verde e amarelo é um dos sentimentos dos personagens, que precisam deixar em evidência, e talvez aí esteja a ironia, que estão daquela maneira para torcer pelo Brasil numa Copa do Mundo, o que seria completamente entendido em mundiais anteriores, sem a necessidade de apontamentos extras, não fossem os contextos político e social durante a disputa no Catar.

Figura 11 – *O Globo*, Segundo Caderno, p. 3 – 22.11.2022

NADA COM COISA ALGUMA

José Aguiar



Fonte: AGUIAR, 2022.

Figura 12 – *Folha de S.Paulo*, p. C6 – 22.11.2022

Viver Dói **Fabiane Langona**



Fonte: LANGONA, 2022.

O dia 23 reserva boas páginas correlacionando os assuntos futebol e política. No periódico de São Paulo, Bernardo Guimarães²⁰⁶, que não é o romancista autor de *A Escrava Isaura*, escreve um texto chamado “Na torcida para nossa seleção ser nossa”, no qual apresenta respaldo acadêmico sobre a ideia de a Copa ajudar a unir o Brasil depois dos rachas políticos. Na seção mercado, no dia 23, Guimarães apresenta um artigo acadêmico²⁰⁷ que discute como as seleções de futebol do continente africano afetam a identidade das pessoas em seus países e a possibilidade de conflitos étnicos. Em linhas gerais, com análise de respostas a questionários antes e depois de jogos das seleções, o trabalho mostra que quando a seleção do país vence reduz o número de pessoas fortemente identificadas com o grupo étnico e cresce a identificação com o país, como nação. Também há mais confiança em pessoas de outras etnias. Com ajuda da estatística, o estudo analisado por Bernardo Guimarães em como isso se reproduz em ações diante dos conflitos étnicos. O trabalho conclui que a classificação para a Copa Africana de Nações está vinculada a uma queda de 10% na ocorrência de conflitos. Apesar de enfatizar que o futebol, de forma evidente, não soluciona problemas sociais, o artigo exemplifica a redução de conflitos com a classificação dramática da Costa do Marfim para a Copa do Mundo de 2006, disputada na Alemanha. No vestiário depois do passaporte carimbado, a estrela Didier Drogba e outros jogadores marfinenses fizeram apelo à população de seu país para que perdoassem o próximo na luta pela paz e por eleições. Embora não tenha conquistado a paz no mundo, acredita-se que houve um maior entendimento da população como país do que apenas com o próprio grupo. O estudo abordado por Bernardo Guimarães defende que cada país tem uma realidade e característica própria. Com isso, podemos concluir que seria difícil dimensionar como esse contexto se daria no Brasil com a

²⁰⁶ Doutor em economia por Yale, foi professor da London School of Economics (2004-2010) e é professor titular da FGV EESP

²⁰⁷ Estudo realizado por Emilio Depetris-Chauvin (PUC-Chile), Ruben Durante (Icrea, Barcelona) e Filipe Campante (Johns-Hopkins) e publicado na *American Economic Review* em 2020. Disponível em: > <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/aer.20180805> <.

seleção na Copa do Mundo. Bernardo Guimarães se mostra otimista pela união brasileira no mundial, com identificação geral em torno da seleção e menos com a sua bolha política. Guimarães encerra dizendo que seria legal se a camisa Canarinho voltasse a representar o país inteiro. Efetivamente, numa sociedade dividida por conflitos políticos, não se saberia como seriam administrados durante o Mundial, apesar da vontade de união do autor.

No impresso carioca, há uma matéria assinada por Laís Malek e Rafael Oliveira, intitulada “Futebol e política juntos e misturados”, que traz os exemplos de torcedores da Croácia e de Marrocos que usam o futebol como palco para as suas reivindicações, sejam elas justas ou não. No caso da Croácia, existe um nacionalismo exacerbado que exalta o partido de extrema-direita Utasha que tomou o poder durante a Segunda Guerra Mundial após aliança com a Alemanha Nazista. Um dos pioneiros nos estudos sobre a relação futebol e sociedade, Roberto DaMatta²⁰⁸ escreve artigo, no dia 23, comparando política e futebol com o primeiro sendo algo problemático para a sociedade brasileira e o segundo, prazeroso:

1) o campo político nos embaraça, já o futebol nos tira da “viralatice”, como dizia Nelson Rodrigues; 2) o futebol tem regras invioláveis que todos conhecem, mas o político é ajuizado por muitas instâncias, não é um jogo jogado numa base fixa, é governado por uma multidão de razões e desejos nem sempre legítimos; 3) sempre se reclama do resultado do jogo eleitoral, ao passo que no futebol há unanimidade, pois quem é expulso não joga, e não se pode convocar ninguém por laços de família ou decisão de nenhum Supremo (em outras palavras, as legitimidades entram em crise na política, enquanto o futebol tem uma invejável integridade de regras e arbitragens; 4) não há populismo no futebol (seria asneira prometer a taça antes do jogo). Na política, porém, somos capazes de desmoralizar as regras pelo jogo. O tão falado golpe seria uma impossível vitória sem jogo - ou o jogo roubado por um juiz parcial, mas na política as promessas começam antes da disputa e a influenciam; 5) no futebol, existe um teto, deve-se jogar com a alma numa entrega total, algo que não vemos na política. Finalmente, porque somos péssimos de democracia e sabemos que só pode haver futebol se todos honram as mesmas regras (DAMATTA, 2022, p. 3).

DaMatta define o futebol como algo confiável e democrático²⁰⁹ mediante as regras que possui, justamente o contrário da própria política, uma presa fácil da atuação humana, na qual o perdedor questiona o resultado do jogo democrático. O sociólogo escreve, porém, que a Copa une e dissolve discórdias, mas que isso só seria possível caso o time de Tite não decepcionasse. Por fim, o autor torce para que o Brasil, escrito entre aspas para conotar o país

²⁰⁸ Ao lado de Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Simoni Guedes e Arno Vogel, Roberto DaMatta lançou o livro “Universo do Futebol, Esporte Cultura e Sociedade Brasileira” em 1982, quando os estudos sociais sobre o futebol ainda engatinhavam.

²⁰⁹ Esse texto de Roberto DaMatta é um diálogo com um clássico texto do autor, publicado em 1994, no qual define o futebol como uma das coisas sérias no Brasil, seguindo um ditado popular: a cachaça, o jogo do bicho, e o futebol. Ver: DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol. Revista USP. São Paulo, v. 22, p. 10-17, 1994.

ideal e unido em tempos de Copa, seja feliz no mundial. Ou seja, com o sucesso de Tite e a união nacional sem amarguras políticas.

A estreia do Brasil na Copa do Mundo foi no dia 24 de novembro, contra a Sérvia. No dia do primeiro jogo brasileiro, *O Globo* publicou editorial, com chamada na capa, com o título “Copa do Mundo traz oportunidade para Brasil se unir”. A preocupação com a separação política chamou a atenção do diário, que vislumbrava no mundial a chance de união do país. Os editoriais são um gênero jornalístico nos quais jornais, revistas, rádio e emissoras de TV emitem a opinião institucional sobre temas considerados relevantes na política, na economia, na sociedade etc. (MENDES e MENDONÇA, 2021). Naquele momento, justamente no dia da estreia brasileira, o jornal carioca julgou importante emitir a sua opinião a respeito da separação política causada pelas eleições terminadas em outubro que estaria ameaçando a torcida pela seleção. *O Globo* praticamente clama por uma união do país para a Copa do Mundo. O editorial inicia com a lembrança de uma fala do ex-atacante Ronaldo, que afirmou em 2002 que só o futebol consegue unir todo o país e que, de acordo com o texto, o Brasil deveria seguir as palavras do Fenômeno. O veículo do Rio de Janeiro reconhece as fissuras causadas pelos embates políticos recentes e que a camisa Canarinho e a torcida pela seleção brasileira foram usurpados pelo bolsonarismo. O periódico usa a palavra “sequestrada” e “vilipendiada” para se referir à amarelinha outrora eternizada por Pelé e Garrincha e que, por isso, a camisa azul havia ganhado protagonismo. O jornal faz um discurso firme contra os bolsonaristas ao chamar de criminosos os bloqueadores de estradas e eleitores que acampam em frente aos quartéis do exército pedindo golpe militar. *O Globo* lamenta a baixa expectativa da torcida pelo mundial ao informar que há poucas ruas enfeitadas diferentemente do que acostumava acontecer em tempos passados. O jornal ressalta a importância do futebol no Brasil, definindo-o como característico da identidade nacional brasileira e clama pela união nacional na torcida pelo escrete comandado por Tite. Por fim, avalia que, se a seleção brasileira conseguir nos unir, já tendo, assim, realizado um grande feito, independente do resultado em campo.

No Caderno Especial, dedicado à cobertura dos acontecimentos na Feira Literária de Paraty²¹⁰ (Flip), o jornal convidou três escritores que participaram da feira para escrever sobre o futebol. No artigo de Marcelo Moutinho, “Lia e a camisa Canarinho”, o escritor conta a paixão de sua filha Lia pelo futebol. A menina de sete anos havia começado a colecionar figurinhas do álbum da Copa: o interesse dela era tamanho que a garota pede ao pai uma

²¹⁰ <https://www.flip.org.br/>

camisa do Brasil e pergunta se ele iria torcer pela seleção brasileira. Num primeiro momento, Moutinho esquiva e não responde. A menina volta a insistir na pergunta, no que o pai responde que sim, iria torcer pelo Brasil. Contudo, Moutinho disse que daria uma camisa da seleção brasileira para a filha, mas a da cor azul. Novamente, vemos a rejeição à camisa amarelinha por motivos políticos. Ao afirmar que tudo tem limite, o escritor decide torcer pelo Brasil, mas usar a amarelinha, símbolo do bolsonarismo, já seria demais.

Por sua vez, a *Folha de S.Paulo* repercutiu a chance de Neymar conquistar o mundo com o Brasil e informou que a torcida brasileira ficara animada, no local de treinamento da seleção no Catar, com a derrota da Argentina²¹¹ por 2 a 1 na Arábia Saudita. Havia torcedores vestidos de verde e amarelo, alguns dos pés à cabeça. Vale ressaltar que o perfil econômico de torcedores que conseguem viajar para o exterior e acompanhar a seleção brasileira é diferente do que se vê na população de maneira geral. É um privilégio que a maioria dos brasileiros jamais conseguirá em vida. Os torcedores que vão ao Catar fazem parte da classe média alta que tradicionalmente é eleitora de Bolsonaro²¹². Em partes, explica a disposição fácil de usar a camisa e adereços verde e amarelo. No entanto, chama a atenção o fato de a *Folha* informar que torcedores estavam vestindo as cores do Brasil, pois é um assunto que toma conta daquele momento do mundial, mantendo a discussão acerca da politização dos símbolos nacionais e, especialmente, da amarelinha. Na página 2, o jornal paulista zomba de Jair Bolsonaro em charge de Galvão Bertazzi. O veículo brinca com o fato de o então presidente viver recluso após perder as eleições para Lula. Na imagem, Bolsonaro está sujo e fétido envolto de moscas, remédio e teia de aranha sentado numa poltrona igualmente suja em frente à TV assistindo a uma partida da Copa. A sujeira pode servir como uma crítica a Jair Bolsonaro e ao movimento bolsonarista, que instalaram um caos político no país e até mesmo à gestão de Bolsonaro na presidência. Ao se dedicar à guerra cultural e à promoção do ódio (ROCHA, 2021), deixou de governar, levando o Brasil a consequentes crises em diversas áreas do setor público, seja pela ausência de políticas públicas ou corrupção²¹³. Ao redor de Bolsonaro, também há bandeiras do Brasil e a faixa presidencial nas cores do país. Atrás do ex-presidente, dois generais das forças armadas fazem churrasco e perguntam se Jair está satisfeito e que ele não iria precisar trabalhar por causa do jogo da seleção brasileira, quando

²¹¹ Ledo engano, pois a Argentina conquistou o torneio e sagrou-se tricampeã mundial, apesar da derrota na estreia.

²¹² LE MONDE DIPLOMATIQUE: Bolsonaro: o fenômeno moral das classes médias. Disponível em: > <https://diplomatique.org.br/bolsonaro-o-phenomeno-moral-das-classes-medias/> <. Acesso em: 15 dez. 2023.

²¹³ LE MONDE DIPLOMATIQUE: Bolsonaro pode ser o autor do maior esquema de corrupção da história do Brasil. Disponível em: > <https://diplomatique.org.br/bolsonaro-pode-ser-o-autor-do-maior-esquema-de-corrupcao-da-historia-do-brasil/> <.

repartições públicas recebem ponto facultativo para acompanhar o Brasil. Há o caráter irônico, mas também há crítica política a Bolsonaro, que largou a administração pública depois do segundo turno das eleições, e às forças armadas, cuja parte da cúpula apoiava anseios golpistas dos bolsonaristas. Uma aliança antidemocrática que seria descoberta alguns meses depois²¹⁴.

Figura 13 – *Folha de S.Paulo*, p. 2 – 24.11.2022



Fonte: BERTAZZI, 2022.

O Brasil venceu a Sérvia por 2 a 0 na estreia, com dois gols de Richarlison. De acordo com a análise do material dos jornais, até esse momento havia um discurso de repulsa à amarelinha e à seleção brasileira por parte da população e um vislumbre por uma união proporcionada pela disputa da Copa do Mundo. A partir do dia 25, seguinte à vitória dos comandados de Tite na estreia, os veículos criam narrativamente um discurso de que a camisa Canarinho novamente pertenceria a todos, embora não houvesse unanimidade e ainda existissem discursos contrários ao seu uso pela associação ao bolsonarismo. Em mais uma demonstração de que o assunto estava tão em debate naquela ocasião, *O Globo* decidiu estampar já na capa o momento “sem divisão” da população brasileira. O jornal produz um discurso de que não haveria mais divergências de cunho político na torcida pela seleção brasileira na Copa. O subtítulo “Resgate de um símbolo de todos” busca representar o sentimento nacional assim que a bola rolou e com a confirmação da vitória. Na legenda com torcedores vestidos de verde e amarelo, comemorando e se abraçando, representando a união do povo brasileiro, o jornal escreveu “Torcedores que estavam avessos ao uniforme

²¹⁴ METRÓPOLES: Quem impediu o golpe militar do Bolsonaro? Disponível em: > <https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/artigos/quem-impediu-o-golpe-militar-do-bolsonaro-por-juan-arias> <.

Canarinho, por ser associado ao bolsonarismo, aproveitaram a estreia da seleção para retomar o uso da camisa” (*O GLOBO*, 25/11/2022, capa). O impresso carioca cita diretamente o verbo “retomar” em alusão à recuperação daquilo que havia sido sequestrado (GUEDES e ALMEIDA, 2019) pela extrema-direita brasileira – um símbolo sinônimo de sucesso diante do mundo que representava toda a nação parecia, agora, “voltar para casa”. Na tentativa de dar um peso ainda maior ao possível resgate, o jornal põe na legenda “Mar amarelo, torcedores celebram em Copacabana” (*O GLOBO*, 25/11/2022, capa). A relação com a palavra “mar” não é à toa ou apenas pelos torcedores estarem na praia. *O Globo* conota a imensidão do mar para se referir à quantidade grande de torcedores que usaram a camisa verde e amarela durante o jogo do Brasil, reforçada pela posição em que a foto foi tirada para dar destaque justamente ao grande número de pessoas com a verde e amarelo. Uma construção de um novo sentido com a vitória em campo: a celebração e a euforia vistas na imagem da chamada fazem a associação de alegria do povo com a seleção brasileira e, consequentemente, com a camisa Canarinho, até então renegada por parte da população (REIS, 2021).

Figura 14 – *O Globo*, capa – 25.11.2022



Fonte: *O GLOBO*, 2022.

Na matéria dentro do caderno Catar 2022, dedicado à cobertura da Copa, está o título “Estreia promove o resgate da camisa amarela”. O subtítulo informa que os torcedores deixaram de lado o clima exaltado das eleições para acompanhar o jogo contra os sérvios. A foto evidencia tratar-se de uma reunião de pessoas em torno de um telão. Sem o telão na imagem, seria plenamente possível que o leitor, num primeiro olhar, entendesse que se tratava de uma passeata bolsonarista. O texto traz relatos de torcedores que afirmam que a amarelinha é um símbolo de todos, não apenas de uma pessoa ou partido. Entre eles, está o da aposentada Teresa Cristina Ferreira que não usava a camisa do Brasil desde o período eleitoral: “Parei de usar (camisa do Brasil) por causa dos acontecimentos políticos. Mas agora eu voltei, não

pretendo mais parar de vestir a camisa do Brasil. Ela é nossa” (NUNES e LOPES, 25/11/2022, Catar 2022, p. 5). Para reforçar ainda mais o caráter popular do uso da amarelinha no dia da estreia, o jornal ilustrou com imagens de torcedores no Parque de Madureira, na zona norte do Rio de Janeiro, para ir além dos calçadões de Copacabana. Também há imagens da festa em verde e amarelo no estádio Lusail, palco da vitória brasileira. Tanto quem pode pagar para viajar e acompanhar uma Copa in loco quanto quem torce em solo nacional ilustrados com a amarelinha para que a narrativa da matéria consiga representar uma imagem de união: do rico, do pobre, do branco, do negro, da zona sul, da zona norte etc. Vimos que Luiz Gonzaga Motta (2007) definiu que as narrativas midiáticas são construídas metodicamente para constituir um sentido desejado. Os jornais imprimem as técnicas de jornalismo para criar a narrativa de união de todos pela seleção, o que significa dizer que não se tratam de abordagens aleatórias. Há um sentido que se pretende imprimir e que diz respeito a operação de “dessequestro” da camisa da seleção masculina. Por “dessequestro”, aqui entende-se a tentativa de se desvincular a Canarinho do bolsonarismo, também, notável no discurso dos jornais. Soma-se a isso as aspas do então presidente eleito Lula sobre o uso da Canarinho, colocada na matéria. O expoente máximo da esquerda, grupo que também possuía diferenças em relação à amarelinha (REIS, 2021), disse antes da estreia: “Hoje começa a disputa pelo hexa. Vamos usar nossa camisa verde e amarela, vesti-la com muito orgulho e acompanhar a seleção. Nossa camisa tem as cores da nossa bandeira, que representa 215 milhões de brasileiros e brasileiras. Vamos torcer juntos pelo Brasil”²¹⁵. Povo, fotos, verde e amarelo para todo o lado, presidente eleito da esquerda, celebração, alegria: cenário produzido pelo jornal em suas páginas para demonstrar que o país, agora, estaria de bem consigo mesmo.

Entretanto, no mesmo dia que *O Globo* publica essa matéria, duas colunistas (Flávia Oliveira e Ruth de Aquino) apresentam a opinião sobre as dificuldades de um país dividido e o (não) uso da camisa amarela. Apesar da vitória na estreia, Oliveira diz que, por ora, a camisa auriverde está engavetada, pois se tornou imprópria, na avaliação dela, pelo sequestro da extrema-direita, ataques à democracia, aos povos indígenas e quilombolas, às mulheres, aos negros, à população LGBTQIAPN+. Flávia Oliveira cita que Jair Bolsonaro sempre festejou ditadores, lembrando da Copa de 1970, usada pela última ditadura militar para unificar, com um vislumbre político da Copa e do futebol, o país em volta de um governo antidemocrático “num país hipnotizado pelo tri”. Também escreveu que a Copa é

²¹⁵ Disponível em: > <https://encurtador.com.br/acsS9> <. Acesso em: 10 mar. 2024.

mais que um evento esportivo, é também uma oportunidade de reivindicação (OLIVEIRA, 25/11/2022, p. 3). Enquanto um leitor pedia, nas cartas que enviam ao jornal, que as vitórias do time de Tite encerrassem a cisão causada pela disputa eleitoral, Ruth de Aquino vai mais além e decreta que o Brasil não vai se unir, com ou sem a conquista do hexacampeonato. Segundo ela, a chance de o país esquecer o racha político estava no reconhecimento da derrota eleitoral por Jair Bolsonaro e seguidores, sem a tentativa de melar as regras do jogo, numa referência ao futebol. Criticou Neymar e a bajulação do craque a Bolsonaro, que reduziu dívida milionária do camisa 10 junto à Receita Federal²¹⁶. Elogiou Richarlison²¹⁷ por sua declaração que valoriza a empatia com a dor de minorias e a isenção de Tite, que afirmou que não se reuniria com Bolsonaro, na vitória ou na derrota. Aquino escreve que os bolsonaristas não mexeram só com os petistas, mas com a verdadeira pátria, que seria a de chuteiras. Ou seja, numa contradição, ela afirma que o futebol poderia encerrar com os anseios bolsonaristas, apesar de dizer que a mobilização popular causada pelos jogos não seria suficiente para realizar um milagre político e encerrar as divergências políticas.

Na *Folha de S.Paulo*, Marina Izidro costuma falar sobre esportes. No dia 25, ela escreveu artigo intitulado “A amarelinha é de novo de todos”. Nele, afirma que sentiu dificuldades em usar novamente a camisa do Brasil até chegar a um bar, em Londres, com brasileiros que estavam de verde e amarelo para torcer e não para usar como símbolo político. Marina Izidro constrói uma oposição entre Neymar e Richarlison, ao criticar o camisa 10 e a relação dele com Jair Bolsonaro e afirmar que Richarlison ajudou o Brasil a se unir ao marcar os dois gols da vitória na estreia. A colunista diz que o leitor talvez esteja saturado do debate acerca do sequestro da camisa amarela (IZIDRO, 25/11/2022, Copa 2022, p. 5), o que é um indicativo que o assunto estava sendo bem explorado pela mídia na época, inclusive pelo jornal para o qual ela escreve.

Era tamanho o debate a respeito do uso da camisa da seleção brasileira que a *Folha* criou uma seção dentro das mensagens dos leitores só para discutir o tema. É o que podemos ver na edição do dia 27 de novembro na qual lança-se a pergunta “Você, leitor, voltou a usar a camisa do Brasil”, o jornal publicou 11 respostas de leitores de todas as regiões do Brasil. O jornal selecionou cinco leitores que responderam com argumentos para o “sim” e para o “não” e um que disse que “sim” e que “não”. Thamires Klein, do Rio de Janeiro (RJ), foi quem disse

²¹⁶ REVISTA QUEM: Neymar consegue redução na dívida de R\$ 188 milhões com a Receita Federal. Disponível em: > <https://revistaquem.globo.com/noticias/noticia/2022/11/neymar-consegue-reducao-na-divida-de-r-188-milhoes-com-receita-federal.ghml> <. Acesso em 19 dez. 2022.

²¹⁷ A comparação entre atitudes extracampo de Richarlison e Neymar ganha espaço importante na cobertura de *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, o que veremos no próximo subcapítulo.

sim e não. Ela justificou o sim porque sempre torceu pelo Brasil, principalmente no vôlei, e não porque ressignificou a camisa verde e amarela que tem, ao escrever nela “sou só torcedora, não minion”. Mais uma que confirma o movimento de torcedores de dar novos significados à Canarinho para não serem confundidos com bolsonaristas, como abordamos no tópico 3.1. Luana Barreto, dentista de Uberaba (MG), afirmou que não, pois o ódio de quem usa a amarelinha nas ruas machuca muita gente. Por outro lado, o advogado Gabriel Neves, de Uberaba (MG), disse que nunca havia deixado de torcer pela seleção brasileira e que, com a vitória de Lula, os torcedores teriam mais chance de resgatar os símbolos nacionais (PAINEL DO LEITOR, 27/11/2022, p. A3). Vale ressaltar que todas as respostas selecionadas pelo veículo foram de pessoas que rejeitam o bolsonarismo, mesmo aquelas que voltaram a vestir a camisa amarelinha ou que nunca deixaram de usá-la por motivos políticos. Não houve resposta de alguém que se identifica diretamente com o bolsonarismo, o que confirma que tanto *O Globo* e *Folha de S.Paulo* estavam interessados em criar a narrativa pela retomada do uso do verde e amarelo e a torcida pela seleção, desvinculando-o da extrema-direita.

No jornal do Rio, a seção Sensacionalista, de humor²¹⁸, faz piada com Bolsonaro ao dizer que o brasileiro deseja que o futuro ex-presidente homenageie Neymar e saia antes do fim do mandato, em referência à lesão do camisa 10 brasileiro na estreia do mundial. Além disso, publica “Patriotas não querem ser confundidos com torcedores da seleção porque torcedor aceita resultado quando perde”. Por meio da ridicularização, do humor e do deboche, a seção Sensacionalista utiliza metáforas jornalísticas e ativa o debate sobre a amarelinha para criticar bolsonaristas, que não aceitaram o resultado das eleições ao fechar estradas, acampar em frente a quartéis pedindo intervenção militar e destruir a sede dos poderes da república na Praça dos Três Poderes em janeiro de 2023 (SENSACIONALISTA, 27/11/2022, p. 8).

Conforme o mundial se desenrola, o assunto da politização vai esfriando aos poucos na cobertura – embora ainda apareça em alguns momentos –, perdendo espaço para a especulação sobre o retorno ou não de Neymar após a lesão e a construção de Richarlison como herói, o que veremos no próximo subcapítulo. No dia 30 de novembro, Gustavo Poli (*O GLOBO*, 27/11/2022, p. A3) escreve que “já passou da hora de lembrar que a camisa amarela sempre foi sinônimo de alegria, diversão e tolerância” frente às ameaças ao estado democrático de direito e à intolerância propagada pela extrema-direita no país contra os grupos atacados por ela, como vimos no capítulo anterior. Em 2 de dezembro, quando o Brasil

²¹⁸ Sobre o uso do humor no jornalismo, ver: OSELAME, Mariana Corsetti. Fim da notícia: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

faria o terceiro e último jogo da fase de grupos contra Camarões – do qual saiu derrotado atuando com o time reserva por 1 a 0 –, a *Folha* trouxe outra charge sobre o sentimento do brasileiro não bolsonarista de usar a camisa verde e amarela à vontade, sem ser confundido como integrante dos grupos radicais da direita brasileira. Com seus personagens característicos, um coelho e um pinguim, o cartunista Caco Galhardo representa a aparição de um torcedor bolsonarista que diz odiar a Copa, justamente pela possibilidade de estar perdendo um símbolo que até então lhe representava exclusivamente. Novamente o humor, usando recursos de imagem e texto, como ferramenta para abordar uma temática do cotidiano brasileiro, bastante explorado pelos veículos no período da Copa.

Figura 15 – *Folha de S.Paulo*, p. C10 – 02.12.2022

Daiquiri Caco Galhardo



Fonte: Acervo: GALHARDO, 2022.

Autor de livros importantes sobre o bolsonarismo, o professor João Cezar de Castro Rocha escreve na *Folha*, em 4 de dezembro, sobre a dissonância cognitiva de manifestantes bolsonaristas, com instinto golpista, que recorrem à violência e ao terrorismo como modo de fortalecer a alucinação. Em duas páginas com uma delas ilustradas por um bolsonarista com o resto pintado de verde e amarelo, Rocha diz que bolsonaristas agem da mesma maneira que o povo hutu, que promoveram um genocídio contra os tutsis na década de 1990, em Ruanda²¹⁹ (ROCHA, 04/12/2022, p. C8 e C9). Para os hutus, os tutsis seriam inferiores e mereciam a morte. Na relação ao contexto brasileiro, Rocha afirma que bolsonaristas (ou cidadão de bem) se acham os legítimos brasileiros contra quem pensa diferente deles. Com armamentismo e golpe militar a favor de Bolsonaro e contra um suposto “comunismo” (quem pensa diferente), bolsonaristas constroem a narrativa de tomar o Brasil de assalto e agir da mesma maneira que os hutus: no Brasil, acabar com os comunistas. O próprio Jair Bolsonaro, hoje inelegível para

²¹⁹ Saiba mais em “Quando a morte ronda os campos: futebol e genocídio em Ruanda”, de Elcio Loureiro Cornelsen. Disponível em: > <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18706> <. Acesso em: 21 dez. 2023.

concorrer à presidência até 2030²²⁰, já ameaçou diversas vezes que iria fuzilar a petralhada (petistas)²²¹, que militantes de esquerda não merecem ser tratados como pessoas normais²²² e que iria extirpar a esquerda e colocar outros poderes dentro das quatro linhas da Constituição²²³. Um discurso de desumanização e inferiorização de um grupo político contrário como forma de se autolegitimar como único representante legal do Brasil e justificar a eliminação sumária de adversários políticos ou de instituições criadas para frear golpismos em respeito à Constituição Federal, como o Supremo Tribunal Federal, o Tribunal Superior Eleitoral e seus integrantes.

Em 11 de dezembro, dois dias após a eliminação brasileira contra a Croácia, *O Globo* emitiu a sua opinião sobre o clima de ódio instaurado no Brasil. Em editorial, o jornal carioca critica ataques por escolhas políticas, citando casos de personalidades que sofreram assédios por terem escolhido Lula ou Bolsonaro. O casal Gilberto Gil e Flora Gil foi hostilizado por bolsonaristas no estádio Lusail, em Doha, no Catar, no dia da estreia da seleção brasileira no mundial. O mesmo aconteceu com o ex-presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia (PSDB-RJ), que foi xingado por apoiadores de Jair Bolsonaro no litoral norte da Bahia em 20 de novembro de 2022. Por outro lado, o veículo também lembrou dos ataques pessoais sofridos por Neymar após a sua lesão, pelo camisa 10 ter declarado voto no ex-presidente. Sem abordar o que levou ao acirramento político, nem a guerra cultural e tampouco o discurso de ódio perpetrados pelo bolsonarismo (ROCHA, 2021), o editorial ignora os contextos e apresenta uma lógica apolítica pedindo gentileza e solidariedade à nação. Quaisquer sentimentos sociais são incentivados por personalidades e figuras políticas. Em nenhuma linha, *O Globo* lembrou dos impropérios bolsonaristas, que construíram e alimentaram o discurso de ódio nos últimos anos, conforme vimos no capítulo anterior.

No mesmo dia do editorial, a seção Sensacionalista faz piada com a calma vista no Brasil durante a Copa, os jogos da seleção teriam apaziguado os ânimos políticos na

²²⁰ TSE: Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos. Disponível em: > <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos> <. Acesso em: 21 dez. 2023.

²²¹ EXAME: Set/2018: "Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre. Disponível em: > <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/> <. Acesso em: 21 dez. 2023.

²²² CORREIO BRAZILIENSE: Bolsonaro sobre a esquerda: 'Não merecem ser tratados como pessoas normais'. Disponível em: > https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/16/interna_politica,820909/bolsonaro-sobre-a-esquerda-nao-merecem-ser-tratados-como-pessoas-nor.shtml <. Acesso em 21 dez. 2023.

²²³ VALOR ECONÔMICO: Bolsonaro fala em "extirpar" esquerda e colocar outros Poderes "dentro das 4 linhas da Constituição". Disponível em: > <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/09/07/bolsonaro-fala-em-extirpar-esquerda-e-colocar-outros-poderes-dentro-das-4-linhas-da-constituicao.ghtml> <. Acesso em: 21 dez. 2023.

população. Depois da eliminação, publicam que “Brasileiro já estava estranhando semanas com tudo dando certo” (SENSACIONALISTA, 11/12/2022, p. 8), além de dizer que os torcedores estranharam as semanas de paz com Bolsonaro calado no pós-derrota das eleições e Copa do Mundo na TV. Com uma foto de Neymar e outros dois jogadores brasileiros chorando em campo depois da eliminação para a Croácia, o Sensacionalista também brincou que a Canarinho voltaria a ser de uso exclusivo de patriotas na porta dos quartéis, já que usá-la agora não faria mais sentido com a derrota no mundial. O resultado em campo influenciando a construção da piada.

O Brasil foi eliminado pela Croácia na disputa de pênaltis. Com a derrota, houve um discurso na imprensa de crítica ao técnico Tite por não ter colocado Neymar, na teoria o melhor cobrador do time, para iniciar a série brasileira. Enquanto ocorriam essas críticas, os dois veículos voltaram ao tema da politização da seleção e da Canarinho. Em matéria do dia 20 de dezembro, *O Globo* deu destaque à comemoração do tricampeonato da Copa pelos argentinos sem envolvimento político, mais uma vez num discurso apolítico: a jornalista Janaina Figueiredo escreve que a seleção liderada por Messi foi chamada pelos argentinos de seleção do povo e capaz de unir diversas gerações como não se via há muito tempo. Há uma supervalorização do futebol quando a matéria diz que “a seleção de Messi e Scaloni conseguiu o que nenhum político argentino consegue há muito tempo: gerar orgulho entre milhões de argentinos” (FIGUEIREDO, 20/12/2022, Copa 2022, capa). Janaína Figueiredo chama a classe política do país de desgastada, corrupta e incompetente por sequência de erros administrativos. O texto separou uma parte específica apenas para abordar o tema sem política no meio do time e da sociedade argentina.

A seleção mostrou sua independência da política nacional em vários momentos da Copa. O ex-presidente Mauricio Macri (2015-2019), que esteve no Catar, cogitou fazer uma visita aos jogadores e foi comunicado informalmente de que não seria uma boa ideia. No fim de novembro, após a morte de Hebe de Bonafini, uma das fundadoras da ONG Mães da Praça de Maio e muito vinculada ao kirchnerismo, a Casa Rosada tentou convencer a Associação do Futebol Argentino (AFA) que os jogadores da seleção usassem uma braçadeira preta, em sinal de luto, e a resposta foi um não taxativo (FIGUEIREDO, 20/12/2022, Copa 2022, capa).

Com fotos de multidão de torcedores argentinos em comemoração e do jogador Di María feliz junto de sua esposa e filha, numa imagem que remete à construção de família, *O Globo* associa a possível postura apolítica da matéria à felicidade e ao sucesso da Argentina tricampeã mundial. Uma sociedade que não politizou a seleção e a camisa vestida por ela conseguiu o objetivo principal do futebol internacional: conquistar uma Copa do Mundo. Assim, o jornal faz o leitor pensar que o modelo brasileiro seria o fracassado por ter politizado a amarelinha, por ter uma população dividida politicamente e por não saber separar as coisas.

A política seria o mal da seleção brasileira. Interessante como a vitória é entendida como resultado do que a matéria considera como sendo o correto a ser seguido, o que implica a valorização de uma seleção e de um futebol desassociados de questões políticas. Numa produção de sentidos similar ao visto em campanhas publicitárias analisadas no tópico anterior. Durante o mundial, a Argentina já vivia uma crise econômica com problemas inflacionários. Para o periódico, portanto, deveríamos todos esquecer os problemas nacionais ou não vincular futebol, Copa do Mundo e política. Chega a ser curioso, pois o próprio jornal deu bastante destaque ao tema da politização durante o mundial, como vimos. Não fosse um tema importante para a sociedade brasileira, teria ignorado.

Figura 16 – O Globo, Catar 2022, capa – 02.12.2022



Fonte: O GLOBO, 2022.

Esse tipo de abordagem evidenciado nos jornais, aqui analisados, permite-nos entender que esses veículos constroem o “dessequestro” pelo viés apolítico com aversão a tudo que possa remeter à política. Chega a ser contraditório, uma vez que essa estratégia cria condições para novos sequestros e novas construções de sentido por grupos políticos específicos. Os jornais e as campanhas analisadas dialogam com o senso comum do brasileiro que tem ojeriza à política partidária, com o discurso de que “nenhum político presta”. Porém, é importante lembrarmos que a política é um exercício de poder social. Vimos no capítulo 1 as problemáticas de não se envolver politicamente na construção de uma sociedade justa. Queira ou não, estamos envolvidos em processo político que permeia nossas atitudes e o modo de ser

e agir. João Ubaldo Ribeiro (1986) diz que essa aversão à política é a falta de consciência de significado e do papel social, calhando numa atitude que favorece sempre quem está na situação de mando na coletividade. Esse discurso que se propõe ser apolítico caminha lado a lado com o discurso de que “política e religião não se discutem”, como se divergências entre escolhas políticas e religiosas fossem polêmicas, a ponto de o senso comum preferir não dialogar e continuar sem resolver problemas políticos e religiosos. Na política, esse é um tipo de cenário que favorece aproveitadores de plantão com discursos populistas. Numa sociedade que não discute e não procura por soluções políticas, surgem fenômenos como o bolsonarismo a favor dos interesses da aristocracia. Vimos que a imprensa realizou ataques e contestações a Jair Bolsonaro, mas ao mesmo tempo ela produz discursos – o apolítico – que permitem a sua permanência e o fortalecimento de sua figura.

Com a proximidade do Natal, Ancelmo Gois convidou colunistas de *O Globo* para escreverem os seus pedidos de presente ao Papai Noel. A maioria dos convidados pediu ao Bom Velhinho a união do povo brasileiro em 2023. Merval Pereira falou que bastava fazer o Brasil novamente um país de concórdia. Vera Magalhães, outrora entusiasta da Lava-Jato, vislumbrou que as pessoas voltassem a conversar, longe do negacionismo e do extremismo bolsonarista. Flávia Oliveira, que já havia rejeitado o uso da amarelinha pela associação da camisa com a extrema-direita, desejou que a democracia se fortalecesse no país e que varresse o autoritarismo e o golpismo, sem fome, com alegria, afeto e fartura (GOIS, 24/12/2022, p. 20). Isto é, o contexto político estava no pensamento dos colunistas do jornal, reforçando que ele seria um desafio em 2023, o que se confirmou logo na segunda semana de janeiro com a depredação dos três poderes por bolsonaristas golpistas em Brasília devido à saída de Jair Bolsonaro da presidência.

No dia 25 de dezembro, já num tom de retrospectiva de 2022, a *Folha de S.Paulo* selecionou e publicou a imagem do ano. Para o jornal paulista, a principal foto tirada pelos seus fotojornalistas durante todo o ano foi a de Lula segurando a bandeira do Brasil na comemoração da vitória contra Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições, em 31 de outubro. Com uma grande bandeira do Brasil ao fundo e rodeado por sua esposa Janja Lula, vestida de vermelho (cor do Partido dos Trabalhadores, de Lula), e por outros apoiadores com o sinal de “L” de Lula nas mãos, em frente a uma plateia composta por eleitores, Lula ergue a bandeira brasileira em verde e amarelo, puxando a carga simbólica da indumentária para si e para a esquerda a representatividade de um símbolo nacional sequestrado pela extrema-direita bolsonarista. Com a escolha, o jornal paulista reconhece a importância de associar Lula à

bandeira do Brasil e ao verde e amarelo, confirmando a importância do debate a respeito da politização dos símbolos nacionais, especialmente da camisa Canarinho.

Figura 17 – *Folha de S.Paulo*, B8 – 02.12.2022

IMAGENS DO ANO Como os fotógrafos da Folha retrataram 2022



Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ao lado do vice Geraldo Alckmin (PSB) e da mulher, Rosângela Silva, discursa para eleitores em 31 de outubro, após consolidar a vitória em 2º turno para ser o 39º presidente do Brasil, tendo recebido 60.345.999 votos (50,9% dos votos válidos) na disputa contra Jair Bolsonaro (PL), que obteve 58.206.354 votos (49,1%) Marlene Bergamo - 30.out.22/Folhapress

Fonte: *FOLHA DE S.PAULO*, 2022.

4.3 Extra! Extra! O antagonismo entre Neymar e Richarlison

Neste subcapítulo, daremos sequência ao tema da politização da Canarinho a partir das narrativas empreendidas pelos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* a respeito de Richarlison e Neymar, duas referências na equipe do técnico Tite, durante a Copa do Mundo de 2022, considerando as publicações de uma semana antes do início do mundial até uma semana depois. A escolha dos dois jogadores, para além da referência técnica dentro da seleção brasileira, justifica-se pelo caráter antagônico politicamente que foi dado a eles durante a cobertura do torneio pelos referidos jornais. De um lado, Neymar, maior estrela do futebol brasileiro naquele momento, que declarou publicamente apoio a Jair Bolsonaro, candidato da extrema-direita nas eleições de outubro daquele ano. O camisa 10 chegou a afirmar que comemoraria um gol em dedicação ao então presidente do Brasil²²⁴ e que já havia se encontrado com Bolsonaro em algumas oportunidades. Por outro lado, Richarlison estaria no

²²⁴ O GLOBO: Neymar prometeu homenagem a Bolsonaro em caso de gol; entenda o que pode acontecer. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/esportes/catar-2022/noticia/2022/11/neymar-prometeu-homenagem-a-bolsonaro-em-caso-de-gol-entenda-o-que-pode-acontecer.ghtml> <. Acesso em 26 dez. 2022.

front oposto a Neymar. Embora não tenha declarado de forma pública apoio a Lula, a narrativa construída em torno do “Pombo”²²⁵ foi de alguém próximo a temas de cunho progressista, como os direitos humanos, historicamente ligado à esquerda brasileira. É justo ressaltar que os dois jogadores em nenhum momento entraram em embates diretos tampouco indiretos por meio da imprensa ou redes sociais. Richarlison, inclusive, saiu em defesa de Neymar algumas vezes durante a competição, chegando a fazer uma tatuagem com o rosto do hoje jogador do Al-Hilal²²⁶. A narrativa extrema-direita *versus* esquerda foi incorporada pelos jornais paulista e carioca a partir de atitudes dos dois atletas ao longo da vida e, principalmente, naquele período da Copa. Dias antes da Copa, a imprensa explorou a proximidade da estreia do Brasil para traçar perfis de jogadores, do treinador e da comissão técnica e de especular em quais condições chegava a seleção brasileira para a disputa do campeonato mais importante do futebol mundial. Análises técnicas e táticas são feitas na tentativa de elucidar as chances brasileiras na busca do título. Os jornais apresentam as referências da equipe, os craques, os candidatos a ídolos como aquecimento para preparar os leitores para a Copa do Mundo, afirmando-se como veículos que estarão presentes na cobertura da participação brasileira, até com enviados especiais à sede do torneio para passar a ideia de que vão deixar o espectador por dentro de tudo que envolve o ambiente da seleção e dos demais acontecimentos da competição. Cria-se um agendamento²²⁷ com o processo de seleção, disposição, enquadramentos dos fatos que envolvem uma Copa do Mundo na tentativa de capturar a audiência dos leitores para o momento do mundial.

Dias antes da estreia do Brasil contra a Sérvia, tanto *O Globo* quanto *Folha de S.Paulo* já abordaram matérias sobre Neymar e Richarlison. Com caráter positivo, o impresso carioca publicou em manchete que Neymar estava “Livre, leve e solto, Neymar vira líder da positividade” (DANTAS, 16/11/2022, Catar 2022, p. 31). Na tentativa de construir a narrativa de liderança positiva de Neymar, a publicação enaltece uma possível mudança de postura ao destacar que, desta vez, “mais comprometido com a parte física e com o jogo coletivo da seleção brasileira” (DANTAS, 16/11/2022, Catar 2022, p. 31). Ao citar que Neymar participará de sua terceira Copa, *O Globo* reforça a experiência do jogador, dando a ele um atributo maior em relação a outros atletas e o colocando como referência para os mais jovens

²²⁵ Apelido de Richarlison, que comemora gols com a imitação de um pombo.

²²⁶ GE: Neymar é do Al-Hilal: time da Arábia Saudita anuncia contratação. Disponível em: ><https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-saudita/noticia/2023/08/15/neymar-e-do-al-hilal-time-da-arabia-saudita-anuncia-contratacao.ghtml> <. Acesso em: 08 jan. 2024.

²²⁷ RAZÓN Y PALABRA: A hipótese do agenda setting: estudos e perspectivas. Disponível em: ><http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html> <. Acesso em: 08 jan. 2024.

como Vinicius Junior e Rodrygo²²⁸. Ao dizer que o camisa 10 estaria mais compromissado, o veículo faz referência, sobre Neymar, a críticas que o jogador recebia por não almejar mais nada no futebol e que, agora, estaria empenhado na busca pelo hexacampeonato. A matéria traz relatos do lateral Danilo a respeito da positividade do camisa 10 e da importância da liderança dele para a equipe. Ao dizer que Neymar está livre, leve e solto, significa que o jogador está à vontade, com a possibilidade de fazer o que quiser, sem amarras como lesões, fora de forma ou algo que pudesse impedi-lo de exercer sua liderança. Há a construção de uma imagem de Neymar como herói: enfatiza-se o jogador como o camisa 10, referência do futebol-arte, concedendo-lhe uma carga mítica que o faria se tornar ainda mais especial e capaz de realizar o que fosse necessário para conquistar o hexa para o Brasil. Uma construção similar a que Ronaldo passou na Copa do Mundo de 1998 (HELAL, 1998). Se outrora Neymar enfrentou dificuldades, inclusive lesões nas Copas de 2014 e 2018 que o impediram de disputar plenamente pelos brasileiros, o veículo paulista publica que agora ele está no auge e sem lesões (SABINO e TRINDADE, 24/11/2022, capa) para concretizar o seu sonho e de encerrar um jejum de 20 anos de títulos mundiais do Brasil. Ambos os jornais colocam Neymar em sua melhor condição para a Copa do Catar, com liberdade (podemos entender como boa forma física, emocionalmente amadurecido etc.), no auge da carreira, poderia exercer o que melhor sabe: jogar futebol, colocar em campo o estilo brasileiro, a malandragem característica comumente atribuídas a concepção de craque adotadas por grande parte da mídia esportiva nacional (HELAL, 2003). Uma construção narrativa dos jornais nesse sentido. Além disso, também informam-se feitos do jogador pelo Brasil para (re)construí-lo como a referência técnica, colocando-o como um dos pilares dos selecionados de Tite. Há certa aproximação com o que foi dito sobre Romário na Copa de 1994 (HELAL, 2003): o Baixinho seria o irreverente, inventivo. Neymar apresentaria características próximas com a liberdade. Mas Neymar também seria um craque que carregaria atributos que o aproximariam de Zico, considerando biografias do ídolo rubro-negro (HELAL, 2003): se no início da carreira o que a imprensa dizia sobre Neymar o afastava da típica representação de Zico (HELAL, CABO, AMARO, PEREIRA, TEIXEIRA, 2011), em 2022, o camisa 10 de Tite estaria amadurecido, compromissado com os treinos que também o ajudariam a aprimorar a sua capacidade técnica. A construção da imagem de Zico pela imprensa ao longo da sua carreira foi realizada como um jogador que sempre teve compromisso com o

²²⁸ TERRA: Sem Neymar, perda emocional e técnica da seleção é enorme. Disponível em: > https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2022/sem-neymar-perda-emocional-e-tecnica-da-selecao-e-enorme,05891ac5f02cb27a00fc74ab9507bffd00toqvz8.html?utm_source=clipboard <. Acesso em: 08 jan. 2024.

treinamento e a melhora das capacidades física e técnica (HELAL, 2003). No início da carreira, Neymar era levado mais para o lado irreverente e do jeito tipicamente brasileiro de jogar futebol de Romário descompromissado. Com 30 anos, o camisa 10 da seleção brasileira possui também características mais responsáveis de Zico. Isto é, mais experiente e completo na busca do título. É esse o Neymar que conjuga irreverência e treinamento que é representado nas páginas aqui analisadas.

Como vimos, às vésperas da estreia brasileira no mundial havia uma discussão intensa sobre o sequestro da camisa verde e amarela da seleção, de torcer ou não torcer pelo time de Tite e uma chance de união dos brasileiros. Nesse momento, os jornais também iniciam a construção a respeito da imagem de Richarlison. *O Globo* cria a narrativa sobre o camisa 9 como alguém que não aceita passivamente acontecimentos do cotidiano, dando a ele um caráter contestador quando não concorda com algo. O veículo reforça essa narrativa ao informar que Richarlison teria contrariado determinação da CBF de não se envolver em questões que seriam polêmicas sobre a Copa do Mundo, como o uso da braçadeira de capitão nas cores do arco-íris em apoio à causa LGBTQIAPN+ num país que limita os direitos dessa população. O texto do jornal carioca diz que o camisa 9 também amadureceu e que sabe o seu propósito, trazendo fala do atacante em defesa dos direitos humanos.

Temos que respeitar a opinião de cada seleção. Não sei se aqui vão usar faixa, fazer algo contra o racismo. Eu apoio qualquer situação. Hoje a gente vive em um mundo muito perigoso, onde não pode ter opiniões. Seja contra o racismo, seja movimento LGBTQIA+, eu apoio qualquer causa (DANTAS, 22/11/2022, Catar 2022, p. 3).

Enquanto Neymar seria a referência técnica, a história de Pombo inicia justamente com uma carga política, já marcando o simbolismo progressista do atacante. Embora tenha dito que “apoia qualquer situação”, a fala na sequência vem de pautas defendidas pela esquerda, como o combate ao racismo, à LGBTfobia e a uma possível censura. O jornal também destacou a defesa que Richarlison fez de Neymar, que sofreu críticas da imprensa alemã por ter usado um short com seis estrelas sem antes conquistar o hexa. O Pombo disse que os brasileiros sonham e que se Neymar está feliz, o time está feliz, chamando os alemães de arrogantes. Dentro de campo, Richarlison minimizou um possível peso a respeito de usar a contestada camisa 9, que, no passado seria sinônimo de muitos gols, mas naquele momento viveria um cenário de dificuldade, pois o último gol marcado por um camisa 9 em Copas do Mundo havia sido de Fred, em 2014. A mesma matéria traz uma fala do atacante, que reconheceu a cobrança, mas afirmou que o gol sairia porque seria a vez dele de usar a 9. Há a vinculação inicial de um Richarlison contestador para remetê-lo ao cenário político brasileiro, como alguém do campo progressista em oposição a Neymar bolsonarista. Mas também

reitera-se a qualidade de Richarlison como o atacante que é referência técnica em campo, evidenciando, assim, a confiança depositada no camisa 9.

Essa demarcação técnica é importante para entender o que os dois jornais publicaram no dia seguinte à estreia brasileira, na vitória por 2 a 0 contra a Sérvia. Os gols do triunfo foram marcados por Richarlison, o segundo um golaço de voleio, um gol que o jogador chuta com pelo menos uma das pernas no ar. Esse tento foi eleito o gol mais bonito da Copa pela Fifa²²⁹. Neymar lesionou o tornozelo direito na estreia e havia dúvida sobre a permanência do camisa 10 no mundial. A lesão de Neymar e os dois gols de Richarlison na estreia viabilizaram que nas narrativas dos jornais passassem a considerar o atacante referência do time de Tite. Na matéria “Muito além do carisma, o faro de gol com a nove” de *O Globo*, o repórter Diogo Dantas põe Richarlison como decisivo que, com os dois gols, deixou Neymar para trás e se tornou o artilheiro dos últimos quatro anos da seleção brasileira. Richarlison não estaria mais marcado apenas pelo seu carisma, suas brincadeiras e comemoração de pombo, mas também pelo poder de decisão na parte ofensiva do Brasil, o que fez o repórter dizer que o atacante exorcizou “certa maldição com os centroavantes que tentaram, sem sucesso, repetir feitos como o de Ronaldo, autor de 15 gols em quatro edições do torneio” (DANTAS, 25/11/2022, Catar 2022, p. 4). Nesse sentido, a *Folha de S.Paulo* consagra o atacante com a manchete “Faz no treino, faz no jogo” acompanhada de “Richarlison ressuscita camisa 9 da seleção e sela com golaço vitória contra a Sérvia na estreia do Brasil” (SABINO, 25/11/2022, copa 2022, capa e p. 2). O jornal paulista afirma que foi o mais belo gol marcado em uma estreia de seleção brasileira em Copas desde 1930. O apelo histórico é introduzido também para aproveitar e emprestar a aura campeã das Copas de 1994 e 2002 ao elenco de Tite. Sobre a Copa de 1994, o periódico de São Paulo disse que a vitória na estreia em 2022 foi igual à do tetra, quando também tinha sido um resultado tranquilo. Referente a 2002, havia sido a última vez que um camisa 9 tinha marcado no primeiro jogo do mundial, com Ronaldo. Apesar de não haver uma comparação direta entre os jogadores, também há a relação entre um 9 vitorioso e ídolo do passado com alguém que agora realizou a mesma façanha depois de 20 anos. Se dias antes havia a dúvida sobre o camisa 9 da seleção brasileira, agora ela estava ressuscitada e pronta para nos dar alegrias. Como escreveu o colunista Martín Fernandez no *Globo*, Richarlison se transforma no “herói que o Brasil merece”. Se houve a preocupação de colocar Neymar como o herói antes da estreia, agora é a vez de Richarlison, porque era

²²⁹ FOLHA DE PERNAMBUCO: Voleio de Richarlison contra a Sérvia é eleito melhor gol da Copa do Catar. Disponível em: > <https://www.folhape.com.br/esportes/voleio-de-richarlison-contra-a-servia-e-eleito-melhor-gol-da-copa-do/251443/> <. Acesso em: 08 jan. 2024.

necessário encontrar outro protagonista para ocupar o lugar de Neymar lesionado. Também podemos pensar que Neymar não seria o candidato a herói ideal pelas críticas que vamos ver mais à frente, com a necessidade de busca por outro nome também a partir do debate político. Com o golaço de voleio, houve uma construção narrativa de Richarlison como o craque da seleção brasileira, o que nos faz lembrar do jeito genuíno brasileiro de jogar futebol, o futebol-arte, tornando um terreno fértil para o ídolo ser construído pelos jornais como um herói nacional (HELAL, 2003). O segundo gol marcado por ele é destacado pelo jornalista Martín Fernandez como obra de arte, voleio perfeito, irretocável. O colunista também elogia a partida impecável dos comandados de Tite, mas o destaque maior vai para o camisa 9 (FERNANDEZ, 25/11/2022, Catar 2022, p. 2).

Enquanto há certa dramatização em torno da lesão de Neymar, se o camisa 10 voltaria ou não a atuar na Copa, Richarlison continua a ganhar espaço em matérias, na preferência dos colunistas dos jornais e até dos leitores na seção dedicada à opinião. Na *Folha* do dia seguinte à estreia, a matéria sem assinatura “Richarlison, o Pombo, é campeão olímpico ativo política e socialmente” (*FOLHA DE S.PAULO*, 25/11/2022, Copa 2022, p. A2) traça um breve histórico do jogador nascido em Nova Venécia, interior do Espírito Santos, e que havia deixado o país há cinco anos. Há a construção, portanto, da jornada do herói que deixa um mundo cotidiano comum a todos nós e se aventura em obstáculos carregados de dificuldades, exclusivo aos heróis, vence-os e volta com os louros aos seus iguais (CAMPBELL, 1995). Ao iniciar a matéria enfatizando a infância humilde de Richarlison facilita a identificação com o brasileiro comum, ao humanizá-lo, uma tática narrativa comum na construção heroica esportiva, como demonstra Helal (2003). O talento, visto nos gols da estreia e principalmente no golaço de voleio, enquadra-o nas coisas excepcionais dos heróis e ídolos, capazes de fazerem o inexplicável. Ao mesmo passo que o diário paulista elogia o talento de Richarlison, o veículo também retoma a discussão política ao destacar que o atacante, além de campeão em campo, é ativo política e socialmente fora dele (*FOLHA DE S.PAULO*, 25/11/2022, Copa 2022, p. A2). A matéria, ao contrário do que vimos até aqui, não valoriza um lado “isentão” do jogador, mas relembra momentos em que Richarlison teve posicionamento mais à esquerda. Como no caso dos assassinatos do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista brasileiro Bruno Pereira no estado do Amazonas. O desaparecimento de ambos fez com que o camisa 9 fosse às redes sociais pedir para que as autoridades brasileiras atuassem com urgência para encontrar os defensores da causa indígena e do meio-ambiente, pautas ligadas à esquerda e

minimizadas pela gestão Bolsonaro²³⁰, já criando uma indiferença do jogador com o ex-presidente. O texto também lembrou que Richarlison se tornou, em 2020, o primeiro ano de pandemia da Covid-19, embaixador do USP Vida²³¹, programa dedicado a angariar doações para pesquisas e ações de enfrentamento da universidade paulista no combate à Covid-19. Novamente uma pauta social ligada à esquerda. O próprio governo brasileiro de extrema-direita de Jair Bolsonaro negou a pandemia, a vacina anticovid e não realizou campanhas de combate à doença de forma eficaz. Trocou de ministro da saúde três vezes durante a emergência sanitária, impedindo com que qualquer política pública que enfrentasse a pandemia com seriedade fosse levada adiante. Um ex-ministro da saúde de Bolsonaro chegou a afirmar em 2023 que pelo menos 350 mil mortes poderiam ter sido evitadas caso o governo Bolsonaro não tivesse negligenciado a Covid-19²³². Com grande atuação na estreia e o seu envolvimento em assuntos sociais possibilitam os jornais a desenharem Richarlison como o craque que a seleção brasileira precisa.

Os jornais desejam representar que o atacante decide dentro e fora de campo, um ídolo que não se preocuparia apenas em jogar bola, mas demonstra interesse no bem-estar dos brasileiros, com os jornais em busca de criar uma aproximação com o leitor. Não à toa que Ancelmo Gois resgatou uma fala do Pombo à coluna, novamente com essa preocupação com os brasileiros: “Eu quero o mínimo de dignidade e igualdade para todos os brasileiros que não tiveram a mesma sorte que eu tive” (GOIS, 26/11/2022, p. 27). Dorrit Hazarim também constrói discursivamente a importância de Richarlison para recuperar os símbolos nacionais das mãos bolsonaristas. A colunista cita diretamente a palavra “sequestrados” para se referir à captura dos símbolos nacionais pela extrema-direita. Exaltando a figura representativa de Richarlison, Dorrit Hazarim diz que o atacante passa “por uma espécie de descoberta do Brasil”, voltando à tona a importância dos posicionamentos pessoais do camisa 9, o que, segundo ela, teria destravado o possível e “merecido ranço da torcida nacional com a egolatria sem noção, mau humor e exibicionismo de tantos ídolos Canarinhos. Apesar de viver e jogar na Europa, está antenado nas dores do país” (HAZARIM, 27/11/2022, p. 3). Ao citar “tantos ídolos Canarinhos”, ela faz o embate direto do Pombo com outros jogadores que reforçam o

²³⁰ UOL: 68% da Câmara vota contra meio ambiente, indígenas e trabalhadores rurais. Disponível em: > <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/reporter-brasil/2022/08/15/ruralometro-68-da-camara-vota-contra-ambiente-indigenas-e-camponeses.htm> <. Acesso em: 08 jan. 2024.

²³¹ USP: Jogador Richarlison é o primeiro embaixador do programa USP Vida. Disponível em: > <https://jornal.usp.br/institucional/jogador-richarlison-e-o-primeiro-embaixador-do-programa-usp-vida/> <. Acesso em: 08 jan. 2024.

²³² ESTADO DE MINAS: Bolsonaro poderia ter evitado 350 mil mortes de Covid, diz Mandetta. Disponível em: > https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/05/08/interna_politica,1490999/bolsonaro-poderia-ter-evitado-350-mil-mortes-de-covid-diz-mandetta.shtml <. Acesso em: 28 dez. 2023.

sequestro de símbolos nacionais pela extrema-direita (Neymar é um deles) e a antipatia da nação com a seleção, reforçando a narrativa de que o camisa 9 é diferente dos demais. No dia seguinte à publicação de Dorrit Hazarim, o leitor Francisco Cesare elogia o texto da colunista com atributos extracampo que ele considera valorizarem a imagem de Richarlison ao destacar a preocupação do camisa 9 de se engajar em causas sociais em apoio aos brasileiros, em contraponto a Neymar e Romário que, segundo Francisco Cesare, nunca contribuíram para melhorar o Brasil (CESARE, 28/11/2022, p. 16). A empolgação com Richarlison é tanta que o jornalista Marcelo Damato²³³ decreta na *Folha*: “Richarlison sela a redenção da camisa” (DAMATO, 25/11/2022, Copa 2022, p. 5) verde e amarela. Com um breve histórico a respeito de como a amarelinha foi capturada pela extrema-direita para justificar o termo redenção no título, o jornalista afirmou que a camisa voltou a ser do povo, mesmo que durasse pouco, e disse que “para completar a despolitização da amarelinha, na hora da Copa, os bolsonaristas mais raiz decidem abandoná-la para manter a 'pureza' do movimento” (DAMATO, 25/11/2022, Copa 2022, p. 5). O autor faz uso explícito da palavra despolitização, entendendo-a como a retirada de qualquer significado político da Canarinho. Cabe lembrar que não haveria uma despolitização completa da camisa: um objeto representar a todos ou a ninguém ainda é uma politização. Ou até mesmo se representasse apenas os movimentos de esquerda. No entanto, a coluna não explicou qual seria a relação direta de Richarlison com a recuperação da amarelinha, quis transparecer, talvez, uma identificação com o Pombo por meio dos gols do camisa 9 na estreia do mundial.

A leitora Eliana Leme, em mensagem ao jornal *O Globo* no mesmo dia 26, celebrou o feito de Richarlison ao dizer que “o Brasil voltou” (O GLOBO, 26/11/2022, p.28) ao fazer um contraponto que a vitória mágica na estreia não veio de passes do Neymar, mas do golaço de voleio nas alturas de Richarlison que, segundo ela, “despertou a nação inteira de nome chamado Brasil”. A mensagem de Eliane está embaixo da que foi enviada por Mariúza Peralva, leitora que havia dito que a Copa está unindo os brasileiros pelo resgate dos símbolos nacionais, como o hino, a camisa verde e amarela e a torcida pelo futebol. O veículo carioca desenha um sentido pretendido a partir da seleção do conteúdo das mensagens (MOTTA, 2007) enviadas por leitores para promover, além do clima de Copa, uma ideia de união e “dessequestro” dos símbolos nacionais cooptados pela extrema-direita a partir da vitória e da atuação de Richarlison, um jogador que recebeu o destaque também por se envolver em

²³³ Marcelo Damato foi quem me deu a primeira oportunidade no mundo do jornalismo. Então editor da coluna De Prima, no jornal LANCE!, me contratou como estagiário para a sua equipe em 2013, no meio do ciclo Copa-2014, quando eu ainda estava no início do segundo período da faculdade. Por isso, deixo aqui o meu agradecimento a uma referência no jornalismo.

causas sociais. Ambos os jornais conferem protagonismo a Richarlison, o grande destaque da estreia, para passar aos leitores um clima de interesse pela Copa, pela seleção e de união entre os brasileiros depois de uma eleição que gerou rupturas sociais pelo clima político. Vale lembrarmos o que dissemos acerca das campanhas publicitárias analisadas no tópico anterior que também criaram uma narrativa semelhante ao dos jornais aqui analisados. Com o incentivo à união de todos os brasileiros em torno da Copa e da seleção brasileira, os veículos usam técnicas jornalísticas, por meio da seleção de conteúdo e construção de sentidos (MOTTA, 2007), para despolitizar a Canarinho. Não querem desvincular a camisa da seleção brasileira da extrema-direita e associá-la a outros grupos, mas colocá-la numa lógica de isenção para, dessa maneira, representar todos os brasileiros. Podemos pressupor que a despolitização proposta pelos jornais também possui um interesse comercial, uma vez que quanto maior o engajamento da população no torneio e mais envolvimento dos torcedores, maiores são as possibilidades de vendas de jornal e audiência no site dos veículos. O mesmo buscado pelas marcas Vivo, Nike, Adidas e outras analisadas. A Copa é o principal evento esportivo do mundo, representando uma oportunidade única de faturamento para diversos setores da economia no contexto do futebol, plenamente inserido na lógica de mercado capitalista²³⁴.

A seleção brasileira recebeu críticas por ter jogadores ligados ao bolsonarismo, como Neymar, que teve a sua lesão ironizada²³⁵ por ter apoiado Jair Bolsonaro. Internautas lembraram uma frase de Bolsonaro durante a pandemia (“E daí?! Não sou coveiro”²³⁶) que retirava a responsabilidade do então presidente de fazer algo para controlar a disseminação do vírus da Covid-19 e, conseqüentemente, frear o crescimento do número de mortes pela doença. Interessante abordar uma diferença entre a primeira Copa disputada por Neymar em 2014 (Brasil) e a última em 2022 (Catar). Em solo brasileiro, o camisa 10 também era tratado pelo discurso da imprensa como a referência da equipe, o Brasil de Felipão era “movido a Neymar” (RESENDE, 2021). A diferença de abordagem entre as duas Copas na cobertura da imprensa é perceptível justamente no discurso visto nas páginas dos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* referente à lesão. Se, em 2014, a joelhada do colombiano Zúñiga nas costas de

²³⁴ Sobre a mercantilização do futebol e da Copa do Mundo, ver: FIGUEIREDO, Pedro Osmar Flores de Noronha. O (não) direito ao esporte e lazer e a mercantilização do futebol: Copa para quem?. 2017. 325 f. Tese (Doutorado em Política Social) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

²³⁵ PODER360: “E daí? Não sou médico”: internautas ironizam lesão de Neymar. Disponível em: > <https://www.poder360.com.br/midia/e-dai-nao-sou-medico-internautas-ironizam-lesao-de-neymar/> <. Acesso em: 28 dez. 2023.

²³⁶ UOL: “Eu não sou coveiro”, diz Bolsonaro sobre número de mortes por covid-19. Disponível em: > <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/20/eu-nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-sobre-numero-de-mortes-por-covid-19.htm> <. Acesso em: 08 jan. 2024.

Neymar foi abordada pelo *Globo* como “uma pancada no Brasil” (RESENDE, 2021), isto é, um ataque à nação brasileira, em 2022, o discurso sobre a lesão será o da ironia, da indiferença, da crítica, apesar de haver algumas defesas e dramatização pelo sofrimento de enfrentar outra lesão. Em 2014, a Copa aconteceu em junho antes das eleições presidenciais, e Neymar ainda não havia se envolvido politicamente com candidatos, o que só foi acontecer meses após a competição: em outubro, o atacante divulgou vídeo nas redes sociais em apoio a Aécio Neves,²³⁷ do PSDB, que concorria contra Dilma Rousseff, do PT, no segundo turno. Sem a politização da lesão por Neymar ainda não ter se envolvido em campanha política na Copa, os jornais retrataram apenas uma comoção nacional, sem críticas ao brasileiro, seguindo uma campanha publicitária iniciada pelo staff do jogador depois da lesão nas costas. Mesmo que ele se envolvesse, não teríamos como afirmar se haveria uma abordagem parecida como a de 2022. Chamada “#SomosTodosNeymar”, a campanha publicitária em 2014 foi uma iniciativa nas redes sociais com o objetivo de representar um interesse nacional encampada por torcedores, jogadores e até pela imprensa. Mesmo que motivada por publicidade, os jornais ativaram o discurso de “todos por um”, repassando a identidade de Neymar aos brasileiros, como forma de consolo pela lesão que o retirou daquele mundial e de agradecimento ao jogador que teria lutado em campo até receber um golpe nas costas. Um discurso de defesa do atacante que teria sido alvo de uma covardia do adversário, pois ninguém pode se defender de um ataque pelas costas. Em 2022, não há essa comoção, e a defesa de Neymar não é unânime. Pelo contrário, *O Globo* e *Folha de S.Paulo* dão destaque à ironia nas redes sociais e abordam a politização da lesão do jogador, como mencionado acima. Por esse fato, o jogador chega a ser defendido em algumas oportunidades por quem achou um erro politizar a lesão e o sofrimento de um jogador por ele ter apoiado determinado candidato. Um desses casos foi o do colunista Gustavo Poli, que, além de elogiar Richarlison, disse “ironizar a lesão de Neymar é um cruzamento de falta de empatia com burrice” (POLI, 26/11/2022, Catar 2022, p. 2). No dia 27, a politização da lesão de Neymar virou assunto interno da seleção brasileira (DANTAS, 27/11/2022, Catar 2022, p. 3). O volante Casemiro, um dos capitães do time de Tite, foi questionado pela imprensa a respeito de a lesão do camisa 10 ter sido ironizada nas redes sociais. Sem entrar no mérito político, Casemiro rebateu as críticas, elogiando a postura de Neymar enquanto referência da equipe, e lamentou que pessoas desejem o mal a outras.

²³⁷ UOL: “Neymar declara apoio a Aécio Neves após polêmica com foto alterada”. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2014/10/23/neymar-declara-apoio-a-aecio-neves-apos-polemica-com-foto-alterada.htm> <. Acesso em: 29 dez. 2023.

O Globo e *Folha de S. Paulo* dedicaram matérias para explicar a lesão de Neymar no ligamento do tornozelo direito, quando há um discurso mais empático pelo camisa 10, como se as lesões atrapalhassem o jogador que não teria culpa. O diário carioca dá uma página inteira sobre a situação do atacante. Com a manchete “Coleção de traumas” (DANTAS, 26/11/2022, Catar 2022, p. 4), traça um histórico de problemas físicos do camisa 10 e afirma que é possível dizer que o maior adversário do craque brasileiro seriam as lesões, que o perseguem pelo menos desde a Copa de 2014. O repórter Diogo Dantas lembra todas as lesões de Neymar desde então e informa que o retorno do atacante é esperado para as oitavas de final do torneio, em caso de classificação do Brasil. A foto representa um Neymar desolado no banco de reservas depois de se lesionar mais uma vez.

No jornal paulista, os repórteres Alex Sabino e Luciano Trindade traçaram um Neymar mais abatido e frustrado no hotel em que a seleção estava hospedada em Doha. O atacante recebeu a visita do pai e contou que passou um filme em sua cabeça das lesões que o prejudicaram desde 2014 (SABINO e TRINDADE, 26/11/2022, Copa 2022, capa e p.2). A preocupação com a lesão, a visita de um ente querido para reforçar o momento difícil, as ilustrações explicativas de uma lesão no pé em ambos os jornais representam um investimento da matéria numa dramaticidade para a construção da narrativa, passando uma carga emocional e afetiva que visa a criar no leitor uma empatia pelo atacante. Soma-se a isso uma questão incomum quando uma foto ou o dizer dela vira a manchete: em página inteira, a *Folha* estampou o pescoço de Neymar onde tem a mensagem “Tudo passa”. Os dizeres da tatuagem do atacante substituíram o texto e se tornaram a manchete na capa do caderno dedicado à cobertura do mundial, como se o próprio camisa 10 estivesse dizendo aquilo aos brasileiros ao estar vivendo um momento difícil, construindo um discurso otimista de que ele voltaria a jogar no mundial. Por mais que o lateral Danilo tenha sofrido uma lesão parecida, é Neymar quem recebe o maior destaque.

Figura 19 – *O Globo*, Catar 2022, p.4 – 26.11.2022



Fonte: O GLOBO, 2022.

Inicia-se um processo discursivo dos jornais de vitimização de Neymar pelas lesões, o que pode ser verificado nos textos de importantes colunistas dois dias depois da lesão: Carlos Eduardo Mansur (*O Globo*) e Paulo Vinicius Coelho (*Folha de S. Paulo*). Em coluna intitulada “A Copa tem uma dívida com Neymar”, Mansur elogia a consistência do time de Tite na estreia, especula quem pode ser o substituto de Neymar e é categórico em afirmar que os problemas do camisa 10 em mundiais fariam com que a Copa não se encaixasse na vida do jogador, sendo ela a culpada:

Por ora, há uma única certeza. Em 2014, um jovem Neymar fazia uma Copa brilhante até Zúñiga acabar com seu Mundial. Em 2018, uma fratura no pé o fez chegar fora da melhor forma à Rússia. Agora, uma contusão na estreia pode comprometer sua jornada no Catar. A Copa do Mundo tem uma dívida com Neymar” (MANSUR, 26/11/2022, Catar 2022, p. 7).

Quaisquer motivos que levaram à lesão do brasileiro nas três edições do torneio foram ignorados para dramatizar mais um problema enfrentado por ele em Copa. Um atributo para humanizar o camisa 10, aproximando-o do torcedor comum. Candidato a herói antes do início da Copa possuidor de características excepcionais, há nesse momento uma narrativa que

transforma Neymar em um ser mortal, igual a todos e que também possui fraquezas, vistas nas lesões que o atrapalharam nas três Copas que disputou: 2014, 2018, e 2022. Um discurso semelhante ao criado pela imprensa sobre Ronaldo após a derrota por 3 a 0 na final da Copa de 1998 (HELAL, 1998). Por sua vez, PVC evoca uma relação entre Neymar e Messi, que também estaria lesionado, para carregar de drama uma possível perda de dois jogadores extraordinários na Copa por lesão ou por uma possível eliminação precoce na fase de grupos, pois a Argentina havia estreado com derrota para a Arábia Saudita e via uma classificação complicada naquele momento. Apesar de o argentino ter uma carreira mais vitoriosa que o brasileiro, PVC aproxima ambos para demarcar a importância dos dois jogadores tanto para as suas seleções como para a competição como um todo. Se acontecesse a possível tragédia de não os ter mais no torneio, o jornalista explica como algo divino, um castigo e uma interferência sobrenatural, “como se fosse um castigo de Alá, Neymar se machuca no primeiro jogo do Brasil, enquanto Messi corre o risco de eliminação, depois de jogar mal, com lesão, na derrota para a Arábia Saudita” (COELHO, 26/11/2022, Copa 2022, p. 5). A interferência divina foi identificada nas narrativas da Copa de 1982, com a eliminação de uma das consideradas melhores seleções brasileiras de todos os tempos, conhecida como a Tragédia de Sarriá. Só mesmo uma ação dos deuses explicaria a derrota do poderoso time comandado por Telê Santana para a inferior seleção da Itália (RESENDE, 2021). Agora, como na Copa da Espanha, os dois jogadores nada poderiam fazer diante de intervenções sobre-humanas, simplesmente estariam sujeitos a elas. Está presente nos jornais a tentativa de minimizar mais uma lesão sofrida pelo craque, diante de críticas que poderia receber tanto por seus posicionamentos políticos como por mais uma vez se lesionar e perder uma disputa importante. A narrativa dos veículos busca enfatizar que os problemas físicos de Neymar não aconteciam por sua culpa, o que pode ser verdade. Porém, o que importa é percebermos uma recorrente tentativa de defesa do camisa 10 diante de mais uma lesão que o impedia de jogar, uma lesão que foi ironizada nas redes sociais.

Ainda assim, não é um discurso unânime da *Folha*, que publica duas charges: uma passando um descontentamento com Neymar e outra colocando o Richarlison como verdadeiro ídolo das crianças brasileiras. A tirinha de Fabiane Laguna traz texto e imagem, cria uma caricatura de Neymar fazendo um sinal de “qual é”, um aceno infantil com as mãos sintetizando o “garoto Ney” sem responsabilidades, com a mão com um “nhái parça ao lado”, como se o jogador tivesse se comunicando com seus amigos que vivem com ele, conhecidos

como “parças”²³⁸. O texto é uma ironia bem crítica ao atacante que tem a conotação política (CARLOS e MARQUES, 2016) por Neymar estar de verde e amarelo, o nível icônico/denotativo da imagem (CARLOS e MARQUES, 2016). Ele está com a camisa Canarinho, logo associa-o à extrema-direita e ao sequestro de símbolos nacionais. O sorriso cínico e envergonhado também está no nível conotativo de alguém que não se importa com os brasileiros, em contraponto ao Richarlison seguindo o discurso das publicações do próprio jornal até aqui. O texto “o desejo de torcer pela seleção brasileira é exatamente proporcional ao desejo de ver a cara do Neymar Júnior: zero de zero” mais a imagem estão no plano entimemático (CARLOS e MARQUES, 2016) com a conclusão argumentativa de todos os elementos da charge que colocam Neymar como uma pessoa ingrata, reverberando esse sentimento a toda seleção brasileira.

Figura 20 – Folha de S.Paulo, p. C6 – 26.11.2022

Viver Dói **Fabiane Langona**



Fonte: FOLHA DE S.PAULO, 2022.

A outra charge representa crianças trocando figurinhas, algo comum em época de Copa do Mundo, no campo denotativo. O chargista Jean Galvão usa de textos para complementar a alegria ou a tristeza de tirar em um pacote de figurinhas Neymar ou Richarlison. Somado à ilustração, o leitor vê o discurso do desenho como algo negativo ter a figurinha do Neymar e positivo conseguir a do Richarlison. O capital cultural do leitor, no campo da interpretação conotativa, é ativado pelo jornal que quer construir o discurso acionando o que representam os dois jogadores (entimemático), como já mostramos aqui: Neymar envolvido em questões políticas, ligado à extrema-direita e ao sequestro de símbolos nacionais com a figurinha do camisa 10 sofrendo ação da gravidade e caindo ao chão com a criança decepcionada; e Richarlison ligado ao povo brasileiro, tanto por fazer gols quanto por se engajar em causas sociais, com uma criança negra feliz em ver a figurinha do Pombo a voar. O discurso das charges reforça a imagem de ídolo de Richarlison e critica Neymar por

²³⁸ GOAL: Gil Cebola, Jota Amâncio: quem são os 'parças' de Neymar?. Disponível em: > <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quem-sao-os-parcas-de-neymar/ubkdnt3wpq311ia34biq0hox> <. Acesso em: 08 jan. 2024.

suas ligações políticas, o que se diferencia da defesa vista em certas matérias e colunas que retratam do seu drama por mais uma lesão.

Figura 21 – *Folha de S.Paulo*, p. C6 – 27.11.2022



Fonte: GALVÃO, 2022.

O discurso de Richarlison ídolo no lugar de Neymar da charge de Jean Galvão vai ao encontro da coluna de Juca Kfourri do dia 28 de novembro. O jornalista faz uma associação entre Richarlison e Lula, o único nome que era capaz de derrotar Bolsonaro (Neymar) nas eleições presidenciais de outubro. Kfourri lembra que Lula é pernambucano e Richarlison, capixaba, na busca por produzir junto ao leitor um caráter popular dos dois que estariam do lado oposto à dupla Neymar-Bolsonaro. O colunista afirma que o camisa 9 “dividiu a torcida brasileira com o craque imaturo e ostentador que nasceu para ser problema em vez de solução para a seleção” (KFOURI, 28/11/2022, *Copa 2022*, p. 5). Apesar de não citar Neymar diretamente, o discurso demonstra uma referência ao craque lesionado. Porque, logo depois, Kfourri conclama Richarlison e companhia para o jogo contra a Sérvia, produzindo a narrativa meritocrática de que Richarlison teria conquistado o direito de ser a referência da seleção brasileira com gols e “caindo no gosto do povo que anda tão necessitado de trocar os falsos mitos por quem tem, de fato, compromisso com a maioria”. O mito é uma referência a como bolsonaristas denominam Bolsonaro para ativar a relação do político da extrema-direita com Neymar. Numa alusão à democracia e às eleições presidenciais, depõe que foi uma “maioria conquistada pelo Pombo e por Lula, em dois turnos”, num discurso que Richarlison e Lula, que fariam bem ao Brasil, de acordo com o texto, venceram Neymar e Bolsonaro, os malfetores. Vale ressaltar que tanto as críticas a Neymar e como o discurso da preferência por Richarlison não apresentam dados objetivos que os atestem junto à população brasileira. É apenas uma narrativa construída pelos dois jornais.

Afora pela lesão, os jornais sempre vislumbraram um time com a escalação de Neymar quando ele volta a estar à disposição de Tite nas oitavas de final. Na ausência, publicavam que novatos da seleção brasileira viveriam desafio com a camisa do Brasil, sem ter alguém do quilate do camisa 10 para conduzir a equipe em campo. PVC associa Neymar a Zico para emprestar ao camisa 10 de Tite a aura de um craque do passado, ao lembrar da aflição que o ídolo rubro-negro e um dos grandes nomes da história da seleção brasileira viveu na Copa de 1986, quando se especulava em que momento ele voltaria de lesão (COELHO, 02/12/2022). Mesmo com as críticas recebidas por seus posicionamentos políticos e atitudes extracampo, a qualidade técnica de Neymar o mantém como uma das referências dentro de campo do Brasil, de acordo com o discurso empenhado pelos jornais. Como se não importasse muito, naquele momento, que o camisa 10 tivesse apoiado a extrema-direita nas eleições terminadas em outubro ou não estivesse 100% recuperado nas oitavas. Seu talento falaria mais alto contra qualquer outra problemática, tanto que Tite não foi questionado se o jogador poderia ficar de fora por motivo político, por exemplo. Pode parecer algo natural, mas não é. A ausência de questionamentos nesse sentido ou de abordagem a respeito desse tema nos jornais demonstram que a imprensa não estaria interessada em ver Neymar fora de campo por ter apoiado Bolsonaro. Apesar de críticas a Neymar, pelo apoio dado a Jair Bolsonaro transportando uma disputa política para a seleção brasileira, não havia interesse dos jornais na defesa de Neymar fora do time devido ao posicionamento político do jogador.

Neymar retorna contra a Coreia do Sul nas oitavas de final, como esperado pela imprensa. A vitória contra os coreanos por 4 a 1 confirmam a celebração da importância de Neymar para a seleção brasileira. Não só retornou como marcou um dos gols da classificação para as quartas de final. *O Globo* festejou o futebol apresentado pelos comandados de Tite, pondo na capa do dia 6 de dezembro a manchete “Com futebol à brasileira, seleção goleia e avança”. Duas imagens ilustram a capa: uma é a de Vinicius Junior, que comemorou gol com o salto e o punho direito no alto rememorando comemoração clássica de Pelé; outra é a de Neymar festejado por outros jogadores brasileiros após marcar um gol. As duas imagens dialogam com a manchete, porque ativam o verdadeiro futebol brasileiro ao lembrar do tricampeão mundial Pelé, e Neymar, visto como a representação do futebol-arte brasileiro (GUERRA e MOSTARO, 2014), ao centro de outros jogadores, estando como a referência, o líder capaz de levar o Brasil ao hexa. Ao lado dessa imagem, há a chamada do texto do jornalista Paulo Cesar Vasconcellos com o título “Jogo mostrou o peso que tem Neymar”. Uma construção de discurso que coloca o camisa 10 como o herói depois de enfrentar obstáculos em seu caminho (CAMPBELL, 1998).

Figura 22 – *O Globo*, Catar 2022, p.4 – 26.11.2022

Fonte: *O GLOBO*, 2022.

Nesse dia, Neymar é posto como referência técnica nos dois jornais. *A Folha* destacou a volta de Neymar e definiu o triunfo como “Baile” e “atropelo”. Até Casagrande elogiou o camisa 10, mas colocou o mérito da goleada para todo o time, sem destacar o ex-lesionado. PVC afirma que não via espetáculo de alto nível do Brasil desde o penta, conquistado em 2002, num discurso que pavimentava um caminho campeão da seleção de 2022 como havia sido há 20 anos. O jornal paulista também publicou uma marca atingida por Neymar, que havia se igualado a Pelé e Ronaldo, outros dois campeões mundiais pelo Brasil: marcar gols em três edições de Copa do Mundo. Uma narrativa que coloca Neymar como ídolo tal qual Pelé e Ronaldo e o posiciona numa prateleira entre os gigantes do futebol brasileiro.

O artigo de João Pereira Coutinho, português e doutor em Ciência Política pela Universidade Católica Portuguesa, pede para que Neymar jogue pela seleção de Portugal. Sem fazer uso de dados empíricos, Coutinho afirma que Neymar nunca foi muito amado no Brasil, e que as coisas pioraram com o apoio a Bolsonaro. Também sem qualquer dado objetivo, o articulista diz que os torcedores em Portugal não se interessam pelas opiniões fora do campo e que preferem o futebol propriamente dito. Coutinho deseja, somente, alguém para

substituir o “velho Cristiano Ronaldo”, segundo ele, na seleção lusitana (COUTINHO, 06/12/2022, p. C7). O autor, dessa forma, adota uma perspectiva negativa a respeito dos atravessamentos que o futebol sofre no Brasil, neste caso, pela política. Ignora aspectos culturais de um país e os sobrepõe a outro ao não entender o motivo das críticas lançadas contra, afinal o que se deveria levar em conta é o fato de Neymar ser craque. Ao dar voz a esse tipo de opinião, a *Folha* aciona justificativa de acordo com a circunstância – no caso, a derrota do Brasil na Copa – com o objetivo de retomar a discussão a respeito do esvaziamento político do futebol, da mesma forma que aconteceu em relação à camisa Canarinho como vimos no subcapítulo anterior, no desejo de fomentar um cenário apolítico, o que é praticamente impossível, seguindo a lógica do senso comum de que “futebol e política não se misturam”, o que é preciso superar. Desde que o futebol se tornou parte da construção da identidade nacional brasileira perante o mundo, esse esporte é usado politicamente, seja na seleção brasileira ou no futebol entre clubes. E não é uma exclusividade nossa, em diversos países acontece o mesmo fenômeno. Por ser um fato social, o futebol é político. Essa separação de futebol e política buscada no discurso de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* coloca o futebol como menos importante na vida cotidiana (GUEDES, 2023), embora haja o envolvimento em massa, e que seria uma bobagem misturá-lo com política, um assunto sério. O futebol é entendido como supérfluo e apenas para diversão (GUEDES, 2023).

Um outro assunto que ganhou a atenção dos jornais foi a alegria Canarinho, dando destaque para as dancinhas dos jogadores na comemoração dos gols sobre a Coreia do Sul e que elas ajudavam a unir o time brasileiro. O jornal carioca publicou foto de Neymar acompanhado de Vini Jr., Lucas Paquetá e Raphinha dançando embaixo da manchete “Alegria, Alegria” (MARINHO e DANTAS, 06/12/2022, Catar 2022, p. 4) com o envolvimento até do sério técnico Tite. O que gerou debate foi a crítica do ex-jogador irlandês e comentarista Roy Keane, que afirmou que as dancinhas eram desrespeitosas com o adversário. Em sua maioria, tanto em artigos e comentários de leitores, os atletas brasileiros foram defendidos e Keane, criticado. O ator e escritor Gregorio Duviver diz em artigo que estava “torcendo pra que o Brasil nunca perca a humanidade no futebol - ou as dancinhas, que são a mesma coisa. O Brasil está merecendo um hexa pelo futebol, mas também pela ternura” (DUVIVIER, 07/12/2022, p. 7). Além da vitória, os jornais implementaram a narrativa de que o Brasil não apenas merecia o título pelo futebol, mas pelo afeto demonstrado nas dancinhas dos jogadores. Nesse caso, não tem como não lembrar de “Foot-ball Mulato” de Gilberto Freyre (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1938). Os floreios, os dribles, as danças, a alegria em campo representariam a identidade dionisíaca do brasileiro contra a brutalidade e dureza

apolínea do futebol europeu, encarnada por Roy Keane, jogador que Duvivier lembra de ter sido truculento em campo quando jogava. Do lado dionísio brasileiro, a referência Neymar seria o representante máximo desse futebol lúdico.

Antes do jogo decisivo contra a Croácia nas quartas, a imprensa faz análises positivas a respeito da seleção brasileira, com Neymar como a referência técnica do Brasil. A *Folha* traz matéria com fala de Vinicius Junior afirmando que vê o camisa 10 como ídolo e que eventual conquista do hexacampeonato seria de responsabilidade de Neymar, com foto ilustrativa de um abraço dos dois jogadores em campo. Em relação a Richarlison, o diário paulista publicou entrevista com o pai do atacante, Antônio Marcos, que lembrou da infância difícil, da família que sempre foi humilde e do sonho tanto dele quanto do filho de serem jogadores de futebol. Um apelo discursivo que gera identificação do homem comum com uma das referências da seleção (HELAL 2003). Não deu certo para o pai, que se disse satisfeito pelo filho ter realizado o sonho de jogar profissionalmente e ter a chance de conquistar voos ainda maiores com o título mundial. No *Globo*, tem matéria que mostra com dados estatísticos porque Richarlison é protagonista no time de Tite, liderando a corrida para ser o craque da seleção brasileira. O colunista Renato Terra escreve que a coreografia do Pombo, animal que o atacante imita nas comemorações de gols, “uniu o Brasil pelo sorriso” (TERRA, 09/12/2022, p. C10). Para ele, Richarlison é um ídolo completo, pois, além de ter recuperado a amarelinha, preocupa-se com terceiros. Se até as oitavas de final o discurso dos jornais estava mais ligado a um confronto indireto entre Richarlison e Neymar, com um intenso debate acerca da politização da amarelinha, agora há uma construção conjunta de união da seleção e do Brasil conforme a equipe avança de fase. Uma narrativa que teme uma possível cisão que venha a atrapalhar a briga pelo título.

O Brasil foi eliminado pela Croácia nas quartas de final, em disputa de pênaltis. Como é comum em derrotas brasileiras em Copas, a imprensa intensifica uma narrativa carregada de choro, drama e emoção (RESENDE, 2021). Em 2022, não foi diferente. Tanto *O Globo* quanto *Folha de S.Paulo* estamparam Neymar em suas capas na edição do dia 10 de dezembro, no dia seguinte à eliminação, com choro e lamentação. No jornal do Rio de Janeiro, o craque brasileiro está deitado no gramado do estádio de Al Rayyan com as mãos na cabeça como quem não acredita no que aconteceu. A manchete, dentro da imagem, é “Frustração”, bem retratada no jeito que Neymar aparece ao lado de Rodrygo na imagem. Na capa do caderno Catar 2022, o veículo brincou com as cinco eliminações seguidas no mundial com a manchete “É Penta”. Na ilustração, foto de jogadores lamentando o resultado negativo após o apito final em 2006, 2010, 2014, 2018 e 2022. Neymar aparece nas duas últimas, já

que ele estava fora em 2014 por lesão. No periódico de São Paulo, Neymar chora a derrota, sendo consolado por um companheiro de equipe. Na tentativa de elucidar o que levou o Brasil ser eliminado, o questionamento fica em torno dos motivos que fizeram Neymar não ser o primeiro cobrador na disputa de pênaltis – Tite justificou que Neymar seria o mais bem preparado mentalmente para cobrar o último – e porque o Brasil avançou a marcação na reta final do jogo. Os dois jornais repercutiram a tristeza de Richarlison e Neymar, dois dos principais nomes construídos pela imprensa naquela Copa. O camisa 9 afirmou que tinha vontade de entrar num buraco, com a ideia de se isolar e esquecer a eliminação. Já o camisa 10 disse estar destruído psicologicamente com a derrota. *O Globo* pavimentou o caminho de Richarlison e Vinicius Junior para a Copa de 2026, pois, para o veículo, os dois saíram do mundial maiores do que chegaram, já vislumbrando que ambos são potenciais ídolos para a Copa de 2026. Ajudou para isso o futuro indefinido de Neymar: os dois veículos também repercutiram se Neymar voltaria a jogar pela seleção brasileira, pois o craque não confirmou continuidade no ciclo para a Copa de 2026²³⁹. Um discurso que busca alimentar um receio no leitor de perder o principal jogador brasileiro no futebol mundial naquele momento. Em editorial, *O Globo* lembrou as críticas a Neymar nas redes sociais após a lesão do atacante, condenando ataques a alguém por escolhas políticas. Como consolo, Neymar deixou a Copa com 77 gols marcados pela Canarinho, igualando-se a Pelé como o maior artilheiro da seleção brasileira, de acordo com números da Fifa. O feito foi destacado pelos dois jornais. Dois dias depois da eliminação, leitores defenderam e criticaram o técnico Tite, elogiaram a atuação do time no mundial e julgaram atitudes dos jogadores brasileiros, como as dancinhas. Luis Fernando Jereissati disse “faço votos de que a próxima seleção não dance” (MENSAGENS, 11/12/2022, p. 30). Murilo Rodrigues foi enfático ao dizer que “Nunca senti nesse grupo de jogadores alma, entrega e raça. Sempre preocupados com dancinhas midiáticas, e, enfim, dançaram” (MENSAGENS, 11/12/2022, p. 30). O discurso dos jornais na tentativa de criar um clima descontraído e de união entre os brasileiros com as dancinhas após a vitória sobre a Coreia do Sul não foi capaz de convencer os leitores que enviaram mensagens aos jornais criticando o estilo de comemoração.

Este subcapítulo trouxe como ficou a politização da seleção brasileira a partir de duas figuras que se mostraram importantes, no discurso dos jornais, durante a Copa do Mundo. De

²³⁹ Neymar voltou a atuar pelo Brasil em 2023. Em partida contra o Uruguai pelas Eliminatórias da Copa, em outubro, sofreu nova lesão no joelho, uma das mais graves da carreira do jogador, que teve previsão de até nove meses de afastamento para se recuperar, perdendo a Copa América de 2024. GE: Médico da seleção brasileira afirma que Neymar está fora da Copa América. Disponível em: > <https://ge.globo.com/mg/futebol/noticia/2023/12/19/medico-da-selecao-brasileira-afirma-que-neymar-esta-fora-da-copa-america.ghtml> <. Acesso em: 29 dez. 2023.

um lado, o apoiador de Bolsonaro, do outro, o ligado a causas sociais em contraponto à extrema-direita. Foi possível ver como os veículos alimentaram a discussão acerca do sequestro dos símbolos nacionais, inclusive da camisa verde e amarela, com fatos que Neymar e Richarlison protagonizaram até a eliminação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos neste trabalho, o Brasil viveu um processo de ascensão da extrema-direita até a eleição de Jair Bolsonaro em outubro de 2018, conectado a um contexto global de caráter autoritário. O *modus-operandi* dessa extrema-direita é a promoção de um constante caos institucional para, além de fragilizar a democracia, justificar ações impopulares dentro da lógica neoliberal de sufocar a soberania popular por meio de ajustes fiscais em defesa de uma elite financeira que lucra ainda mais com a exploração da força de trabalho e com a desorganização social.

No Brasil, um governo legitimamente eleito nas urnas foi retirado da presidência em 2016, já num processo de avanço do autoritarismo no país. O impeachment de Dilma Rousseff fez parte de uma série de eventos políticos que fragilizaram a democracia brasileira, abrindo espaço para o discurso antissistêmico que impôs a narrativa de que o establishment nacional estava podre. Ajudaram para isso o questionamento do resultado das urnas em 2014 por Aécio Neves ao ser derrotado por Dilma Rousseff abrindo caminho para aventuras golpistas, a atuação seletiva da Operação Lava-Jato contra o PT, levando a prisão e a retirada de Lula das eleições de 2018. A parcialidade de Sergio Moro, juiz da operação, foi comprovada posteriormente pela Vaza-Jato, o que levou a justiça brasileira a anular condenações da República de Curitiba, como ficou conhecida a Lava-Jato. Midiaticamente, houve a introdução na sociedade do discurso antipetista que encurralou o único partido que nasceu de esquerda que chegou à presidência. Ainda assim, com Fernando Haddad, chegou ao segundo turno das eleições em 2018 e voltou à presidência em 2022 com Lula, em terceiro mandato.

Como analisado nesta pesquisa, esses eventos tiveram como início as Jornadas de Junho de 2013. Safatle (2023) entende que esse avanço da retirada de direitos sociais na última década emanaram as insurreições populares em diversas partes do mundo, como a Primavera Árabe, no Egito, e as Jornadas de Junho, que seriam uma tentativa das massas de se posicionarem contra o capital. Independentemente dos rumos que tais manifestações tiveram posteriormente. Passadas as manifestações com uma massa insatisfeita a ser disputada pela esquerda e pela direita, o caminho tomado pelo sistema político brasileiro foi pela direita, mas sem freios. Dilma Rousseff até tentou uma nova constituinte para reforma política, mas o Congresso Nacional disse não. A própria direita tradicional, encarnada pelo PSDB, foi incompetente em se postar como uma saída viável para aquela crise política. Por outro lado, todo o contexto aqui analisado do período que vai das Jornadas de Junho, em 2013, até a

eleição de Bolsonaro, em 2018, também nos permite afirmar que o sistema político brasileiro não se dava por satisfeito por PT e PSDB. A terceira via encontrada e aceita foi o autoritarismo, o que podemos concluir a partir do que foi analisado neste trabalho. Durante o século XX, o autoritarismo precisava de golpes de estado com a força militar para chegar ao poder ao redor do mundo. Atualmente, basta uma constante crise institucional alimentada midiaticamente por setores privilegiados financeiramente para conquistar o comando do país por vias legais.

Munido da guerra cultural contra minorias, da transferência de responsabilidades para governar um país e constantes ataques a poderes da república para fragilizar a democracia, o bolsonarismo chegou à presidência do Brasil. Um modo de governar que deixou a vida da sociedade brasileira ainda mais dramática na pandemia de Covid-19, com todo o negacionismo científico em nome de “salvar a economia”. A política de Bolsonaro do nós contra eles, típica de governos autoritários, dividiu o país, inclusive sequestrando para si os símbolos nacionais, especialmente, a camisa da seleção brasileira de futebol. Feito conseguido por sucessíveis manifestações anticorrupção desde 2015 que Bolsonaro efetivamente soube puxar para si. O sequestro, aqui analisado no terceiro capítulo, identificou e legitimou os “verdadeiros brasileiros”, na visão de apoiadores de Bolsonaro, que resolveram amar o país em oposição àqueles que passaram a rejeitar a camisa Canarinho para não serem associados como integrantes do grupo bolsonarista. Vimos esse embate já durante a Copa do Mundo de 2018, que aconteceu quatro meses antes das eleições presidenciais daquele ano. Ou seja, naquele momento, o bolsonarismo já havia obtido sucesso no sequestro dos símbolos nacionais.

Como analisamos, na Copa de 2018, houve recusa de parte da população brasileira de usar a Canarinho ou a resignificação de um item verde e amarelo que até então era motivo de orgulho da nação. Torcedores reinventaram a camisa brasileira para poder torcer pelo time de Tite na Copa com o receio de serem confundidos com bolsonaristas. Notamos que foi um processo violento da extrema-direita de construção de um sentido de país apenas sob os moldes do bolsonarismo, a representação do autoritarismo. Jair Bolsonaro conseguiu fazer com que um item de orgulho nacional, outrora confundido até com o sucesso da nação, fosse rejeitado por parte da população e associado a apenas ao seu grupo político. O bolsonarismo, com a tática fascista de um passado mítico, quis voltar no tempo para retirar os símbolos nacionais do povo, que sempre foi alijado da construção da simbologia nacional, tal qual mostramos no capítulo 3. Os símbolos nacionais sempre estiveram em associação à elite

militar e às camadas mais abastadas do país. Um cenário que só foi possível modificar pelo futebol e pela Copa do Mundo, confirmado a partir do tricampeonato em 1970.

O Brasil enfrentou uma pandemia com mais de 700 mil mortes, aumento de desemprego, da desigualdade social e piora em outros índices socioeconômicos sob Jair Bolsonaro na presidência. Um governo que promove constante caos institucional, de viés golpista, deixa de governar e atender os anseios da população (ROCHA, 2021). Se existe uma parcela de apoiadores que vão se alimentar cada vez mais dessa maneira de governar, também haverá aqueles que vão se cansar da confusão diária. Soma-se a esse contexto eventos que foram um golpe no bolsonarismo, considerando o que aqui analisamos, como a volta de Lula ao tabuleiro político das eleições de 2022 e a Copa do Mundo de 2022. Esses dois eventos, aliados à inoperância bolsonarista no governo, criaram um agendamento midiático que proporcionou uma mudança sobre o uso da Canarinho e dos demais símbolos nacionais, além da contestação do próprio governo.

Em 2022, a partir do que discutimos neste trabalho, houve um posicionamento diferente de quatro anos antes em relação à Canarinho. Podemos concluir, pelo que evidenciamos ao longo desta dissertação, que os eventos acima proporcionaram novos rumos e sentidos à indumentária brasileira. Personalidades, empresas, imprensa e políticos de esquerda afirmaram publicamente a importância de usar a camisa verde e amarela e dissociá-la da extrema-direita, por interesses e modos diferentes. O sequestro foi entendido como um problema a ser resolvido, com a própria política e o futebol (Copa do Mundo) como potenciais maneiras de mobilizar aqueles que decidiram pela rejeição da Canarinho anos antes.

Com a produção vasta de sentidos em ano de Copa, empresas encamparam diversas campanhas publicitárias a fim de, além de criar um clima de mundial, produzir união entre os brasileiros que estavam afastados por causa da política. Não podemos ser ingênuos e desconsiderarmos o interesse comercial por trás da mobilização nacional por meio das narrativas empreendidas. Personalidades como Anitta, Djonga e Ludmilla também encamparam o discurso de “dessequestrar” a camisa da seleção brasileira e retirá-la do poderio bolsonarista. Em abril, a seis meses das eleições e sete da Copa do Mundo, Anitta já abordava o assunto. Um mês antes, em evento realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com lideranças da esquerda internacional, Lula empunhou a bandeira nacional

e afirmou “blusa e bandeira não são desse fascista”²⁴⁰. Como representante da esquerda, Lula associa-se aos símbolos nacionais e cria a narrativa de dissociá-los da exclusividade da extrema-direita.

Figura 23 – Lula se associa à bandeira nacional em março de 2022



Fonte: UOL, 2022.

Com o bolsonarismo no poder e a eleição mais acirrada desde a redemocratização, a imprensa também se fez presente nesse debate, principalmente na construção de sentidos para a Copa do Mundo de 2022, no Catar, disputada excepcionalmente após a eleição de outubro que pôs Lula novamente na presidência. Conforme analisamos neste trabalho, os jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* fizeram um intenso debate durante a cobertura do mundial para combater o sequestro da Canarinho pelo bolsonarismo. A visão dos dois veículos para produzir um clima de união dos torcedores para a Copa, o que incluía dissociar a Canarinho da extrema-direita, foi despolitizar a camisa da seleção brasileira, retirando qualquer sentido político que ela pudesse carregar. Em certos momentos, os diários até tentaram associar a Canarinho a um estrato social menos favorecido, como a representação da matéria de Spike Lee em *O Globo*, para dar um caráter popular à camisa. Entretanto, a partir da análise dos jornais selecionados por este trabalho, é possível concluir que a solução encontrada foi a

²⁴⁰ UOL: 'Papel dos militares não é puxar saco do Bolsonaro', diz Lula. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/03/30/papel-dos-militares-nao-e-puxar-saco-do-bolsonaro-diz-lula.htm> <. Acesso em: 20 jan. 2024.

despolitização total da Canarinho como um símbolo que não pertenceria a ninguém. Um discurso predominante que reforça o senso comum de que futebol e política não se misturam. No entanto, é uma problemática contraditória no discurso jornalístico dos veículos, pois o posicionamento de que a Canarinho não pertence a ninguém pode levá-la a ser novamente sequestrada. A quem interessa a seleção brasileira, a sua camisa e o futebol despolitizados? Como vimos no capítulo 1, a despolitização da sociedade congrega os interesses do poder dominante que seguirá inabalado (RIBEIRO, 1989).

Como pudemos entender neste trabalho, podemos confirmar a hipótese de que houve uma tentativa de “dessequestro” da Canarinho no discurso jornalístico, ajudado por personalidades e campanhas publicitárias. No entanto, ainda com problemáticas. Com a despolitização total, não há saídas por meio do interesse popular, daqueles que não detêm o controle dos poderes constituídos numa democracia como o Brasil. Nós entendemos o “dessequestro”, dissociando-o do bolsonarismo e associando-o à população brasileira, ao caráter popular, especialmente àqueles alijados de um sentido de país excludente e antidemocrático, como pobres, favelados, negros, população LGBTQIAPN+, distanciando-o da heteronormatividade masculina e do autoritarismo.

Guedes e Almeida (2019) definiram a apropriação dos símbolos nacionais pelo bolsonarismo como o segundo sequestro. O primeiro, como discutimos, foi durante a última ditadura militar. Se houve um segundo sequestro, podemos afirmar que houve o primeiro “dessequestro” dos símbolos nacionais confirmado com a conquista do tricampeonato mundial em 1970, apesar das tentativas de controle militar sobre o uso dos símbolos. O futebol havia popularizado a Canarinho. Desse modo, se houve o segundo sequestro, podemos entender a partir deste trabalho que existe a possibilidade do segundo “dessequestro”. Por que a possibilidade? Porque consideramos cedo demais para concluir que aconteceu o “dessequestro” da Canarinho e dos demais símbolos nacionais na sociedade brasileira, ficando apenas na tentativa. Principalmente após a saída de Jair Bolsonaro da presidência. Um exemplo foi o atentado golpista de 8 de janeiro de 2023, quando milhares de bolsonaristas formaram um mar verde e amarelo e destruíram a sede dos três poderes em Brasília, numa tentativa de reconduzir por meio de um golpe militar Jair Bolsonaro ao comando do país.

O bolsonarismo, que não acabou com a saída de Bolsonaro da presidência, vai conseguir manter a Canarinho sob seus domínios? Como a esquerda e a sociedade civil vão reagir: terá uma atuação de popularização constante dos símbolos nacionais para dissociá-lo do bolsonarismo ou vai ficar restrita a eventos como eleições e Copa do Mundo, por exemplo? Qual será o sentido de país a ser produzido daqui para frente? A partir do que foi

aqui analisado, concluímos que existe a necessidade de trabalhos futuros para acompanhar esses símbolos que mexem com o sentimento dos brasileiros, a partir do que pensam como o “Brasil ideal”, para entender as dinâmicas que podem surgir.

REFERÊNCIAS

- 15 ANOS do movimento “Cansei” lembram ascensão e queda de Doria. O Partisano. Disponível em: > <https://opartisano.org/anedotario/15-anos-do-movimento-cansei-lembram-ascensao-e-queda-de-doria/> <. Acesso em: 25 jan. 2024.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGUIAR, José. Nada com coisa alguma. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, 22 nov. 2022.
- ALMEIDA, Amanda. Colunistas. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. A3, 17 nov. 2022.
- ALTMAN, Breno. Ruas em transe: a insurgência das camadas médias contra o petismo. In: ALTMAN, Breno; CARLOTOO, Maria (Orgs.). Brasil em transe: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização. Prólogo Dilma Rousseff. Junho de 2013: a rebelião fantasma. São Paulo: Boitempo, 2023.
- ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AVELAR, Bruno Miguel. Copa da união?. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. A3, 21 nov. 2022.
- BAUMAN, Z. Vidas desperdiçadas. São Paulo: Zahar, 2004.
- BARROS, Otávio. O jogo virou, vamos jogar. O Globo, Rio de Janeiro, 13 nov. 2022, primeiro caderno, p. 3.
- Becker, Alisson (@Alissonbecker). 2021. “Manifesto jogadores contra a realização da Copa América”. X, 9 de junho de 2021, 12:25 a.m. <https://encurtador.com.br/jruK0>
- BERTAZZI, Galvão. Dia de jogo da seleção. Folha de S. Paulo, São Paulo, p.2, 24 nov. 2022.
- BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. Hora e vez dos coletivos LGBTQIA+ de futebol. Ludopédio, São Paulo, v. 161, n. 6, 2022.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CANAL DE CHAMADAS. Chamada da Copa do Mundo Catar 2022 na Globo... Disponível em: > <https://abre.ai/iGgn> <. Acesso em: 25 jan. 2024.
- CANCLINI, N. G. Diferentes, desiguais, desconectados. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CARDOSO, A. M. P. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da Informação Social. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 1994.

CARLOS, Neide Maria; MARQUES, José Carlos. Fotojornalismo esportivo e cobertura da derrota: uma análise das imagens do choro em quatro jornais brasileiros após o Brasil 1 x 7 Alemanha na Copa do Mundo de 2014. Discursos fotográficos, Londrina, v.12, n.20, p.38-62, jan./jul. 2016 | DOI10.5433/1984-7939.2016v12n20p38

CASAGRANDE, Walter. Não é hora de “salve a seleção”. Folha de S.Paulo, São Paulo, 19/11/2022, Copa 2022, p. 5)

CASTELLS, M. A questão urbana. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CESARE, Francisco. Verde e amarelo. O Globo: Rio de Janeiro, p. 16, 28 nov. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. A manipulação da verdade: o triunfo da negação às sombras da pós-verdade. São Paulo: Contexto, 2022.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Movimento contra a homofobia e transfobia no esporte brasileiro. Disponível em: > <https://vasco.com.br/movimentocontrahomofobia/> <. Acesso em: 11 ago. 2023.

COELHO, Paulo Vinicius. Perder Neymar e Messi cedo pode ser golpe duro para a Copa do Mundo. Folha de S.Paulo, São Paulo, 26 nov. 2022, Copa 2022, p. 5.

COELHO, Paulo Vinicius. Situação de Neymar começa a lembrar a de Zico em 1986. Folha de S.Paulo, São Paulo, 02 dez. 2022, Copa 2022, p. 5.

COLETIVO DE TORCIDAS CANARINHO LGBTQ+. Conheça a Canarinhos LGBTQ. Disponível em: > <https://canarinhoslgbtq.com.br/quem-somos/> <. Acesso em: 11 ago. 2023.

COSTA E SILVA, Alvaro. A Copa banalizada. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. A2, 15/11/2022.

COUTINHO, João Pereira. A política do futebol. Se o Brasil não gosta de você, venha para Portugal, Neymar. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. C7, 06 dez. 2022.

CUNHA, João Carlos da. A nossa seleção. O Globo, Rio de Janeiro, p. 32, 20 nov. 2022.

DAMATTA, Roberto; BRASIL, Sabem Com Quem Está Falando? Um Ensaio Sobre A Distinção Entre Indivíduo e Pessoa no Brasil. In: DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 179-248.

DAMATTA, Roberto. Rotinas e mudanças. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, 23 nov. 2022.

DAMATO, Marcelo. Richarlison sela redenção da camisa. Folha de S. Paulo, São Paulo, 25 nov. 2022, Copa 2022, p. 5.

DANTAS, Diogo. Casemiro sai em defesa de Neymar: “Não merece isso”. O Globo, Rio de Janeiro, 27 nov. 2022, Catar 2022, p. 3.

DANTAS, Diogo. Coleção de traumas: Neymar revive drama de lesões; histórico complica recuperação. O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2022, Catar 2022, p. 4.

DANTAS, Diogo. Livre, leve e solto, Neymar vira líder da positividade. O Globo, Rio de Janeiro, 16 nov. 2022, Catar 2022, p. 31.

DANTAS, Diogo. Muito além do carisma, o faro de gol com a nove. O Globo, Rio de Janeiro, 25 nov. 2022, Catar 2022, p. 4.

DANTAS, Diogo. Richarlison: “hoje não pode ter opiniões”. Atacante contraria CBF, se posiciona sobre temas polêmicos e critica jornal alemão que atacou Neymar: “arrogantes são eles”. O Globo: Rio de Janeiro, 22 nov. 2022, Catar 2022, p. 3.

DARDOT, P.; LAVAL, C.. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO: Pernambuco: [1938]-. Diário. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pagfis=29316 >. Acesso em: 11 nov. 2023.

DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JR., Nelson da; DUNKER, Christian (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2023).

DUNKER, Chistian. Lacan e a democracia: clínica e crítica em tempos sombrios. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

DUVIVER, Gregorio. O Brasil e a goleada. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. C7, 07 dez. 2022.

ECO, Umberto. O fascismo eterno. Rio de Janeiro: Record, 2018.

EMPOLI, Giuliano da. Os engenheiros do caos. São Paulo: Vestígio, 2021 – (Espírito do Tempo).

FEIJÓ, Mario. Quadrinhos em ação: um século de história. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

FERNANDEZ, Martín. O herói que o Brasil merece. O Globo, Rio de Janeiro, 25 nov. 2022, Catar 2022, p. 2.

FIGUEIREDO, Janaína. Festa sem política; Seleção da Argentina chega hoje a Buenos Aires e não deve ir à Casa Rosada. O Globo, Rio de Janeiro, 20 dez. 2022, Catar 2022, capa.

FOLHA DE S.PAULO. Imagens do ano. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. B8, 2 dez. 2022.

FOLHA DE S.PAULO. Richarlison, o Pombo, é campeão olímpico e ativo política e socialmente. Folha de S.Paulo, São Paulo, 25 nov. 2022, Copa 2022, p. A2.

FOLHA DE S.PAULO. Foto de bandeira do Brasil viraliza: ‘É pra Copa’. Disponível em: > <https://encurtador.com.br/gmryP> <. Acesso em: 24 jan. 2024.

FOLHA DE S.PAULO. Tudo passa. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. capa Copa 2022, 26 nov. 2022.

- FORTUNA, D. SIQUEIRA, D. O corpo, o nojo e a cidade: produção de sentidos no cinema e na literatura. Anais ABRALIC Internacional... Campina Grande: Realize Editora, 2013.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed. rev. – São Paulo: Global, 2006.
- GABEIRA, Fernando. O estranho lugar da Copa. O Globo, Rio de Janeiro, p. 2, 21 nov. 2022.
- GALHARDO, Caco. Daiquiri. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. C10, 2 dez. 2022.
- GALVÃO, Jean Figurinhas. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. C6, 27 nov. 2022.
- GARCIA, Janaina. Aécio desfila com artistas ao som de funk e Hino Nacional. Terra. Disponível em: > <https://encurtador.com.br/iuSZ0> <. Acesso em: 13 jan. 2024.
- GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Rev. bras. educ. fís. esp ; 19(2): 143-151, abr.-jun. 2005.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GOIS, Ancelmo. No mais... O Globo, Rio de Janeiro, 25 nov. 2022, p. 27.
- GOIS, Ancelmo. Querido Papai Noel. O Globo: Rio de Janeiro, p. 20, 24 dez. 2022.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/organização Flávia Rios, Márcia Lima. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- GUEDES, Simoni Lahud. O futebol brasileiro: Instituição zero. São Paulo: Editora Ludopédio, 2023.
- GUEDES, Simoni Lahud; ALMEIDA, Edilson Márcio. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. Cuadernos de Aletheia. La Plata, n. 3, 2019.
- GUERRA, Marcio; MOSTARO, Filipe. Copa de 1962 - a consolidação da pátria de chuteiras. In: In: HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro Do. (Orgs.). Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- GUIDOTTI, Flavia Garcia. Delineamentos e Reflexões sobre o uso do Instagram em jornais brasileiros de grande circulação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: > https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT4-FO.htm <. Acesso em: 13 dez. 2023.
- HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN, Allan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.) História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. 3 v. Petrópolis: Vozes, 2013.

HAZARIM, Dorrit. Verde-amarelo. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. 3, 27 nov. 2022.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. ALCEU. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003.

HELAL, Ronaldo. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. Motus Corporis (UGF), Universidade Gama Filho, Rio d, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HELAL, R. G.; CABO, A. do; AMARO, F.; PEREIRA, C. A. A.; TEIXEIRA, J. P. V. A construção de um ídolo futebolístico na imprensa: estudo de caso. *Organicom*, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 233-246, 2011. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2011.139117. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139117>. Acesso em: 27 dez. 2023.

HELAL, Ronaldo; MOSTARO, Filipe; AMARO, Fausto. Futebol-arte e Consumo: as narrativas presentes na campanha “Ouse ser brasileiro”. *Mídia e Cotidiano*. Niterói, n. 4, p. 105-122, 2014.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

IZIDRO, Marina. A amarelinha é de novo de todos. Folha de S.Paulo, São Paulo, 25 nov. 2022, *Copa 2022*, p. 5.

JARDIM, Lauro. Com uma ajudinha... extracampo. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 6, 20 nov. 2022.

JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser construído. O papel dos símbolos nacionais, do Império à República. *SciELO, Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 28, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: > <https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000300003> < Acesso em: 13 jan. 2024.

KFOURI, Juca. Quem tem medo da camisa amarela? Folha de S.Paulo, São Paulo, 13 nov. 2022, *Caderno de esportes*, p. b12.

KOGUT, Patrícia. Em números. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 dez. 2022, *Segundo Caderno*, p. 3.

KRZYZANOWSKI, Michal. Normalization and the discursive construction of “new” norms and “new” normality: discourse in the paradoxes of populism and neoliberalism. *Social Semiotics*, 30:4, 431-448, DOI: 10.1080/10350330.2020.1766193

LANGONA, Fabiane. Viver dói. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. C6, 22 nov. 2022.

LANGONA, Fabiane. Viver dói. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. C6, 26 nov. 2022.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 272 p. ISBN - 13: 978- 8537818008. Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia, n. 46, 16 out. 2019.

LE BRETON, D. Antropologia dos Sentidos. Tradução Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LE GOFF, J. “Memória”. Enciclopédia Einaudi Memória – História, v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LUDMILLA. O resgate da nossa bandeira e do orgulho de ser brasileiro. Disponível em: > https://twitter.com/Ludmilla/status/1569130083260190721?ref_src=twsrc%5Etfw <. Acesso em: 25 jan. 2024.

LUVA DE PEDREIRO. Campanha da Adidas para a Copa de 2022. Disponível em: > <https://encurtador.com.br/irFOQ> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MARIA, Lygia. A Copa é só uma Copa. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. A2, 21 nov. 2022.

MARINHO, Bruno; DANTAS, Diogo. Alegria, alegria. O Globo, Rio de Janeiro, 06 dez. 2022, Catar 2022, p. 4.

MARTOLIO, Edgardo. Glória roubada: o outro lado das Copas. São Paulo: Figurati, 2014.

MASCARO, Alysson Leandro. Estado e forma política. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATHEUS, Letícia Cantarela. Tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MENDES, H. M.; MENDONÇA, M. C. Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na Folha de S.Paulo. Revista do GEL, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 101–128, 2021. DOI: 10.21165/gel.v18i1.2979. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2979>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MENSAGENS. O Globo, Rio de Janeiro, p. 28, 26 nov. 2022.

MENSAGENS. O Globo, Rio de Janeiro, p. 30, 11 dez. 2022.

MIGUEL, Luis Felipe. Democracia na periferia capitalista: impasses do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MISKOLCI, Richard. CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de Gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 35. N. 03, 2017. p. 725-747. Disponível em: > <http://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-725.pdf> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

MODELLI, Lais. Dia da Bandeira: 10 coisas que você talvez não saiba sobre o símbolo brasileiro. BBC Brasil. Disponível em: > <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46259929> <. Acesso em: 24 jan. 2024.

MOSTARO, Milene Gomes; MOSTARO, Filipe. O Estado que mata e comemora: estigma e violência como atuação política. Mosaico – Volume 11 – Nº 17 – Ano 2019. DOI: 10.12660/rm.v11n17.2019.80310. Disponível em: > <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/80310> <. Acesso em: 03 jan. 2024.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C; BENETTI, M. (org.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes. 2007.

MURAD, Mauricio. A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias atuais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MUDDE, Cas. A extrema-direita hoje. Tradução João Marcos E. D. de Souza. 1 ed. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

MULHALL, Joe. Tambores à distância: viagem ao centro do mundo da extrema-direita mundial. São Paulo, LeYA Brasil, 2022.

NIKE. Veste a garra. Disponível em: > <https://www.youtube.com/watch?v=DFR6j5GN51k> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

NOBRE, Marcos. Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2022.

NUNES, Caroline; LOPES, Leticia. Resgate de um símbolo de todos. O Globo, Rio de Janeiro, capa e p. 5, Catar 2022, 25 dez. 2022.

O GLOBO. Coleção de traumas. O Globo, Rio de Janeiro, p. 4, 26 nov. 2022.

O GLOBO. Com futebol à brasileira, seleção goleia e avança. O Globo, Rio de Janeiro, capa, 26 nov. 2022.

O GLOGO. Festa sem política. O Globo, Rio de Janeiro, capa, 2 dez. 2022.

O GLOBO. Resgate de um símbolo de todos. O Globo, Rio de Janeiro, capa, 25 nov. 2022.

OLIVEIRA, Flávia. Adiante, Brasil. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, 25 nov. 2022.

OLIVEIRA, Ramon do Nascimento; FARIAS, Washington Silva de. Os novos sentidos da “amarelinha”: relações discursivas entre político e esportivo na camisa da seleção brasileira na Copa 2018. Recorde. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-19, 2021.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAINEL do leitor. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. A3, 27 nov. 2022.

PIMENTA, Edward. Viemos do mesmo lugar, a África. O Globo, Rio de Janeiro, 13 nov. 2022, Catar 2022, capa.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de. Brasil em transe: Bolsonarismo, Nova direita e Desdemocratização. Rosana Pinheiro-Machado, Adriano de Freixo (organizadores) – Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

POLI, Gustavo. A obra-prima em forma de decolagem. O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2022, Catar 2022, p. 2)

POLI, Gustavo. Os olhos que escolhemos usar. O Globo, Rio de Janeiro, 30 nov. 2022, Catar 2022, p. 2.

PRADO JUNIOR, Tarcis. Moro, o herói construído pela mídia. Curitiba: Kotter Editorial, 2020.

PROBST, Juliano. Copa da união?. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. A3, 21 nov. 2022.

REIS, Matheus. Amarelo desbotado: crise e sequestro da camisa da seleção brasileira de futebol. 2021.

REIS, Matheus. Amarelo desbotado: crise e sequestro da camisa da seleção brasileira de futebol. Ebook: 2021.

RESENDE, Marcelo Alves de. Copa das Capas: a representação do 7 a 1 nos jornais O Globo e Folha de S.Paulo. 2021. 121 f. Trabalho de conclusão de curso para a formação Comunicação Social/Jornalismo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

RESENDE, Marcelo Alves de. Mídia e direito de torcer no futebol: torcidas LGBTQIAPN+ como contraponto à extrema-direita. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 46., 2023, Belo Horizonte. Anais [...]. São Paulo, Intercom, 2023. Disponível em: > <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2023/listaGP.php?gp=20> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e política. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). O futebol nas ciências humanas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

RIBEIRO, João Ubaldo. Política: quem manda, por que manda, como manda. - 2.ed.rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RIBEIRO, R. J. Extrema-direita avança com ódio aos direitos humanos. Disponível em: < <http://politica.estadao.com.br/blogs/roldaoarruda/extrema-direita-avanca-com-odio-aos-direitos-humanos-dizfilosofo/> >. Acesso em 10 de jul. 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. 1. ed. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. Quando a profecia falha. Folha de S.Paulo, São Paulo, 04 dez. 2022, Ilustrada Ilustríssima, p. C8 e C9.

ROUSSEFF, Dilma. Prólogo. In: ALTMAN, Breno; CARLOTOO, Maria (Orgs.); prólogo Dilma Rousseff. Junho de 2013: a rebelião fantasma. São Paulo: Boitempo, 2023.

SABINO, Alex. CBF realiza campanha para despolitizar seu uniforme. Folha de S.Paulo, São Paulo, 13 nov. 2022, Copa 2022, p. b10.

SABINO, Alex; TRINDADE, Luciano. Primeiro passo. Em boa fase, sem lesões com ônus e bônus por sua imagem pública, Neymar inicia seu terceiro mundial e lidera Brasil [...] Folha de S.Paulo, São Paulo, 27 dez. 2022, Copa 2022, capa.

SABINO, Alex; TRINDADE, Luciano; CURRO, Luís. Copa da união?. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 nov. 2022, Copa 2022, p. 1 e 2.

SAFATLE, Vladimir. O dia que o Brasil parou por dez anos. In: ALTMAN, Breno; CARLOTOO, Maria (Orgs.). Prólogo Dilma Rousseff. Junho de 2013: a rebelião fantasma. São Paulo: Boitempo, 2023.

SANTO, Patrícia E.; DUMONT, Lúcia M. As cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o que querem informar os assinantes do jornal Estado de Minas. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 19, n. 2, p. 174-190, abr./jun. 2014.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Amarelinha, não. Vou vestir azul. O Globo, Rio de Janeiro, 21 nov. 2022, Segundo Caderno, p. 4.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. Racismo brasileiro: uma história da formação do país. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENSACIONALISTA. O Globo, Rio de Janeiro, p. 8, 27 nov. 2022.

SILVA, L. C. L. A minha já está limpinha e cheirosa esperando a Copa!!! Disponível em: > <https://encurtador.com.br/nLSY2> <. Acesso em: 19 jan. 2024.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso. Da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: L&PM, 2019.

TEITELBAUM, Benjamin. Guerra pela Eternidade: O retorno do. Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TERRA, Renato. O pombo da paz - o efeito Richarlison no Brasil de 2022. Folha de S.Paulo, São Paulo, 9 dez. 2022, p. C10.

TOLEDO, Luiz Henrique de. (In)vestindo camisas de futebol: moda esportiva e agência na produção das emoções torcedoras. dObra[s]. São Paulo, v. 12, n. 27, p. 31-46, 2019.

UOL. ‘Papel dos militares não é puxar saco do Bolsonaro’, diz Lula. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/03/30/papel-dos-militares-nao-e-puxar-saco-do-bolsonaro-diz-lula.htm> <. Acesso em: 25 jan. 2024.

VASCONCELOS, Fabíola Mendonça de. Mídia e conservadorismo: o Globo, a Folha de S.Paulo e a ascensão política de Bolsonaro e do bolsonarismo. 2021. 277 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

VALENTIN, Rogério. Torcida. Folha de S.Paulo, p. A3, 14 nov. 2022.

VIEIRA, M. F. M., & SIQUEIRA, D. da C. O. (2021). O sonho da cidade: Medo e interação na metrópole imaginada. Revista FAMECOS, 28(1), e39416. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2021.1.39416>

VIEIRA, Pedro Diniz. A representação do futebol brasileiro no discurso publicitário da Nike: uma análise da campanha "Vai na brasileiragem". Trabalho de conclusão de curso para a formação Comunicação Social/Jornalismo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

VIVO. Sinais. Disponível em: > <https://abre.ai/hQhc> <. Acesso em: 06 jan. 2024.

WILLIAMS, Matthew. A ciência do ódio; a jornada de um cientista para compreender a origem dos preconceitos e da violência que ameaçam o futuro da sociedade humana. Rio de Janeiro: Globolivros, 2021.